



ISPA
INSTITUTO UNIVERSITÁRIO
CIÊNCIAS PSICOLÓGICAS, SOCIAIS E DA VIDA

A EXPERIÊNCIA DA SUPERVISÃO NUMA ABORDAGEM
EXISTENCIAL PELO SUPERVISANDO

RUTE ISABEL SALES RAIO ESTEVENS

Orientador de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR DANIEL CUNHA MONTEIRO DE SOUSA

Coordenador do Seminário de Dissertação:

PROFESSOR DOUTOR DANIEL CUNHA MONTEIRO DE SOUSA

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

2015

Dissertação de Mestrado sob a Orientação do
Prof. Dr. Daniel Cunha Monteiro de Sousa,
apresentada no ISPA - Instituto Universitário para
obtenção do grau de Mestre com especialidade
em Psicologia Clínica

AGRADECIMENTOS

Este espaço é dedicado àqueles que, de alguma forma, contribuíram para que esta dissertação fosse realizada, aos quais quero expressar o meu mais sincero agradecimento.

Começo pelo Professor Doutor Daniel Sousa, a quem agradeço a oportunidade de participar no seu seminário de investigação e pelo voto de confiança incentivando-me sempre a prosseguir nesta missão.

Aos participantes deste estudo agradeço toda a disponibilidade e amabilidade na conceção das entrevistas.

Às minhas colegas e amigas, Lisete, Isabel e Ana pela amizade e partilha de experiências, nesta longa caminhada no ISPA.

Às minhas filhas, Maria e Madalena, que na sua tenra idade mostraram ter a paciência de saber esperar pela minha chegada a casa. Agradeço-lhes as suas gargalhadas e euforias na chuva de perguntas e abraços no nosso reencontro, em momentos tantas vezes difíceis, como foram para mim o percurso deste ano, incitando-me a acreditar e a continuar este trabalho.

Ao João Pedro e à sua mãe agradeço a disponibilidade que sempre tiveram comigo nas fases mais críticas da minha atividade profissional e de mestrado, assegurando que as pequenas, Maria e Madalena, ficassem sempre bem acompanhadas na minha ausência.

Por último, ao meu pai por me encorajar sempre a prosseguir e a lutar pelos meus sonhos, mesmo que aos olhos de outros parecessem mais absurdos. É a ele que dedico este trabalho e que acredito, apesar de nos ter deixado recentemente, permanecerá para sempre na minha memória, o seu olhar sereno e os nossos diálogos tão ricos...

Obrigada a todos.

O meu Bem-Haja!

RESUMO

A supervisão é uma substância fundamental na formação dos terapeutas em treino, embora ainda pouco explorada, particularmente no modelo existencial. A presente investigação pretende estudar a experiência de supervisão existencial na perspetiva do supervisando e analisar esse processo através da descrição da experiência vivenciada pelos supervisandos no que lhes aparece à consciência, na procura dos aspetos invariantes representados na estrutura de significados psicológicos. Trata-se de uma investigação qualitativa, analisada através do método de investigação fenomenológico existencial, por ser aquele que melhor compreende e busca os significados e essências da experiência de supervisão descritas pelos participantes. A recolha de dados foi obtida através de entrevistas individuais, aplicadas aos três participantes do estudo, pertencentes à Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial. O instrumento utilizado correspondeu à *entrevista qualitativa fenomenológica*. Os resultados encontrados nas dimensões eidéticas, coincidem na sua maioria com os temas centrais apontados pelos supervisandos, presentes noutros modelos de supervisão, entre eles, o suporte sentido, o crescimento pessoal e profissional, o auto conhecimento, a autoconfiança, a relação e a reflexão. Contudo, destaca-se nesta investigação, a intensidade da relação e dos processos reflexivos como catalisador deste processo. Sobressaem igualmente, as características do modelo de supervisão *per si*, descrito pelos supervisandos, como único e diferente dos outros modelos de supervisão, muito experiencial, identificando-se no modo de estar - ser em relação (centrado na Pessoa), com o próprio modelo fenomenológico existencial, naquilo que o supervisando traz no aqui e agora, nas relações de sentido e nos processos de reflexivos. A própria supervisão um modelo.

Palavras-chave: supervisão, supervisando, supervisor, método fenomenológico.

ABSTRACT

Supervision is a key ingredient in the education of therapists in training, although still little explored, particularly in the existential model. This research aims to study the existential supervisory experience from the perspective of supervisee and analyzing this process, by describing the experience lived by the supervisees in what appears to consciousness, in search of invariant aspects represented in the structure of psychological meanings. It is a qualitative research, analyzed through the existential phenomenological research method, it was the one who best understands and seeks the meaning and essence of supervisory experience, described by the participants. Collection of data was obtained through individual interviews, applied to the three respondents, belonging to Portuguese Society of Existential Psychotherapy. It was used the instrument corresponded to phenomenological qualitative interview. The results founded in eidetic dimensions, match mostly with the core issues raised by the supervisees, present in other supervisory models, among them, the support towards the personal and professional growth, self-knowledge, self-confidence, relation and reflection. However, stands out in this investigation, the intensity of the relation and reflective processes as a catalyst in this process. Stand also features the supervision model itself, described by supervisees as unique and different from other oversight models, very experiential, identifying itself like being mode or be in relation (centered in the Person), with its own existential phenomenological model, in what the supervisee brings to the here and now, in the relations of meaning and reflective processes. Staring supervision itself, as a model.

Keywords: supervision, supervisee, supervisor, phenomenological method.

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	III
RESUMO	IV
ABSTRACT	V
ÍNDICE.....	VI
1 .ENQUADRAMENTO TEÓRICO.....	1
1.1 INTRODUÇÃO.....	1
2. REVISÃO DE LITERATURA.....	4
2.1 SUPERVISÃO.....	5
2.1.1 COMPETÊNCIAS DO SUPERVISOR.....	6
2.1.2 ALIANÇA NA SUPERVISÃO.....	6
2.1.3 DIFICULDADES SENTIDAS NA SUPERVISÃO.....	8
2.1.4 EDUCAÇÃO NA SUPERVISÃO.....	11
2.1.5 IMPACTO DA SUPERVISÃO NOS INTERVENIENTES NO PROCESSO.....	13
2.1.6 SUPERVISÃO NO MODELO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL.....	15
3. MÉTODO.....	23
3.1 MÉTODO QUALITATIVO.....	23
3.2 MÉTODO FENOMENOLÓGICO.....	24
3.3 OBJETIVO DO ESTUDO.....	29
3.4 PARTICIPANTES.....	30
3.5 INSTRUMENTOS.....	31
3.6 PROCEDIMENTOS.....	33
4. RESULTADOS.....	35
4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	35
4.2. ANÁLISE PÓS-ESTRUTURAL.....	46
5. DISCUSSÃO.....	55
6. LIMITAÇÕES E SUGESTÕES.....	62
7.CONCLUSÃO	63
8. BIBLIOGRAFIA	65
9.ANEXOS.....	71
ANEXO A - Consentimento Informado.....	72

ANEXO B - Entrevistas.....	74
ANEXO C - Questionário Sociodemográfico.....	120
ANEXO D - Unidades de Significado.....	124
(Unidades de Significado Psicológico da entrevista de P1)	125
(Unidades de Significado Psicológico da entrevista de P2)	168
(Unidades de Significado Psicológico da entrevista de P3)	192

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Estrutura Final de Significados Psicológicos:	36
Quadro 2: Síntese dos Constituintes Essenciais.....	37

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Dados Sociodemográficos da Amostra.....	31
Tabela 2: Variações Empíricas por Constituinte.....	37

LISTA DE FIGURAS

Figura 1:Relação dos Constituintes Essenciaisda Experiência de Supervisão na Abordagem Existencial	45
--	----

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1.1 INTRODUÇÃO

Com o mundo globalizado e multicultural, a evolução da prática da supervisão, torna-se um desafio crescente. A supervisão engloba uma complexidade de questões éticas, profissionais e culturais. Torna-se assim premente a discussão entre os autores, sobre a forma e as linhas de orientação que devem seguir no processo de supervisão, atendendo a que os clientes, supervisores e supervisandos apresentam diferentes abordagens na visão do mundo, nos seus valores e nas suas expectativas, (Falender, *et al.* 2004; Pettifor, Falender & Sinclair, 2014).

A supervisão pertence ao domínio das práticas profissionais conduzidas por psicólogos pertencentes a várias orientações teóricas. O desenvolvimento deste processo é longo e cumulativo, contempla fatores pessoais, profissionais, de auto avaliação e avaliação de pares. Na definição de competências profissionais, está presente o conhecimento baseado em teorias, investigações, assim como nas aptidões, nos valores e no metaconhecimento dos profissionais, atendendo a fatores de natureza contextual social, educacional, treino e avaliação (Falender, *et al.* 2004).

A supervisão continua a ser no decorrer do presente século “*um caminho ainda pouco viajado*” (Inman & Ladany, 2008). Existe assim claramente, muito trabalho a desenvolver na supervisão e na investigação. Esta é de facto a *Era* estimulante para a investigação da supervisão (Watkins, 2014).

Existem ainda muitas questões que se encontram por esclarecer no campo teórico da supervisão, entre elas, “*Deverá o processo de supervisão ser mais pró-ativo ou mais reativo?*”. Alguns modelos de supervisão são planeados e delineados pelo supervisor com recurso a programas definidos, objetivos claros, outros são mais reativos e são modelos onde o supervisor só intervém depois de ocorridos os acontecimentos. Outra questão que tem aparecido é esta: “*Será que a mudança no estilo de supervisão se altera com o ganho de experiência do supervisor? “Será esta mudança, a desejável?”*”. Os estudos referem que os terapeutas supervisores com menos prática são mais pró-ativos. “*Deverá o supervisando aprender o modelo teórico do supervisor ou o supervisor deve adaptar-se aos seus métodos de trabalho de forma a trabalhar no campo teórico do supervisando?*”.

Outra das questões que se levanta: “*Será a experiência, um ganho para a supervisão e para os supervisandos?*” A revisão de literatura aponta no sentido de analisar separadamente ambas as partes do processo e expõe que o terapeuta muda e desenvolve-se com a idade. No que concerne ao papel do supervisor, os dados não são tão claros quanto aos progressos do supervisor com o avançar da idade. A literatura diz-nos que relativamente a esta temática muito há ainda por investigar (Worthington, 2006).

Pettifor, Falender & Sinclair (2014), referem notar-se um aumento do reconhecimento acerca das habilidades necessárias para lidar com os desafios profissionais de uma forma esclarecida, incluindo o papel vital da supervisão na orientação dos futuros terapeutas na prática global da sua profissão. Segundo eles, será necessário um maior saber e compreensão desta temática, continuar a investigar as distintas áreas, investindo na formação e educação contínua, assim como no desenvolvimento de linhas de orientação na supervisão.

Em Inglaterra, a supervisão no campo da Psicologia, representa que um psicoterapeuta utilizará os serviços de outro conselheiro (ou psicoterapeuta) para rever o seu trabalho com os seus pacientes, para conferir também o seu progresso profissional, e muitas vezes o seu desenvolvimento pessoal. A supervisão é um serviço profissional, ao invés de uma função de inspeção. Um supervisor não age como um "chefe", mas sim como um consultor.

A Associação de Psicologia Americana (APA) sentiu a necessidade de definir os “*Guidelines*” para a Supervisão Clínica no Serviço de Saúde de Psicologia, organizando-os em torno de sete domínios, “A) *Supervisor Competence*, B) *Diversity*, C) *Supervisory Relationship*, D) *Professionalism*, E) *Assessment/ Evaluation/ Feedback*, F) *Problems of Professional Competence* e G) *Ethical, Legal, and Regulatory Considerations*”. Estes tópicos orientadores do processo de Supervisão clínica para a APA, resultaram da compilação de várias investigações efetuadas por diversos autores e que mais à frente passaremos a apresentar, com mais detalhe.

O presente estudo teve início com a procura de investigações sobre o processo de supervisão em psicoterapia nos vários modelos. Posteriormente, aprofundámos a pesquisa para ir ao encontro do objeto do estudo, “*A Experiência de Supervisão na Perspetiva do Supervisando no modelo Fenomenológico Existencial*”. Do resultado dessas buscas,

encontrámos um número limitado de investigações sobre supervisão em psicoterapia no modelo Fenomenológico Existencial. Por essa razão, os estudos aqui referenciados, basearam-se em artigos e revisões de literatura que envolveram o processo de supervisão com amostras de supervisandos e supervisores pertencentes maioritariamente a modelos de base cognitiva comportamental e também, mas em menor percentagem, nos modelos psicanalítico entre outros. Pela escassez de investigação no modelo existencial, parece-nos por isso pertinente, o estudo da Vivência do Processo de Supervisão em Psicoterapia no Modelo Fenomenológico Existencial.

2. REVISÃO DE LITERATURA

Com o aumento da complexidade verificada em estudos que foram sendo realizados, como aprendizagens e práticas de supervisão clínica, várias definições têm surgido e enfatizado distintos aspectos da supervisão. Alguma investigação tem valorizado a natureza da relação mais hierarquizada, outras, a relação mais colaborante. Noutros estudos são apontados os fatores críticos envolvidos na aprendizagem ou nas habilidades e atitudes, outros há, que valorizam o tipo de teoria envolvida. Por outro lado, diversas investigações têm surgido mais sobre as abordagens de avaliação e feedback em simultâneo, outros trabalhos, focam a necessidade de uma reflexão para as partes envolvidas, nomeadamente, supervisor e supervisando, entre outras questões que foram sendo abordadas ao longo dos vários estudos (Falender & Shafranske, 2014).

As funções da supervisão têm sido incluídas, como um fator de proteção pública, através da monitorização dos serviços profissionais de qualidade e da sua guarda “*gatekeeping*”¹, tal como o seu papel no envolvimento do funcionamento profissional a longo prazo. O grande desafio prende-se agora com o encontro do consenso na definição de supervisão (Falender & Shafranske, 2014).

Supervisão – Controlo exercido por um supervisor. A palavra supervisão é composta pelo prefixo “Super” que significa superioridade sobre algo e o sufixo “Visão” que corresponde ao ato de perceber com os olhos, órgão de sentido, olhar sobre o que acontece (Larousse, 1999). Ser super é algo mais, é transcender e visão é olhar sobre o que acontece. Será então o olhar que analisa, apreende.

Supervisando – indivíduo que atua sob a autoridade alargada do psicólogo (supervisor) para fornecer, ou enquanto estagiário, lhe fornece serviços psicológicos, (ASPPB, 2005; cit. por APA, 2014).

Supervisor – pessoa encarregada de dirigir um trabalho ou de orientar um grupo de pessoas na execução de um projeto (Dicionário de Língua Portuguesa, 2011).

¹ Assegura a manutenção da integridade da profissão. Este termo surgiu em 1947, criado pelo psicólogo alemão Kurt Lewin. Modified from Behnke, 2005; Brear & Dorrian, 2010, cit. por APA, 2014.

A supervisão tem sido alvo de consenso naquilo que se constitui, como uma atividade essencial na formação em psicoterapia (Pisani, 2005; Watkins, 2012; West, 2004; Whitman, 2001), instrumento fundamental na prestação de serviços de qualidade. Sendo nalguns casos definida como um fator crítico de toda a formação em psicoterapia (Yourman & Farber, 1996).

Olds & Hawkins (2014), na sua análise, criaram uma moldura de Competências da Supervisão, onde pretenderam demonstrar a força da sua evidência, fazendo corresponder aos padrões de dados qualitativos identificados, dados quantitativos através da sua codificação. Delinearam de forma sistemática os domínios das competências, funcionando como “*scaffolding*” na operacionalização da supervisão clínica. Segmentaram as competências em vários temas, entre eles: (1) *Ética e prática profissional*, (2) *Conhecimentos (teóricos e práticos) na profissão*, (3) *Diversidades (e.g. questões de raça, cultura, religião, género, etc.)*, (4) *Prática Reflexiva*, (5) *Aliança de supervisão*, (6) *Supervisão estruturada*, (7) *Modelos/Teorias de Supervisão*, (8) *Aprendizagem* e (9) *Avaliação*. Outros autores estudaram separadamente estas temáticas em diferentes investigações, que mais à frente, oportunamente são apresentadas.

2.1 SUPERVISÃO

A supervisão é considerada um espaço potenciador de conhecimento “*empowerment*”, gerador de conforto e contentor para o supervisando. Trata-se de uma ferramenta de trabalho e suporte, onde se confronta por outro lado, com o desafio, representado no medo da exposição na supervisão (Starr, Ciclitira, Marzano, Brunswick & Costa, 2013).

Para Brooker (2014), na sua perspetiva psicodinâmica, a supervisão é uma matriz psicológica assente em três figuras (supervisor, supervisando e cliente) composta por processos de transferência e contra transferência. No seu entender o supervisor deve ser capaz de ajudar o supervisando a compreender até onde é que os seus conflitos internos e questões poderão afetar a terapia, ajudando-o a interpretar e intervir. A supervisão é segundo o autor, uma *arte*, caracterizada por situações únicas, com supervisandos únicos. Refere que o supervisando deve manter o seu estilo natural e o sucesso da supervisão depende da aliança entre supervisor e supervisando.

Na Supervisão, a competência na diversidade requer uma compreensão da complexidade de multi-fatores relacionados com a identidade de cada uma das partes envolvidas no processo, quer seja o cliente, o supervisor ou o supervisando e as diferentes abordagens assim como as formas de ver o mundo, de cada uma delas. A competência requer atenção a uma área abrangente de dimensões (e.g. idade, género, identidade género, raça, etnia, cultura, nacionalidade, religião, etc.), (APA, 2014).

A supervisão é no seu todo um quadro complexo, trata-se de um processo inclusivo e flexível de significados que envolve distintas ocorrências decorrentes da supervisão, permitindo ao supervisor e supervisando avançar o seu trabalho de um modo único em cada processo com cada supervisando (Deurzen & Young, 2009).

2.1.1 Competências do Supervisor

O processo de supervisão é determinado como a prática que estimula o desenvolvimento e a autonomia do supervisando, promove a relação de supervisão, assim como protege o cliente e melhora os resultados dos clientes e dos supervisandos, (Falender & Shafranske, 2014).

A supervisão é vista como “uma atividade profissional distinta cuja educação e treino objetivam a prática do desenvolvimento científico facilitado num processo interpessoal colaborativo. Envolve observação, aquisição de conhecimentos e habilidades através de instrução, modelação e resolução mútua de problemas. Desenvolvendo o reconhecimento dos pontos fortes e talentos do supervisando, encorajando à autoeficácia. O processo de supervisão promove de forma competente com recurso a padrões éticos, prescrições legais e praticas profissionais de maneira a fomentar o bem-estar e a proteção do cliente e da profissão (Falender & Shafranske, 2004).

2.1.2 Aliança na Supervisão

A relação de supervisão é uma questão complexa, engloba a prioridade de proteção do cliente assegurando a integridade da profissão (“gatekeeping”), enquanto por outro lado, funciona como suporte promotor do desenvolvimento dos requisitos de competência do supervisando sob supervisão (Falender, 2014).

Para Deuzen & Young (2009), a relação de supervisão pode estimular a criatividade e ajudar os supervisandos a ganhar autoconfiança e sentimentos de valorização. Ambos,

supervisor e supervisando necessitam ser constantemente vigilantes e deter capacidade de autocontrolo acerca da tendência natural para conduzir o outro numa direção em particular e deixá-los ir livremente no seu processo.

Segundo Watkins (2014), o impacto da aliança na supervisão no processo de ensino e aprendizagem da psicoterapia é inestimável, para que os supervisandos possam crescer. A aliança na supervisão é o meio pelo qual o ensino, a transmissão e perpetuação do processo ocorre. Aumentar e aperfeiçoar os esforços na investigação deste constructo, é um requisito fundamental para que tenhamos uma compreensão mais profunda e completa da aliança na supervisão.

A supervisão, é encarada como um trabalho de aliança entre supervisor e o supervisando, onde o terapeuta supervisando fornece “*dados e relatos*” do seu trabalho, refletindo sobre ele, recebendo feedback e orientação do supervisor. O objetivo desta aliança consiste em disponibilizar ao terapeuta em treino, um ganho em questões de competência ética, de sentimentos de confiança, de compaixão e de criatividade, para que preste um melhor serviço ao seu cliente (Wheeler & Richards, 2007).

A literatura refere a existência de pontos fortes e pontos fracos no processo de aliança na supervisão, embora analisados maioritariamente na perspectiva do supervisando. A classificação de forte e favorável no processo de aliança está relacionada com algumas variáveis, entre elas: a autoeficácia e bem-estar do supervisando, a capacidade de apresentar uma maior abertura durante a supervisão, maior satisfação no processo de supervisão, maior realização profissional, melhor acesso a vários recursos de *coping*, desenvolvimento de estilo de vinculação segura, maior suporte percebido nos eventos de género, maior complementaridade internacional entre supervisor e supervisando, maior identidade ao nível do estatuto racial, maior frequência nas discussões culturais em supervisão, uma perceção mais adequada nas questões de ética comportamental, maior habilidade relacional na supervisão e mais frequentes e adequadas autorrevelações. Por sua vez, uma classificação fraca na aliança, aparece relacionada com estilos de vinculação evitante, com elevado grau de *stress* percecionado durante o processo, com maior exaustão e *burnout*, mais conflitos e ambiguidades e por fim, com maior perceção e frequência de eventos negativos ocorridos (Watkins, 2014).

Também Ricci, (1995), surge com uma filosofia de supervisão, como se esta fosse um encontro entre o supervisor (mais conhecedor e experiente da psicoterapia) e o supervisando (mais conhecedor e experiente do paciente).

Os resultados de um estudo recente, sugerem que a supervisão baseada em competências que reconhecem explicitamente os conhecimentos, as habilidades e os valores formados para construir uma competência clínica. Segundo os autores é imperativo desenvolver estratégias de aprendizagem, assim como, procedimentos de avaliação, atendendo aos padrões de competência referenciados por critérios em consonância com as práticas assentem em evidências e imposições de ambiente clínico e de *setting* (Falender & Shafranske, 2014).

Da análise do estudo sobre as “*representações do diálogo na supervisão*”, com recurso a uma análise fenomenológica de dados, observou-se que os supervisandos tendem a evocar as representações dos seus supervisores nas palavras escutadas, nas qualidades vocais e no *setting onde se realizou*, contribuindo, na sua ótica para a formulação mais adequada das intervenções clínicas, especialmente aquelas percebidas como as mais difíceis ou dolorosas para os seus clientes escutarem. Recordam também, as representações que são especialmente prováveis de ocorrer, ou seja, quando o comportamento dos pacientes coincide com o ponto de vista do supervisor, ou ainda, quando o supervisando está sozinho e recorda o que foi discutido em supervisão acerca daquele paciente (Geller, Farber & Schaffer, 2010).

Ladany, Friedlander & Lander (2005) propuseram que os supervisores mantivessem a aliança de trabalho como interesse primário, tendo com ela o mesmo cuidado que têm com a relação terapêutica que estabelecem com os seus clientes.

2.1.3 Dificuldades sentidas na Supervisão

Ótica do supervisor

A literatura indica que a gestão das dificuldades decorrentes da supervisão é um processo complexo, requer um rigoroso percurso de reflexão sintonizado, tendo em conta as necessidades do supervisando, o estágio de desenvolvimento e as suas características pessoais. Os desafios internos são geridos com delicado balanceamento entre suporte e desafio. Os supervisores validam minuciosamente as competências dos supervisandos, apoiam o seu desenvolvimento em matérias onde estes não se sentem tão competentes. Os

supervisores descrevem como uma “luta humana”, a sua permanência no espaço reflexivo, em vez de seguir a sua própria impulsividade ou contra transferência. Afirmam que a reflexão de erros cometidos no passado, os ajudaram muito, no desenvolvimento da sua prática clínica. Consideram que a mistura de confiança, autoridade e não defensividade é um modelo a seguir para a boa gestão das dificuldades na supervisão, (Grant, Crawford & Schofield, 2012).

De acordo com estudos de Chessik (cit. por Watkins, 2013) as dificuldades sentidas, na tríade ao longo do processo de *Ser e Tornar-se Psicoterapeuta Supervisor*, foram em muito semelhantes às encontradas em outros estudos ao longo do tempo. Para este autor, as dificuldades de tornar-se psicoterapeuta envolvem lidar com a ansiedade atendendo ao desenvolvimento psicológico no processo, com o desenvolvimento da identidade de psicoterapeuta e também com o desenvolvimento da grandeza da psicodinâmica que o processo envolve. Em analogia com este estudo, Watkins na sua revisão de literatura, apurou as três dificuldades sentidas no treino do ensino e da aprendizagem do psicoterapeuta supervisor, foram elas, lidar com a ansiedade e o desânimo atendendo à consciencialização do processo de supervisão, com o desenvolvimento da identidade de supervisor e a ver com o desenvolvimento da consciencialização acerca da profundidade do significado da supervisão de psicoterapia. A conceptualização desta tríade, tornou-se um meio útil e prático de pensar e aperfeiçoar o processo de supervisão (Watkins, 2013).

Ótica do Supervisando

O supervisando encontra-se num estado de incongruência educacional, que pode significar aquilo que ele percebe que sabe e aquilo que concebe como ideal, experiencia assim, sentimentos de ansiedade e vulnerabilidade acerca do processo de aprendizagem da psicoterapia (Watkins, 2014).

Berstsich *et al.* (2014), numa pesquisa qualitativa recente, debruçaram-se sobre as dificuldades surgidas na supervisão, nalguns relatos de eventos críticos relacionados com eventos de género. Dos eventos críticos relatados pelos supervisandos destacaram-se quatro tipos de eventos críticos, entre eles: a discriminação de género, as interações de identidade género, a atração e as dinâmicas de poder. Os supervisores usaram várias intervenções que foram significativamente relatadas como uma solução nesta etapa, sendo as mais frequentes: o processo terapêutico, a exploração de sentimentos, o enfoque nas

habilidades e na autoeficácia. Por sua vez, nos relatos dos eventos críticos de gênero, a discriminação de gênero apresentou um nível de significância e interferência negativa, relacionadas com o trabalho de aliança na supervisão, assim como também, na percepção dos supervisandos sobre os supervisores relacionado com as competências multiculturais relacionadas com o gênero.

Segundo os autores Gazolla, Stefano, Thériault & Audet (2013), na sua investigação com supervisandos no curso de supervisores, encontraram cinco categorias de dificuldades e desafios apontados pelos supervisandos nas experiências de treino de supervisão de estagiários de psicologia em grupo e individual, foram elas: a gestão do “*gatekeeping*”, a gestão de múltiplos processos em simultâneo, a experiência de se colocar no papel de supervisor, a insegurança sentida nas suas habilidades como supervisores, a gestão das dinâmicas de grupo com os seus congêneres. Os resultados demonstraram que os alunos se sentiram mais confortáveis assumindo o papel de suporte como supervisores. Os autores do estudo associaram a ênfase atribuída à empatia na relação terapêutica. Um dos desafios encontrados na formação em supervisão consistiu em encontrar o equilíbrio na facilitação do crescimento enquanto participantes de tarefas menos agradáveis (e.g., fornecer feedback negativo, ou até, recomendar a expulsão do programa). Os autores consideraram que talvez algumas destas dúvidas universais se dissipassem, com o desenvolvimento de sentimentos de maior eficácia. Foi sugerido englobar na formação, não só aspetos técnicos, práticos e éticos da supervisão, mas também o treino de respostas emocionais e maior reflexão dos supervisandos no modo de envolvimento na sua prática profissional.

De acordo com a descrição de Watkins (cit. por Gazolla, Stefano, Thériault & Audet, 2013), no processo de supervisão, vários estudos sugerem que à medida que os conhecimentos e o sentir das competências pelos supervisandos aumentam, a proteção sentida por estes na supervisão parece não ter mais o mesmo efeito tranquilizador. Designado como a crise na competência do supervisor, gerador de sentimentos de insegurança e ansiedade (Gazolla, Stefano, Thériault & Audet, 2013).

Os sentimentos de incompetência sentidos pelos psicoterapeutas em treino, provêm da origem mais mundana até à mais complexa e são uma parte contínua e integral da experiência terapêutica originando muitas vezes vários níveis de *distress*. Embora se

mantenham ainda, segundo relatado pelos autores, num registo secreto, ansioso e incómodo (Thériault & Gazzola, 2006).

2.1.4 Educação na Supervisão

Supervisor e supervisando estão num contacto psico-educacional, delimitados por matérias de importância educacional e psicológica (Watkins, 2014).

Alguns autores procuraram estudar qual a importância da utilização de objetivos de aprendizagem na supervisão. Ao longo dos anos muitos educadores no ramo da saúde mental, inicialmente no campo da psiquiatria, desenvolveram esforços para delinear objetivos que são hoje específicos da supervisão em psicoterapia (Ravitz & Silver, 2004).

A literatura refere que a supervisão de psicoterapia consiste num esforço educacional que deve ser orientado com o delineamento de objetivos claros e mensuráveis, como uma estratégia para alcançar o sucesso, servindo estes como uma importante ferramenta de trabalho. Os objetivos auxiliam os supervisores e supervisandos na análise de resultados, permitindo o ajustamento das técnicas de supervisão num programa adequado às necessidades. Este estudo pretende refletir sobre a criação de linhas de orientação que apoiam na implementação de programas com objetivos realistas para ambas as partes do processo, maximizando a sua utilização. Os autores mencionam algumas características no supervisando como objetivos a ter em conta no treino de supervisão, entre elas, o conhecimento (e.g., familiarização com o manual teórico), as habilidades (e.g.: analisar em sessões gravadas a aptidão para interpretar sinais, a resistência do paciente, por exemplo) e a atitude (e.g. sentimento de confiança e à vontade com o paciente no desenrolar da terapia). Os investigadores sugerem que o tipo de ensino a usar na supervisão deverá ser especificamente delineado e antecipadamente ministrado aos supervisores, para, posteriormente estes o subministrem aos supervisandos (Cabaniss, Arbuckle & Moga, 2014).

Em investigações realizadas em diferentes partes do mundo, acerca do treino na formação de psicoterapia em supervisão, foram encontradas muitas semelhanças presentes nos resultados, no que concerne às competências dos supervisores. Constatou ainda que as competências servem como um foco organizador nos programas de treino de supervisão e são usados numa diversidade de métodos educacionais explícita ou implicitamente. Daqui retirou a força e o poder da validade clínica do treino educacional na supervisão, podendo

estimular e exercer impacto nos supervisandos, preparando-os melhor para o papel da supervisão. Assim, o maior desafio para a educação em supervisão de psicoterapia é a correção do desfasamento entre a validade clínica e a validade empírica. Parece existir consenso entre os especialistas na necessidade crítica de mais estudos empíricos rigorosos no processo de desenvolvimento do supervisor em psicoterapia (Watkins, 2012).

A formação em supervisão é cada vez mais, um importante requisito no exercício da profissão de psicoterapeuta. A literatura refere que no processo de desenvolvimento do supervisor, o modelo teórico mais usado na conceptualização ou *design*, é o Modelo de Complexidade do Supervisor de Watkins (Barker & Hunsley, 2013).

O reconhecimento de que a supervisão em psicoterapia é um processo distinto no aconselhamento e na psicoterapia, tem levado a esforços para diferenciar as duas atividades (Majcher & Daniluk, 2009).

De acordo com Watkins (2012), a teoria do desenvolvimento da supervisão em psicoterapia, é desde cedo considerada uma questão de fundo na supervisão clínica, as limitações encontradas nas investigações continuam a existir desde há 30 anos atrás. Uma das ferramentas utilizadas neste processo, a “*Escala de Desenvolvimento do Supervisor*” elaborada por Watkins, *et al.*, (1995), continua a carecer de validade e profundidade, o autor recomenda a utilização de estudos qualitativos como opção, afirma tornar-se uma prioridade, a prática habilitada onde o treino e a formação são imprescindíveis. A experiência clínica e a teoria sugerem que o nível de desenvolvimento dos supervisores poderá ter um forte impacto na experiência de supervisão, intervindo na formação da aliança, na conceptualização das sessões, nas estratégias utilizadas e até nos resultados experienciados pelos supervisandos e clientes.

Da análise do estudo sobre, *o processo de treino do supervisor*, de Majcher & Daniluk (2009), realizado com estudantes do curso de supervisão, provenientes de várias orientações teóricas, com recurso a análise fenomenológica de dados, a dimensão relacional, foi aquela que mais se evidenciou. O estabelecimento e a manutenção da relação apresentaram um papel fulcral no sucesso no decurso da supervisão, sendo a confiança, a segurança e o estabelecimento da relação entre supervisor, supervisandos e psicoterapeutas de apoio (*counsellors*), o motor do desenvolvimento neste processo, permitindo um entendimento mais profundo das questões levantadas.

2.1.5 O Impacto da Supervisão nos Intervenientes do Processo

Segundo Wheeler & Richards (2007), na sua revisão de literatura, a supervisão parece apresentar impacto positivo nos supervisandos. Concluíram que o supervisor e a relação estabelecida com o supervisando exercem influência sobre o supervisando, assim como, na compreensão do processo da terapia e prática com os clientes. A supervisão parece proporcionar um crescimento e desenvolvimento no supervisando, sobretudo nas áreas relacionadas com a autoconsciência do terapeuta, nas suas habilidades, na autoeficácia, na orientação teórica, no suporte e também nos resultados obtidos com o cliente. Os dados indicaram o aumento do sentimento de confiança e a experiência dos supervisandos. Os autores reconhecem a clara necessidade de novas pesquisas na supervisão, tendo em conta a supervisão a longo prazo, a experiência dos profissionais, a diversidade de metodologia, onde incluem a triangulação com o cliente. Contudo, nesta revisão não foram encontrados dados que permitam evidenciar a relação com o aumento do sucesso dos resultados nos clientes.

Donohue & Perry (2014), defenderam igualmente a necessidade em aprofundar melhor o delineamento dos programas de treino em supervisão, incentivando os futuros praticantes a voltar à teoria e à ciência. Sustentam a fluência teórica como fundamental nos programas de treino, assim como a prática de *setting* e o apoio / suporte na supervisão, proporcionando aos formandos mais habilitações para desempenhar funções informadas na prática clínica.

Da análise de um estudo de âmbito fenomenológico, Jacobsen & Taangaard (2009), procuraram saber o que sentiam os terapeutas durante o início de um processo, sobre o que constitui uma *boa* ou *má* experiência de supervisão em psicoterapia. Em bom rigor, apuraram que os terapeutas em formação preferiram a supervisão com sessões estruturadas, cujo aconselhamento, a clareza e as instruções foram específicas na forma como deveriam proceder, incluindo considerações teóricas e o suporte recebido na supervisão. Sublinharam ainda que, para alguns terapeutas no início da supervisão o sentimento relatado era de frustração revelando-se com o passar do tempo da supervisão, como muito útil. A modelagem de papéis e os processos paralelos no curso da aprendizagem também se mostraram questões importantes a aprofundar. Os autores chegaram assim à conclusão que não existe uma “*fórmula única*” a aplicar na supervisão

para assegurar uma boa experiência ao supervisando, devendo o supervisor estar atento às necessidades idiossincráticas de cada supervisando.

Outras questões colocadas neste campo, tais como a avaliação dos resultados, têm gerado alguma controvérsia entre os investigadores, parecendo mesmo haver algum enigma em torno dos resultados dos clientes dos supervisandos (Watkins, 2011; cit. por Milne, 2014). Contudo, parece tornar-se claro de que há passos complexos que precedem a avaliação de resultados na supervisão. A avaliação de resultados é uma ferramenta importante no estudo da supervisão, todavia a sua complexidade requer uma acentuada atenção na compreensão e no desenvolvimento de suporte empírico neste processo, (Falender, 2014). O impacto da supervisão clínica nos resultados dos clientes, tem sido largamente aceite como uma medida que serve para testar a eficácia na supervisão. Porém as evidências não são claras, gerando muita controvérsia entre os diferentes investigadores (e.g. quais os aspetos da supervisão que presentemente contribuem para o os resultados dos clientes), fazendo a doutrina divergir (Milne, 2014).

Callahan, Heath, Almstrom, Swift, & Borja (2009), mencionam as questões metodológicas como ferramentas de trabalho fundamentais. No decorrer das investigações, estes autores, juntaram diferentes categorias de resultados obtidos nas terapias com os clientes com recurso ao cruzamento de tabelas, de onde apuraram que os supervisores estiveram relacionados significativamente com os resultados dos clientes, gerando-lhes um efeito moderado. Consideraram ainda importante, englobar nas rotinas de treino, os objetivos dos clientes para uma melhor obtenção de resultados.

Milne (2014), encoraja à reflexão sobre a pesquisa das prioridades em supervisão, conduzindo a uma abordagem sistemática, com uma exploração conceptual e empírica do conceito “*qualidade*”. Salienta a necessidade de uma nova conceptualização integrativa sobre a avaliação de resultados, construída com base no quadro da fidelidade como “*scaffold*”. O autor critica assim, o facto de a avaliação de resultados ser encarada como o único “teste de ferro” da qualidade e eficiência da supervisão, afirma que até ao presente apenas tem sido feita com base na analogia com outras teorias (e.g. medicina e educação), encara por isso, que devem ser aferidas empiricamente. Reiser & Milne (2014), sustentam que a fidelidade e os resultados são questões completamente inseparáveis e sublinham a carência de estudos sobre resultados em supervisão, estabelecem bases para o desenvolvimento de análises compreensivas e de conceptualização nos resultados da

supervisão. Afirmam ainda, existir uma lacuna de manuais de treino com “medidas *standard*” na supervisão, alertam para o perigo de uma supra valorização dos resultados clínicos e os riscos que podem daí vir associados.

Sapyta, Riemer & Bickman (2005), na sua meta análise expõem que a supervisão efetiva depende em parte da forma como os supervisandos identificam aquilo que necessitam durante todo o processo de supervisão, socorrendo-se do *feedback* dado pelos respetivos clientes para guiar a supervisão. Sugerem três caminhos para uma maior compreensão *standard* dos dados sobre os resultados dos clientes, para discussão posterior em supervisão, são eles: (1) o treino dos supervisandos na obtenção e uso dos *feedbacks* dos objetivos dos clientes, (2) o uso de resultados monitorizados para abordar no decurso das discussões de supervisão relativos a clientes específicos e (3) a padronização dos resultados obtidos durante as terapias com os clientes, como facilitador da análise do desenvolvimento e crescimento do supervisando ao longo do processo, não devendo ser encarados como punitivos.

A implementação de um sistema de *feedbacks* eficaz no sistema de saúde mental, requer *feedbacks* objetivos, específicos, recebidos com celeridade e adequados aos objetivos dos clínicos (Swift *et al.*, 2014).

Torna-se cada vez mais frequente, a procura pelos psicoterapeutas atuais de abordagens holísticas e ecléticas na condução das suas terapias, ampliando a sua visão acerca das teorias ou modelos, refletindo que nenhuma delas detém perspetivas privilegiadas sobre a “*verdade absoluta*” (Geller, Farber & Schaffer, 2010).

2.1.6 Supervisão no Modelo Fenomenológico Existencial

Começo por abordar o que nos diz a literatura sobre algumas noções básicas de psicoterapia no modelo Existencial e o que mais evidenciam, para um melhor entendimento da prática de atuação em Supervisão no modelo Fenomenológico Existencial, posteriormente exponho o que encontrei na literatura sobre o processo de supervisão no modelo Fenomenológico-Existencial.

Coreia, Cooper & Bertondini (2014), no seu estudo coordenaram uma pesquisa mundial com o objetivo de obter visões de diversos autores de diferentes zonas geográficas, culturais e ideológicas no campo das teorias existenciais. Permitiu-lhes

entender com mais profundidade as similaridades e as diferenças existentes entre as perspectivas mais influentes e clarificar as terapias existenciais.

Pensar a Psicoterapia a partir da perspectiva Fenomenológica-Existencial exige um questionamento sobre a compreensão do que é o “ser”. A fenomenologia sustenta-se num pensamento filosófico, numa epistemologia que procura o fenómeno (Sodelli & Sodelli-Teodoro, 2010). A fenomenologia é, necessariamente hermenêutica, no sentido de “dizer o não dito”, que se mostra no que aparece. Trata-se de um compromisso com uma compreensão sobre mim mesmo como ser humano. Conhecimento que o homem compartilha sobre as condições humanas com todos os outros homens, (e.g. condição de finitude, como ser lançado no mundo numa condição social não escolhida, incerteza no futuro, a incerteza na tomada de decisões, etc.). Implica compreender o próprio ser no mundo (Rehfeld, 2004). A atitude fenomenológica permite apreender e observar a intencionalidade dos processos psicológicos como uma estrutura constituinte e pré-reflexiva da experiência humana (Jonquera & Arroyo, 2006).

Ao clínico compete ouvir os sinais, ficar atento às condições de restrição existencial que possam estar presentes, permitindo que os sentidos possam surgir livremente (Rodrigues, 2004). Ao psicoterapeuta cabem a serenidade, a aceitação e a compreensão, numa perspectiva de encontro que se estabelece na confiança e na autenticidade do processo, “deixando o fenómeno mostrar-se por ele mesmo” numa escuta autêntica, por meio de um processo meditativo (Feijó, 2010).

Na psicoterapia existencial é importante atender à responsabilidade existencial (liberdade de escolha e projeto) e à responsabilidade social (comunitária) do cliente. Facilitando o exercício da liberdade de escolha, auxiliando a encontrar os fatores de vazio existencial e de falta de poder pessoal, como aumentar a consciência crítica e o sentido coletivo, proporcionando ao cliente o reencontro com a sua liberdade ontológica e liberdade prática (Teixeira, 2006). A relação terapêutica e o “ser no mundo com o outro” já prevê uma dimensão intrínseca da compreensão que temos do nosso semelhante, assim como do nosso modo de “ser com o outro” presente na relação terapêutica e em qualquer outra forma de relacionamento.

O “ser com”, percebido como ser ontológico, é inseparável da formação base da existência como “ser no mundo”, tal como a partir do mundo, enquanto horizonte de

sentido, as coisas cruzam-se connosco, num quadro de referências que lhes dão certos significados, da mesma forma os outros nos vêm ao encontro a partir de um contexto específico de sentidos (Lessa & Sá, 2006).

Importa lembrar que o psicoterapeuta recebe uma dupla carga de sentimento, a angústia do paciente e a sua própria. Por esse facto a formação do terapeuta deve contemplar três dimensões: estudo orientado, supervisão clínica e terapia pessoal, (Sodelli & Sodelli-Teodoro, 2010). Para assegurar um progresso contínuo de serviços de qualidade prestados aos clientes, será essencial a formação profissional dos terapeutas, com um sistema de supervisão das práticas profissionais, com avaliação em conformidade, assim como o aperfeiçoamento de indicadores de processo e resultados em função da investigação da eficácia terapêutica (Teixeira, 2006).

Na supervisão a natureza e a qualidade do próprio diálogo definem a eficácia da supervisão e por sua vez a eficácia do trabalho do supervisando em terapia (Deurzen & Young, 2009).

Torna-se importante refletir sobre as temáticas emergentes trazidas pelos clientes e em particular, a atitude assumida pelo terapeuta face às mesmas, de modo que a intervenção favoreça a ligação existencial que se inicia com a autenticidade do terapeuta enquanto ser de angústia. Significa estar atento ao movimento que acontece no encontro de subjetividades e ao modo como a relação se vai estabelecendo. A relação entre quem fala e quem escuta permite o contacto com a dimensão fenomenológica da experiência, (Ximenes, 2009).

Quanto maior a demanda, mais urgente é a necessidade de ser capaz de ficar por aquilo que fazemos na prática. Plock apresentou uma investigação sobre um programa de formação sobre supervisão existencial fenomenológica voltando às raízes, tanto históricas e etimológicas, como ao próprio esforço de fiscalização. No decorrer desta pesquisa, o autor tornou-se mais consciente da maneira como a supervisão foi historicamente ligada à formação psicanalítica, como ela se desenvolveu ao longo do tempo, assim como as maneiras em que a supervisão se constituiu cada vez mais como uma “profissão” independente com uma base de conhecimento distintivo. Com este tipo de procedimento em supervisão, levantou a possibilidade em que deveria haver uma atitude em relação à

supervisão fenomenológica existencial, mais do que um modelo pode emergir, tomando assim a relação, como o seu principal enfoque (Plock, 2006).

A supervisão é uma formalidade estabelecida na prática clínica e um requisito no Reino Unido, pelo Conselho Reino Unido de Psicoterapia (UKCP) e pela Associação Britânica de Aconselhamento e Psicoterapia (BACP), sendo a participação na supervisão uma componente essencial da formação em psicoterapia existencial.

A Supervisão de psicoterapia no modelo existencial, tem por objetivo ampliar as competências chave na prática e no conhecimento teórico e técnico do formando, facilitando a consciência experiencial, na exploração da pessoa do psicoterapeuta, cultivando as habilidades em uso do próprio como agente da mudança do cliente. As competências fundamentais e funcionais da prática reflexiva, da relação, da avaliação e intervenção são cruciais no desenvolvimento da psicoterapia existencial (Farber, 2010). A principal característica da supervisão existencial tem na sua base o *indivíduo*, a sua *liberdade* e o seu pensamento *original*. A supervisão existencial deverá ser sempre reinventada com todos os supervisandos, e em cada nova sessão de prática, (Deurzen & Young, 2009).

Plock (2006), refere a centralidade da relação na terapia fenomenológica existencial, particularmente na forma de resolver confrontos, assim como a igualdade do paciente e terapeuta, ambos envolvidos numa investigação das dificuldades em viver que é proposta por Heidegger.

A supervisão no modelo fenomenológico existencial, caracteriza-se por uma forma distinta de supervisão, com o foco posto na forma de “*Estar/ Ser*” em Relação e cooperação (e.g. nas narrativas dos clientes na experiência do “*Ser*”, reportadas pelos supervisandos; nas narrativas dos supervisandos da experiência de “*Ser em Relação*” com os clientes, assim como a experiência vivida no encontro / espaço da supervisão pelo supervisor e supervisando), numa exploração e reflexão sem imposições. Este modelo, consiste na conceptualização da aliança de supervisão como uma tríade indecomponível, cliente-terapeuta-supervisor. Pretende libertar o supervisor da “tentação” de instruir o terapeuta sobre como “curar” o cliente de forma semelhante ao que acontece noutros modelos de aprendizagem (e.g. psicanalista), (Plock, 2009).

Deurzen & Young (2009), consideram muito importante no treino dos terapeutas e também na relação de supervisão, estar atento às limitações do tempo, do espaço, do sentir e dos auto relatos claros, naturais e firmes, assim como às limitações da receptividade, que possam ser penetráveis e não distanciam o que é do outro e que possam prevenir o efeito esponja. Em suma, estar atento às vulnerabilidades de ambas as partes.

A supervisão remete incessantemente à experiência de estar no mundo, não só com o cliente, mas também com o supervisando e o supervisor, todos eles com as suas distintas questões relacionais e contextuais envolventes imbuídas de viés (e.g.: trabalho, ética, leis, família, cultura, etc.) (Pagdin, 2013).

Segundo Plock (2009), neste modelo o princípio fundamental da supervisão deve assentar na construção da qualidade da relação que o supervisando consegue facultar ao seu cliente, e no espaço comum de encontro que ambos são capazes de criar, assim como na análise dos seus significados.

O recurso à técnica de *Epoché* pode servir como um guia de abordagem, uma ferramenta da supervisão ou da terapia, encorajando a uma postura aberta para o que possa surgir na relação, sem apriorismos ou pré-conceitos (Adams, 2002). O encontro terapêutico estará sempre circunscrito pelas limitações que tanto o psicoterapeuta como o cliente vivenciam em relação, assim como a sua consciência e habilidade para colocar entre parêntesis as suas questões particulares e profissionais (Jonquera & Arroyo, 2006).

Jacobsen & Tanggaard (2009), utilizando o Método Fenomenológico na sua investigação, sobre *o que constitui uma “boa” e “ má” experiência em psicoterapia de supervisão na perspetiva dos terapeutas em início de carreira*, referem o *nível de orientação* e o *suporte* dado pelos supervisores, assim como a estrutura e a inclusão das questões teóricas nas sessões como uma boa experiência de supervisão. Os autores encontraram fortes evidências nas diferenças individuais sentidas pelos supervisandos (e.g., tolerância às críticas, impacto da supervisão em grupo, gestão da frustração, grau de dependência do supervisor, etc.), apuraram ainda, que com o passar do tempo, os eventos sentidos em supervisão inicialmente descritos como negativos para os supervisandos se tornaram posteriormente bastante positivos. Os investigadores reconheceram a importância do desenvolvimento de abordagens moldadas ao indivíduo, com sessões estruturadas atendendo às diversidades e ao impacto do grupo na pessoa do supervisando.

Também Macaro (2006), refere algumas questões práticas decorrentes da supervisão, que devem ser tidas em consideração para uma melhor performance, são elas; a relação genuína estabelecida entre supervisores e supervisandos, o desafio e o fornecimento de feedback de modo a que este não seja demasiado agressivo nem ameno demais para o supervisando, adotando uma apropriação da responsabilidade, com base na confiança e respeito entre ambos.

Simon du Plock, no decorrer da sua investigação encontrou congruência na descrição do processo de supervisão fenomenológico existencial, na perspectiva dos supervisores e dos supervisandos. Após um trabalho complexo e de exigente reflexão de co investigadores, foram encontrados quatro grupos dimensionais apontados pelos supervisandos: o “*Ser*” do supervisando, o *Suporte e manutenção numa atitude filosófica*, a *Promoção da perspectiva relacional* e o *Supervisor como colega e mentor* (Plock, 2009).

Contudo Pagdin (2013), aborda outras formas de pensar a supervisão na perspectiva fenomenológica existencial, ao falar da relação do Homem e o seu modo de operar com inevitável viés. Expõe a importância da tomada de consciência do supervisor destas experiências com viés, referindo-se ao envolvimento do Self do supervisor no processo de supervisão. Enuncia o facto do supervisor apenas aceder ao relatado pelo supervisando, não vivenciando o contacto com a experiência do *Ser em Relação*. Classifica o viés do terapeuta e do cliente em quatro pontos: *Atitude* (pelo que somos), *Orientação* (sistema de valores e crenças), *Estado Psicológico Presente* e *Reação* (ao escutado). O supervisor nunca deve perder de vista no processo de supervisão, questões como, a ética, as leis a segurança e o contrato, operando como uma “*luz*” orientadora que clarifica o que pode parecer dúbio, assim como a “*lupa*” que proporciona uma visão detalhada, onde cabem questões como a confidencialidade, a responsabilidade, a organização e o profissionalismo. A autora é defensora de uma colaboração entre a abordagem existencial e a humanista, recordando o processo de supervisão centrado no supervisor, como analogia.

O processo de supervisão em psicoterapia no modelo fenomenológico existencial é um processo em contínuo progresso, que inevitavelmente vai mudando de acordo com a experiência vivida e as respetivas aprendizagens do supervisando e do próprio supervisor. Segundo Geller, Schaffer & Farber (2010), na sua investigação, concluíram que o desenvolvimento dos modelos de base fenomenológica na forma como os terapeutas em treino (supervisandos) adquirem, recuperam e usam representações de aspetos das suas

experiências em supervisão, do verbal e não-verbal, podem fortalecer os esforços do supervisor, para ensinar os terapeutas a conduzirem as suas terapias com eficácia.

Deurzen & Young (2009), encontram quatro dimensões na esfera da supervisão existencial, sendo a principal e mais difícil de aceder, a *Espiritual*, onde criamos os significados, o centro do nosso ser, onde se depara a direção das nossas vidas; a segunda dimensão, a *Pessoal*, muito reservada, longe do julgamento dos outros, onde questionamos o *self* e definimos a narrativa da nossa história, o nosso carácter e temperamento; a terceira dimensão, a *Social*, onde permanecem as relações interpessoais, a pessoa social, o nosso ego passível de ser apreciado ou não pelos outros; a quarta dimensão, a *Física*, corresponde à presença física no mundo, o corpo e a pele que “toca o mundo de objetos e outros corpos” e que é tocado pelo mundo em resposta. Para os autores, a importância da supervisão auxilia na elaboração do retrato da relação que o cliente mantém com as diferentes dimensões, possibilitando o acesso ao contacto com o seu sistemas de crenças e valores. Estas dimensões aplicam-se no seu entender, ao supervisando, na medida em que só estando esclarecido sobre si próprio, o terapeuta consegue ajudar os outros.

A supervisão existencial é uma filosofia de vida. Apresenta várias formas de estar, numa abordagem profissional assente em pressupostos filosóficos dinâmicos e em permanente evolução, compreendendo a exploração de questões profundas e desafiantes, chegando mesmo, nalgumas situações a perturbar emocionalmente (Deuzen, 2009).

A supervisão fenomenológica existencial é encarada como uma abordagem com um método mais descritivo do que interpretativo, dando sentido à experiência. Os temas que emergiram entre vários autores, da reflexão sobre a fenomenologia, foram sobretudo, o “*Estar no Mundo*” como seres humanos que vivem em relação com os outros e com o mundo a “*Fenomenologia*”, tornando mais claro à consciência, numa postura de plena abertura. A relação de supervisão requer um permanente questionamento, preparando os intervenientes do processo para ficar “fascinados” por um lado, e confrontados por outro, com os seus viés e ignorância. Assenta num “*Diálogo*” baseado na escuta e na plena atenção e respeito pelos supervisandos, no “*Amor, Cuidado e Respeito*” pelo outro na relação de supervisão e na forma como está no mundo. Compreende a perceção do verdadeiro sentimento do cliente, supervisando e supervisor. Homem como corpo e mente, “*Embodiment*”, ser que não se destrinja do físico e psicológico. A “*Visão do mundo, espiritualidade e significado*”, surge na importância do atendimento dos diferentes

significados atribuídos a estas dimensões pelos supervisandos e clientes, na “*Responsabilidade e Liberdade*” (Deurzen & Young, 2009).

A carência de informação sobre supervisão clínica na literatura fenomenológica existencial, parece portanto, dar sustentabilidade para que esta temática da supervisão, seja motivo de investigações mais aprofundadas para os formadores e profissionais, sendo por isso indicativo da existência de falta de reflexão e clareza que estão no centro da prática fenomenológica existencial (Plock, 2006).

Dada a contínua lacuna na literatura nas investigações sobre supervisão existencial, revela-se pertinente investigar o processo de supervisão na abordagem fenomenológico existencial, no que concerne ao presente estudo, através da *análise da experiência do supervisando na forma como percebe o processo de supervisão, como ser em relação*. Considerámos importante a análise desta investigação através do método fenomenológico existencial, já que este nos permite aproximar do fenómeno tal como ele se apresenta à consciência do sujeito.

Devemos por isso, analisar o “ser com”, com uma dimensão ontológica constitutiva da dimensão humana, enquanto tal. Por considerarmos que o entendimento e a compreensão do outro não se traduz numa questão de técnicas e metodologias reducionistas, mas sim numa pré-compreensão do outro, como ser no mundo com o outro (Lessa & Sá, 2006). Importa aqui lembrar Heidegger, na importância de nos acautelarmos para o perigo de nos podermos converter em escravos da técnica, aludindo porém, que se possa fazer um uso mais livre da técnica, ao entendê-la como apenas, mais uma maneira histórica do desenvolvimento do seu sentido e não como algo superior e indispensável. Também Deurzen (2002), nos diz que a supervisão existencial deverá ser sujeita e reinventada em cada nova sessão, com cada supervisando, como ser único que é. Destacando-se das outras abordagens por não procurar ser uma técnica mas sim uma perspectiva diferente de ver o Mundo e o modo como o Homem vive no Mundo.

Para a compreensão do verdadeiro sentido e para uma conceção da sua importância no âmbito da Psicologia Fenomenológica Existencial, é importante mudar o referencial explicativo da hermenêutica no prisma de uma interpretação naturalista. Assim, o correto será fazer um desdobramento de uma interpretação compreensiva das possibilidades do “ser-no-mundo”.

3. MÉTODO

3.1 MÉTODO QUALITATIVO

O contexto epistémico da pesquisa qualitativa de Holanda (2002), evidencia que a pesquisa qualitativa constituiu um significativo avanço para as ciências humanas e veio colmatar lacunas que o modelo quantitativo não preenchia: “o espaço da interlocução com o humano, o espaço de busca dos significados que estão subjacentes ao dado objetivo, o espaço de reconstrução de uma ideia mais abrangente do que é empírico, um espaço de construção de novos paradigmas para as ciências humanas e sociais” (p.156).

A flexibilidade do processo é uma das características da pesquisa qualitativa. Rey (2005), salienta que o percurso da pesquisa depende do contexto em que esta se insere, sem esquecer que o pesquisador exerce influência sobre a situação da pesquisa e é também influenciado por ela. Essa complexidade é igualmente notada pela mútua influência entre pesquisador e pesquisado, já que ambos produzem pensamentos com base na posição que cada um deles ocupa diante do outro e de si mesmo, o que influencia o processo da pesquisa. Este entendimento corrobora as características da pesquisa qualitativa, de entre as quais se destacam a parceria pesquisador-pesquisado: uma singularidade que influencia o outro num contexto específico.

Outra característica fundamental da pesquisa qualitativa é, segundo Martins & Bicudo (2005), o facto de que a pesquisa qualitativa busca uma compreensão particular do que estuda, pois o foco da sua atenção é dirigido para o específico, o individual, aspirando à compreensão dos fenómenos estudados, sendo que estes surgem apenas quando situados. Estas características da pesquisa qualitativa são comuns a outros modelos de pesquisa em ciências humanas.

Moustakas (1994), destaca o foco na experiência de totalidade, a busca de significados e essências da experiência - alcançados com base nas descrições da experiência singular do sujeito pesquisado - e o comprometimento do investigador e do pesquisado na expectativa de atingir a totalidade do fenómeno. Nas várias modalidades de pesquisa qualitativa, investigador e sujeito são produtores de pensamento.

A especificidade deste tipo de pesquisa refere-se à busca dos aspetos da realidade do sujeito, considerando que esses aspetos são apreendidos por sujeitos pesquisadores. Tais características constam das considerações de Rey (2002; 2005), que adverte que o investigador deve estar apto a mudar as suas próprias ideias para facilitar a produção de conhecimentos, uma vez que a produção de teorias é um processo essencialmente qualitativo e o momento da pesquisa é um momento de confrontação e desenvolvimento de novas teorias. Neste sentido, muita literatura existe que aponta a pesquisa qualitativa como vocacionada para a descoberta e para a constituição de novos espaços de leitura de fenómenos da realidade (Bruns & Holanda, 2003; Gomes, 1998; Holanda, 2002; 2006; Martins & Bicudo, 2005).

Os estudos dos determinantes qualitativos na psicologia definem-se pela procura e explicação de processos que não estão atingíveis à experiência, os quais existem em complexas e dinâmicas inter-relações que, para serem entendidas, exigem o estudo integral dos mesmos e não sua fragmentação em variáveis (Rey, 1999).

3.2 MÉTODO FENOMENOLÓGICO

Segundo Sousa (2014), o método fenomenológico tem como objetivo estudar fenómenos intencionais, não individuais. A pesquisa absorve-se assim, na análise de como um fenómeno é então experimentado por indivíduos diferentes, à procura de aspetos invariantes e tenta ainda alcançar uma estrutura de significado psicológico. Em última instância, o que irrompe nos resultados finais é a síntese de significados psicológicos sobre o fenómeno em estudo e não a experiência individual dos sujeitos. Importa referir que as experiências individuais são tipificadas, geralmente, em resultados. Esta é uma diferença substancial em relação à interpretação fenomenológica.

A análise concentra-se então na experiência idiosincrática. A tese de como é possível conceber critérios de controlo de validade epistemológica (dada a multiplicidade de conceitos), permanece. O respeito pela integridade das experiências dos sujeitos é mantido na pesquisa fenomenológica, como pressuposto de que o significado dos participantes nas descrições, surge das relações intencionais que estes têm com o mundo. A diferença entre a análise dos fenómenos e do estudo de indivíduos também diz respeito à questão da verificação. É comum nas ciências sociais e humanas (e em algumas aplicações

do método fenomenológico), recomendar o uso do feedback dos participantes, como uma forma de validar os resultados.

Os participantes descrevem situações que, apesar de terem sido experimentadas só por si, permanecem em grande parte no nível pré-reflexivo. Os indivíduos experimentaram a situação e descrevem-na como foi experimentada, segundo a consciência. O investigador, por seu turno, tem como objetivo enfatizar a reflexividade, e embora o ponto de partida seja a experiência dos sujeitos, espera alcançar estruturas significativas a partir dessas experiências. A investigação fenomenológica é constituída por vários procedimentos, compreendida em quatro passos, que passaremos a expor em detalhe.

1. Estabelecer o Sentido Geral

Com este passo pretende-se conhecer o sentido do todo. Para tal, é necessária uma leitura da transcrição de forma rigorosa, assumindo a atitude de *redução fenomenológica*, sem qualquer tipo de interpretação, de utilização de hipóteses ou pré conceitos, Para se alcançar o objetivo deste primeiro passo, na obtenção de uma compreensão geral do que foi relatado. A leitura deve ser repetida as vezes necessárias até se alcançar com certeza o *Sentido* que deve ser captado em termos da sua globalidade, sem quaisquer interferências. Este primeiro passo antevê o desafio para o investigador no entendimento do seu papel epistemológico, da sua própria capacidade de abstração sobre a descrição natural do fenómeno observado.

2. Determinação das Partes: Divisão das Unidades de Significado

Embora se entenda a existência de partes inter-relacionadas do Sentido Geral, este segundo passo pede que o investigador encete uma nova leitura demorada do protocolo para fazer uma análise mais aprofundada com o fim de reduzir o conteúdo do protocolo em Unidades de Significado. Esta etapa pretende que se utilizem conteúdos relevantes para uma perspetiva de análise psicológica, empregando o critério da *transcrição de sentido* para a constituição das partes (unidades de significado). Para que tal aconteça, o protocolo é relido novamente, com a atitude da redução fenomenológica, conservando-se uma perspetiva psicológica sobre o objetivo do estudo. Sempre que o investigador identifica uma mudança de sentido, deve dividir a frase com um traço na vertical, separando as partes, marcando o protocolo até ao fim, obtendo uma série de unidades de significado expressas na linguagem do entrevistado e continuando o sentido natural com que são

expressamente transmitidas. Desta forma, com uma postura de atitude fenomenológica, a intencionalidade, os atos de consciências dos sujeitos, continuam inalteráveis, sendo apenas feito uma organização do objeto, mas sem qualquer inferência que o altere. A *Mudança* é então apresentada tal como *existe* enquanto facto, e o investigador aceita a Mudança tal como surgiu à consciência, podendo ser apresentada por vários atos de consciência, já que de um fenómeno se trata, contudo não aceita certezas quanto à sua realidade.

3. Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico

O que se pretende neste passo é transformar as unidades de significado na linguagem comum expressa pelo entrevistado, numa linguagem mais rigorosa para o discurso científico, ajustada ao contexto da Psicologia e com a perspectiva fenomenológica. Não perdendo de vista o objetivo do presente método, que corresponde a alcançar o sentido psicológico adquirido na experiência de supervisão obtida durante a sua formação em Psicoterapia Existencial na Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE) vivida pelo supervisando, em relação ao que se deseja investigar. Os sentidos que serão organizados serão intenções psicológicas contidas em cada Unidade de Significado, devem ser claras e representativas de algo em consonância com o tema do estudo. Os aspetos pessoais do supervisando servem apenas para entender o contexto, no qual é percebido o sentido em que o fenómeno psicológico é mostrado, mantendo-se, na sua maioria, relatada apenas no protocolo nos passos anteriores.

4. Determinação da Estruturação Geral de Significados Psicológicos

Este último passo compreende a elaboração de uma estrutura descritiva geral em forma de síntese. O investigador elabora uma construção dos sentidos correlacionados, contidos nas várias unidades de significado transformadas em linguagem psicológica, designados de constituintes essenciais da experiência, assim como das relações que existem entre estes. Nesta fase é possibilitado ao investigador a utilização livre da sua criatividade e utilizar termos que não estão presentes nas unidades de significado, que se mostrem importantes e articuladas. Todos os dados do protocolo devem ser considerados; no entanto, as unidades são seleccionadas consoante o conteúdo e contexto que é requerido no estudo, não tendo por isso todas o mesmo peso; não obstante, o importante é a certificação de que a estrutura final seja um resultado que expresse o sentido essencial das

relações entre as unidades de forma a constituir-se como uma representação precisa da identidade do todo (Giorgi & Sousa, 2010).

A Psicologia Fenomenológica, como ciência humana, tem como objeto de estudo a consciência intencional, pelo que se advoga a aplicação do método fenomenológico à praxis psicológica. Tratando-se de uma investigação qualitativa, como mencionado anteriormente, a escolha do método fenomenológico aconteceu pela necessidade de explorar a experiência subjetiva da consciência de supervisão pelo supervisando, de modo a que se possam descrever os respetivos atos de consciência e as estruturas de significado intrínsecos a essa vivência. Pelo exposto até aqui, os principais argumentos que presidiram à escolha do método são: O facto de se saber que o método fenomenológico pretende ir até "às coisas mesmas", sem com isto se querer dizer que se nega este retorno da fenomenologia à realidade mais simples possível e sem pressuposições. O que se pretende apontar é o "caminho de duas vias" que existe na pesquisa onde se busca a experiência vivida do ser humano e onde o "sujeito" clássico assume a denominação de "participante"; Porque, regra geral, a fenomenologia é mais indicada nos casos em que o método científico clássico não o é; Os elementos do método fenomenológico original¹, conservam-se quando se transpõe o contexto do estudo, da filosofia para a pesquisa empírica, merecendo aqui especial atenção a redução fenomenológica (epoché)² e a redução eidética³ ou, mais propriamente, a variação imaginativa livre.

Esses elementos assumem, na pesquisa, um cariz particular, forçado pela interação

¹ Passos do método fenomenológico segundo Spiegelberg: I. Investigação de fenómenos particulares; II. Investigação de essências gerais; III. Apreensão de relações fundamentais entre as essências; IV. Observação dos modos de dar-se; V. Observação da constituição dos fenómenos na consciência; VI. Suspensão da crença na existência dos fenómenos; VII. Interpretação do sentido dos fenómenos. Spiegelberg, Herbert (1971). *The Phenomenological Movement. A Historical Introduction*. The Hague: Martinus Nijhoff, 2nd edition.

² A redução fenomenológica ou transcendental é também designada por epoché (suspensão do julgamento) na filosofia grega. Na epoché, o filósofo não dúvida da existência do mundo, mas essa existência deve ser colocada entre parêntesis, exatamente porque o mundo existente não é o tema verdadeiro da fenomenologia. Como sabemos, o real tema da fenomenologia é a forma pela qual o conhecimento do mundo se revela. Na redução fenomenológica, suspendemos as nossas crenças na tradição e nas ciências, com tudo que possam ter de importante ou desafiador: são colocados entre parêntesis, juntamente com quaisquer opiniões, e também todas as crenças acerca da existência externa dos objetos da consciência.

³ A redução eidética começa com a observação de que apreender a consciência não é suficiente. Pelo contrário, os vários atos da consciência devem ser colocados acessíveis de tal forma que as suas essências - estruturas universais e imutáveis - possam ser apreendidas. A redução eidética é a forma pela qual o filósofo se move da consciência de objetos individuais e concretos para o domínio transempírico das essências puras, atingindo a intuição do eidos (a palavra eidos significa "forma de uma coisa", ou seja, do que existe na sua estrutura essencial e invariável, separada de tudo que lhe é contingente ou acidental. Eidos é o princípio ou estrutura necessária da coisa.

necessária entre o investigador e os sujeitos, agora transformados em participantes.

Giorgi (1985), esclarece que o método fenomenológico se destina a empreender pesquisas sobre fenômenos humanos, tais como vividos e experienciados, alcançando-se através da descrição de experiências dos sujeitos que experienciaram os concretos fenômenos objeto de estudo.

3.3 OBJETIVO DO ESTUDO

O presente estudo pretende investigar a experiência de supervisão existencial na perspectiva do supervisando, na descrição da experiência de supervisão que vem à sua consciência, como também fazer uma análise profunda dos elementos eidéticos resultantes das descrições dos participantes, na procura de aspetos invariantes pretendendo alcançar uma estrutura de significado psicológico, para a compreensão dos resultados alcançados.

Nesse percurso, destacam-se vários elementos que se interligam nesse processo que podem traduzir a síntese de significados psicológicos sobre o fenómeno em estudo e não a experiência individual dos sujeitos, que surge nos resultados finais, permitindo deste modo, elucidar sobre o significado dos participantes nas descrições, que surgem das relações intencionais que estes têm com o mundo.

Este estudo procura explorar esta temática através de uma metodologia qualitativa fenomenológica, que, pela sua natureza, tem como objetivo enfatizar a reflexividade, e embora o ponto de partida seja a experiência dos sujeitos, espera alcançar estruturas significativas a partir dessas experiências.

Trata-se de um estudo de investigação ainda embrionário em Portugal, sem categorias pré-definidas. Consegue, assim, constituir uma oportunidade para entender o processo em causa sem afetar nem privilegiar nenhum dos fatores à partida para além da perspectiva do supervisando, tal como este se apresenta e se expressa de forma livre e autêntica.

3.4 PARTICIPANTES

Os critérios de seleção dos participantes no presente estudo foram os seguintes:

A seleção dos Participantes foi efetuada de forma aleatória pelo responsável do projeto de investigação. Para o presente estudo foram escolhidos três supervisandos da SPPE, dois deles já tinham terminado a sua formação na sociedade e um ainda se encontrava a receber supervisão e formação na Sociedade, na data da entrevista.

Caraterísticas dos participantes do estudo:

Participante 1 (P1) sexo feminino, 31 anos, nacionalidade portuguesa, residente na Grande Lisboa, habilitações literárias grau de mestre, com a profissão de Psicóloga Clínica/Psicoterapeuta/Acupuntora (medicina tradicional chinesa), com experiência profissional de seis anos, experiência de supervisão em grupo e individual no modelo fenomenológico existencial de quatro anos com a frequência semanal e/ou quinzenal durante a sua formação na SPPE. Apresenta experiência anterior de supervisão no modelo psicodinâmico com a duração de um ano e meio. Presentemente, após terminar a sua formação na SPPE em Dezembro de 2014, continua a receber supervisão no modelo fenomenológico existencial com a frequência mensal.

Participante 2 (P2) sexo masculino, 38 anos, nacionalidade portuguesa, residente no concelho de Lisboa, habilitações literárias licenciatura, com a profissão de consultor e terapeuta, experiência profissional de quatro anos, experiência de supervisão em grupo no modelo fenomenológico existencial de três anos com a frequência semanal durante a sua formação na SPPE. Não apresenta experiência anterior de supervisão.

Participante 3 (P3) sexo feminino, 30 anos, nacionalidade portuguesa, residente no concelho de Setúbal, habilitações literárias grau de mestre, com a profissão de psicóloga clínica, experiência profissional de cinco anos, experiência de supervisão em grupo no modelo fenomenológico existencial de quatro anos com a frequência semanal durante a sua formação na SPPE. Apresenta experiência anterior de supervisão também em grupo no modelo psicodinâmico. Presentemente, após terminar a sua formação na SPPE em Dezembro de 2014, continua a receber supervisão no modelo fenomenológico existencial com a frequência mensal.

Tabela 1. Dados sócio demográficos da amostra

Código	Idade	Sexo	Nacionalidade	Residência	Habilitações literárias	Situação Profissional	Profissão	Experiência Profissional	Experiência Supervisão Modelo FE	Frequência da Supervisão	Experiência Supervisão Noutro Modelo	Experiência Supervisão
P1	31	F	Portuguesa	Concelho Oeiras	Mestrado	Ativo	Psicóloga Terapeuta Acupuntora	6 Anos	4 Anos	Semanal e Quinzenal	Sim 1,5 Anos	Grupo
P2	38	M	Portuguesa	Concelho Lisboa	Licenciatura	Ativo	Consultor Terapeuta	4 Anos	3 Anos	Semanal	Não	Grupo
P3	30	F	Portuguesa	Concelho Setúbal	Mestrado	Ativo	Psicóloga	5 Anos	4 Anos	Semanal	Sim 2anos	Grupo

3.5 INSTRUMENTOS

Foi utilizada a entrevista qualitativa fenomenológica, onde foi solicitado ao supervisando que descrevesse de forma tão completa quanto possível a experiência vivida em supervisão no modelo existencial na SPPE.

Para Giorgi & Sousa (2010), este instrumento pressupõe um procedimento metodológico que procura recolher dados que refletem em si mesmo, uma conceção diferente de produção de conhecimento, de construção de significado sobre a ação humana. Na perspetiva de Kvale (1996), a entrevista fenomenológica torna-se num espaço inter-relacional, dialético e de conversação entre sujeitos, promovendo um contexto empático que proporciona as condições adequadas para que os sujeitos descrevam e clarifiquem os significados do mundo quotidiano da experiência humana. O seu objetivo “orientado para o tema da entrevista” prende-se com a necessidade do investigador recolher informações a partir da experiência do entrevistado, na obtenção de descrições do mundo experiencial, do mundo da vida do entrevistado e as suas explicações dos significados sobre os fenómenos descritos. O instrumento escolhido para analisar os dados deste estudo, teve presente na sua aplicação os doze pressupostos considerados por Kvale como fundamentais na entrevista qualitativa, atendendo ao *Mundo da Vida* - com base na experiência quotidiana do mundo vivido do supervisando e da sua relação com o mundo (dirigida ao tema do estudo); *Sentido-importância* da descrição do significado dos temas centrais da vivência de supervisão; *Qualitativa* - recolha de dados qualitativos; *Descritiva* - descrição da experiência do supervisando; *Específica* - descrição de situações e ações específicas; *Suspensão de Pré-Conceitos*- suspensão de conhecimentos do entrevistador e a abertura a informações e fenómenos inesperados; *Focada* - entrevista aberta mas focada no tema do estudo; *Ambiguidade* - por vezes os relatos podem expressar ambiguidades sobre a

experiência do supervisando e a sua relação com o mundo; *Mudança* - e própria entrevista é um processo reflexivo, o entrevistado pode expressar novos insights ou pensamentos no curso da entrevista, podendo mudar significados pré - estabelecidos; *Sensibilidade* - diferentes supervisandos podem expressar diferentes descrições; *Situação interpessoal* - o relato das descrições recolhidas resulta de uma interação entre duas pessoas (supervisando e entrevistador) e por fim, a *Experiência Positiva* - a entrevista qualitativa pode manifestar-se numa experiência positiva para o entrevistador e entrevistado, na medida em que as duas partes acrescentam saber e conhecimento sobre diferentes perspetivas.

A entrevista fenomenológica deste estudo partiu de uma pergunta aberta que foi gravada no formato áudio, sobre a experiência de supervisão na SPPE na perspetiva do supervisando. Tentei captar aspetos considerados pelo supervisando como cruciais na sua vivência nas sessões de supervisão, no decorrer da sua formação na sociedade e que contribuíram para a formação enquanto terapeuta neste modelo, permitindo entender como o supervisando sente, vive, e como apreende esse processo de supervisão. Esta entrevista não previu a existência de um “guião” de entrevista, mas sim uma pergunta aberta, a partir da qual iniciámos a entrevista de carácter exploratório mas “*theme oriented*”. As questões subsequentes surgiram a partir do fluxo das descrições dos participantes, procurando obter clarificações quando os depoimentos foram pouco claros, atendendo ao foco no objeto do estudo e não para validar hipóteses ou questões previamente delineadas. A descrição surge tal como foi experienciada ou tal como se apresentou ao supervisando.

Sempre que as descrições nas entrevistas se alargavam e afastavam muito do objeto do estudo, eram novamente orientadas pelo entrevistador para o foco do objeto do estudo. Quando os entrevistados não abordavam naturalmente tópicos considerados importantes no desenvolvimento deste estudo, eram introduzidas questões de forma simples e clara, para que os supervisandos explorassem o tema livremente, facilitando ao investigador aceder à elaboração das experiências dos entrevistados com detalhes e exemplos. Foram solicitados aos supervisandos a partilha de aspetos considerados por eles, como mais marcantes desta experiência de supervisão (*e.g. aspetos para si mais importantes na supervisão; pontos mais ou menos favoráveis; o que o ajudou mais; o que encontra em comum com outros modelos; sugestões e obstáculos sentidos, etc.*). Daqui surgiram espontaneamente respostas, sem dar lugar à interpretação nem intervenção intencional do entrevistador, permitindo elaborar uma análise da descrição e reflexão sobre as narrativas dos supervisandos.

3.6 PROCEDIMENTOS

A análise da investigação recai sobre os dados recolhidos das entrevistas áudio, realizadas por Rute Estevens que as aplicou aos supervisandos.

Os participantes foram contactados por correio eletrónico pela autora, tendo-lhes sido apresentada a finalidade desta investigação, assim como o pedido para o consentimento informado em relação aos procedimentos do estudo. Mais tarde foi combinado telefonicamente o local a realizar as entrevistas. Todos os participantes foram devidamente informados sobre a recolha da informação através da gravação áudio de entrevistas, tendo concordado e aceite as condições do presente estudo. Foi garantida a confidencialidade relativamente a todos os dados recolhidos e transmitida a informação de utilização destes unicamente para fins de investigação clínica. Foram ainda informados, da criação de um código de identificação que lhes foi atribuído de forma a garantir maior segurança e anonimato. Todas as questões relacionadas com a confidencialidade foram devidamente aclaradas no momento que precedeu a assinatura dos consentimentos informados, tendo sido nesse momento também facultado um contato para o esclarecimento de quaisquer dúvidas que pudessem surgir posteriormente. As Entrevistas depois de ouvidas foram transcritas *ipsis verbis* para um documento digital.

Na realização das entrevistas foi criado um ambiente empático, tranquilo e informal, onde antecipadamente o entrevistador agradeceu a disponibilidade na colaboração do estudo, explicando novamente o objetivo da investigação e os respetivos procedimentos. Não foi estabelecido tempo limite para a duração das entrevistas. Tendo as mesmas ocorrido com uma duração média de 58,3 minutos e com o mínimo de intervenção por parte do entrevistador, tentando adotar uma atitude fenomenológica. A questão central colocada correspondeu a: “ Como foi para si, na sua formação em psicoterapia existencial vivenciar a experiência de supervisão?”.

Para o participante P1 do presente estudo, foi realizada uma entrevista com a duração de 1h 07 minutos. Tendo a entrevista ocorrido no dia 20 de Março de 2015 numa sala de aula no ISPA.

Para o participante P2 do presente estudo, foi realizada uma entrevista com a duração de 0h 45 minutos. Tendo a entrevista ocorrido no dia 26 de Março de 2015 no gabinete do entrevistado.

Para o participante P3 do presente estudo, foi realizada uma entrevista com a duração de 1h 03 minutos. Tendo a entrevista ocorrido no dia 10 de Abril de 2015 no gabinete do entrevistado.

Após o registo áudio e a transcrição das três entrevistas (Anexo C), procedeu-se ao tratamento dos dados através deste método que compreende quatro passos, já mencionados anteriormente. Os passos dois (2) *divisão das Unidades de Significado* e três (3) *Transformação das Unidades de Significado em Expressões de Carácter Psicológico* deste método encontram-se disponíveis no anexo (D). De seguida passaremos ao passo quatro (4) *Estruturação Geral de Significados Psicológicos* deste método.

4. RESULTADOS

4.1 ANÁLISE DOS RESULTADOS

Da análise das entrevistas e da aplicação do segundo e terceiro passos do Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia (Anexo D – Divisão Unidades de Significado Psicológico por entrevistado) permitiu desenvolver uma Estrutura Geral de Significados Psicológicos (Quadro 1) – último passo de aplicação do Método Fenomenológico – que será apresentada neste capítulo. Posteriormente serão também apresentados os Constituintes Essenciais (Quadro 2) da estrutura geral que serão de seguida, analisados juntamente com as Variações Empíricas (Tabela 2) que estes assumiram ao longo dos relatos dos três participantes. Por último, é exposta a análise pós-estrutural de cada constituinte essencial. Para a compreensão dos resultados obtidos foram construídas tabelas onde é representada a estrutura final dos participantes P1, P2 e P3. Os constituintes chave considerados essenciais pela sua presença em todas as três entrevistas sobre a vivência da experiência de supervisão são apresentados na tabela 2.

A determinação da Estrutura Geral de Significados Psicológicos comum aos três sujeitos e que transmite aquilo que é verdadeiramente essencial, a nível psicológico nesta experiência, independentemente dos detalhes e das singularidades que possam estar associadas a cada sujeito, corresponde aos Constituintes Essenciais que classificam os elementos chave encontrados nas três descrições, tal como a relação entre os mesmos.

A partir dos resultados encontrados e após a sua análise, foi organizado um resumo final que reflete a estrutura psicológica geral relativamente à experiência vivida pelos participantes P1, P2 e P3. O Quadro um (1) distingue as variações empíricas e os seus correspondentes constituintes-chave de forma a observar toda a envolvência existente na articulação e interdependência entre estas diferentes unidades.

A transcrição da estrutura geral de significado será acompanhada abaixo, pela descrição dos constituintes essenciais identificados, assim como a ilustração da relação entre eles (Figura 1). Serão também apresentados os exemplos ilustrativos das citações diretas dos três participantes (tabela 2), correspondentes a cada constituinte específico.

Determinação da Estrutura

Quadro 1: Estrutura Final - Significados Psicológicos

Para os supervisandos os eventos significativos vivenciados no processo de supervisão corresponderam ao **auto conhecimento** e ao **crescimento enquanto pessoa e terapeuta**, decorrente da partilha de experiências vivenciadas pelos supervisores e supervisandos em supervisão. Trata-se dum **processo reflexivo** (auto questionamento) das múltiplas experiências de relação vivenciadas, discutidas e refletidas em supervisão. A **abertura do modelo** às diferentes formas de olhar e de pensar a pessoa como ser humano em relação, num modelo focado na relação, com a tônica, no **colocar-se no papel do outro - centrado na pessoa**, facilitando ao supervisando o encontro do seu lugar dentro do modelo. Modelo que é por ele caracterizado na **liberdade de escolha** das alternativas que lhe aparecem à consciência, na análise da complexidade da **relação e das relações de sentido**, ocorridas durante o processo. O supervisando experiencia sentimentos de **auto confiança**, auto eficácia, arriscando-se mais. A supervisão resulta numa crescente tomada de consciência de si pelo indivíduo em relação, num processo longo, evolutivo e exigente mas que lhe concede **suporte** e segurança. Processo esse que é percebido pelos supervisandos como uma valiosa **ferramenta de trabalho** na prática clínica, da qual não prescindem, produzindo impacto na terapia com o cliente.

Constituintes Essenciais

Nesta vivência de supervisão foram selecionados dez constituintes essenciais, três deles, o auto conhecimento, o crescimento enquanto pessoa e terapeuta e o processo reflexivo e a auto reflexão, estão interligados pela força da circunstância da experiência de supervisão na qual o supervisando constata a partir da reflexão de si, a tomada de consciência do seu *empowerment*, pautado de sentimentos positivos de crescimento.

Relativamente aos cinco Constituintes: Abertura do modelo, modelo centrado na pessoa - Colocar-se no papel do outro, Liberdade de escolha no modelo de supervisão e a Relação com respetivas relações de sentido, estão igualmente relacionados com as experiências vivenciadas e a respetiva tomada de consciência pelo supervisando do que é este modelo específico da fenomenologia existencial.

No que concerne aos dois constituintes, Autoconfiança (autoeficácia, sentimentos de maturidade, capacidade de se arriscar) e o Suporte (sentimento de acolhimento) remetem para um ato de construção de significado, no que refere aquilo que ele retira da supervisão, que não é circunstancial mas do sujeito em si. Por fim o constituinte Ferramenta de trabalho, está relacionado com as circunstâncias da experiência total e plena

de supervisão, vivenciado e sentido pelos supervisandos como uma mais-valia na sua prática clínica.

Quadro2: Síntese dos Constituintes Essenciais dos Três (3) Supervisandos: P1, P2, P3

- Auto conhecimento;
- Crescimento enquanto pessoa e terapeuta;
- Processo reflexivo e autorreflexão
- Abertura do modelo
- Colocar-se no papel do outro- Centrado na Pessoa;
- Liberdade de escolha no modelo de supervisão;
- A Relação e as relações de sentido;
- Auto confiança;
- Suporte;
- Ferramenta de trabalho-impacto na terapia.

Tabela 2: Variações Empíricas por Constituintes

Constituintes Chaves	P1	P2	P3
Auto conhecimento	<p>“... Esta sessão foi mesmo complicada, e...o que no fundo eu estou a trabalhar muitas coisas em mim, ou seja...é ter consciência disto.”</p> <p>“...sim e muito esta tónica da pessoa do terapeuta...e não só no caso em si, ou seja, esta questão mais minha, no caso do terapeuta vamos-nos conhecendo também ...vamos tomando consciência das nossas coisas, do nosso estilo...mais enquanto</p>	<p>“...no entanto a supervisão acaba também por ser uma forma de me ajudar a mim...”,</p> <p>“e poder também fazer uma espécie de análise em nós próprios... Aaaaaah... como é que nós estamos com aquela pessoa...e...como é que nós com as nossas coisas estamos e nos relacionamos com o paciente”</p> <p>“...e eu acho que à medida que a pessoa vai evoluindo com aquela pessoa e enquanto terapeuta também se vai apercebendo de que as coisas</p>	<p>“ e isso ajuda-nos também em supervisão, a pensar não no processo terapêutico da pessoa mas também com nós próprios...”</p> <p>“...dá-nos um auto conhecimento. Em termos de supervisão ajuda muito, sim”</p> <p>“Desafiando-me, conhecendo-me e questionando-me,”</p>

	<p>terapeutas e também enquanto pessoas, porque as coisas ligam-se....”</p>	<p>são como são, e portanto as coisas têm um timing certo para acontecer”</p>	
<p>Crescimento enquanto pessoa e terapeuta</p>	<p>“a questão da supervisão é algo que mexe, não dá para nós irmos e estarmos só na perspectiva profissional, exige e mexe muito connosco, questões pessoais... e depois o saldo é mesmo o enriquecimento, transformativo até”</p> <p>“ há uma riqueza muito grande nesta interacção,”</p> <p>“ao longo do curso temos tido sempre supervisão e, sinto que acrescenta muito à prática clinica ...”</p>	<p>“...e a supervisão também nos ajuda muito a olhar para esse processo também de uma forma se calhar mais clara mais lúcida, mais...mais total até muitas vezes, mais completa no fundo...”</p> <p>“para mim é óptimo poder ter a supervisão e, tomara eu poder apresentar casos todas as semanas...”</p>	<p>“Eu penso que a maior mudança que tenha ocorrido, tenha sido em mim enquanto pessoa e...”</p> <p>“porque em supervisão acabo não só por aprender com os meus casos mas também quando os colegas apresentam casos, também aprendo com isso, portanto, acho que não é só uma mais-valia a partilha mas também as experiências dos casos.”</p> <p>“e isso também me ajuda a abrir um pouco os horizontes e a conhecer-me enquanto terapeuta...”</p> <p>“acabo por estar mais aberta e muito mais ciente daquelas coisas que aquela pessoa vai trazendo de que alguma forma desafiam aquela parte, e que me ajudam a ser melhor terapeuta ...”</p>

<p>Processo reflexivo e auto reflexão</p>	<p>“...e vamos apercebendo-nos na supervisão, que estamos a trabalhar o caso, mas também estamos a trabalhar coisas nossas, toca em aspectos muito nossos, ou seja, mesmo os supervisores que nos vão conhecendo , questionam , porque é que está a ser tão difícil com esta pessoa neste momento, e em vez de estarmos a pensar só no caso estamos a voltar as coisas para dentro e para nós . O que é que surge, e o que é que sentimos.”</p> <p>“...perceber o que é, mesmo às vezes a forma como nós estamos a falar em supervisão, ou o que vai sendo mais relevante ou seja faz-nos alertar para as coisas com um certo sentido, ou seja, eu até posso ter pensado naquilo, mas depois estou a comunicar e só aquilo que eu estou a comunicar e memorizar, estou a destacar, faz-me ter alguns insights”</p>	<p>“..mas em regra também é um momento de reflexão, é um momento privilegiado de reflexão sobre o caso...poder reflectir”</p> <p>“ e poder...também fazer uma espécie de análise em nós próprios...”</p>	<p>“perceber mais sobre o casos em si, e sobre como é que aquela pessoa está connosco e como é que nós estamos com ela, do que propriamente se estou a fazer as coisas bem ou mal”</p> <p>“ não nos reduz. Abre muito as portas e também ...ajuda a própria pessoa a pensar sobre as coisas que ele tem...”</p> <p>“ porque acho que considero que é muito importante e ajuda imenso a repensar e a reflectir sobre os casos e é uma das mais-valias...”</p>
	<p>“ lá está , a existencial permite essa abertura, não é estanque...lá está na experiência que falei anterior de supervisão individual que fiz, as questões eram mais focadas”</p>	<p>“acaba por ser também rico, não estamos apenas numa relação com o supervisor em que está apenas uma pessoa a olhar para aquilo que nós trazemos, mas estão várias pessoas também a ouvir e a</p>	<p>“há tantos terapeutas como há diferentes maneiras de estar em terapia.”</p> <p>“e acho que isso foi a parte mais</p>

<p>Abertura do modelo</p>	<p>“Recordo muito com um professor... E ouve também esses espaços para a reflexão na supervisão...não há aquela rigidez, tem que ser um caso e acabou, às vezes surgem outras questões”</p>	<p>olhar para o caso... a ouvir e a reflectir sobre o caso...e que acaba por enriquecer o caso e os presentes”</p>	<p>importante de ter supervisores diferentes, poder partilhar isto, e a mesma coisa acontece com os colegas, cada colega também tem uma maneira diferente de trabalhar e isso ajuda-me também a abrir os nossos próprios horizontes e não delimitar-nos”</p> <p>“O facto de ter supervisores diferentes ajudou-me a olhar para as coisas de modo diferente, porque há supervisores que dão mais importância para a relação, outros para o processo em si, há outros que olham para a conceptualização do caso”</p>
<p>Colocar-se no papel do outro – Centrado na Pessoa</p>	<p>“ ... e lembro de uma qualquer questão que o meu colega me colocou e eu ter sentido uma angústia muito grande ...é quase como se eu acesse, se calhar o meu paciente sente isto também...</p>	<p>“ eu aprecio...e ajuda-me até a perceber melhor a pessoa, se eu tiver uma noção como é que a própria se esta a sentir...”</p> <p>“não só sobre a pessoa em si, mas poder interligar as duas coisas...Aaaahh...a forma</p>	<p>“aprendendo com a supervisão, que... na terapia vão sempre havendo micro rupturas, e que nós temos que estar atentos para essas microruptura”</p> <p>“capacidade de nós</p>

		como a pessoa vive os problemas, ou sente que tem, que vive ”	estarmos atentos à pessoa e perceber o que é que vai funcionar e o que é que não vai funcionar com aquela pessoa”
Liberdade de escolha no modelo de supervisão	<p>“... também nunca temos as respostas certas, isso é um processo que vai acontecendo...”</p> <p>“...vamos experimentando as coisas...”</p> <p>“Acho que também nos vai dando uma abertura maior, uma flexibilidade maior no campo para escolher...”</p> <p>“...no sentido de estamos a pensar bem (risos)... se bem que não há aqui o certo, porque há varias formas de ver, mas é bom...”</p>	“apontava alguns caminhos, outra trajetória possível de percorrer com esse paciente...”	“e isso a supervisão também ajudou a perceber quais os autores que fazem mais sentido e que tipo de abordagens é que me fazem mais sentido.”
A Relação e as Relações de sentido	O que eu destaco mesmo da existencial é este lado mais relacional. Acho que fui tendo uma maior consciência de analisar não só o caso em si com os estudos de caso, mas as implicações relacionais, como é que eu estou na relação, as dificuldades que sinto...	“como é que nós estamos com aquela pessoa...e...como é que nós com as nossas coisas estamos e nos relacionamos com o paciente... onde é que...numa relação de ajuda...”	<p>“mas aquilo que em supervisão é mais visível, é mesmo a relação entre mim e o cliente, a pessoa que está comigo, e também entre mim e as minhas próprias coisas e acho que a supervisão ajuda a ver esses lados todos.”</p> <p>“... é importante, a relação com a pessoa, a relação que a pessoa tem com ela</p>

			própria e com os outros, a forma como a pessoa olha para ela, a forma como a pessoa olha para a terapia, como olha para o terapeuta, a forma como o terapeuta olha para ele próprio, ou seja, é tudo!!
Autoconfiança	<p>“...mas há um respeito muito grande e isso também nos dá segurança e dá-nos a capacidade de confiar em nós, de nos valorizar também .”</p>	<p>“... a ajuda de alguém mais experiente, que tenha conhecimento dos autores e da literatura existencialque possa fazer o enquadramento também do que é a pessoa....e isso dá...dá-nos até outra confiança, aquilo que eu sinto é outra confiança...”</p> <p>“a pessoa vai evoluindo enquanto terapeuta vai percebendo que as coisas vão muito da relação e... não somos só nós...”</p>	<p>“onde é que eu estou confortável e perceber que quando eu estou confortável, quando estou em terapia com a pessoa e estou confortável, e estou segura daquilo que estou a fazer, a terapia, a terapia é muito mais rica,”</p>
Suporte	<p>ahh Porque tem a ver com a nossa abordagem, porque não há um certo, há muito um sentimento de acolhimento... há sempre um acolher...mesmo desde o início...”</p> <p>“...quando estamos em terapia, estamos sozinhos, mas sabemos que temos</p>	<p>“eu sempre encarei a supervisão como um momento oportuno para ...para eu poder preparar melhor o acto terapêutico”</p> <p>“de facto a supervisão, ninguém está ali a julgar ninguém, é natural que todos nós tenhamos dúvidas, e angústias em relação aos casos</p>	<p>“...e isto ajudou também, a mim e aos colegas, que eu lembro mesmo na altura de ter dito mesmo :“ <i>isto para nós é tão diferente de sentir que temos um supervisor que também é tão humano quanto</i></p>

	<p>aquele espaço, que se surgir algo mais complexo ou se tivermos mais perdidos, também temos mais...em que temos esse espaço em que podemos partilhar, não estamos sozinhos e...”</p> <p>“e pensando assim, se este tempo todo estivesse estado sozinha sem supervisão no meu consultório...acho que o que isto permite é um enriquecimento e um alargamento...que sozinha teria sido muito mais difícil...”¹</p>	<p>que acompanhamos, e a supervisão é no fundo para isso, para uma pessoa poder ... trazer essas angústias , essas dúvidas e sair de lá mais clarificado... mais confortável até com o caso...”</p> <p>“de algum modo , até de consciência tranquila comigo próprio, de que estou a fazer aquilo que posso e que sei da melhor forma, se não tiver a ajuda também de quem saiba e de quem tenha mais experiência que eu para me poder dar aqui uma mão neste processo...”</p>	<p><i>nós”...”</i></p> <p>Não tem aquela postura só de pessoa experiente...e acho que isso também ajuda muito poder partilhar isso com o supervisor</p>
<p>Ferramenta de trabalho - impacto na terapia</p>	<p>“ ...refletirmos sobre os casos...e... dá uma mais-valia nesse sentido...que acresce mesmo para a prática”</p> <p>“...mas para mim foi logo claro a mais-valia de perceber o que é...estamos a falar em supervisão, ou seja faz-nos alertar para as coisas</p> <p>“</p>	<p>“eu sempre encarei a supervisão como um momento oportuno para ...para eu poder preparar melhor o acto terapêutico “</p> <p>“ tenho a certeza que qualquer paciente poderá beneficiar disso mesmo”</p> <p>“ é difícil conceber fazer terapia sem fazer supervisão, especialmente para mim, que me estou a formar enquanto psicoterapeuta,”</p> <p>“ Considero que a supervisão tem sido extremamente útil, extremamente importante para mim enquanto terapeuta.... E pronto!</p>	<p>“ considero, que tem sido benéfico para a minha pratica clinica, até porque eu agora já não estou na sociedade a fazer o curso mas continuo a sentir necessidade e ter supervisão no modelo F.E”</p> <p>“é muito importante e ajuda imenso a repensar e a reflectir sobre os casos e é uma das mais-valias”</p> <p>“ porque eu sei que assim também vou ajudar a pessoa que está à minha frente a crescer também...”</p>

Seguidamente, ilustraremos na figura 1 a esquematização das relações entre os Constituintes Essenciais presentes na Estrutura Geral de Significados na Experiência de Supervisão no modelo existencial para P1, P2 e P3. Importa referir que os dez constituintes surgem distribuídos em dois grandes grupos (as características sentidas e vivenciadas pelo supervisando como ímpares neste modelo de supervisão assim como aquilo que o supervisando retira como um benefício do modelo de supervisão), aparentemente distintos mas interligados entre si através das dimensões Processos Reflexivos e Relação/ Relações de sentido, que pela sua força colocam em movimento toda a dinâmica da experiência de supervisão, sofrendo múltiplas influências e confluindo para a conceção de *Supervisão* como ferramenta fundamental de trabalho de impacto na terapia com o cliente.

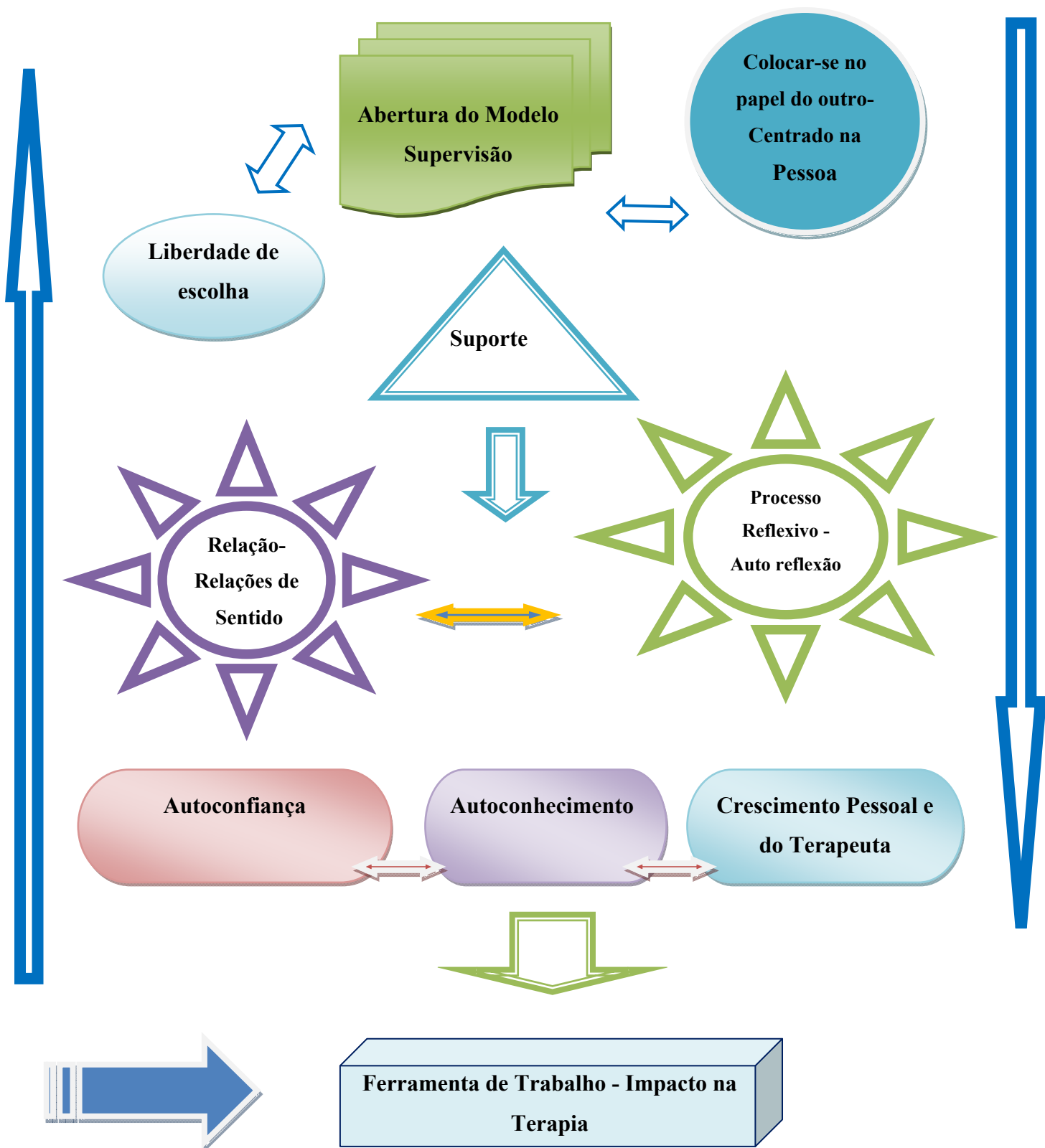


Figura 1: Relação dos Constituintes Essenciais da Experiência de Supervisão na Abordagem Existencial

4.2 ANÁLISE PÓS-ESTRUTURAL

A identificação dos constituintes essenciais que derivaram da análise dos dados permitiu uma forte evidência sobre temas centrais que correspondem a significados expressos de forma constante e de grande relevância para os supervisandos. Estes constituintes correspondem a fenômenos elementares constituintes do todo, isto é, da experiência global na perspectiva do supervisando relativamente ao processo de supervisão no modelo existencial. Nesta fase, é-nos possível fazer a leitura de forma sumária das experiências vividas tal como foram descritas pelos sujeitos. As representações dos supervisandos traduzem aspetos com os quais se fizeram apresentar, relacionados entre si e organizando as experiências vividas em toda a sua complexidade inerente atendendo à subjetividade e intersubjetividade de cada interveniente.

Vamos então analisar como cada constituinte está presente na origem desta experiência da tomada de consciência da experiência de supervisão.

- **Autoconhecimento**

P1 relata que a supervisão lhe proporcionou um sentimento de maior tomada de consciência de si, permitindo-lhe contactar com o seu mundo interno. Recorda um exemplo na sua experiência de supervisão, relacionado com a sua relação com as crianças em terapia, (e.g.: P1 constata a sua incapacidade em impor limites às crianças, este confronto com esta problemática, fez ecoar nela a reflexão sobre os seus sentimentos de insegurança), e por conseguinte aprender mais sobre si e o porquê do seu modo de estar em relação. P1 relata ter tido insights, sobre os seus casos e acerca de si, por *exemplo*, quando refere compreender agora melhor o significado do estabelecimento de algumas empatias ou “antipatias” estabelecidas com os seus clientes.

“... Esta sessão foi mesmo complicada, e...o que no fundo eu estou a trabalhar muitas coisas em mim, ou seja...é ter consciência disto.”

No caso de P2, expõe que a supervisão lhe permitiu aprender a lidar melhor com as suas questões e as suas angústias, P2 partilha que no início da supervisão sentia inquietação por não saber se estava a ir pelo caminho mais adequado com o cliente, presença forte no receio de errar, diz ter sentido alguma frustração por não conseguir fazer melhor e mais depressa com o cliente. No final do processo de supervisão P2 partilha que

sentiu ter aprendido a lidar com as suas inquietações, e estar mais focado no cliente e no *timing* da relação, sentiu-se imbuído de um maior conhecimento de si, o que lhe permitiu estar mais disponível para o outro

“... em supervisão é poder também fazer uma espécie de análise em nós próprios... Aaaaaah... como é que nós estamos com aquela pessoa...e...como é que nós com as nossas coisas estamos e nos relacionamos com o paciente”

Por fim, P3 descreve a importância da supervisão na reflexão analítica de si, na reflexão da relação entre si e as suas próprias coisas, sentindo-se várias vezes desafiada a pensar-se, antes de pensar no caso em si, segundo P3, parece que em supervisão existe também um aceder a conteúdos mais profundos de si, em primeira análise.

“ e isso ajuda-nos também em supervisão, a pensar não no processo terapêutico da pessoa mas também com nós próprios...dá-nos um auto conhecimento”.

- **Crescimento enquanto pessoa e terapeuta**

P1 refere com frequência durante a entrevista, a importância da partilha entre pares dentro e fora da supervisão (também em intervenção) e com os diferentes supervisores no percurso da sua formação na SPPE, sente-a como uma experiência enriquecedora no ponto de vista pessoal e do ponto de vista do conhecimento adquirido enquanto terapeuta, manifesta sentimentos positivos de crescimento nos dois sentidos.

“... a questão da supervisão é algo que mexe, não dá para nós irmos e estarmos só na perspetiva profissional, exige e mexe muito connosco, questões pessoais... e depois o saldo é mesmo o enriquecimento, transformativo até”

P2 relata a supervisão como um apropriar do que é um pouco o olhar do supervisor sobre os casos que vão sendo trazidos em supervisão, pela partilha dos conteúdos do ponto de vista teórico e da prática clínica, pelo supervisor, parece significar para ele, além da orientação sentida na supervisão, o sentimento de um crescimento enquanto terapeuta e também um crescimento pessoal, no amadurecimento sobre o seu modo de estar em terapia.

“...e a supervisão também nos ajuda muito a olhar para esse processo também de uma forma se calhar mais clara mais lúcida, mais...mais total até muitas vezes, mais completa no fundo...”

“para mim é ótimo poder ter a supervisão e, tomara eu poder apresentar casos todas as semanas...”

Por fim, P3 relata que a supervisão lhe abre portas, questionando-se, desafiando-se, conhecendo-se, tornando-se mais sensível aos sinais e às suas dúvidas, sente-se crescer enquanto pessoa, mas também ao dizer que sente que a supervisão desbloqueia situações e lhe abre oportunidades, fá-la sentir-se melhor terapeuta, crescendo como terapeuta.

“... porque em supervisão acabo não só por aprender com os meus casos mas também quando os colegas apresentam casos, também aprendo com isso, portanto, acho que não é só uma mais-valia a partilha mas também as experiências dos casos.”

“...e isso também me ajuda a abrir um pouco os horizontes e a conhecer-me enquanto terapeuta...”

- **Processo reflexivo e de autorreflexão**

P1 vai partilhando ao longo da entrevista a sua experiência de supervisão no modelo existencial, referindo-se a ela com o foco central na reflexão sobre a *Pessoa* (e.g. supervisando e cliente). Conta ter sentido muito presente neste modelo o trabalho de reflexão sobre os casos (interpretação/ compreensão) nas experiências partilhadas, como também no trabalho de auto reflexão do supervisando. Refere ter sentido forte impacto em si, na elaboração das suas próprias questões enquanto supervisando.

“...e vamos apercebendo-nos na supervisão, que estamos a trabalhar o caso, mas também estamos a trabalhar coisas nossas, toca em aspetos muito nossos, ou seja, mesmo os supervisores que nos vão conhecendo, questionam, porque é que está a ser tão difícil com esta pessoa neste momento, e em vez de estarmos a pensar só no caso estamos a voltar as coisas para dentro e para nós. O que é que surge, e o que é que sentimos.”

P2, expõe sentir a supervisão como um espaço para a auto análise, parece dizer que é um espaço privilegiado para a auto reflexão e o autoquestionamento, referindo-o como um denominador comum em toda a sua experiência de supervisão (a reflexão sobre os casos e a sua ligação na reflexão com os conceitos teóricos das filosofias).

“...mas em regra também é um momento de reflexão, é um momento privilegiado de reflexão sobre o caso...poder refletir”

Quando P3 diz que em supervisão está em contacto com as suas coisas, e quando conta: *“se calhar tenho que trabalhar mais isto sobre mim”*, significa que se propõe refletir mais sobre si, assim como, quando manifesta forte vontade de fazer mais pelo outro em terapia, procurando conhecer mais sobre os autores, mais suporte teórico para dar corpo

à discussão em supervisão com o supervisor, para dar resposta à questão que se coloca, “*o que posso fazer pelo outro em terapia*”, significa também a presença constante de um complexo processo de reflexão.

- **Abertura do modelo**

P1 relata que este modelo é caracterizado pela abertura, aberto à discussão, aberto à partilha de diferentes olhares pelo supervisor e pelos supervisandos, mesmo quando os casos não são seus, é possível partilhar ideias, fazer *brainstorming*, todos participam e são escutados.

“ lá está , a existencial permite essa abertura, não é estanque...lá está, na experiência que falei anterior de supervisão individual que fiz, as questões eram mais focadas”

P2 menciona abertura e dinamismo do modelo, refere-se à prática da “*supervisão num contexto de intervenção*”, reporta-se ao envolvimento de todas as partes no processo de uma forma aberta, trazendo outras visões e outras perspetivas para os casos expostos, outras formas de analisar.

“...acaba por ser também rico, não estamos apenas numa relação com o supervisor em que está apenas uma pessoa a olhar para aquilo que nós trazemos, mas estão várias pessoas também a ouvir e a olhar para o caso... a ouvir e a refletir sobre o caso...e que acaba por enriquecer o caso e os presentes”

P3 entende a abertura do modelo da mesma forma que os seus colegas, pela partilha dos vários olhares de diferentes supervisores e supervisandos, num modelo que é aberto à partilha e à construção em conjunto, não se sentindo delimitada nem interdita na supervisão, neste modelo, P3 considera que todos os contributos são válidos.

“há tantos terapeutas como há diferentes maneiras de estar em terapia”

- **Colocar-se no papel do outro – Centrado na Pessoa**

P1 Refere que este modelo de supervisão é muito centrado na pessoa, faz o exercício constante de aceder ao que é do outro, como se sente nesse papel, assim como qual a ressonância que isso exerce no supervisando. P1 durante a entrevista conta um exemplo de uma técnica usada nas sessões, a técnica de Bugental ¹, ela faz de paciente e um supervisando faz de terapeuta, esta troca de papéis fê-la experienciar algo muito intenso, que ela diz ter sentido como uma angústia que considera possível ser a angústia do seu cliente, aconteceu no decorrer de um exercício de treino muito usado em supervisão. Refere ter-se sentido no papel do outro, como se acesse ao mundo interno do cliente.

“ ... e lembro de uma qualquer questão que o meu colega me colocou e eu ter sentido uma angústia muito grande ...é quase como se eu acedesse, se calhar o meu paciente sente isto também...”

P2 considera esta dimensão muito presente na sua experiência de supervisão, ao referir, *“se eu tiver uma noção do que o outro está a sentir”* colocando-se no seu papel, ele parece querer dizer que assim consegue compreender melhor o outro.

“ eu aprecio...e ajuda-me até a perceber melhor a pessoa, se eu tiver uma noção como é que a própria se esta a sentir...”

P3 partilha que com esta experiência neste modelo de supervisão consegue entender melhor a outra parte, acendendo ao seu sentir, menciona ter mais sensibilidade para detetar as pequenas ruturas na relação, mostrando a importância para si de se colocar no papel do outro, no sentido de ter a perspicácia para interpretar e cuidar as fragilidades da relação.

“... capacidade de nós estarmos atentos à pessoa e perceber o que é que vai funcionar e o que é que não vai funcionar com aquela pessoa”

“... aprendendo com a supervisão, que... na terapia vão sempre havendo micro ruturas, e que nós temos que estar atentos para essas micro ruturas”

- **Suporte**

Na experiência de P1, a supervisão é sentida com uma forte presença na validação e escuta do outro, inclusive na apresentação de casos. P1 diz que a relação supervisionando – supervisor, foi sentida por si de forma equilibrada, sentiu acolhimento das suas dúvidas e angústias, sem nunca perder de vista o estatuto e a posição privilegiada do supervisor do ponto de vista da sua mestria e conhecimento.

“ahh Porque tem a ver com a nossa abordagem, porque não há um certo, há muito um sentimento de acolhimento... há sempre um acolher...mesmo desde o início...”

P2 parece revelar um sentimento de suporte quando refere que aquele espaço de supervisão serve para esclarecer dúvidas e angústias dos supervisandos nas resoluções dos casos, mencionando também não haver lugar a julgamentos permitindo-lhe sentir-se confortável e seguro na partilha de conhecimentos teóricos e práticos.

¹ Bugental (1993) propôs uma prática de supervisão em que a descrição verbal é muito curta e no início da supervisão, seguida do role play. O terapeuta (supervisando) faz de cliente e diz sentir em certo momento uma experiência de Meld, sentindo a incorporação da experiência do outro (cliente), que o supervisando traz sobre ele, que só acontece quando ele se deixa ir, fala e age como se fosse o cliente.

“...de facto a supervisão, ninguém está ali a julgar ninguém, é natural que todos nós tenhamos dúvidas e angústias em relação aos casos que acompanhamos, e a supervisão é no fundo para isso, para uma pessoa poder ... trazer essas angústias, essas dúvidas e sair de lá mais clarificado... mais confortável até com o caso...”

P3 refere sentir-se apoiada na supervisão ao nível da partilha da experiência teórica e prática, mas também no suporte humano, quando relatou uma experiência vivida em supervisão de “reconforto e compreensão”, na partilha de dúvidas também sentidas pelo supervisor em terapia. O facto do supervisor se colocar-se ao nível dos supervisandos, na revelação das suas dúvidas, foi sentido por ela como um incentivo/apoio muito importante.

“...e isto ajudou também, a mim e aos colegas, que eu lembro mesmo na altura de ter dito mesmo : isto para nós é tão diferente de sentir que temos um supervisor que também é tão humano quanto nós...”

- **Liberdade de escolha no modelo**

P1 sentiu necessidade de partilhar uma experiência vivida em supervisão, na forma como esta serviu em concreto para a ajudar a desbloquear alguns casos, referindo-se à postura (livre do supervisor no modelo) para ilustrar esse sentimento, conta como este supervisor com bases teóricas anteriores, diferentes da existencial, partilhou com os supervisandos, que sempre que considerava necessário recorria a essas bases teóricas, desde que se sentisse confortável com as suas escolhas dentro do atual modelo existencial. P1 concordou também ela, sentir esta liberdade de escolha neste modelo de supervisão. Exemplificando desta forma, como ela considera que este modelo é livre na escolha dos caminhos. A liberdade de se poder escolher em consciência, para obter uma análise mais completa do caso, olhando sob diferentes prismas, sem constrangimentos.

“...vamos experimentando as coisas...”, “ Acho que também nos vai dando uma abertura maior, uma flexibilidade maior no campo para escolher...”, “... também nunca temos as respostas certas, isso é um processo que vai acontecendo...”

P2 descreve que nesta supervisão sentiu a liberdade de poder escolher o seu modelo de intervenção, o seu trajeto com o cliente de acordo com o seu sentir.

“... apontava alguns caminhos, outra trajetória possível de percorrer com esse paciente...”

P3 parece referir-se à liberdade de escolha neste modelo de supervisão, quando diz que na supervisão não se apontam caminhos certos em terapia e é-lhes dada a oportunidade de

escolher e experimentar coisas diferentes e testar se fazem sentido e se as podem integrar no modelo, ou se as abandonam, deixando as coisas fluir livremente, e assim “ *ajudar a pessoa a olhar para as coisas de uma outra maneira...* ”.

“... e isso a supervisão também ajudou a perceber quais os autores que fazem mais sentido e que tipo de abordagens é que me fazem mais sentido.”

- **A Relação e as relações de sentido**

P1 identifica a relação e o seu modo de estar em relação e o respetivo impacto que tem no outro como uma peça fundamental neste modelo de supervisão.

“O que eu destaco mesmo da existencial é este lado mais relacional. Acho que fui tendo uma maior consciência de analisar não só o caso em si com os estudos de caso, mas as implicações relacionais, como é que eu estou na relação, as dificuldades que sinto...”

Da mesma, forma P2 dá um grande relevo à relação, na forma como está com o cliente em relação, e como está com as suas próprias coisas, e como é que numa relação de ajuda que é a terapia, ele se posiciona. Considera que este modelo de supervisão trabalha muito este aspeto.

“como é que nós estamos com aquela pessoa...e...como é que nós com as nossas coisas estamos e nos relacionamos com o paciente... onde é que...numa relação de ajuda...”

Por fim, também P3 profere como uma dimensão fundamental neste modelo de supervisão a relação nas suas várias aceções, entre elas, a relação terapeuta - paciente e a relação da pessoa com ela própria e com os outros.

“... aquilo que em supervisão é mais visível, é mesmo a relação entre mim e o cliente, a pessoa que está comigo, e também entre mim e as minhas próprias coisas e acho que a supervisão ajuda a ver esses lados todos.”

- **Autoconfiança**

P1 relata que neste modelo há um respeito pelo outro muito grande que lhe dá confiança e segurança nas suas intervenções. Partilha um exemplo da sua prática clínica onde refere que a sua mudança de atitude, face ao conhecimento de si, lhe gerou sentimentos de crescimento, autoconfiança e determinação.

“...e dá-nos a capacidade de confiar em nós, de nos valorizar também .”

P2 relata que ao longo do processo de supervisão tem aprendido muito com os supervisores quer experienciando situações novas nos casos trabalhados, como na visão de

outros autores, que lhe dão um enquadramento da visão existencial do indivíduo, e lhe proporcionam mais sabedoria. P2 refere que estas partilhas o fazem sentir mais seguro e com mais confiança.

“... a ajuda de alguém mais experiente, que tenha conhecimento dos autores e da literatura existencialque possa fazer o enquadramento também do que é a pessoa....e isso dá...dá-nos até outra confiança, aquilo que eu sinto é outra confiança...”

P3 relata que o processo de supervisão a foi “*empoderando*” lentamente, com mais conhecimentos e experiências, essa vivência fê-la sentir uma grande evolução face à fase inicial de supervisão na SPPE, sentiu que encontrou o seu lugar dentro do modelo e por sua vez, partilha que se sente mais segura de si e mais confiante, mais capaz de fazer mais e melhor pelo cliente. Experiencia crescente autoconfiança.

“... é perceber onde é que eu estou confortável e perceber que quando eu estou confortável, quando estou em terapia com a pessoa e estou confortável , e estou segura daquilo que estou a fazer”

- **Ferramenta de trabalho - impacto na terapia.**

P1 expõe várias vezes ao longo da entrevista a mais-valia percebida na supervisão (partilha de olhares e discussão acedendo a outras visões) enquanto instrumento de trabalho na sua prática clínica, conta que se sente desafiada na tomada de consciência de si e do outro, ajudando-a a compreender melhor o cliente e os seus sinais, tornando a terapia mais rica, exercendo impacto sobre a prática clínica.

“ ...refletirmos sobre os casos...e... dá uma mais-valia nesse sentido...que cresce mesmo para a prática”

P2 expõe que a supervisão é uma oportunidade para crescer enquanto terapeuta, não concebe fazer psicoterapia sem ter supervisão por trás, considera que é uma oportunidade para preparar melhor a sua terapia com o cliente. É para si um instrumento de trabalho muito valioso.

“eu sempre encarei a supervisão como um momento oportuno para ...para eu poder preparar melhor o ato terapêutico “

Por fim, P3 diz sentir que a supervisão é um instrumento fundamental na profissão de psicoterapeuta, conta que no presente, já depois de ter terminado a sua formação na SPPE, considera importante continuar a tê-la, relatando que sente que com a supervisão existe a possibilidade de questionar, de se conhecer mais, crescendo com isso. Para P3 é um

processo que beneficia as duas partes intervenientes na relação, proporcionando avanços na terapia com o cliente.

“ considero, que tem sido benéfico para a minha pratica clinica, até porque eu agora já não estou na sociedade a fazer o curso mas continuo a sentir necessidade e ter supervisão no modelo F.E”

“ ... porque eu sei que assim também vou ajudar a pessoa que está à minha frente a crescer também...”

5. DISCUSSÃO

O presente estudo, cuja análise investigada à luz do método fenomenológico existencial pretendeu analisar a experiência de supervisão pelos supervisandos na SPPE. Procura-se neste capítulo encontrar os pontos congruentes ou não com a literatura pesquisada, sobre o mesmo tema nos modelos de supervisão existentes. Objetivando uma melhor compreensão da vivência dos supervisandos no modelo existencial, pese embora, a pesquisa efetuada e refletida na revisão de literatura denote a existência de um número limitado de estudos no modelo existencial.

Na presente investigação partiu-se de uma questão central e aberta, aplicada aos três participantes, -“*Como descreveria a vivência do seu processo de supervisão no modelo existencial, que pontos gostaria de salientar*”, a qual serviu de *motor de arranque* das entrevistas nesta investigação. Em resultado, surgiram vários conceitos chaves, comuns a todos os participantes assim como alguns que apenas se verificaram em dois participantes, mas que também aqui serão analisados pela pertinência e força da repetição nas descrições dos supervisandos, refletidas de acordo com a literatura existente

Início esta discussão com a abordagem de experiências vivenciadas de forma muito intensa por dois supervisandos, no que concerne à *insegurança* e *ansiedade* sentidas na fase inicial da supervisão e descritas no “*medo de errar*” e no receio do julgamento na avaliação pelos pares e pelo supervisor. Este aspeto da insegurança, vem corroborar os resultados encontrados na literatura, Watkins (2014) refere o estado de incongruência educacional, responsável por experienciar sentimentos de ansiedade e vulnerabilidade acerca do processo de aprendizagem da psicoterapia. Também Thériault & Gazzola (2006) encontram nos seus estudos, a associação com os sentimentos de incompetência sentidos pelos psicoterapeutas em treino como uma parte contínua e integral da experiência terapêutica originando com frequência elevados níveis de *distress* nos supervisandos. Por outro lado, apresentamos a sugestão dada pelos supervisandos deste estudo, face à necessidade por eles descrita de forma tenaz, num maior enquadramento teórico e de uma melhor conceptualização dos casos clínicos em supervisão, correspondendo nas suas óticas a uma lacuna que gostariam de ver suprir neste modelo de supervisão. Esta temática corrobora com a literatura, no estudo de Jacobsen & Taangaard (2009), ondem aludem que os terapeutas em formação preferem a supervisão com sessões estruturadas, com aconselhamento claro e indicações específicas no modo de procedimento, assim como

maior incidência nas explicações teóricas. Falender & Shafranske (2014) também abordam a complexidade que é o processo de supervisão, na medida em que expõem que há supervisandos que valorizam mais os aspetos da relação mais colaborante (e.g.: *P1* e *P3*), ou mais hierarquizada (e.g.: *P2*), outros valorizam mais os conhecimentos teóricos transmitidos (e.g.: *P1*, *P2* e *P3*), outros ainda, apreciam mais a avaliação de resultados, etc. Fechado que está este tema, passamos em seguida, a analisar o resultado final deste estudo, reunido nos constituintes chaves encontrados nesta investigação.

Da análise do estudo, apresentam-se destacadas três dimensões valorizadas pelos supervisandos no curso da experiência de supervisão, constituindo-se como o *empowerment* imprescindível ao desenvolvimento da sua prática clínica, são elas, o **autoconhecimento**, a **autoconfiança** e o sentimento de **crescimento pessoal e crescimento enquanto terapeuta**, surgindo na tomada de consciência de si enquanto ser no mundo em relação com os outros e consigo próprio, em resultado dos processos de reflexão e da auto análise, num permanente desafio de auto questionamento, completado pela troca de conhecimentos teóricos e práticos. O conceito do autoconhecimento vem corroborar com as pesquisas na literatura, Wheeler & Richards (2007), falam da importância referida no intercâmbio estabelecido na relação entre supervisor e supervisando e na influência exercida sobre o supervisando, proporcionando crescimento e desenvolvimento, sobretudo nas áreas relacionadas com a autoconsciência do terapeuta, nas suas habilidades, na autoeficácia, na orientação teórica, entre outras.

Rehfeld (2004), no campo da fenomenologia confere ao trabalho de treino da psicoterapia um compromisso com a compreensão sobre si como ser humano, conjuntamente com o conhecimento das condições humanas. Também os autores Sodelli & Sodelli-Teodoro (2010), partilham no seu estudo, a importância de pensar a Psicoterapia a partir da perspectiva Fenomenológica-Existencial exigindo um questionamento sobre a compreensão do que é o “ser”, onde o próprio terapeuta não é excluído. Para Farber (2010), o tema do auto conhecimento é referenciado no relato da supervisão de psicoterapia no modelo existencial, como um facilitador da consciência através da experiência na exploração da pessoa do psicoterapeuta, potenciando as habilidades do supervisando como agente de mudança no cliente. No que concerne à auto confiança adquirida na supervisão, descrita pelos supervisandos no respeito sentido no processo, na forma como as suas questões e ideias são escutadas permitindo experienciar sentimentos de maior à vontade e segurança no modelo e na terapia com o cliente, vem corroborar com

Deuzen & Young (2009), na forma como a relação de supervisão estimula e apela à criatividade dos supervisandos, ajudando-os a ganhar sentimentos de auto confiança e de valorização pessoal. Também Wheeler & Richards (2007) relatam a supervisão como catalisador no aumento dos sentimentos de confiança assim como na experiência dos supervisandos.

Em resultado deste estudo, importa aprofundar sobre a dimensão Crescimento Enquanto Pessoa e Enquanto Terapeuta, expressa nas descrições de vivência de sentimentos de maior competência adquiridos no acréscimo de conhecimentos teóricos e práticos e na maior disponibilidade e aceitação do outro. Este conceito vem corroborar com as pesquisas encontradas na literatura, quando Falender & Shafranske (2014), referem a supervisão como um instrumento que confere competências aos supervisandos, sobrevalorizando claramente os conhecimentos, as habilidades e os valores formados na construção de uma melhor competência clínica. Também para os autores, Geller, Farber & Schaffer (2010), revelam a influência da supervisão nos supervisandos, no modo como estes tendem a evocar as representações dos seus supervisores nas palavras escutadas. Os supervisandos no decorrer do processo de supervisão vão *encorpando* o modelo e por sua vez, adotando lentamente o seu próprio estilo enquanto terapeuta, num processo de crescimento.

Nesta investigação são encontrados dois constituintes essenciais na vivência de supervisão existencial, distinguindo-se dos anteriores, por constituírem a chave que aciona a marcha do próprio modelo de supervisão e onde toda a prática fenomenológica parece assentar, são eles os **Processos reflexivos - autoreflexão** e a **Relação - relações de sentido**. Estes resultados parecem corroborar com Farber (2010), quando nos fala desta questão referindo-se à reflexão como uma competência fundamental e funcional da prática reflexiva no desenvolvimento e treino da psicoterapia existencial. Também Plock (2009), salienta a ideia sobre a importância no modelo existencial da exploração e reflexão sem imposições, nem restrições, dos vários modos de Estar/Ser em Relação. Outros autores Lessa & Sá (2006), expressam a importância da relação terapêutica e o “ser no mundo com o outro”, antevendo uma dimensão intrínseca da compreensão e reflexão que temos do outro, assim como do nosso modo de “*ser com o outro*” presente na relação terapêutica e em qualquer outra forma de relacionamento, quer seja terapêutica, de supervisão ou outra. Da mesma forma Plock (2006; 2009), encontra na relação a sua centralidade na terapia fenomenológica existencial, tomando a relação como o seu principal foco, qualquer que

seja o local onde esta esteja presente (e.g: em psicoterapia ou no seu treino). Reforçando o seu cerne nas suas várias apresentações no “Estar” em relação e cooperação, nas descrições dos supervisandos da experiência de “Ser em Relação” com os clientes, como também na experiência sentida no espaço da supervisão pelo supervisor e supervisando, numa exploração constante. O autor acrescenta a importância da conceptualização da aliança de supervisão vista numa tríade indecomponível, cliente-terapeuta-supervisor, assente na construção da qualidade da relação que o supervisando consegue facultar ao seu cliente e no espaço comum de encontro que ambos são capazes de traçar em relação. Farber, (2010), vem revalidar o descrito anteriormente, na importância conferida à relação e à intervenção como uma competência fundamental no desenvolvimento da psicoterapia existencial. Por sua vez, também Deurzen & Young (2009), conferem a importância da relação no sentido em que a performance obtida em supervisão é melhor quando o estabelecimento da relação entre supervisores e supervisandos é genuína pelo desafio gerado e pelo estabelecimento de feedbacks, que idealmente nas suas palavras, não deverão ser hostis nem inócuos, para potenciar um maior envolvimento do supervisando. Também Pagdin (2013) na sua investigação, vem confirmar a força desta dimensão na supervisão existencial, remetendo-a continuamente à experiência de estar no mundo com o cliente, com o supervisando e com o supervisor, todos eles em permanente relação e inter-relação e as suas envolventes contextuais. Por último, Watkins, (2013) vem relacionar nos seus estudos, a fraca aliança na relação de supervisão com um estilo de vinculação evitante no supervisando e a correspondente associação com os níveis de *distress* causados, falamos com isto, da importância que para si ocupa a construção da relação em supervisão e a sua tradução no processo construtivo, sólido e de engrandecimento que deve constituir a supervisão.

Desta investigação evidenciou-se a importância atribuída pelos supervisandos à vivência desta experiência de supervisão, na classificação do próprio modelo de supervisão com atributos intrínsecos à sua essência e ao *modus-operandi* do modelo fenomenológico existencial e à sua conexão com as filosofias da existência. Relatado por eles como um modelo *especial*, mais Humano - centrado na Pessoa, aberto a diferentes olhares e perspectivas, que lhes facultou a vivência de experiências de supervisão distintas, comparativamente com outros modelos de supervisão por eles experimentados anteriormente, onde não há “receitas” pré-definidas, pré-conceitos ou apriorismos. Na literatura encontramos referência ao que aqui foi exposto, no trabalho de Deurzen (1998) e

Deurzen & Young (2009), quando se referem a este método como aquele que melhor estuda a interação humana, tal como é a supervisão, por disponibilizar e capacitar os supervisandos para uma múltipla abertura de significados e chamar a si a verdadeira relação com a essência do fenómeno. Desta análise, resultaram quatro dimensões associadas entre si e defendidas consensualmente pelos supervisandos, são elas, a **Abertura do modelo**, **Colocar-se no papel do outro (centrado na pessoa)**, a **Liberdade de escolha no modelo de supervisão** e o **Suporte**. De acordo com a literatura, podemos identificar a presença e consonância destes conceitos em vários estudos. Jacobsen & Taangaard, (2009), refletem sobre a não existência de uma “*fórmula única*” em supervisão, para assegurar uma boa experiência ao supervisando. O supervisor deve atender às necessidades idiossincráticas de cada supervisando. Também Adams (2002), expressou a importância do encorajamento a uma postura aberta em supervisão para o que possa surgir na relação terapêutica ou de supervisão, sem apriorismos ou pré-conceitos. Os autores Deurzen & Young, (2009), comparam a supervisão com a postura de “*Estar no Mundo*” como seres humanos que vivem em relação com os outros e com o mundo, mostrando a importância do diálogo, com a tónica posta na escuta e na atenção plena no sentir dos supervisandos, mostrando uma posição de total abertura e respeito pelo outro. Também Geller, Farber & Schaffer (2010), apresentam concordância com os resultados, defendendo que nenhuma das teorias ou modelos é detentora das visões ou perspectivas como uma “*verdade absoluta*”, tornando-se por esse facto, imperativo a procura de abordagens holísticas e ecléticas na condução das suas terapias, alargando a sua visão acerca das teorias ou modelos e posicionando-se de forma mais aberta.

Nesta investigação, foi encontrado indubitável consenso entre os inquiridos na caracterização desta experiência de supervisão existencial como um modelo diferente de reflexão e compreensão do homem, enquanto *Homem Total*, no seu modo de estar / ser no mundo, com uma abordagem focada na pessoa, colocando-se no seu lugar. Esta exposição parece corroborar com o que Plock (2009), encontrou no modelo de supervisão existencial, quando diz que este modelo pretende libertar o supervisor da “tentação” de instruir o terapeuta sobre como “curar” o cliente, como refere acontecer noutros modelos de aprendizagem (*e.g. psicanalista*) mas sim, dar-lhe espaço para ele refletir e decidir livremente, colocando-se no seu lugar. Também Ximenes, (2009), reconheceu esta temática, na sua alusão à autenticidade do terapeuta enquanto ser de angústia, tao humano quanto o paciente e quanto o homem que está à sua frente, colocando-se no seu papel e ao

seu nível. O autor reforça a importância de estar atento ao movimento que acontece no encontro de subjetividades e no modo como a relação se vai estabelecendo. A tônica é posta no papel da relação entre quem fala e quem escuta, permitindo o contacto com a dimensão fenomenológica da experiência, e por sua vez, no maior acesso à compreensão dos significados internos atribuídos pelo sujeito. Por outro lado, a liberdade de escolha sentida neste modelo de supervisão pelos supervisandos, surge também como um atributo particular deste modelo, expressando o seu expoente máximo na possibilidade de se poder escolher livremente nas terapias a seguir com o cliente de acordo com o que lhe aparece à consciência, na escolha dos caminhos de acordo com o seu sentir e identificação no modelo. O que aqui se expõe vem corroborar com a literatura, Deurzen & Young (2009), frisam a particularidade da supervisão existencial, com base no *indivíduo*, na sua *liberdade* e no seu pensamento original. Por sua vez, também Sapyta, Riemer & Bickman (2005), referem que a supervisão toma o caminho que os supervisandos solicitam de acordo com aquilo que sentem ser a suas necessidades em função do *feedback* que vão recebendo dos seus clientes, parecendo significar a volatilidade que a supervisão apresenta, guiada de forma livre, não obedecendo a um esquema rígido de *guidelines* pré-estabelecidos mas sim, adaptado às necessidades dos supervisandos que surgem no curso da supervisão, em harmonia consigo e com o cliente, adaptado à sua forma de estar em terapia.

Neste trabalho, aparece outra dimensão fortemente expressa pelos supervisandos, no suporte experienciado neste modelo de supervisão, interligando-se com múltiplas dimensões. Manifestado no apoio teórico, na compreensão pelo supervisor como gerador de sentimentos de confiança, no esclarecimento de dúvidas, na diminuição de angústias, etc. O apuramento desta dimensão foi facilmente identificada na literatura, nos trabalhos de vários autores, entre eles, Jacobsen & Tanggaard (2009), no seu estudo sobre uma boa experiência de supervisão para os supervisandos, onde relatam a importância atribuída na orientação e no suporte prestado pelos supervisores, assim como na estrutura desenvolvida e na abordagem das questões teóricas nas sessões de supervisão. Também para Macaro (2006), parece estar implícito a definição da importância do suporte sentido pelos supervisandos, quando fala na apropriação da responsabilidade pelos supervisandos, sustentada na confiança e respeito sentido entre todas as partes envolvidas no processo de supervisão. Por sua vez Grant, Crawford & Schofield (2012), relatam que os supervisores validam as competências dos supervisandos e apoiam o seu desenvolvimento em matérias onde estes não se sentem tão competentes, proporcionando níveis de segurança nos

supervisandos. Já Donohue & Perry (2014), aportam a importância do suporte sentido pelos supervisandos, manifestado na presença de uma abordagem teórica nos programas de treino, proporcionando aos formandos mais habilitações para desempenhar funções informadas na prática clínica. A importância da supervisão consiste no apoio sentido, nos ganhos obtidos nos conhecimentos adquiridos, no conforto e espaço de contenção e no *empowerment* gerado, não esquecendo por outro lado, o medo da exposição na supervisão contra o próprio desafio da supervisão (Starr, Ciclitira, Marzano, Brunswick & Costa, 2013).

Em todos os momentos desta investigação, foi notória a importância atribuída pelos supervisandos à prática da supervisão como uma mais-valia indispensável no desenvolvimento da prática clínica, constituindo-se por isso, como um importante instrumento de trabalho. Esta leitura, vem corroborar com o encontrado na literatura na perspectiva de vários autores. Barker & Hunsley (2013) encontram na supervisão um importante requisito na profissão de psicoterapeuta. Também Falender & Shafranske (2014), advogam que as competências geradas na supervisão, na forma como atestam aos supervisandos conhecimentos, habilidades e valores formados, contribuem para a construção de competências clínicas. Já Cabaniss, Arbuckle & Moga (2014) referem que a supervisão de psicoterapia consiste num esforço educacional que deve ser orientado com uma estratégia para alcançar o sucesso, maximizando a sua utilização como ferramenta de trabalho. Teixeira (2006) também valoriza a supervisão clínica e a formação profissional dos terapeutas como uma condição fundamental na prática profissional, atestando a garantia da qualidade dos serviços prestados aos clientes.

Para finalizar, é importante frisar, dos resultados encontrados neste estudo, o impacto sentido pelos supervisandos na terapia com o cliente, não corrobora com a literatura, tratando-se de um assunto que não se apresenta até hoje claro, conforme Milne (2014) refere, parece existir alguma controvérsia acerca do impacto que a supervisão clínica exerce sobre os clientes, pela dificuldade em medir os resultados dos efeitos da terapia nos clientes.

6. LIMITAÇÕES E SUGESTÕES

LIMITAÇÕES

A limitação sentida neste estudo, prendeu-se com o tamanho da amostra, embora na investigação qualitativa esse aspeto não invalide os resultados como acontece num estudo quantitativo, seria interessante analisar os resultados com recurso ao depoimento de mais supervisandos para apurar a evolução dos resultados. Outra limitação sentida, radicou-se na falta de experiência do investigador neste método de análise fenomenológica. Onde a dificuldade sentida se apresentou sobretudo, no esforço para aplicar a *epoché*, no desafio constante sentido em afastar do pensamento os pré conceitos e o colocar “*entre parêntesis*”, aquilo que são conceitos, crenças e valores pré concebidos, e o quão difícil é despojar-nos daquilo que somos e sentimos para uma análise rigorosa, ausente de viés e objetiva, num estudo que se exige científico. Foi ainda sentida como limitação, a escassa investigação na área fenomenológica existencial.

SUGESTÕES

Muito ainda está por fazer neste campo da supervisão existencial, mantém-se desta forma a necessidade de produzir mais e melhor investigação que possibilite identificar os mecanismos que estão implícitos no processo de supervisão existencial, com a finalidade de melhorar a prática psicoterapêutica.

Sugere-se a repetição de mais estudos semelhantes a este, com uma amostra maior, de forma a explorar a existência ou não de repetição das dimensões eidéticas nas vivências de supervisão. Seria importante aceder em simultâneo à experiência do supervisor da mesma forma como foi efetuada com o supervisando, para se entender melhor os resultados obtidos relativamente aos fatores que os supervisores consideraram importante nas suas experiências de supervisão, e fazer o cruzamento com os dados obtidos dos supervisandos, no sentido de explorar quais os pontos convergentes ou não com os supervisandos, como diade, integradas num mesmo processo onde o encontro das subjetividades é inevitável.

Sugere-se ainda, o desenvolvimento de um estudo longitudinal com os supervisandos nos quatro anos de supervisão na SPPE, para exploração da evolução das dimensões eidéticas na experiência de supervisão e a sua comparação ao longo da formação

7. CONCLUSÃO

Este estudo contribuiu para o conhecimento mais aprofundado sobre o processo de supervisão existencial, parece deixar claro que o processo de supervisão neste modelo é um processo evolutivo e complexo que exerce diferentes influências no supervisando, na troca de feedbacks contantes na tríade, supervisando-supervisor-cliente.

Tendo em conta os resultados desta investigação, é-nos possível concluir não existir uma fórmula única na supervisão fenomenológica existencial, perfilhando uma abordagem profissional dinâmica e em constante evolução, com uma postura assente em pressupostos filosóficos, centrada na pessoa enquanto *Ser no Mundo* em relação, na *liberdade de se poder escolher*, na procura de escolhas autênticas no decurso de frequentes processos reflexivos onde os questionamentos e os desafios são uma constante.

Desta investigação, após análise profunda com recurso ao método fenomenológico existencial, podemos resumir a experiência de supervisão na perspetiva dos supervisandos no modelo existencial em três grandes capítulos, reunidos à volta das características próprias do modelo de supervisão centrado na Pessoa, no impulsionador do próprio modelo de supervisão, através da força dos processos reflexivos e das relações de sentido, e por fim, nos ganhos obtidos pelos supervisandos com este modelo, em prol de uma melhor prática clínica. Todos eles em permanente ligação e interação através de uma teia de variáveis a partir das quais é possível pôr o processo de supervisão em marcha, num conjunto de intersubjetividades.

Da reflexão e discussão emerge a elucidação do supervisando enquanto pessoa, supervisando e terapeuta. Resultado do trabalho responsável, que atinge a excelência no estabelecimento da aliança na supervisão, pautada pela auto consciencialização, autoquestionamento e autorreflexão, espelhando-se na satisfação e bem-estar na relação estabelecida e na maior perceção de autoeficácia da supervisão, tal como no superior desempenho enquanto terapeuta.

Esta investigação, parece diferenciar-se dos outros modelos de supervisão encontrados na literatura, naquilo que foi sentido pelos supervisandos como sendo um modelo de supervisão único, conectando-se diretamente com o próprio modelo fenomenológico existencial. O “*Estar no Mundo*” como Ser Humano que vive em relação com os outros e com o Mundo, foram descrições que nos relatos dos participantes

frequentemente serviram para exemplificar a vivência de supervisão neste modelo, de acordo com uma grande abertura, no encontro da relação de supervisão com uma atitude assente na escuta, na atenção plena, no respeito pela pessoa, na liberdade de escolha, resultante da entrega num trabalho sério, pontuado de reflexão e de permanente questionamento, onde as competências e as habilidades, não são a premissa mais importante, mas sim, o Homem e como este se apresenta.

Este estudo não parece ir ao encontro da generalidade dos resultados encontrados na literatura pesquisada, relativamente ao peso da avaliação do supervisor, sentida como gerador de conflitos e tensões em supervisão, o que não se evidenciou nesta investigação.

Os resultados deste trabalho indicam que os supervisandos atribuem à supervisão, impacto e influência sobre os seus resultados obtidos na terapia com o cliente, contudo na literatura este facto não é consensual ou conclusivo.

A supervisão é fundamental independentemente de qualquer que seja a cultura ou país. A supervisão de psicoterapia provavelmente será o principal veículo através do qual se ensina, transmite e perpetua tradições assim como práticas e cultura de psicoterapia no melhoramento da prática (Watkins, 2013; 2014).

Para encerrar, parece-nos ter encetado com este estudo uma nova investigação, ainda que numa fase embrionária, mas que pela sua riqueza no conteúdo, prevê forte vantagem na sua continuidade, ambicionando trazer desenvolvimento para todas as partes envolvidas no processo de supervisão. A informação publicada na área que nos propomos investigar e que sustentou a revisão de literatura deste estudo foi muito escassa. Em Portugal não se conhece registos de investigação em supervisão no modelo existencial, das pesquisas efetuadas não se encontrou investigadores ou institutos universitários que estejam a desenvolver este trabalho, a nível internacional apenas foram encontrados um livro e um artigo sobre supervisão no campo fenomenológico existencial.

Parecendo-nos por isso, ser de importante relevância, realizar mais e melhor investigação e assim desafiar a um permanente questionamento, criando impacto e dinamismo, na busca de uma prática clínica mais eficaz.

8. BIBLIOGRAFIA

- Adams, M. (2002). Reflections on Reflection. *Existencial Analysis*, 13(2), 204-213.
- American Psychological Association. (2014). Board of Educational Affairs. *Guidelines for Clinical Supervision in Health Service Psychology*. Consultado em 17/1/2015
<http://apa.org/about/policy/guidelines-supervision.pdf>
- Barker, K., & Hunsley, J. (2013). The Use of Theoretical Models in Psychology Supervisor Development Research From 1994 to 2010: A Systematic Review. *Canadian Psychological Association*, 54(3), 176–185.
- Berstsch, N. K., Bremer-Landau, J. D., Inman, A.J., Kreider, E.R.D., Price, T.A., & DeCarlo, A. L., (2014). Evaluation of the Critical Events in Supervision Model Using Gender Related Events. *Training and Education in Professional Psychology*, 8(3), 174-181.
- Brooker, H. (2014). Supervision and the Art of Baseball. *Canadian Psychology*, 55(1), 38-40.
- Cabaniss, D.L., M.D., Arbuckle, M.R., M.D., Ph.D., & Moga, D.E., M.D., Ph.D., (2014). Using Learning Objectives for Psychotherapy Supervision. *American Journal of Psychotherapy*, 68 (2).
- Callahan, J. L., Heath, C.J., Almstrom, C.M., Swift, J.K., & Borja, S.E., (2009). Exploring the Contribution of Supervisors to Intervention Outcomes. *Training and Education in Professional Psychology*, 3(2), 72-7.
- Carvalho Teixeira, J. A. (2006). Introdução à psicoterapia Existencial. *Análise Psicológica*, 3 (24), 289-309.
- Coreia, E. A., Cooper, M. & Bertondini, L. (2014). Existential Psychotherapy : An International Survey of the Key Authors and Texts Influencing Practice. *J Contemp Psychother*. DOI. 10.1007/s10879-014-9275-y
- Dicionário de Língua Portuguesa (2011). Porto: Porto Editora, Lda.
- Deuzen E. V. (1998). Paradox and Passion in Psychotherapy. *An Existential Approach to psychotherapy and Counselling*. Chichester: Wiley
- Deuzen E. V. (2002). *Existential Counselling and Psychotherapy in Practice*. London: Sage Publications
- Deurzen, E. V., & Young, S., (2009). *Existencial Perspectives on Supervision*. London: Palgrave.

- Donohue, K. M., & Perry, K. E., (2014). Bringing Theory to Life for Trainees in Professional Psychology: The Role of Setting, Assignments, and Supervision. *Training and Education in Professional Psychology*, 8(2), 119-126.
- Falender, A., & Shafranske, E. P. (2014). *Clinical Supervision: The State of the Art*. Draft
- Falender, C. A. (2014). Supervision Outcomes: Beginning the Journey Beyond the Emperor's New Cloths. *Thinking and Education in Professional Psychology*, 8 (3), 143-148.
- Falender, C. A. (2014). Clinical supervision in a competences based era. *South African Journal of Psychology*, Vol. 44(1) 6–17.
- Falender, C. A., Cornish, J., A., E., Goodyear, R, Hatcher, R., Kaslow, N. J., Levental, ... Grus, C. (2004). Defining Competencies in Psychology Supervision: A Consensus Statement. *Journal of Clinical Psychology*, 60, 771-785.
- Falender, C.A., & Shafranske, E. P. (2004). *Clinical supervision: A competency-based approach*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Farber, E. W. (2010). Humanistic–Existential Psychotherapy Competencies and the Supervisory Process. *Psychotherapy Theory, Research, Practice, Training*, 47(1), 28-34.
- Feijó, A. M. L. (2004). A psicologia clínica e o pensamento de Heidegger em “Seminários de Zollikon”. *Revista Fenómeno Psi*, 2(1), 9-16.
- Gazolla, N., Stefano, J., Thériault, A., & Audet, C.T., (2013). Learning to Be Supervisors: A Qualitative Investigation of Difficulties Experienced by Supervisors-in-Training. *The Clinical Supervisor*, 32, 15–39.
- Geller, J. D., Schaffer, C.E., & Farber, B.A., (2010). Representations of the Supervisory Dialogue and the Development of Psychotherapists. *Psyghotherapy Theory, Research, Praticice Training*, 47 (2), 211-220.
- Giorgi A. G. (1995). Phenomenological and psychological research. Pittsburgz: Ducherne University Press.
- Giorgi, A., & Sousa, D. (2010). *Método Fenomenológico de Investigação em Psicologia*. Lisboa. Edições Fim de Século.
- Grant, J., Crawford, S., & Schofield, J., M. (2012). Managing Difilcuties in Supervision: Supervisors' Perspectives. *Journal of Counseling Psychology*, 59 (4), 528-541.
- Holanda, A. (2006). Questões sobre pesquisa qualitativa e pesquisa fenomenológica. *Análise Psicológica*, 3 (14), 363-372.

- Holanda A. (2012). Dicionário de Gestalt-Terapia
- Inman, A.G., & Ladany, N (2008). Research: The state of the field. In A. K. Hess, K.D. Hess, & T.H. Hess (Eds.), *Psychotherapy supervision: Theory, research and practice* (2nd ed., pp. 500-517). Hoboken, N.J: Wiley
- Jacobsen, C. H., & Taangaard, L. (2009). Beginning therapists' experiences of what constitutes good and bad psychotherapy supervision with a special focus on individual differences. *Nordic Psychology*, 61(4), 59-84.
- Jonquera, A.S., & Arroyo, L.M. (2006). Fenomenología y Psicoterapia Humanista-Existencial. *Revista e Psicologia da Universidade do Chile*, 15(1), 89-104.
- Kvale, S. (1996). *Interviews. An Introduction to Qualitative Research Interviewing*. Londres: Sage.
- Ladany, N., & Inman, A.G. (2012). Training and supervision. In E. Altmaier & J. C. Hansen (Eds.) *Oxford handbook of counseling psychology* (pp. 179-207). New York:Oxford University Press
- Lessa, J. M., & Sá, R. N. (2006). A relação psicoterapêutica na abordagem fenomenológico - existencial. *Análise Psicológica*, 3 (24), 393-397.
- Macaro, A. (2006). *Reason, Virtue and Psychotherapy*. Chichester : Wiley
- Majcher, J., & Daniluk, J.C. (2009). The process of becoming a supervisor for students in a doctoral supervision training course. *Training and Education in Professional Psychology*, 3, 63-71.
- Martins, J., & Bicudo M., A., V. (2005). *A pesquisa qualitativa em psicologia: fundamentos e recursos básicos*.
- Milne, D. Ph.D. (2014). Beyond the "Acid Test": A Conceptual Review and Reformulation of Outcome Evaluation in Clinical Supervision. *American Journal of Psychotherapy*, 68(2).
- Moustakas, C.E. (1994). *Phenomenological Research Methods*. California. Sage Publications India Ltd.
- Nova Enciclopédia Larousse (1999). Edição Círculo dos Leitores.
- Olds, K., & Hawkins, R. (2014). Precursors to Measuring Outcomes in Clinical Supervision: A Thematic Analysis. *Training and Education in Professional Psychology*, 8 (3), 158-164.
- Pagdin, S. (2013). An Existential Phenomenological Model Of Supervision. *Existencial Analysis*, 24(1).

- Pettifor, J., Falender, C. A., & Sinclair, C. (2014). Ethical Supervision: Harmonizing Rules and Ideals in a Globalizing World. *Training and Education in Professional Psychology*, 4, 201-210.
- Pisani, A. (2005). Talk to me: Supervisee self disclosure in supervision. *Smith college studies in social work*, 75(1), 29-47.
- Plock, S., D. (2006). A relational approach to supervision: Some reflections on supervision from an existential-phenomenological perspective. *Análise Psicológica*, 3(24), 331-336.
- Plock, S., D. (2009). An Existential- Phenomenological Inquiry into the Meaning of Clinical Supervision. *Existential Analysis*, 20(2).
- Ravitz, P., & Silver, I. (2004). Advances in Psychotherapy Education. *Canadian Journal of Psychiatry*, 49(4), 230-237.
- Rehfeld, A. (2004). *O que diferencia uma abordagem fenomenológica-existencial das demais*. Gestalt-Terapia Encontros: Maceió.
- Reiser, R.,P., & Milne, D.L. (2014). A Systematic Review and Reformulation of Outcome Evaluation in Clinical Supervision: Applying the Fidelity Framework. *Training and Education in Professional Psychology*, 8 (3),149-157.
- Rey, F. L. G. (2005). *Subjetividade, complexidade e pesquisa em psicologia*.
- Ricci, W. (1995). *Self and intersubjectivity in the supervisory process*. *Bulletin of the Menninger Clinic*, 59(1).
- Sapyta, J., Riemer, M., & Bickman, L. (2005). Feedback to Clinicians: Theory, Research and Practice. *Wiley Periodicals*, 61(2), 145-153.
- Sousa, D. (2006). Investigação em psicoterapia: Contexto, questões e controvérsias. Possíveis contributos da perspectiva fenomenológico existencial. *Análise Psicológica*, 3 (24), 373-382.
- Sousa, D. (2014). Validation in qualitative research: General aspects and specificities of the Descriptive Phenomenological Method. *Qualitative Research in Psychology*, 11 (2), 211-227.
- Starr, F., Ciclitira, K., Marzano, L., Brunswick, N., & Costa, A. (2013). Comfort and challenge: A thematic analysis of female clinicians' experiences of supervision. *Psychology and Psychotherapy: theory, Research and Practice*, 86, 334-351.
- Sterling., M., & Bugental, J. (1993). The meld experience in psychotherapy supervision. *Journal of humanistic psychology*, 33 (2), 38-48.

- Sodelli, M., & Sodelli- Teodoro, A. (2011). Visitando os “Seminários de Zollikon”: novos fundamentos para a psicoterapia fenomenológica. *Revista Fenómeno Psi* , 20 (2), 245-272.
- Swift, K. J., Rousmaniere, T.G., Whipple, J.L., Dexler, K., Callahan, L.J., & Wrape, R.E. (2014). *American Psychological Association*. doi.10.1037/a0037659
- Tavares Rodrigues, J. (2004). A possibilidade de uma psicologia não cartesiana. Rio de Janeiro: *Revista Fenómeno Psi*.31-39.
- Thériault, A., & Nicola Gazzola, N. (2006). What are the sources of feelings of incompetence in experienced therapists? *Counselling Psychology Quarterly*, 19(4): 313–330.
- Watkins, C. E., Jr. Ph.D. (2014). Concluding Remarks. Clinical supervision in the 21st century: revisiting pressing needs and impressing possibilities. *American Journal of Psychotherapy*. 68 (2).
- Watkins, C. E., Jr. Ph.D. (2014). The Supervisor Alliance: A half Century of Theory, Practice, and Research in Critical Perspective. *American Journal of Psychotherapy*. 68 (1).
- Watkins, C. E. Jr. (2013). What Matters in Psychotherapy Supervision? Some Crucial Features of International Import. *International Journal of Psychotherapy*, Vol. 17, No. 2
- Watkins, E. C. Jr. Ph.D. (2012). Development of the Psychotherapy Supervision: Review of and Reflections on 30 Years of Theory and Research. *American Journal of Psychotherapy*. 66 (1).
- Watkins E. C. Jr., Ph.D. (2012). Education Psychotherapy Supervisors. *American Journal of Psychotherapy*. 68 (3).
- West, W. (2004). Learnings from a qualitative study into counselling supervision: Listening to supervisor and supervisee. *Counselling and psychotherapy research*, 4(2), 20-26.
- Wheeler, S., & Richards, K. (2007). The Impact of Clinical Supervision on Counsellors and Therapists, their Practice and their Clients. A Systematic Review of the Literature. *British Association for Counselling and Psychotherapy Research* , 7(1), 54-56.
- Whitman, S. M. (2001). Teaching residents to use supervision effectively. *Academic psychiatry*, 25(3), 143-148.

- Worthington, L. E. Jr. (2006). Changes in Supervision as Counselors and Supervisors Gain Experience: A Review. *Training and Education in Professional Psychology*, (2), 133–160.
- Yourman, D. B., & Farber, B. A. (1996). Nondisclosure and distortion in psychotherapy, *33*(4), 567-575.
- Ximenes, C. M. A. (2009). Reflexões acerca da atitude psicoterapêutica em supervisão de estágio numa vertente fenomenológica-existencial. *Psicologia & m foco*, 2 (1), 131-138.

ANEXOS

ANEXO A
(Consentimento Informado)



INVESTIGAÇÃO SOBRE SUPERVISÃO NA ABORDAGEM EXISTENCIAL NA ÓPTICA DO SUPERVISANDO

No âmbito da presente investigação com início no ano letivo de 2014/2015, sobre o Processo de Supervisão na Abordagem Existencial na Ótica do Supervisando, desenvolvida na especialidade de Psicologia Fenomenológica Existencial, da responsabilidade do Professor Doutor Daniel Sousa (ISPA- INSTITUTO UNIVERSITÁRIO), declaro ter compreendido a explicação oral que me foi fornecida pela aluna Rute Estevens, acerca do estudo que se tenciona realizar, os seus objetivos e métodos, sendo a minha colaboração voluntária, autorizo a gravação áudio da entrevista. Foi-me também informado, acerca da total confidencialidade dos dados.

Pelo acima exposto, aceito participar na presente investigação.

Data: ____/____/____

(Assinatura do (a) participante)

(Assinatura do investigador responsável)

ANEXO B
(Entrevistas)

Entrevista a P1

E-Boa tarde, o meu nome é R.E., o objetivo desta entrevista enquadra-se num projeto de investigação sobre o processo de supervisão no modelo existencial na ótica do supervisor. Gostaria que me falasse de como tem sido o seu processo de supervisão, de como tem vivenciado a sua experiência de supervisão.

P1-Em 1º lugar acho fundamental, ou para mim pelo menos... para mim tem sido muito importante a supervisão.../ou seja, mesmo logo quando acabei P. clinica, antes de estar nesta área, e ao longo do curso temos tido sempre supervisão e, sinto que acrescenta muito à prática clinica e não nos sentimos tão perdidos, tão sozinhos e/... o falarmos e expormos com os colegas e a partilha ajuda-nos a pôr alguns pontos de vista que não estávamos a ver tão bem... Agora assim a falar...é um bocadinho... (riu-se)

E- Quando fala em expor com os colegas, refere-se a supervisão em grupo?

P1-sim, eu já tive antes/... não sei se posso falar...na experiência anterior?

E- hum hum

P1- Eu já tive supervisão anteriormente a esta supervisão... Quando acabei o curso no Instituto de Psicologia, eu procurei supervisão... à parte, que procurei, numa linha mais dinâmica... tanto numa como noutra, foi útil, não vou aqui fazer distinção neste sentido, mas posso falar um bocadinho o que é que cresce mais neste modelo e o que posso evidenciar. /Acho que para mim foi logo muito claro desde o início a utilidade,/ embora haja colegas que partam logo para a prática clinica sem recorrer à supervisão, mas para mim foi logo claro a mais-valia de perceber o que é, mesmo às vezes a forma como nós estamos a falar em supervisão, ou o que vai sendo mais relevante ou seja faz-nos alertar para as coisas com um certo sentido, ou seja, eu até posso ter pensado naquilo, mas depois estou a comunicar e só aquilo que eu estou a comunicar e memorizar, estou a destacar, faz-me ter alguns insights... é útil, ou seja/... e nessa perspetiva individual é mesmo muito, depois na experiência de grupo também ...acho que ajuda não só no sentido de estarmos envolvidos no processo de supervisão, não quer dizer ficar dependente da supervisão.../mas também temos que ir fazendo o nosso processo enquanto terapeutas...mas ... ajuda-nos a não nos sentirmos tão sozinhos e a refletirmos sobre os casos...e... dá uma mais-valia nesse sentido...que cresce mesmo para a prática...há coisas que se calhar vamos mesmo sentindo ou por sugestão dos supervisores, ou vamos mesmo descobrindo, não é tanto uma dica ou sugestão do supervisor mas na forma como estamos a apresentar...nos próprios temos insights...

E-hum hum

P1- sim ...é mesmo assim/... há coisas que acredito façam mais sentido ao longo do tempo, mesmo na clínica...quando tivermos mais experiência...mas há coisas se tivermos muito centrados em nós não conseguimos ver bem...sei lá!.../ Estou a pensar... mesmo há pouco estive a falar com uma amiga minha sobre alguns casos e ela falou de uma coisa que eu nunca tinha pensado... e realmente...nunca tinha pensado muito nisto...e esta coisa de ... esta possibilidade de partilha que nos possibilita, que nos dá este olhar mais alargado sobre a situação, não estamos sós ... isto individualmente também acontecia.../ mas quando apresento casos aos meus colegas... não só também ...ou seja, é tão rico...é bom quando sou eu a apresentar mas também quando são eles. Às vezes podia pensar, há mais-valia quando sou só eu, mas não, quando ouvimos os outros colegas também nos vai dando mais experiência vai ajudando a pensar.../ depois já explico mais à frente, no tipo de supervisão quando estamos a discutir com os colegas sobre isso mas também estamos a perceber, começamos a fazer sugestões, significa que estamos no bom caminho no processo, isto é, às vezes em grupo flui.../em supervisão na psicoterapia existencial vamos dando o nosso feedback, nós, antes dos supervisores, e às vezes ele acrescenta uma coisa ou outra no final, mas...ele vê que já estamos a confluir para o mesmo, e eu ao perceber isso...no sentido de estamos a pensar bem (risos)... se bem que não há aqui o certo, porque há varias formas de ver, mas é bom.../

E- Refere que é bom quando diz “pensar bem”, pode explicar melhor o que sente?

P1- Sim! Dá segurança... mas também é bom porque quando estamos em grupo podemos ter a possibilidade de contribuir para os nossos colegas...e há uma riqueza muito grande nesta inter acção, não só quando eu apresento mas quando os colegas apresentam .../

E- hum hum

P1- Fica aqui a ideia central ... não sei se expliquei tudo?

E- **hum hum... Quando fala em segurança, quer dizer que se sente mais apoiada por ter um supervisor? ou fala de segurança em que sentido?**

P1- Sim, quando falo nisso, não significa que é ficar dependente da supervisão, e que temos que ...não é nesse sentido, e ao longo do tempo vamos ficando mais confiantes, e vamos tentando, vamos confiando mais.../ e também nunca temos as respostas certas, isso é um processo que vai acontecendo...mas temos que lidar,/ há momentos em determinados casos em que não sabemos muito bem para onde ir, ou parece que estamos estacionados/...ou...

E- **...perdidos por vezes?**

P1- sim... não quer dizer que a supervisão me vá colmatar... e que não sintamos isso várias vezes, mas a questão é um bocadinho... /como é que eu explico este conceito de segurança... é um bocado esse sentimento de acompanhada e poder...não é que me vá perder...mas se calhar ter um espaço de partilha onde falamos todos a mesma linguagem, se calhar é importante para... nos dar mais confiança naquilo que estamos a fazer.../e quando eu digo isto, não é no sentido... aaah, foi o que o supervisor disse, ou vou no bom caminho... não!...até pode ser... Acho que também nos vai dando uma abertura maior, uma flexibilidade maior no campo...que se calhar não estamos só /...a...

E- ...focar-nos no nosso ponto de vista?

P1- Sim, ou seja, mas um bocadinho... a segurança nesse sentido, e não: “ah! tenho que perceber exatamente o que se faz”...mas que temos a possibilidade de partilhar e temos um espaço de reflexão...mas que isto vai-nos permitindo enriquecer mais e ganhar mais flexibilidade...ou seja, não estamos só/...se eu tivesse a fazer prática sozinha, só assim...

E- sem esse apoio?

P1- sim...quando estamos em terapia, estamos sozinhos, mas sabemos que temos aquele espaço, que se surgir algo mais complexo ou se tivermos mais pedidos, também temos mais...em que temos esse espaço em que podemos partilhar, não estamos sozinhos/...e...

E- sabem que recebem algum feedback, outras perspetivas...??

P1- Sim e lá está o facto de ser uma pessoa mais experiente e não só/... também a questão dos colegas, acho que descobri mais isto em existencial, porque não tinha experiência de supervisão de grupo...o conceito de intervisão, um bocadinho de partilharmos entre colegas/...ahhh acho que valoriza essa questão de termos la professora ou a pessoa que está mais experiente mas também tem estas confluências várias, várias perspetivas acho que isso também é...enriquecedor.../ahhhhhh.... Mais coisas...pronto acho que, não sei que hei-de...se é isto que pretende, se tenho que destacar mais alguma coisa...(risos)

E- Parece-me que até agora, a C. reforça como aspetos positivos que retira da supervisão, a partilha de informação de forma enriquecedora, a segurança sentida quando existem dúvidas e...

P1- Sim, e sobretudo nas confluências ...a troca de ideias que se consolida/

E- E obstáculos? Já sentiu alguma vez obstáculos na supervisão

P1- se calhar antes de ir por aí já,/ estava aqui a pensar na questão do desenvolvimento pessoal, ou seja, mais do que partilhar, é esta questão de que ninguém sabe tudo ou ninguém...ou não há formas certas e que determinado colega tem dificuldades e expõe...e isto tudo vem permitindo desenvolver a questão de lidar, se calhar com a frustração e...

ambivalências do processo, e... de não sabermos bem onde é que estamos e que isto é tudo...é normal! nesta profissão e...portanto acho que dá esse crescimento também/... Não somos só nós que sentimos aquilo... não tem a ver com eu sou má terapeuta, ou tenho pouca experiência...mas...faz parte da pessoa

E- quer dizer-me que se sente a par com os seus colegas de supervisão?

P1- sim isso!/ Falando depois no modelo...agora pensando nos obstáculos...é um bocadinho difícil... (Silêncio)...é um bocadinho difícil...não salta assim logo...por acaso eu pensei nisto...mas não é assim fácil ...são coisas mais metodológicas,/ mas, se calhar como estávamos ainda em processo de aprendizagem...o obstáculo, se calhar...não é assim nada específico, são coisas mais concretas/...se calhar nem faz sentido para aqui...isto é mais concreto da supervisão ...não sei se faz sentido o que vou dizer...mas é mais na reformulação/ ...o que eu tenho sentido este tempo é... se calhar tem a ver com o formulário, o conceptualizar dos casos, às vezes estamos detidos mais com um momento daquele processo da pessoa, se calhar é mais uma sugestão/... e às vezes o enquadrar o todo ou, onde é que estamos mesmo e para onde é que vamos num contexto mais alargado do caso...se calhar às vezes falta um bocadinho isto... não sei se posso dizer que seja um obstáculo, não sei se faz sentido irmos por aqui porque são coisas mais metodológicas/pois ...não sei ?

E- Tudo o que possa dizer, será enriquecedor para a investigação...consegue explicar-me melhor, significa que esse seria um ponto que mudaria no processo de supervisão?

P1- sim, é importantíssimo!... / quando nós fazemos no momento ...é aquele concreto, se calhar, a experiência que traz aquele momento, o que eu tenho sentido...isto é uma reflexão que temos falado.../ e até quando , neste ano que terminou o curso, e sugestão que acabámos por fazer até noutra cadeira e não em supervisão, mas a conceptualização no sentido de ligar mais a teoria à pratica ...

E- hum hum

P1-... ajuda-nos naquele momento, mas às vezes poderia haver uma ligação mais com a teoria/... às vezes no nosso modelo integrar mais as coisas.../às vezes, imagine ...estamos a...não estou a dizer que isto está errado e que estamos a ...é isso que nós precisamos...a dado momento é nos dado sugestões e...neste momento com este caso eu tenho isto...claro que falamos do caso com as colegas e acabamos por a pessoa perceber um bocadinho, mas... às vezes esta perspectiva de olhar mais para o caso em... no contexto geral...o que é que temos para onde é que queremos ir.../claro que isto em concreto...

E- Está a falar em colocar num pano de fundo, o modelo teórico?

P1-Sim nós temos sugerido, às vezes até...nas supervisões/... nós tivemos vários supervisores...e isso faz-nos conhecer melhor... há pessoas que ligam mais a teoria à prática outros estão mais centrados na parte prática mais até na parte relacional ou de grupo...mas às vezes falta um bocadinho disso, nós tivemos até um bocadinho disso,/ numa outra aula, no contexto de uma cadeira, que é também treino de experiência clínica... fizemos as díades e, ou seja, há ali conteúdos que poderiam estar em supervisão a... no sentido de olharmos para o caso... não é de cima, mas...mais ao nível teórico onde é que nós estamos para ter uma linha de orientação...para onde queremos ir para nos podermos orientar também no processo,/ claro que isto no existencial é muito aberto e isso vai sendo no momento ... não apresentamos uma linha é isto e acabou.../mas às vezes um visão mais macro e não tanto micro daquele contexto, às vezes falta mais isso.

E- Esta a falar de que vos orientava melhor nos casos ter essa visão mais macro?

P1- Sim, podia ajudar um bocadinho mais nesse sentido/...mas se calhar nós fomos dando estes feedbacks também ao longo do curso...e nalguns casos faz sentido ou não/, se calhar sou eu que sou um pouco mais assim e para os outros não faz sentido./ Estou a pensar muito na experiência final porque tivemos essa possibilidade, estamos a falar do aqui e agora, no entretanto, e às vezes quando olhamos mais para a frente ou o que é que é importante... claro que temos a flexibilidade de perceber qual é a linha ... se a pessoa é isto que estamos a trabalhar...não fugir muito ... dali ou podemos ... sabemos que estamos a fugir mas sabemos que há aqui uma linha, e sempre que houver oportunidade sabemos que vamos poder remeter as coisas para ali...mas isso nós tivemos uma aula que não foi em supervisão, mas se calhar fazia falta também em supervisão... juntar a uma parte mais teórica e o contexto/...não sei se já me estou a esticar muito...mas às vezes há momentos em que há um impasse e nós precisamos saber como é que vamos ajudar a pessoa ...de outra forma, depois ver isto numa parte mais expansiva... um bocadinho até ... pronto e isso tem tudo a ver com o que a pessoa nos trouxe e um bocadinho...ou/ ... porque às vezes há a situação de mesmo acompanhada no processo, às vezes há um bocadinho que estamos perdidos no todo...é mais nesse sentido...

E- ...Perdidos no todo?

P1-Sim (risos) para conduzir no futuro...apesar de não há uma direção para seguir... por isso é que é difícil explicar /... mas de qualquer forma convém perceber, porque é que a pessoa está aqui, quais são as suas questões centrais e mesmo...a pessoa vai-nos trazendo outras questões secundárias, é importante perceber qual é o fio central, o que estamos ali a trabalhar e às vezes é essa visão que/...pois...

E- E em contexto de supervisão sente que essa visão é passada ao supervisando?

P1- pois...depende de cada estilo de cada supervisor...(risos) custa-me estar a falar disto porque não me parece muito justo...porque não é uma falha.../eu acho que nós já fazemos isto, /mas se calhar...

E- Sinta-se à vontade para expressar as suas ideias, elas serão extremamente importantes para o estudo.

P1- sim...se calhar o que eu diria do que nos fazia falta era um bocadinho mais disto, não quer dizer que nós não tenhamos já... mas se houvesse sugestões para dar era um bocadinho mais disto/

E- E na sua prática clínica, como sente? Sente essa necessidade desse pano de fundo orientador, de que falou?

P1- Nós temos um modelo que nos dá isso... mas essa orientação, estes conceitos são tão difíceis de explicar mas/...quando estou na prática clínica não estou a pensar no todo e na teoria, estou ali com a pessoa, no entanto...às vezes é mais no processo, quando já não estamos com a pessoa... e quando começamos a pensar para onde é que estamos a ir, ou...o processo evolutivo.../eu estou a dizer isto, depois se calhar depende do trabalho de cada um e de que forma.../ se calhar estou a falar de coisas que têm a ver com características minhas... /não sei se isto depois é congruente no estudo (risos)... ou se haverá mais a pensar assim (risos)/...mas se calhar isto não é específico da existencial...se calhar é transversal à supervisão, /estou a pensar aqui... mas se calhar se estivesse noutra orientação sentiria o mesmo.../ porque às vezes estamos na sessão num caso concreto e depois vamos voltando ao caso mais à frente, e, é um contínuo, mas...estou a focar-me muito nisto...mas estou a lembrar-me/...

E- De algum exemplo em concreto?

P1-Na cadeira X, nós tivemos muito isto, fazíamos as díades e era por aí...era dividido entre os colegas e o professor, este ano fizemos nessa cadeira X um bocadinho diferente.../

E- A cadeira X ?

P1- Sim, na parte das díades, é observação... experiência ...(risos)... Observação e treino de experiência terapêutica... é assim (risos)./ Pronto, no fundo é a prática em que nós trazemos questões nossas, pessoais. Um faz de terapeuta, outro de paciente... depois os colegas dão o feedback e nós na troca de papéis também damos o nosso feedback...e o professor também.../

E- refere-se a questões vossas, ou de pacientes vossos?

P1- por acaso este ano foi, nós antes trazíamos questões nossas, agora fizemos um modelo diferente, trouxemos um paciente nosso, ou seja, eu vou representar o papel do meu paciente... e este ano foi muito rico, por isso é que eu estou a dizer isso... de sugestões e/... além disso foi muito rico, nós depois fazíamos uma lista.... Ai não me lembro do nome (risos)...era ...*brainstorming!* Estava difícil (risos) ...cada um ia dando o seu contributo e ...um bocadinho... ou de uma frase que a pessoa dissesse ou ...quase como se desenhassemos a linha daquela pessoa... foi uma outra perspectiva que nos ajudou a ver...estamos aqui, de onde é que isto vem, para onde é que vamos ... deu este panorama num caso. Isto foi muito importante/... e que se calhar não temos tanto em supervisão e ... ou dependendo dos supervisores, temos mas se calhar ter mais era importante.

E- Sentiu que esse módulo lhe deu aquela visão que falava à pouco?

P1- Sim sem dúvida! E nós devolvemos isso, que esta parte devia estar toda integrada na supervisão e não só ali... foi quase como se tivéssemos a ver o caso no todo e não.../ nós depois temos que fazer estudos de caso, isso faz-se, tem que se fazer esse exercício, mas assim em conjunto e em grupo e termos que contribuir todos ...e mais rapidamente isto fica formulado e ...claro que muito fica em aberto, pois é uma sessão, não está ali tudo, mas ajudou /e pronto isto no fundo foi já uma sugestão que demos ...que o professor até perguntou “ mas vocês não fazem isto em supervisão? Sim fazemos, mas não tanto assim“ ... e se calhar ter mais um bocadinho disto era importante para nos orientar um bocadinho mais...não é tanto uma crítica é mais uma sugestão./

E- Uma necessidade que sentiu?

P1- Sim ... mas fomos sempre falando ao longo do processo./ Isto depois tem a ver com o que é importante em existencial, ouve sempre muita abertura, fomos sempre falando de quais as nossas necessidades, o que estava a correr bem ou o que é que precisava-mos, de vez em quando íamos fazendo pontos de situação, no próprio grupo, na dinâmica do grupo.../

E-Como sentia que funcionava essa dinâmica de grupo?

P1- ahhhhhh...sim estávamos sempre ligados, ou seja, nós ao longo do/...portanto isso é a experiência, agora vou ter que pensar como vai ser esta experiência se vai ser individual ou ainda de continuar em grupo, porque esta foi a de supervisão em contexto da formação em psicoterapia existencial, todos os anos tivemos supervisão e era em grupo. Por norma apresentava uma ou duas pessoas e cada um contribuía ...dava ali o feedback.../depois depende do estilo de cada supervisor, não é... alguns davam inicialmente e depois íamos contribuindo, ou outros deixavam que desse-mos primeiro e depois...portanto era muito...

não era nada individualista, ou seja, se é uma pessoa que vai apresentar o caso naquele dia... havia realmente essa Interação/...e pensando se calhar no processo evolutivo....ao longo do tempo...à medida que ...isto é normal com a experiência e com a prática ... acho que nos foi dado no último ano muito mais esse apelo, /mesmo nas sessões às vezes o supervisor dizia... bem , hoje não tenho muito mais a acrescentar, ou seja, vocês fizeram um trabalho, dá-nos também esse papel de...responsabilidade e contributo, ou seja, ...desenvolvemo-nos cada vez mais.../embora inicialmente nalgumas sessões pudesse-mos ficar ... ai ... não sei muito bem o que hei-de dizer, se calhar deixo isto mais para o fim, para o papel do supervisor...não sei... mais ...

E- sentia-se de alguma forma mais insegura?

P1- Sim... /Há aqui muitos fatores que não têm a ver só com a nossa evolução mas...antes tínhamos supervisores diferentes ... cada um também tem o seu estilo... e isso foi bom, essa diversidade, porque fomos buscando de várias formas de estar.../ até porque existencial é preciso muitodiverso... ou seja, entra muito a pessoa, e então, portanto , podemos pensar , no primeiro não sentimos tão à vontade e no segundo já sentimos mais...mas acho que independentemente disso ou dos estilos de cada um, o que eu sinto é que... e acho que observo isso não só eu , mas dos colegas, do dar e do contributo e da ligação e do à vontade muito mais e cada vez mais implicado e mesmo.../ isto depois tem a ver com...também com o último grupo de supervisão, estávamos num grupo, que foram as pessoas com quem mais nos ligamos no estar, e isto depois permite um à vontade e um nível de confiança muito grande.../

E- Os grupos mantiveram-se ao longo dos anos?

P1-Foram mudando...houve pessoas que eu voltei a estar agora no 4º ano e estive com elas no 2º ... foi sempre mudando um pouco...ou seja/ ... o 1º ano também é muito o confronto com o...é o mudar ou seja, há pessoas que não tinham iniciado ainda a psicoterapia... sei lá ...eu tinha, e o facto de ter iniciado há 1 ano e tal mais ou menos, logo aquele impacto de mudar um bocadinho,/ em dinâmica, aplicava os *rocharches* e essas coisas no início dos processos ...e acho que o primeiro foi o impacto ... um bocadinho ...e isto de não estar ainda familiarizada com os conceitos da existencial, foi esse primeiro impacto/...e depois à medida que vai avançando, acho que na supervisão a medida que vai avançando, vamos tendo consciência do nosso estilo relacional , das nossas características/ e do... impacto que isso tem no nosso estilo de terapia, também como nos ligamos a determinadas pessoas ou não ...acho que foi havendo cada vez mais...(sorriu)

E- hum hum /

P1- enquanto no 1º ano estamos um bocadinho...é tudo novo estamos mais à espera que o supervisor nos dê coisas, que não estamos muito familiarizadas com este modelo...é normal que este processo também seja assim...

E- Quer dizer que acha que é natural haver mais insegurança inicialmente?

P1- Pois, sim porque com a prática vamos ganhando...se formos a ver uma aula de 1º ano ou do 4º com umas câmaras, se calhar no 1º ano estávamos mais caladinhas, contribuíamos com algumas coisas mas pouco e agora a coisa quase que fluía só com o grupo, o supervisor ajudava mas já pouco...tínhamos muito mais autonomia nesse sentido, mas pronto é compreensível este processo evolutivo, /agora a...o que eu ia dizer...

E- Podemos dizer que no final deste processo de psicoterapia de supervisão, sentiram mais empoderamento, no sentido em que se sentem mais confiantes e conhecedores e com mais à vontade para intervir e contribuir nas sessões.

P1- Sim sim sim, e também tem a ver com ... /não sei se posso comparar porque eu não tive grupos de supervisão, só no contexto do Instituto universitário no 5º ano, mas ainda não estava com grande prática e no estágio não consigo comparar muito essa experiência de supervisão ... porque tinha outras componentes, mas é assim, como tive individual, havia uma atenção individualizada mas... noto que era mesmo , no contexto mesmo da prática para o caso em si, muito dirigido para a intervenção/ e enquanto na psicoterapia existencial, há um contributo muito pessoal, está dirigido para a pessoa, e vamos apercebendo-nos na supervisão , que estamos a trabalhar o caso, mas também estamos a trabalhar coisas nossas, toca em aspetos muito nossos, ou seja, mesmo os supervisores que nos vão conhecendo , questionam , porque é que está a ser tão difícil com esta pessoa neste momento, e em vez de estarmos a pensar só no caso estamos a voltar as coisas para dentro e para nós . O que é que surge, e o que é que sentimos. / Também tem a ver com as características do existencial, porque nós estamos lá muito enquanto pessoa e não temos aquela neutralidade de aquilo que eu estou a sentir não serve ou não encontro.../ então também acho que houve aqui uma evolução em termos até ...

E- auto conhecimento?

P1- Sim sim, ou seja, claro que é um processo diferente em psicoterapia, mas às vezes a fronteira é muito ténue,/ e houve sessões, especialmente com este grupo , para já havia uma confiança muito grande e um à vontade de cada um de nós, porque aconteceram coisas na vida de cada um de nós que ...em que isso vinha e se percebia que também estava a acontecer em terapia , com decisões a tomar, tinha a ver com coisas nossas... e

às vezes tinha a ver com coisas nossas, e houve vezes que chorámos, que nos angustiámos, e por isso não sei se noutra tipo de abordagem tem tanta força.../

E- quando falou em confiança no grupo, considera que isso permitiu que houvesse espaço para ...

P1- Para as nossas coisas, sim sem dúvida! Era um grupo especial porque já nos conhecíamos, mas ... houve outras pessoas que não nos ligámos tanto, mas este era o grupo de eleição das nossas ligações para ...mas também é um bocadinho devolver coisas da pessoa, se calhar também aceitamos isso porque sentimos confiança, se calhar se não o sentíssemos estaríamos mais defensivos/ ...e às vezes também houve processos da psicoterapia, dita normal, ou seja, apresentação só de casos ... mas houve também outras experiências mais experienciais que fizemos um tipo de supervisão diferente...a pessoa apresenta mas depois cada um vai tentar mesmo com o corpo...representar o que sente e vai dar uma imagem, e devolver a cada pessoa que deu esse contributo ... e depois a pessoa vai ver a imagem com a qual é que se identificou mesmo... com cada pessoa que dá esse contributo, do género ...eu vi.... esta imagem e depois a pessoa que apresenta vai ver no grupo com qual é que mais se identifica mais.../é como a terapia do focus centrada no corpo, não sei se conhece, é muito experiencial, e isso é muito interessante e depois a pessoa descobre coisas no corpo , está muito relacionada com as sensações no corpo e muito experiencial, e há coisas depois que vamos descobrindo diferentes, e isso foi muito interessante./ Houve o tipo que me enviou para o modelo do Bugental , ou seja , lá está, ser eu a apresentar o meu paciente , fazer o papel do paciente e há uma intervenção direta. E ver também o outro a fazer abordagens que se calhar eu não fazia. Imagine que nos estamos a ver nos pacientes, e estamos a sentir os pacientes de um ponto de vista e também estamos a ver o terapeuta que está a nossa frente, que é o nosso habitual papel/

E- Estão a representar o nosso papel

P1- sim mas estão a intervir à maneira deles, o que também nos ajuda a pensar, ahhh se calhar não fiz isto, ou , olha agora fizeste-me isto e eu senti isto...permite-nos aceder, se bem que não somos o nosso paciente, mas permite-nos equacionar isso. Fizemos esse tipo de exercício, que nunca tinha experienciado.../

E- fala da troca de papeis? Como foi sentir-se no papel do outro, o paciente?

P1-Sim. Foi muito interessante, ou seja permite... não sei se este modelo do Bugental é mais de existencial não sei se as outras abordagens em grupo também usam estes exercícios, mas pelo menos acho que foi enriquecedor ter este tipo de experiências, porque é no momento, não é só eu estar a falar e refletir...para já quando estávamos a expor havia

momentos que nos remetiam para nós e para os nossos sentimentos,/ outra coisa é eu estar, ou quando eu fazia esse exercício, estou a ver ... e lembro de uma qualquer questão que o meu colega me colocou e eu ter sentido uma angústia muito grande ...é quase como se eu acesse, se calhar o meu paciente sente isto também.../

E- como se acesse ao eu do paciente???

P1-ao colocar-nos ali, conseguimos colocar-nos nesse ponto de vista... e também olhar para o nosso terapeuta e pensar... ahhh se calhar eu também fiz e ...se calhar é importante eu ir para aqui ... acho que foi importante também. /O que eu destaco mesmo da existencial é este lado mais relacional. Acho que fui tendo uma maior consciência de analisar não só o caso em si com os estudos de caso, mas as implicações relacionais, como é que eu estou na relação, as dificuldades que sinto...

E- refere-se à relação com o paciente ou com os colegas?

P1- com o paciente/

E – E a relação com o supervisor, como a sentiu?

P1-sim isso também, todos diferentes, cada um com o seu estilo, mas acho que nunca houve de todo uma imposição, portanto há uma abertura muito grande e há sugestões /ahh Porque tem a ver com a nossa abordagem, porque não há um certo, há muito um sentimento de acolhimento... há sempre um acolher...mesmo desde o início...vamos experimentando as coisas... a relação acho que foi muito de abertura, mesmo...

E- considera essa abertura na relação como um Ponto fulcral

P1- Sim em existencial considero como a abertura como atender às sugestões, às necessidades que temos, é muito auscultar as nossas necessidades... sinto quando estamos lá que há muito essa postura, de escuta auscultar entre todos, mesmo entre supervisor, claro que este tem uma postura destacada mas, muito relacional, não há aquela de que aquela pessoa é que sabe...ou seja, claro que sabe mais que nós, mas não nos faz sentir.... Há uma proximidade muito grande/....mas há um respeito muito grande e isso também nos dá segurança e dá-nos a capacidade de confiar em nós, de nos valorizar também ./

E- A forma como o supervisor se coloca perante vós, como uma pessoa com mais conhecimento, não sente que cause inibição, então?

P1- Não, pelo menos eu nunca senti, pelo contrário, sinto que ele também pode falhar... se calhar estávamos mais inibidos no 1º ano mas agora já não/...e depois também vamos tendo alguns supervisores repetidos, no 4º ano tive uma que já tinha tido no 2º...já nos conhecem melhor... se calhar pode ter alguma influência.....ouve sempre um cuidado muito grande, o que é que querem da supervisão, também vamos fazendo pontos de

situação...o que é que esta a correr bem ou não está a correr, houve sempre muita abertura nesse sentido nunca houve imposição/...estou a pensar, se calhar há outros modelos que são mais rígidos nisto...

E- É então um ponto que destaca neste modelo?

P1- sim e muito esta tónica da pessoa do terapeuta...e não só no caso em si, ou seja, esta questão mais minha, no caso do terapeuta vamo-nos conhecendo também ...vamos tomando consciência das nossas coisas, do nosso estilo...mais enquanto terapeutas e também enquanto pessoas, porque as coisas ligam-se...ligam-se as duas/ ...porque há momentos... lembro-me de apresentar casos e o supervisor perguntar porque é que está a ser tão difícil ... o que é que isto também toca em si ou na sua vida ...depois uma ponte para o mais pessoal, em que a pessoa está mais frágil, depois há o acolher disso também... não sei se noutros modelos sentia isso.../(silêncio). Na supervisão é esse objetivo, mas consciência muito nossa, não só o aspeto prático da intervenção e do caso, mas centra-se mais nesta dinâmica, eu comigo.....

E- a experiência que tira deste modelo existencial, posso dizer que passa por um autoconhecimento

P1- Sim , além do conhecimento adquirido na discussão de casos e teoria, aquilo que fica mais mesmo é o lado pessoal, aquilo que vamos conhecendo ao mesmo tempo de nós...e isso é muito rico, toda esta formação foi muito intensiva, muito experiência muito vivida.../depois a psicoterapia que faz parte do processo, que fiz paralelamente também me ajudou, e depois as experiências de díades que fiz em “cadeira x” e outros trabalhos mais experienciais.../a questão da supervisão é algo que mexe, não dá para nós irmos e estarmos só na perspetiva profissional, exige e mexe muito connosco, questões pessoais... e depois o saldo é mesmo o enriquecimento, transformativo até. /Se eu pensar se não fosse trabalhar nesta área tinha valido muito a pena, mesmo em termos pessoais.

E- Sentiu que trabalhou e “cresceu muito”?

P1- sim , tomei mais consciência ...pois/...e mais coisas...não sei se estou a ser muito divagadora (risos)

E- Não! O que se pretende é que fale da sua experiencia vs viver a supervisão. E quais os aspetos mais significativos para si, assim como de que forma a tem ajudado na prática clínica. Parece-me ter feito referência a isso ao longo da Entrevista. Quer dar-me alguns exemplos disso?

P1- O que realço, é este aspeto mais relacional e de ir integrando, se calhar o foco não é “catro” e supervisão é supervisionar os casos, e o foco não é estarmos a trabalhar as nossas

coisas mas decorrente disso é o aproveitar disto...e só assim é que também podemos ter mais consciência, pronto! /Há coisas muito engraçadas e que destaco, isto é uma coisa muito pessoal, ou seja, ...eu trabalho com crianças, e a questão às vezes dos limites, e às vezes há crianças muito desafiadoras e de comportamentos de oposição, e às vezes é para mim muito difícil lidar, e às vezes não me apetece é estar, porque é muito difícil lidar com isto, e às vezes penso que isto tem sido um desafio muito grande. Decorre da prática clínica e depois entra para o lado pessoal, ou seja, e tem havido uma evolução, antes era mais difícil e agora já é menos... e isto é muito desafiante, e mexe comigo porque tem a ver com uma dificuldade minha...que sou mais calma, passiva.../e é este ganho de consciência, o ganho decorrente da experiência pessoal, que vai muito para o lado pessoal, mas que está a ser desafiante, esta ligação entre a vida pessoal e profissional, adquirida muito também com a supervisão./

E- No decorrer dos 4 anos de supervisão, sentiu alterações relativamente à fase inicial do seu processo, só com crianças ou também com adultos?

P1- trabalhei com ambos, na fase inicial sentia-me mais sozinha... com mais dificuldade.../e não quer dizer que isto foi, “Ah então faz assim!”...e não, isto é um processo que não dá para acelerar, isto é um processo também meu que está muito intrincado nas minhas características, não mudei de repente, se calhar há situações em que ainda tenho dificuldade mas permitiu ter uma consciencialização muito maior disto e perceber que os casos mais desafiantes ou que...é mais difícil e que às vezes até irrita e estamos “fogo!! Esta sessão foi mesmo complicada”, e...o que no fundo eu estou a trabalhar muitas coisas em mim, ou seja...é ter consciência disto.

E- Considera que a supervisão a fez pensar e ter consciência do porquê de ser tão difícil trabalhar certas questões com determinada criança, por exemplo?

P1- Sim, neste sentido, estamos a trabalhar um paciente, mas este paciente tem características que me tiram desta zona de conforto, ou que me fazem desafiar, mas que às vezes têm acções que me fazem sentir desafiada, angustiada ou até maltratada/.... Sei, crianças que chamam nomes, mas que é a forma delas serem...e que não tem a ver comigo isso (risos)... sabemos distinguir isso...mas tem que ver com alguns limites, e se calhar mesmo aqueles que é suposto pôr, eu não punha, portanto foi ganhar esta consciência ...e que também tem a ver com as minhas questões pessoais, que há também uma diferença em todo este processo./ Se calhar se eu tivesse muito sozinha podia ir fazendo à minha custa, mas o processo não teria sido tão rápido, do que estar acompanhada por todo este processo de supervisão que eu tive e o grupo.

E- Considera então que a supervisão catalisou esse desenvolvimento?

P1- sim sem dúvida! Potenciou o meu desenvolvimento mais rapidamente do que se estivesse a fazer clinica só./

E- E sente que, com essa sua consciencialização do processo, percecionou, mudanças nos pacientes?

P1- Eu percebo que é importante haver a flexibilidade e a disponibilidade, mas é importante haver a questão da...liberdade e a imposição de regras e limites.../e eu percebo que às vezes ainda não consigo bem isto mas/.....se calhar estou a falar de coisas que não têm a ver com o tema...percebo que tenho que desenvolver isto para ser melhor , ou dar aquilo que aquela criança precisa, ou seja, para aquela criança se calhar é importante, ter mais limites...e portanto eu vou/ ...acho que sim, tem tido impacto nas crianças sim!! Aliás recorro um caso que tive com um menino que estragava materiais, era rebelde, muito difícil, queria ir embora...e eu tinha aquela postura, ah temos que aceitar , não podemos cortar a liberdade...e eu consegui começar a distinguir onde está a secção para a pessoa se expressar e a imposição dos limites...e se eu não impuser limites vai haver sempre abusos.../e olhando para o meu 2º ano e agora, é muito diferente, ou seja , ouve impacto neles, sinto que já imponho limites, ou seja, é dar a liberdade...das regras, mas se calhar saber dizer à criança “naquele espaço ali junto ao Pc não podes fazer”...isto com crianças é sempre diferente, mas sinto que já sou muito mais firme./

E- Quais as mudanças que perceciona em si enquanto terapeuta, com o processo de supervisão, mais relevantes?

P1- Não sei enumerar (risos)...eu acho que é tudo, é da supervisão é da formação/...lembrei-me agora que no 2º ano, que me ficou marcada uma situação, por causa da supervisão, que foi com a mesma supervisora do 4º ano ,de ela me dizer (risos) : “mas a C. não pode ...qualquer dia bate-lhe, a criança faz-lhe isto e aquilo e a C. está ali no sentido de aceitação...nós não podemos estar só nisto, e aliás nesta abordagem a C. tem que aparecer como pessoa e o impacto que isto causa em si”...e acho que tem havido uma maior consciencialização disso/...e aperceber que eu antes sabia que era importante para o menino...e houve ali momentos em que eu pensei que não era a pessoa mais adequada a este caso, se calhar esta pessoa precisa de outras coisas que eu não estou a conseguir...e há uma consciencialização disso e que tenho vindo a desenvolver/...na esfera pessoal, não carregamos no botão, mas fez-me questionar se devia continuar a acompanhar crianças ou não, /mas...pronto! Noto que estou muito mais pacífica, lembro-me no 2º e 3º anos pensar. “ se calhar crianças não” mas eu depois gosto de estar com elas em relação, mas depois

quando surgiam estes desafios com crianças que me exigem mais este lado, eu sentia logo mais dificuldade em lidar...e agora já sei desta questão,/ e hoje em dia é um bocado...acho que depois este processo todo faz refletir muito sobre a prática...isto é, será que quero trabalhar com esta população ou não. Permite pensar muito sobre isso, se calhar sozinha também, mas na supervisão senti isso, permite muito pensar expondo. /Recordo muito com um professor expor muito estas questões e concretamente com os casos, as questões que surgem, ajudam-nos a refletir também sobre nós. E ouve também esses espaços para a reflexão na supervisão...não há aquela rigidez, tem que ser um caso e acabou, às vezes surgem outras questões/...(risos) andei aqui em círculos, mas tentei ir dando exemplos do que a supervisão me foi dando...(risos)...

E- Penso que tem sido ilustrativo do que representa para si a supervisão.

P1- (risos) surge sempre tanta coisa (risos)/

E- Então o que podemos concluir de tudo o que aqui relatou sobre a supervisão?

P1-...a partilha , o modelo de ajuda da auto consciencialização, do auto conhecimento, da abertura e disponibilidade/...ou seja se me perguntar só vejo aspetos positivos da supervisão... não vejo assim nada.../e pensando assim, se este tempo todo estivesse estado sozinha sem supervisão no meu consultório...acho que o que isto permite é um enriquecimento e um alargamento...que sozinha teria sido muito mais difícil.../torna-se difícil distinguir só da supervisão, porque houve também um componente formativo todo ele e houve aqui um impulso nestes 1s anos, que se calhar não noto uma evolução tao grande agora que tive estes contributos todos, da supervisão da psicoterapia...mas sim acho que sim...realço sobretudo aspetos positivos, /podem haver claro sempre sugestões ,e quando eu digo isso acho que isso está aberto em cada grupo...e em cada contexto de supervisão, há abertura para isso ser falado....se calhar repensar essas questões das sugestões que as pessoas têm a dar, pois se calhar cada grupo pode ter exigências diferentes.../não lembro uma experiência negativa ou obstáculo que tenha surgido...talvez no início me tenha sentido mais observada mas faz parte do processo...agora ...acho que foi útil , não me senti julgada ou avaliada, isto é, ...claro que há uma avaliação, mas...não senti como se fossemuito/acho que é isso , sentir confiança no grupo ...nas questões que quer levar..."se calhar não vou levar isto, fica mal"...mas não aconteceu, o facto de haver confiança no grupo ,não me fazia sentir isto.../lembro agora na última supervisão, eu não estava muito bem...não conseguia expor... mas isso depois foi muito debatido, "mas não quer mesmo?" ...e depois até fomos para outros assuntos...de quais são as características que nos distinguem.../e o grupo era muito forte...havia muita relação

de proximidade...foi conseguida com esse grupo...não sei se se passa o mesmo noutros grupos.../

E- Considera que o grupo é uma componente importante na supervisão?

P1- Sim Sem dúvida! Poder acolher estas questões, o facto de não estar muito bem emocionalmente, e eles perceberam o que é que eu precisava deles... houve um acolhimento daquele grupo.... a postura de cada um...e o que é engraçado é que durante 1 ano, quase nunca ninguém faltou...havia um compromisso muito grande, e éramos todos, não só a figura do supervisor mas todos.../eu não disse , mas estou a lembrar-me agora , se calhar cai no mesmo...tive uma experiência mais para o fim, de supervisão individual, mas que destaco quase as mesmas coisas....coloco a dimensão pessoal , talvez nos foquemos mais nas necessidades clínicas do caso, talvez a minha necessidade fosse maior...focamos mais no caso, não tanto nas minhas questões, na dimensão pessoal. Senti que na supervisão individual o foco era mais no caso...se calhar também tinha mais a ver com as minhas necessidades da época...mais concretas... /também nunca fiz muito tempo seguido...se calhar se tivesse mais tempo a parte relacional tinha proporcionado mais...destacava mais outra coisa.../se calhar já tem a ver com outras questões (silêncio) ... isto se calhar tem a ver mais com a postura existencial.../se calhar com determinados pacientes faz falta uma vertente mais integrativa...outras abordagens...e se calhar/ ...nós não temos tanta experiência e faz mais sentido se calhar outras perspetivas...isto talvez porque uma das supervisoras, já tinha uma experiência anterior noutro modelo ... e talvez esse facto tenha ajudado...também foi importante em casos mais concretos.../

E- Mas sentiu essa necessidade na sua prática clínica? Pode explicar melhor

P1-sim ...senti a necessidade de outras aberturas, mais concretamente em algumas situações...e o facto desta supervisora nos dar essa abertura, senti que foi útil.../em dadas circunstâncias experienciais senti que a transmissão de conhecimentos resultantes de outras abordagens que ela experienciou antes ajudou...tanto que ela disse, “ as pessoas sabem que sou existencial, mas também tenho outra base, porque não utilizá-lo quando é preciso”...e é isso, talvez nalgumas situações em que é preciso desbloquear algumas situações , porque não utilizar esses conhecimentos...(silêncio) /lá está , a existencial permite essa abertura, não é estanque...lá está na experiência que falei anterior de supervisão individual que fiz, as questões eram mais focadas/...as crianças chegavam com questões concretas, era preciso uma avaliação, para coisas escolares, depois futuramente se partissem para terapia, aí sim punham-se questões mais relacionais, onde já faziam sentido questões mais existenciais...mas...mas também era preciso refletir aquele caso , não em termos

existenciais, mas em casos mais concretos...mais integradas...mais da psicologia, o que nós no fundo somos todos, psicólogos em primeira análise.../talvez com adultos seja diferente, ou seja, podemos prescindir das coisas mais objetivas , não há avaliação, mas com crianças, há os pedidos concretos, as avaliações das escolas, o despiste de qualquer problema, etc...então aí surge a necessidade mais integrativa.../depois é giro...cada supervisor... um vem de uma área e outros vêm de outras...e todos eles ficam com algumas coisas dessas áreas... é muito útil depois para a psicoterapia...(silêncio) risos.../Acho que tá tudo.... penso que já disse tudo, até acho que divaguei demais... (risos)

E- Agradeço-lhe a sua disponibilidade, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa ao tema da supervisão

P1- Eu também agradeço. Boa sorte para o seu trabalho. Penso que disse tudo o que me ocorreu, talvez até me tenha desviado do tema um bocadinho (risos).

E- Obrigada CM./

Entrevista Supervisando P2

E- Bom dia! Gostaria que me falasse um pouco do seu processo de supervisão no modelo existencial, de que forma o tem vivenciado?

P2- (silêncio) Então vamos lá!...não sei bem por onde começar... é difícil conceber fazer psicoterapia sem ter supervisão/...porque...sobretudo numa fase inicial enquanto psicoterapeuta, a supervisão acaba por ... de eu enquanto terapeuta ter outra visão sobre os casos que estou a analisar/...e é sobretudo importante naquela situação enquanto uma pessoa se vê naquele impasse...em que parece difícil ver qual o caminho a seguir com o paciente/ ...no entanto a supervisão acaba também por ser uma forma de me ajudar a mim.../e nós fazemos a supervisão num contexto de intervenção, não só supervisor e supervisando, acabam por estar envolvidos os nossos pares e isso também contribui para o processo em que... de certa a forma também nos é dada a possibilidade de certa forma de clarificar um pouco o caminho que estamos a percorrer com o paciente, acho que as vantagens são sobretudo essas, no fundo é trazer à luz uma outra forma de ...um outro olhar sobre a história do paciente, sobre o processo que o paciente está a fazer, sobre o processo que está a fazer com o terapeuta/...Aaaaaa...apontava alguns caminhos, outra trajetória possível de percorrer com esse paciente.../num certo sentido é como se desse uma certa estrutura ao que é fazer terapia num modelo existencial, não é propriamente aqui uma teoria que sirva de estrutura de base...acaba por nos dar também esse suporte./

E- Na sua prática clínica tem sentido benefícios decorrentes da supervisão existencial, tem algum exemplo que queira partilhar?

P1- sim.... Na prática clínica sim...nos casos em que ...em que são levados para supervisão.../acho que há aqui vários fatores que podem contribuir também...Aaaaah...a experiência do supervisor é muito importante, há situações em que ...eu tive...neste caso na sociedade...em que há vários supervisores...e há supervisões que são mais ricas, parece que saio da supervisão com ...com ...com...com outra clareza outro olhar sobre os casos...mas também depende do supervisor/...mas em regra também é um momento de reflexão, é um momento privilegiado de reflexão sobre o caso...poder refletir/ e poder...também fazer uma espécie de análise em nós próprios...Aaaaaah...como é que nós estamos com aquela pessoa...e...como é que nós com as nossas coisas estamos e nos relacionamos com o paciente...onde é que...numa relação de ajuda/...não sei...é difícil para mim agora trazer aqui um exemplo concreto....Aaaahh... /fundamentalmente eu acho que a importância da supervisão também dá-nos uma perspetiva daquilo que pode ser uma leitura fenomenológica existencial do caso, da pessoa em si...Aaaaaah.../, e isso é algo que

eu muitas vezes eu sinto dificuldade enquanto terapeuta... é de fazer essa leitura com os elementos que tenho, portanto, muitas vezes eu sinto que necessito de ajuda de alguém mais experiente, que tenha conhecimento até dos autores e da literatura existencial que possa de algum modo fazer o enquadramento do que é uma visão existencial também sobre a pessoa/ ...e isso dá...dá-nos até outra confiança, aquilo que eu sinto é outra confiança/...também a partir do momento que soube ...em que levo um caso em que me sinto inseguro...ou de algum modo com...enfim...com aquilo que tenho ou que estou a trabalhar e a perspectiva de uma pessoa mais experiente...também me dá uma outra segurança, uma outra confiança para abordar este ou aquele aspeto que eu ainda não tinha pensado, ou se calhar que eu ainda não tinha pensado ou olhado para ali, ou até mesmo a estabelecer relações de sentido,/ nós no processo terapêutico é muito isto, estabelecer relações e sentido entre aquilo que ela traz e entre aquilo que é o problema que ela sente e entre como ela está no mundo/...e a supervisão também nos ajuda muito a olhar para esse processo também de uma forma se calhar mais clara mais lúcida, mais...mais total até muitas vezes, mais completa no fundo.../

E- Sente que o supervisor além da experiência que traz, também partilha muito conhecimento teórico e o ajuda a situar no modelo...

P2- Sim...por vezes isso acontece e por vezes não acontece. Tive supervisores em que acontece e há supervisores em que não estão para aí virados, isso não é importante,/ enfim, se calhar para mim é importante na medida que eu estou a fazer um curso e ainda estou a absorver também estes conceitos estas ideias, no fundo este modelo, portanto é algo que eu valorizo na supervisão, não só para o caso que possamos discutir do ponto de vista pragmático mas também do ponto de vista teórico, e do ponto de vista ...à luz do ponto de vista teórico que é a visão do existencial/...Aaaa...se bem que muitas vezes isto não é linear esta diferença do ponto de vista da supervisão...

E- A interligação entre a teoria e a prática... mas considera que a teoria é um fator importante?

P2- Sim eu aprecio... eu aprecio...e ajuda-me até a perceber melhor a pessoa, se eu tiver uma noção como é que a própria ...enfim, as próprias filosofias da existência olham para este tipo de realidade, acho que se nós retiramos alguma coisa/...isto é, aquilo que nós vamos retirando ao longo do processo de formação enquanto terapeutas também nos dá um novo olhar sobre o mundo, o que é estar no mundo, o que é estar vivo neste mundo/....como é que... é que portanto...eu acho que sim, para mim tem todo, faz todo o sentido num contexto de supervisão poder até falar sobre alguma teoria, não só prática, não

só sobre a pessoa em si, mas poder interligar as duas coisas...Aaaahh...a forma como a pessoa vive os problemas, ou sente que tem, que vive mas também como os autores abordam estas questões./

E- Quando refere há pouco que, durante o processo de supervisão na apresentação de casos também trabalha a análise da relação terapêutica com o paciente, fala também de alguma forma num processo de autoconhecimento?

P2- Sim...sim sim pode ser, não digo que seja centrado nisso, ou que deva ser centrada nisso, mas de alguma forma também acho que há espaço para isso no contexto de supervisão/...Aaaahh...agora não vamos confundir a supervisão com a terapia...Aaaaahh... há um contexto específico para discutir o modo como estamos na relação com os outros mas ali em contexto de supervisão também acho que ...é importante nós termos essa noção/, e o supervisor também poderá servir de ... pode ser um elemento que põe isso em cima da mesa, ou ajuda a pôr em cima da mesa, ou em relação à qual nós ainda não nos tínhamos dado conta/...Aaaahh ...e depois se isso de facto for algo que esteja a perturbar a relação com o paciente ...enfim porque não levá-lo para prática da psicoterapia./

E- Falou há pouco no processo de intervenção, na sua experiência em supervisão existencial em grupo...como experiencia esse modelo

P2- Nós temos um supervisor, mas a supervisão é feita em grupo, portanto... para além daquilo que são os inputs que o supervisor nos traz, em relação àquilo que é a apresentação do caso, também os colegas têm espaço para dar os seus próprios inputs, análises e as suas ligações entre aquilo que é trazido pelo supervisando,/ acaba por ser também rico, não estamos apenas numa relação com o supervisor em que está apenas uma pessoa a olhar para aquilo que nós trazemos, mas estão várias pessoas também a ouvir e a olhar para o caso... a ouvir e a refletir sobre o caso...e que acaba por enriquecer o caso e os presentes, no fundo enriquecendo a supervisão, ajudando à reflexão./

E- Quando fala em relação com o supervisor...Quando menciona que há vários supervisores, cada um com o seu método de trabalho, considera que isso pode ser um fator que possa de alguma forma influenciar o “resultado ou sumo” da supervisão

P2-Quando diz a relação em que sentido? (riso)

E- Falo da relação com o supervisor em sentido lato... depende da forma ou o contorno que lhe quer dar... pode ser relação de trabalho, pessoal, etc...o que para si fizer mais sentido.

P2- Sim quer dizer... eu entendo o que me está a dizer...mas quando estamos a falar de uma relação com um supervisor, é sempre uma relação de ...digamos assim, não quero dizer formal ou profissional, mas há papéis bem definidos, portanto, o supervisando tem um papel e o supervisor tem outro papel, tem o seu papel,/ portanto, eu se não desempenhar bem o meu papel enquanto supervisando também não posso esperar que o supervisor desempenhe bem o seu papel./ E o que é isso de eu desempenhar bem o meu papel (risos)... eu para desempenhar bem o meu papel, eu antes de ir para supervisão tenho que preparar bem o caso, eu tenho pensar e refletir sobre aquele caso, devo ter as minhas ideias tão bem estruturadas quanto possível sobre aquela situação, sobre aquela pessoa , sobre aquele paciente, para quando levar o caso para supervisão, eu possa ter mais ou menos um fio condutor, e possa ser coerente naquilo que estou a transmitir ao supervisor...se eu não preparar o caso, se eu tiver só apenas umas ideias soltas e as levar para a supervisão sem qualquer tipo de estruturação, digamos assim, sem uma reflexão prévia, não só estou a dificultar a vida ao supervisor , mas também estou a ser...não me estou a ajudar a mim próprio, portanto/...(silêncio)...isto é um ponto de partida, portanto a supervisão para correr bem e para a relação ser ...para poder haver até uma relação entre supervisor e supervisando acho que parte-se logo do princípio que o supervisando também possa de algum modo estar nesta relação com alguma seriedade, não é ? ...e depois o supervisor faz o papel dele/...mas não sei se me estava a colocar a questão mais no sentido de alguma afiliação? Ou seja, da forma como nos sentimos com o supervisor, com maior proximidade, se isso ajuda no processo de supervisão, era isso?

E- Sim também, quando falei em sentido lato, inclui também essa abordagem mais afiliativa. Há pessoas que valorizam mais, outras nem tanto...Como vivencia o P nesse sentido a relação em supervisão?

P2- Sim ... à partida nós identificamo-nos com aquilo que as pessoas defendem, com aquilo que ... com o modo como as pessoas têm ...com o desempenho da função, não tanto se /...repare, eu não tenho relações estreitas com nenhum supervisor, nós não somos amigos fora da sociedade... e aquilo que eu valorizo neles é a seriedade, é a ...enfim... a competência técnica...não só técnica , mas enquanto seres humanos, em que eu olhe para eles e não seja só ...em que eu olhe para eles e os respeite isso para mim é ...acho que é fundamental, não tenho que os conhecer à partida ou a priori, para sentir que as coisas correm melhor./ Até porque nós na sociedade temos professores e supervisores que são estrangeiros e que vêm de fora e que nós não os conhecemos, não temos qualquer tipo de conhecimento sobre cada um deles... e acho que depois disso se manifesta, se materializa

no próprio contexto da aula, da supervisão, em que... quando nós trazemos coisas e nos colocam coisas que são relevantes, nós por si só é suficiente para estabelecer a relação, nós estamos ali para ser ajudados e para nos ajudar ...e acho se... se cumprir esse objetivo, se eu sair dali e sentir que valeu a pena e foi importante e que foi relevante e significativo para aquilo que é o meu trabalho enquanto terapeuta, então ótimo! Esse é o objetivos./

E- Considera que a supervisão tem exercido influência na sua atuação enquanto terapeuta, na prática clínica?

P2- Sim! Sem Dúvida. A supervisão, a reflexão sobre os casos/...e quando nós procuramos transcrever as sessões, isto já é uma forma de nós já olharmos uma segunda vez para os casos, é refletir sobre a pessoa, sobre o processo...e a supervisão mais ainda. Não somos só nós a refletir é mais alguém...sim sem dúvida que sim!/
E- **Sente que o paciente retira mais benefícios com esse trabalho por trás?**

P2- Sim! Acredito que sim. Acho que é um processo normal, até qualquer terapeuta pode beneficiar disto... e mesmo os mais experientes/... mas mesmo o momento em que os terapeutas fazem o seu processo de formação e ... enfim... adquirem alguns anos de experiência a supervisão passa a ser... já não tem que ser um momento externo e acompanhadas, mas passa a ser um momento interno e isto...acho que é um processo que passa a ser constante...neste trabalho de acompanhamento terapêutico./

E- Quando fala em supervisão interna

P2- (Risos) sim ... no fundo é este trabalho que ... que se faz, e o tempo que se investe na discussão de casos com a reflexão / ... tenho a certeza que qualquer paciente poderá beneficiar disso mesmo/ ... mesmo naqueles que não têm necessariamente supervisão, façam este trabalho de reflexão...e de... “supervisão interna”...silêncio...

E- hum hum/

P2- sim, também intervisão entre colegas... sim ... considero muito importante que um terapeuta possa ter um conjunto de colegas com quem possa eventualmente até discutir os seus casos num contexto de intervisão, sim! Não terá que ser um grupo muito alargado, 2 pessoas pode ser até suficiente para se poder fazer esse tipo de tarefa. /

E- Desde o momento em que iniciou o seu processo de supervisão, até ao presente, que alterações mais significativas sentiu, e a que nível? O que é que mudou ou não?

P2- É difícil dizer o que é que mudou ou não, não sei se mudou...mudou muita coisa...alguma coisa terá mudado seguramente. Não sei se por causa da supervisão, é difícil encontrar aqui uma relação de causa efeito ...e até é difícil dizer ou perceber se houve mudanças /...mas...

E- o que sobressai no seu processo de supervisão?

P2- Eu acho se calhar no início quando acompanhava pessoas angustiava-me mais facilmente do que me angustia hoje/... eu acho que também tem a ver com a compreensão do que é a terapia...e... e aquilo de que é o nosso entendimento do que é a terapia... de facto nós trabalhamos com coisas que são, que não são controláveis /e... eu acho que também é um desligar daquilo que nós chamamos pré conceitos que trazemos à priori daquilo que é fazer terapia...aaaahhh... e esta aprendizagem também é fruto da aprendizagem do processo que fazemos enquanto psicoterapeutas e eu ainda estou em processo, portanto isto é um processo que ainda continua/ ...aaahhh ...e...

E- Fala do processo?

P2- Sim, da minha formação enquanto psicoterapeuta.

E- hum hum

P2- E nós pensamos o que é que é fazer terapia/ então...e quando eu digo que me angustiava mais no início do que o que eu me sinto angustiado agora, atualmente quando estou a acompanhar um caso ... e...por vezes ainda me sinto perdido...aaaahh...eu acho que isso me angustiava mais há uns anos, no início, quer dizer, também não acompanho pacientes assim há tanto tempo/... ahhh....

E- quando me fala dessa angústia sentida, fala-me de que angustia?

P2- Era sentir que poderia não estar a ajudar o suficiente a pessoa...sentir que de certo modo eu podia estar aquém daquilo que eram os objectivos que eu entendia que era fazer terapia com aquela pessoa/...e eu acho que à medida que a pessoa vai evoluindo com aquela pessoa e enquanto terapeuta também se vai apercebendo de que as coisas são como são, e portanto as coisas têm um timing certo para acontecer/ ...e se calhar mais no início do processo enquanto terapeutas há uma grande avidez por ver logo os resultados e por achar que há sempre outras coisas que se podem fazer mais eficazes e mais ...impactantes com benefícios mais imediatos para as pessoas...e que nós é que não estamos a conseguir...o que eu acho é que o ónus fica muito do nosso lado/...aaahhh e portanto, à medida que uma pessoa vai evoluindo enquanto terapeuta vai percebendo que as coisas vão muito da relação e... não somos só nós...e vai muito da relação, daquilo que se vai construindo e...nesse sentido as pessoas também têm timings certos para ir abordando certos temas, aspectos que são importantes para elas e que/...portanto...não somos nós que vamos decidir qual o caminho que vamos decidir para elas e sim ...é construído em conjunto...e nós estamos ali para acompanhar esse processo.../e eu acho que no princípio

isso me gerava mais angústia porque colocava muito essa tônica do meu lado/...aaaahhh...mas portanto...acho que entretanto já me desviei da sua pergunta...

E- Penso que acabou por responder naquilo que sentiu como uma mudança sentida no seu processo de supervisão...

P2-Ah sim! Tinha perguntado o que tinha mudado (Risos). Sim, eu acho que esta parte da angústia não é que ela tenha desaparecido, eu é que aprendi a lidar melhor com ela.../ (silêncio)... o que poderá ter mudado mais... o que é que mudou o facto de eu ter vindo a ter supervisão...o que é que a supervisão me tem dado...

E-hum hum

P2- Eu acho que nós nos vamos apropriando daquilo que é um pouco também o olhar do supervisor sobre os casos que vamos trazendo ...há um olhar que é trazido para o contexto da supervisão, que nós enquanto supervisandos e terapeutas nos podemos ir também apropriando e... são ângulos ...digamos são ângulos que nós ainda não tínhamos descoberto e de algum modo/ ...ahaaa... eu acho que isso também nos dá outro tipo de... experiência ...Sim Sim ...se calhar o supervisando aahaaa...beneficia com a experiência do supervisor na medida em que se pode apropriar de um outro olhar sobre os casos./

E- mas quando fala em apropriação, fala no sentido de uma colagem...

P2- não tem que ser necessariamente uma colagem porque... todos os casos são diferentes...poderá haver elementos que são comuns mas obviamente que... aquilo que nós beneficiamos da supervisão em relação a determinado caso... aaaahh, isso pode-nos fazer sentido para outros casos e...não diria que as coisas são tipo autocolantes, mas não é propriamente as intervenções em si,/ ou seja, há supervisores que nos podem dar orientações sobre as orientações que podemos fazer em determinada situação ou noutra, não é propriamente o que se faz nessas intervenções, mas sim o modo como se olha para a existência daquela pessoa no fundo./

E- Considera haver muitos pontos em comum nos diferentes casos, na perspectiva da existência?

P2-Pode haver circunstâncias entre si...no fundo, nós somos todos feitos da mesma massa...somos todas pessoas...e nesse sentido ...há elementos que se cruzam ...e esse olhar sobre as pessoas Sobre os casos/ ... também no caso, que são aquilo que são os contributos dos supervisores também está fundado ou enformado, digamos assim ... pela perspectiva existencial ... / portanto, admito que podemos beneficiar dessa supervisão em relação a um caso para outras ... outros casos, outras situações...é isso./

E- Alguma vez lhe surgiu alguma questão na supervisão que gostasse de ver abordada de forma diferente, alguma sugestão?

P2- Bom... para mim é difícil porque eu não tenho ... não tenho propriamente ... não consigo fazer uma comparação dentro do modelo existencial e outro tipo de supervisão informado por outro modelo ... seja o psicanalítico, seja o integrativo, enfim o cognitivo comportamental... é difícil para mim comparar com os outros, sem poder dizer o que é que eu retirava de uns e colocava de outros/...mas sim... em termos absolutos, não é? Sem fazer comparações... aaahhhaaa...se eu mudava alguma coisa? (silêncio) ... hummmm não sei.../

E- ou se sentiu em algum momento da supervisão algum obstáculo, ou algo que tivesse sentido que faria de forma diferente

P2- Eu enquanto supervisando?

E- hum hum... se alguma vez sentiu que gostaria de estar a viver essa supervisão, com outro formato?

P2- (silêncio) ... estou aqui a pensar...(silêncio)...estou aqui a pensar uma coisa , aquilo que eu à partida até pensei que pudesse ser pouco ... houve um supervisor que experimentou comigo uma coisa que eu/ ...eu não ...uma coisa mais experiencial e eu....senti aquilo como algo que era pouco....pouco, adequado naquele momento...mas depois até consegui extrair dali alguma... alguma... algo que depois até me ajudou a olhar para o caso/...portanto... aquilo que eu senti como à partida que me tivesse sido pouco útil para mim... até acabou por ser útil... por isso isto talvez até não seja o melhor exemplo para/ ... mas ... se eu senti algum obstáculo alguma vez...ou sugestão...hummmm.... (silêncio). Isto varia, porque isto depende da supervisão, porque é difícil de, desligar a supervisão do supervisor... e até de supervisando.../ portanto estou a incluir-me eu próprio naquelas supervisões que foram menos bem conseguidas... menos relevantes ou menos úteis, talvez/...aahhh... dentro daquilo que são os moldes da supervisão, tal como é concebida, como é praticada, como funciona...aahhahh... nunca tinha pensado nisso, se haveria alguma coisa que pudesse ser diferente...ou...sugerir algo que mudasse,/ para mim agora está a ser difícil responder...não estou a ver mesmo em termos obstáculos.../

E- hum hum... mesmo do início para cá, momentos se calhar mais “difíceis” no início...não sente que tenha experienciado, ou mesmo experienciado com colegas de supervisão...

P2- Pois... sim! Eu tenho essa experiência dos meus colegas, de facto eles referem isso, alguns, inicialmente sentem-se mais observados e avaliados ... mas para mim, não!/ Eu

considero o momento da supervisão, um momento privilegiado/ e ... eu sempre encarei a supervisão como um momento oportuno para ...para eu poder preparar melhor o acto terapêutico e...e por acaso eu... /nós vamos falando entre os colegas antes da supervisão... e dizem tipo: ” ah! hoje sou eu, e não me apetecia nada apresentar “ ou “ para a semana sou eu, e não me apetece nada” e... eu até não consigo conceber bem essa ideia, porque... tomara poder ser sempre eu a apresentar , porque eu acho que teria sempre coisas a apresentar e material para levar e coisas para levar...por isso essa questão comigo não se coloca tanto ./

E- Acha que poderá ter a ver com as características do supervisando?

P2- Eventualmente sim, não sei! /Eu agora tenho um supervisor, em que nós somos 5, e só supervisiona uma pessoa por sessão, e nós temos supervisão de 15 em 15 dias, isso para mim...é ... quer dizer... demora muito tempo...portanto, eu se pudesse ter supervisões todas as semanas, em que todas as semanas tinha possibilidade de discutir um caso meu, era ótimo! /... ahaaa e às vezes para mim é difícil compreender... mas consigo compreender, mas é muito ... ahaaa... mas com alguma dificuldade, porque isto tem a ver com a postura das pessoas , /de facto a supervisão, ninguém está ali a julgar ninguém, é natural que todos nós tenhamos dúvidas, e angústias em relação aos casos que acompanhamos, e a supervisão é no fundo para isso, para uma pessoa poder ... trazer essas angústias , essas dúvidas e sair de lá mais clarificado... mais confortável até com o caso.../ portanto não me sinto minimamente julgado ou observado, posso já ter sentido isso num momento ou noutra...mas isso... talvez tenha sentido isso uma vez... para ser franco, senti isso uma vez, em particular quando...não levei o caso minimamente preparado e/... ahaaaa...e senti que enfim , os outros podiam estar a achar que eu era uma mau terapeuta, ou podiam estar a achar que eu ...mas isto foi algo que eu senti e que não quer dizer que tenha correspondido necessariamente aquilo que as pessoas tenham achado acerca de mim.../ por isso para mim é ótimo poder ter a supervisão e, tomara eu poder apresentar casos todas as semanas (risos)./

E- Não sei se quer acrescentar mais alguma questão sobre a supervisão?

P2- Não!... não tenho assim mais nada a acrescentar acerca da supervisão.

E- Então o que podemos retirar em sumo do processo de supervisão?

P2- hummmm....Considero que a supervisão tem sido extremamente útil, extremamente importante para mim enquanto terapeuta.... E pronto! /... se calhar para mim ...para fechar como comecei esta entrevista, é difícil conceber fazer terapia sem fazer supervisão, especialmente para mim, que me estou a formar enquanto psicoterapeuta, num processo

inicial e/... ahaaa... não é para mim concebível fazê-lo sem , pelo menos pensar na perspectiva de fazer um trabalho em que eu me sinta tambémde algum modo , até de consciência tranquila comigo próprio, de que estou a fazer aquilo que posso e que sei da melhor forma, se não tiver a ajuda também de quem saiba e de quem tenha mais experiência que eu para me poder dar aqui uma mão neste processo... (risos) é isso!/
E- Obrigada pela sua disponibilidade

P2- Obrigada também eu, espero que possa ter dado também algum contributo para o seu trabalho.

Entrevista Supervisando P3

E- Bom dia! Meu nome é RE, estou a fazer uma investigação em supervisão no modelo existencial, gostaria que a Dra C. partilhasse comigo um pouco da sua experiência de supervisão no modelo existencial. Como tem sido para si viver essa experiência?

P3- No modelo fenomenológico no geral?/

E- Sim, dentro do modelo fenomenológico existencial (F.E.), mas centrado no seu processo de supervisão durante a sua formação na SPPE (Sociedade de Portuguesa de Psicoterapia Existencial) em concreto. Como tem vivenciado esse processo, o que considera ter retirado desse processo?

P3- Considero que tenho retirado muitos benefícios da supervisão neste modelo, até porque eu já tive supervisão noutros modelos, no modelo psicanalítico, e eu para mim/... identifico-me mais com este modelo F.E., principalmente porque tem muito em conta a relação,/ não é só a questão das técnicas, porque não se trata das técnicas, mas é a parte da relação humana, como é que estamos com o outro, como é que o outro está connosco,/ e como é que isso influencia a supervisão e a forma como nós estamos com os nossos clientes. Isto para mim é uma das grandes mais-valias deste modelo,/ depois é muito a questão de encarar a pessoa como um todo e não só nos sintomas como é a corrente psicanalítica, que é aquela que eu tenho mais experiência, via-se mais o sintoma, ou seja, categoriza a pessoa e aqui não, tem-se a pessoa mais como um todo./ Acho que isso beneficia muito, não nos reduz. Abre muito as portas e também /...ajuda a própria pessoa a pensar sobre as coisas que ele tem/ e isso ajuda-nos também em supervisão, a pensar não no processo terapêutico da pessoa mas também com nós próprios/... que acho também que é uma mais-valia deste modelo, poe-nos a nós também em cheque...

E- Põe em cheque? Quer explicar um pouco melhor

P3- Sim...dá-nos um auto conhecimento. Em termos de supervisão ajuda muito, sim!!/

E- O modelo de supervisão de que me fala é em grupo ou individual?

P3- O modelo existencial era supervisão em grupo./

E- Já terminou o seu processo de supervisão na sociedade de Psicoterapia existencial?

P3- Sim, sim./

E- Sente implicações na sua prática clínica, que queira partilhar, do que retirou da supervisão?

P3-Sim sim...considero, que tem sido benéfico para a minha pratica clinica, até porque eu agora já não estou na sociedade a fazer o curso mas continuo a sentir necessidade e a ter

supervisão no modelo F.E/.... porque acho que considero que é muito importante a ajuda imenso a repensar e a refletir sobre os casos e é uma das mais-valias.../

E- E o facto de a supervisão ser em grupo, como vivenciou essa experiência?

P3- Penso que em grupo ainda torna as coisas mais interessantes, não temos só a visão do supervisor mas também dos colegas que muitas vezes olham para coisas que nós não olhamos porque estamos muito envolvidos no processo,/ portanto, acho que em grupo é muito mais benéfico, porque em supervisão acabo não só por aprender com os meus casos mas também quando os colegas apresentam casos, também aprendo com isso, portanto, acho que não é só uma mais-valia a partilha mas também as experiências dos casos./

E- Tem algum exemplo que queira partilhar?

P3- Da supervisão na prática?

E- Sim, de que forma a discussão de casos em supervisão tem sido útil na sua prática clínica.

P3- Ok... para mim o mais importante, daquilo que eu retirava da supervisão e aplicava na minha prática é o conseguir olhar para a relação/... distanciar-me um bocadinho daquilo que estou a viver com a pessoa em terapia e ter essa visão mais afastada/... acho que é o que benefício mais em termos de supervisão, essa possibilidade de um afastar e olhar para as coisas de maneira diferente.

E- Olhar diferente para a relação do paciente com o terapeuta?

P3- Sim! Do paciente com o terapeuta...pois... não sei que diga mais/... (silêncio)

E- Ao longo destes 4 anos de formação, como sentiu a supervisão com diferentes supervisores e ou diferentes colegas...o grupo manteve-se ou foi variando?

P3- Foram sempre diferentes, colegas e supervisores./ Aquilo que eu fui sentindo e que é engraçado verificar isto, é que, há tantos terapeutas como há diferentes maneiras de estar em terapia./ O facto de ter supervisores diferentes ajudou-me a olhar para as coisas de modo diferente, porque há supervisores que dão mais importância para a relação, outros para o processo em si, há outros que olham para a conceptualização do caso,/ e acho que isso foi a parte mais importante de ter supervisores diferentes, poder partilhar isto, e a mesma coisa acontece com os colegas, cada colega também tem uma maneira diferente de trabalhar e isso ajuda-me também a abrir os nossos próprios horizontes e não delimitar-nos porque nós temos tendência/ e... pelo menos eu sinto isso, tenho um bocado de tendência a fazer as coisas à minha maneira , como estou habituada, e acho que é muito importante ter não só o supervisor, como os colegas, alguém que me desafie um bocado a olhar para as coisas de uma outra maneira, diferente daquela a que eu estou habituada e que me sinto

mais segura/ e apesar disso, não vou mentir, porque é um bocadinho assustador e além disso acho que é super importante, porque ajuda-me a ver os casos, porque outras maneiras que mesmo que eu não concorde com elas tenho sempre o cuidado de ouvir e/... ok! O que é que eu concordo e não concordo e aquilo em que eu não concordo, pensar bem, então porque é que eu não concordo, /e isso também me ajuda a abrir um pouco os horizontes e a conhecer-me enquanto terapeuta, por isso eu concordo que é muito benéfico ter supervisores diferentes e colegas diferentes também/... outra coisa que eu fui sentindo também é que... mas isto tem mais a ver com a conceptualização em si, na sociedade conceptualizamos pouco os casos, e isso poderia ser mais bem trabalhado./

E- É uma sugestão que daria então?

P3- Sim! Talvez uma sugestão sim./

E- Quando fala em conceptualização de casos, pode falar um pouquinho mais sobre isso?

P3- Sim, por exemplo, imagine, eu tenho alguém que me diz que tem crises de ansiedade. Seria muito importante em supervisão, não só ver a parte da minha relação com a pessoa e do processo terapêutico, o que é que está aqui a acontecer,/ mas também perceber o que é a ansiedade à luz da psicoterapia existencial, à luz do modelo F.E. . É mais nesse sentido que estou a falar, na conceptualização dos casos/, porque às vezes eu sentia que faltava um bocadinho isso para compreender mais profundamente o caso em si, e não só a relação que estabelecia, e o que estava a acontecer no processo mas também na própria pessoa... e aí a sugestão dessa parte da conceptualização dos casos./

E- À semelhança de outros modelos que caracterizam a psicopatologia?

P3- Se calhar não de forma tão linear mas mais compreender os traços da ansiedade à luz da corrente F.E., /mais nesse sentido do que propriamente rotular a pessoa propriamente, como esta pessoa tem problemas de ansiedade, portanto, os problemas de ansiedade são isto e isto e isto, então ... não é bem isso!!/ é mais tentar perceber o como é que a ansiedade funciona na pessoa para poderem saber de que forma a podemos desafiar de que forma é que podemos ajudá-la a compreender melhor o que é isto de ansiedade na sua vida e na vida com os outros. É mais neste sentido./

E- Considera que esse ponto seria uma parte que melhoraria na supervisão?

P3- Nós tivemos! Não quero dizer que não tivemos, Não acho é que tenha sido tao elaborado ou exaustivo quanto para mim seria importante./

E- Sente necessidade quando está a acompanhar casos com essas problemáticas... necessidade de um maior background?

P3- Sim! Às vezes sim!/ E tenho tendência a ir procurar, se bem que, não se encontra muita coisa. As coisas que encontro mais são do Professor C.T. e do professor V.A.R., mas não há um trabalho maior da nossa parte, ver os autores e tentar perceber as coisas... (silêncio)/

E- Há pouco referiu a relação, como uma dimensão muito trabalhada neste modelo. Quer falar-me um pouco sobre esse tema. Quando fala em relação, refere-se a supervisor, cliente, colegas, etc.

P3- Hum hum... eu acho que acabo por falar na relação neles todos,/ mas aquilo que em supervisão é mais visível, é mesmo a relação entre mim e o cliente, a pessoa que está comigo, e também entre mim e as minhas próprias coisas e acho que a supervisão ajuda a ver esses lados todos./

E- Entre si e as suas próprias coisas?

P3- Sim! Desafiando-me, conhecendo-me e questionando-me, isso./

E- Sente que consegue retirar benefícios, isto é, torna os casos mais claros para si?

P3- Eu acho que é não só tornar o caso mais claro, mas é eu sentir também que eu consigo abrir mais a capacidade da pessoa refletir sobre ela própria, do ponto de vista do conhecimento, da auto compreensão/ e que isso também ajuda, porque aquilo que eu fui sentindo em supervisão é que eu quando estou em contacto com as minhas coisas, se calhar penso, ok! Tenho que trabalhar mais isto sobre mim/...e aí eu sinto que ao ficar aqui no background que tenho que trabalhar muito mais estas questões,/ acabo por estar mais aberta e muito mais ciente daquelas coisas que aquela pessoa vai trazendo de que alguma forma desafiam aquela parte, e que me ajudam a ser melhor terapeuta ou ajudar a pessoa a compreender-se melhor, acho que é mais neste sentido./

E- Sente isso que relata, quando discute casos em supervisão?

P3-Sim, sim, sim, sim!/ Muitas vezes quando estava-mos a discutir casos, havia alguma coisa que ou um colega ou o supervisor dizia, ok! Se calhar se olhares para isto de uma outra maneira ou de outra forma, pode trazer qualquer coisa mais importante ou mais de maior valor para a terapia com a pessoa/...e eu sentia muito isto, que era... quando eu parava, mesmo em supervisão e...guardava um bocadinho do que me tinham dito, e parecia que havia algo que em momentos sentia, ok! Parece que houve qualquer coisa aqui que se desbloqueou./

E- Hum hum...

P3- E era engraçado na semana a seguir, ver depois quando tinha terapia com a pessoa, sentir que às vezes até/... aconteceu-me, agora por estar a falar nisto, uma situação específica... aconteceu-me em supervisão ter este sentimento, ok! Isto desbloqueou

qualquer coisa, e foi engraçado eu estar com o cliente, e ele dizer: “ o que é que aconteceu hoje aqui que foi diferente?”,/ e isso para mim foi o sentir mesmo, ok! É mesmo importante a supervisão, e é mesmo isto que ... que devia ser a supervisão, conseguir desbloquear e abrir portas para me ajudar a mim enquanto terapeuta e ser melhor terapeuta, e também para a pessoa que está comigo/... sim, uma mais-valia para todas as partes. Sim!!/

E- Do seu processo de supervisão, desde a fase inicial até agora que já terminou, o que considera ter mudado, ou estar diferente?

P3- Houve claramente diferenças.../

E- Quer falar-me um pouco do que sentiu estar diferente neste modelo de supervisão?

P3- Sim... eu já conhecia um bocado o modelo, porque quando estava a fazer o estágio curricular e depois o profissional, estive durante dois anos no mesmo sítio, e lá era uma abordagem dinâmica existencial, portanto eu conhecia algumas partes, mas é muito diferente de estar só com o modelo F.E., mesmo muito diferente, e/...ao longo dos anos também fui sentindo a diferença... porque eu cresci enquanto terapeuta, e espero continuar a crescer ao longo da vida (risos) /e ... sinto que também a relação com os supervisandos foi diferente ao longo dos anos, não só também por serem pessoas diferentes, mas porque o grau de exigência do supervisor também eu senti que foi aumentado./ Se por um lado era mais focado em nós, no sentido de como é que foi para si terapeuta estar com aquela pessoa, ao longo do tempo foi mais focado no cliente em si. Que é:“ o que é que tu enquanto terapeuta podes trazer para aumentar a probabilidade daquela pessoa conhecer mais sobre ela própria, compreender aquilo que a levou à terapia, tentar ver o que é que pode mudar ou manter na sua vida para melhorar aquilo que sente, aquilo que vê/... e isso tudo, acho que houve aquela evolução ao longo dos anos /e...e também com a relação com os próprios supervisores era muito diferente/... eu por exemplo sentia que no início a supervisão era muito mais melindrosa, ou seja, pensar “ será que fiz bem? Será que não fiz bem? Como é que vai ser visto da outra parte?”... e sentia esse receio muito no início. A partir do 3º e já no 4º ano, já não sentia isso, sentia mais, o que é que eu posso fazer para melhorar a terapia com aquela pessoa que está à minha frente./

E- Sentiu uma confiança crescente?

P3- Sim, sim, sim.../

E- Quando fala em sentir melindre no início da supervisão, refere-se a receio da avaliação?

P3- Sim, sim, sim. Aquilo que eu sentia mais no início era o receio da avaliação e também de não ter muita confiança na relação que tinha/ e... e mesmo também enquanto terapeuta, e já no final, não era uma questão de ter receio de estar errada ou de estar a ver as coisas mal, mas o desejo de, ok!, mesmo que eu esteja a ver isto bem, o que é que vocês me podiam dizer de diferente para eu aumentar o poder de ajudar ou o poder de compreender melhor esta pessoa e a nossa relação também. Mais nesse sentido!! /

E- Fala-me então que a supervisão na fase inicial era sentida por si, mais com o receio da avaliação, do erro? E na fase final sentiu uma maior preocupação maior com o “fazer algo mais” pelo cliente e pela terapia?

P3- Sim , sim...isso! (silêncio)./

E- hum hum...quer acrescentar algo mais sobre o seu processo de supervisão?

(silêncio)

P3- pois...eu tenho um defeito sou muito concisa (risos)/

E- (risos) ...podemos falar que nessa fase inicial da supervisão...poderá encará-la como um obstáculo para si?

P3- Sim! Eu acho que sim! Principalmente...sentia que era um obstáculo a necessidade de saber que estava a fazer bem ou mal, mais do que ser em prol do cliente/... e eu senti muito a diferença ao longo dos anos,/ e é quase um... a sensação de que é importante em supervisão... perceber mais sobre o casos em si, e sobre como é que aquela pessoa está connosco e como é que nós estamos com ela, do que propriamente se estou a fazer as coisas bem ou mal. /Porque de uma forma ou de outra aquilo que eu fui aprendendo com a supervisão, e acho que isso foi uma mais-valia da supervisão, foi o facto de... mesmo que eu estivesse a fazer alguma coisa que não estivesse bem, a outra pessoa, o cliente, facilmente captaria isso...e facilmente a relação e a terapia ficava ali com qualquer coisa que não estava a funcionar bem, e eu sentia isso, portanto, deixar de ser muito a preocupação e eu/...foi uma coisa que também fui aprendendo com a supervisão, que... na terapia vão sempre havendo micro ruturas, e que nós temos que estar atentos para essas microruturas e saber resolvê-las, e acho que foi isso que me ajudou a estar mais descontraído e estar mais confiante,/ porque precisamente por pensar ou ter a crença de ... se eu conseguir detetar estas microruturas e resolvê-las, a relação vai ser mais fortalecida e a psicoterapia para a pessoa vai ser muito mais rica,/ e isso passou a ser o foco, estar mais preocupada em como tornar a psicoterapia mais rica para a pessoa e para mim também/, porque eu acabo por aprender muito também quando estou em psicoterapia sobre mim própria,/ e isto ser mais importante do que o saber se estou a fazer as coisas bem ou mal

feitas, porque de alguma maneira fui aprendendo que posso fazer as coisas más, coisas mal feitas, e que há sempre uma oportunidade de recuperar essa ruptura./ É perceber que houve uma ruptura e repará-la. Isto foi uma coisa que eu aprendi muito com a supervisão./ A supervisão trouxe-me esta mais-valia, que as rupturas que vão acontecendo em terapia são muito importantes e que nós temos que estar atentos./

E- Considera que fazem parte da terapia e existe inevitavelmente?

P3- Sim!! Sem dúvida! Exatamente.../

E- Entende que com a ajuda da supervisão lida melhor com essas rupturas, com essas crises na relação?

P3- Sim, Sim! Porque a questão é, aquilo que fui aprendendo com a supervisão é um bocadinho irrealista pensar que não vão haver microrupturas, que eu não vou... que eu não vou fazer as coisas bem, e isso não vai acontecer nunca!! Portanto eu vou largar esta preocupação de fazer as coisas bem ou mal e agarrar e agarrar mais o ... ok! Se forem mal feitas, aí posso reparar./ O que é importante é a forma como nós reparamos e que nós podemos fazer para potenciar a psicoterapia e não e não propriamente o facto de termos errado ou fazer as coisas não menos bem, foi nesse sentido que a supervisão me ajudou a desenvolver. (silêncio)/

E- O que considera valorizar mais no seu processo de supervisão? Em suma, fazendo um apanhado ... após tudo o que foi referindo do seu processo em grupo, ao longo desta entrevista...

P3- Hum hum...ok...(silêncio)... Pensando nas duas experiências de supervisão que tive em específico, o resumo que eu poderei fazer deste modelo em si de supervisão é estarmos a olhar para tudo ao mesmo tempo, não haver só um foco,/ enquanto por exemplo em psicanálise havia muito o foco, quais os sintomas dessa pessoa, qual é a patologia que essa pessoa tem e que é que nós podemos fazer para tratar essa patologia e isto era quase o foco da supervisão em psicanálise, enquanto, que a supervisão no modelo F.E. é tudo, é tudo importante,/ às vezes até ao contrário, não é tao importante o sintoma que a pessoa tem, mas o que é que esse sintoma influencia a sua vida, ou como é que a pessoa se relaciona com esse sintoma./ É o todo que é o mais importante, eu penso que isso seja para mim a mais-valia da supervisão neste modelo,/ e que tudo é importante, a relação com a pessoa, a relação que a pessoa tem com ela própria e com os outros, a forma como a pessoa olha para ela, a forma como a pessoa olha para a terapia, como olha para o terapeuta, a forma como o terapeuta olha para ele próprio, ou seja, é tudo!!/ E acho que isso é uma das mais-

valias, não temos, não temos uma limitação, há uma abertura. Penso que seja o mais importante./

E- Uma abertura para ir ao encontro do sujeito, de acordo com aquilo que ele nos traz.

P3- Sim, Sim! É uma abertura no sentido de não reduzir o sujeito a apenas um facto da sua vida./

E- hum hum...

P3- Neste exemplo, não reduzi-lo aos sintomas, mas sim, olhar para o sujeito como um todo...e perceber o significado e o sentido que aqueles sintomas têm na sua vida. Acho que é mais isto/... o principal para mim é sempre ouvir a pessoa, e se a pessoa traz uma queixa, aquilo que tento fazer é explorar aquela queixa ao máximo. Quando é que surgiu? Como é que surgiu? Como é que é estar com essa queixa? Como é que é viver com essa queixa? O que é que essa queixa influencia em toda a sua vida? Isto é o foco principal/... o que eu vou sentindo da minha experiência, quando a pessoa procura o terapeuta com uma queixa específica naquela altura em que a pessoa especificamente tem aquela queixa, todo o exercício que nós fizemos para aumentar a auto compreensão ou aumentar o auto conhecimento não vai funcionar porque a pessoa está focada na queixa,/ por isso o meu ponto de partida é deixar que a pessoa fale naquela queixa, porque naquela altura é o que a preocupa naquele momento e a partir do momento em que a pessoa me fala daquilo aos poucos, vou tentando perceber o que é que é essa queixa, porque é que ela está na vida e para que é que ela serve e para que é que ela existe. Vou fazendo um bocadinho isto, ajudando a pessoa a abrir /mas... para mim o mais importante é respeitar a pessoa, respeitar o seu tempo, as suas preocupações e os seus interesses, e a partir daí é ajudá-la a olhar para as coisas de uma outra maneira... acho que isto é o principal e é o que vou tentando fazer./

E- Isso é aquilo que retira, fazendo o paralelo com a supervisão, considera que a supervisão lhe deu a sustentabilidade para atuar assim?

P3-Sim sim !!/

E- Como falou há pouco na sua experiência anterior de supervisão no modelo psicanalítico, considera que este modelo teórico poderá exercer também ele, alguma influência na sua prática clínica, além do F.E.?

P3- Por acaso essa pergunta é interessante...aaaaaa.... Pensando um bocado sobre ele.../ mesmo tendo todo o background sobre psicanálise eu facilmente larguei esse modelo, e vou muito raramente buscar coisas da psicanálise para usar com a pessoa, vou mais ao

modelo F.E./ ... e acho que uma das mais-valias da supervisão foi perceber que ... onde é que eu estou confortável no modelo, /e isso a supervisão também ajudou a perceber quais os autores que fazem mais sentido e que tipo de abordagens é que me fazem mais sentido. /E isso é importante porque na prática também se vê, que é se eu não estiver confortável com o modelo/...e isso eu também tenho algumas experiências destas... de ter tentado fazer alguma coisa com a pessoa porque ouvi em supervisão, porque era um caminho a tomar e ter ido por esse caminho, e ter percebido com a própria pessoa que alguma coisa se está a passar porque houve uma altura que foi engraçado, mesmo na própria sessão a pessoa me disse: “ ...mas onde é que isto entra? Porque isto não tem nada a ver consigo...”/ e foi interessante perceber isso também, e a supervisão também me ter ajudado a desenvolver enquanto terapeuta no modelo./ O que é que faz mais sentido e onde é que estou mais confortável. E para isso a supervisão foi mesmo mesmo mesmo o essencial./

E- Quer dizer-me que tem muito a ver connosco, isto é, estar na relação com aquilo que nos faz sentido e nos faz sentir confortáveis, mesmo que hajam muitos caminhos a seguir, advindos da abertura em supervisão, seguir um caminho na terapia com aquele cliente, naquele momento, naquela relação, onde estejamos confortáveis?

P3- Sim! Exactamente!! E a supervisão ajuda com isso tudo, onde é que eu estou confortável e perceber que quando eu estou confortável, quando estou em terapia com a pessoa e estou confortável , e estou segura daquilo que estou a fazer, a terapia, a terapia é muito mais rica, do que eu tentar fazer qualquer coisa porque alguém disse: “ olha, se calhar este é o melhor caminho. /E isso eu acho que é também uma das mais-valias da supervisão... é também podermos dar a oportunidade de experimentar coisas diferentes e perceber se fazem sentido ou não, se podemos integrá-los ou não no nosso modelo ou se temos que as largar. E aí a supervisão também é uma mais-valia./

E- Dando consistência?

P3- Sim! Sim! (silêncio)/

E-A C. enquanto terapeuta vai descobrindo o seu caminho, o caminho a seguir com aquele cliente?

P3- Sim Sim... (silêncio)/

E- Podemos falar em aumento de confiança?

P3- Sim, sim ...e mais ainda, que é trazer um outro lado que é/... perceber que é muito isso! Com cada pessoa, em cada relação há coisas que funcionavam e outras que não funcionam. O que não quer dizer que não sejam as duas ou as três confortáveis para mim,

ou seguras para mim...simplesmente com aquela pessoa não vai funcionar./ E isso também é uma coisa que a supervisão traz, que é essa capacidade de nós estarmos atentos à pessoa e perceber o que é que vai funcionar e o que é que não vai funcionar. /O que é que pode tornar o processo mais rico, ou que é que vai fazer com que a pessoa se distancie e que nós nos distancieemos também do outro... e isto é também uma coisa que a supervisão também ajudou muito a aprofundar e a pensar sobre... Penso que sim é isso também! /

(silêncio)

E- já me falou de vários aspetos da supervisão de uma forma sintetizada ...

P3- Sim (risos) isso é um defeito que eu tenho ser muito sintética/

E- Não sei se quer acrescentar algo mais sobre a sua vivencia de supervisão, o que sentiu, que mudanças foram sentidas por si no decorrer do processo de supervisão?

(silêncio)

P3-Eu penso que a maior mudança que tenha ocorrido, tenha sido em mim enquanto pessoa e não enquanto terapeuta./ Que é exatamente aquela questão que eu estava a falar à pouco, do erro. Para mim era muito difícil errar, era quase uma coisa catastrófica...” como é que é possível que eu tenha errado nisto e... e a supervisão ajudou-me muito a ver o erro, não como um coisa catastrófica, mas como a possibilidade de melhorar,/ ora bem...” Se eu fiz isto, então o que é que eu posso fazer para melhorar, para que possa não só reparar o erro, mas para que possa da próxima vez não sentir isto como um erro...mas sim como uma coisa que faz parte, mas que não correu tão bem. Acho que isto foi também uma das coisas que eu senti como uma maior mudança em supervisão./

E- quer dizer-me que conseguiu aprender a lidar com essa característica sua, de auto exigência?

P3- Sim...sim...

E-considera retirar daí um maior crescimento pessoal?

P3- Sim!! Isso foi...mas eu acho que isso foi inerente ao curso inteiro, não foi só a supervisão especificamente, mas a supervisão ajudou muito nessa parte, aliás o curso inteiro na SPPE /e ... porque eu cresci muito enquanto terapeuta e enquanto pessoa também, /a única coisa que é mesmo ... a questão do erro para mim é que era mesmo uma característica que era muito vincada em mim e que eu senti que a supervisão principalmente ajudou muito a trabalhar essa parte/ e o que eu estava a dizer há pouco também, que era a supervisão não nos ajuda só a tornar a psicoterapia com a pessoa mais rica mas também a tornar-nos mais ricas e... a desenvolver-nos e a percebermos também que caminhos é que podemos tomar para o nosso desenvolvimento ou para a pessoa que

está connosco/, porque no fundo ... acaba também as diferentes pessoas que vêm depois com esse crescimento pessoal beneficiarem muito de uma terapia mais rica,/ porque eu estou mais confortável com o modelo porque eu estou mais confortável comigo mesmo enquanto mesma enquanto pessoa e isso influencia a terapia ... não ... não há qualquer sombra de dúvida./

E- Enquanto grupo, enquanto colegas também acha que houve essa partilha de experiências, de crescimento pessoal?

P3- Sim! Eu acho que sim... e não só entre colegas mas também entre supervisores...e acho que essa é também uma mais-valia e /também se calhar em forma quase de sugestão...que é haver supervisores que connosco têm quase 1 relação de... ok!” comigo aconteceu isto”.../ e acho que isto também nos ajuda muito a crescer enquanto terapeutas e enquanto pessoas... que é perceber, aquela pessoa que está à nossa frente que tem tantos anos de experiência passou por uma coisa parecida com a nossa.../embora seja completamente diferente mas com a qual nos podemos identificar e acho que é aí que também... ou foi muito importante estar com esse supervisor em específico. /

E- Sente que o facto de o supervisor partilhar também ele as suas experiências, foi importante para si?

P3-Sim, Sim, Sim!!! Enquanto terapeuta...aaaa...sim!/ Estou a pensar por exemplo, de 1 supervisor que fez as coisas de uma determinada forma e de nos dizer, ok! “ Eu fiz isto mas se calhar senti que poderia não ter sido a melhor coisa que eu poderia ter feito, e que poderia ter feito de uma outra maneira”/, e isto ajudou também, a mim e aos colegas, que eu lembro mesmo na altura de ter dito mesmo “ isto para nós é tão diferente de sentir que temos um supervisor que também é tão humano quanto nós”. /Não tem aquela postura só de pessoa experiente...e acho que isso também ajuda muito poder partilhar isso com o supervisor./

E- Acha que essa postura de proximidade tem mais a ver com o modelo F.E.?

P3- Eu acho que é a junção dos dois, modelo e pessoa, que potenciam muito isto, mas também a própria pessoa, supervisor...e não só com o modelo. /Mas eu acho que o modelo ajuda muito isto...e lá está! Vejo o nosso modelo como ... com muita abertura... a troca de experiências, crescimentos partilhados com /... olhar para os casos de maneira partilhada e acho que isto tem menos a ver com... é muito específico do nosso modelo. Pelo menos, comparativamente com o outro modelo que eu tive, vejo isto como uma coisa mais específica, mais lá está, deste modelo... há uma maior probabilidade disso acontecer, do que em outros modelos./

E- Considera então essa proximidade como uma característica do modelo F.E.?

P3- Sim! Eu acho que sim. Pelo menos aquilo que eu sei é que/ ... também eu senti que este modelo me fazia mais sentido do que os outros... por me conhecer enquanto pessoa e fazendo muito sentido isto de olhar para a pessoa como um todo e não estar só focada com um acontecimento em específico ou com um facto... mas com tudo o resto que está por trás desse facto/... também eu sinto que isto acontece com os supervisores. Aquele supervisor que escolher este modelo, também tem na sua personalidade fazer as coisas desta maneira... a sua maneira de ser um modelo./ É isso que eu sinto muito com este modelo, que parece que é um modelo muito humano, muito real que não é de todo um modelo biomédico, como é por exemplo a psicanálise, ou essa orientação teórica que é mais biomédica. E aí eu sinto que sim o modelo potencia isso./

E- Então o que podemos destacar deste modelo, e da supervisão em concreto, daquilo que foi relatando?

P3-Para mim o essencial ou o mais importante é a relação terapeuta – paciente e a pessoa com ela própria e com os outros e também o suporte do modelo em si/... de ser um modelo que...que é engraçado, embora não haja muitas coisas feitas com este modelo em estudos... nós aprendemos muito com o modelo/... eu acho que sim, que a principal característica do modelo... embora tenha as suas especificidades é um modelo muito aberto em que... existe muitas possibilidades de fazer as coisas de maneira muito diferente /e ... de alguma maneira... mesmo assim, sendo fiel ao modelo... não sei se me estou a fazer entender.../aaaaahh... é mais a questão de sentir que o modelo em si não é apenas um caminho, há vários caminhos dentro do modelo que nós podemos seguir e que o mais importante é adaptarmos aquilo que nós temos de melhor, àquilo que a pessoa precisa, quer aquilo que a pessoa nos diga, “eu preciso disto”, ou que nós entreguemos à pessoa, de “ok! Aquilo que eu estou a ver é isto...diga-me se há alguma coisa que você precisa, que seja importante para si”... e acho que é isto que o modelo ajuda muito. Que é... é possível adaptarmos o modelo à pessoa do que se calhar com outros modelos./ Enquanto que noutros modelos o que sinto é que fazemos um bocadinho o contrário, pegam na pessoa e adaptamos a pessoa ao modelo, por exemplo a psicanálise, pegamos na pessoa e automaticamente admitimos-lhe uma patologia e tratamos essa patologia... aqui neste modelo eu acho que é ao contrário/... temos um arsenal de umas maneiras de estar, de fazer terapia que vamos adaptando à pessoa e aquilo que é importante para a pessoa...acho que é mais isto.../

(silêncio)

E- De tudo o que tem partilhado sobre este modelo de supervisão F.E., há alguma sugestão que gostasse de deixar, partilhar?

P3- hum hum... (silêncio)... Eu acho que falta um bocadinho na supervisão, olhar para aquilo que a pessoa traz de uma forma mais teórica,/ por exemplo, :... estou a pensar no meu caso específico , numa experiência minha... houve um caso que estava muito bloqueado e que foi extremamente importante o supervisor dizer-me, em relação a este caso “vai ler o conceito de Heidegger de “liberdade”, e vai ver o conceito de “liberdade de escolha” do Sartre, vai ler e vai perceber”...e isso ajudou-me muito a desbloquear aquele processo, que estava até então bloqueado,/ e é aqui a sugestão que faço...da supervisão não ter mais este...esta característica de... agarrar também autores e tentar perceber aquela pessoa à luz do autor x, ou do autor Y e acho que falta um bocadinho disto...

E- Considera que falta um bocadinho mais de uma linha de orientação teórica?

P3- Sim! Sim... É isso!!/

E- Na discussão de casos em supervisão, é habitual fazerem o paralelo com a teoria?

P3- Há alguns supervisores que o fazem, e outros não, daí eu estar a dizer que seria uma sugestão para ser mais unânime, ou seja, todos os psicoterapeutas terem mais esta característica,/ porque aquilo que eu sentia em supervisão e era partilhado , não só por mim, mas também pelos meus colegas, muitas vezes tínhamos que ser nós a pedir ao supervisor, “ diga-nos lá qual é o autor, ou, onde é que podemos ir ver , para conhecer melhor esta pessoa”, fazíamos muito isso, tínhamos que ser nós a dar esse passo e depois o supervisor então dizia: “ ok! Vamos lá pensar sobre este caso de uma forma mais teórica”, e talvez seja esta a sugestão /, é um bocadinho das duas partes, não só a parte mais prática, mas também a parte mais teórica do caso em si e daquilo que está a acontecer em terapia mas também este suporte mais teórico... talvez esta seria a minha maior sugestão em termos de supervisão./

E- como descreveria a sua relação com o supervisor?

P3- ... isso também varia de supervisor para supervisor. Eu senti que variava de supervisor... havia supervisores em que eu me sentia mais retraída... se calhar retraída não é a palavra mais correcta, mas... que eu sentia que não me expunha tanto e que com outros sentia até essa vontade de me expor, porque o supervisor ia não só abraçar aquela exposição que eu tinha feito, mas que... me ia ajudar também a pensar sobre aquilo que fiz e a forma como o fiz... acho que fui sentindo isto com diferentes supervisores tive relações diferentes, e /... achei que cresci muito mais como terapeuta com estes supervisores que

tinham uma abertura tipo “ ok! Traz-me tudo o que tu tiveres, mau, péssimo, excelente. Traz-me tudo” e ... aqui nós vamos olhar com calma e serenidade para tudo, olhar para isto de maneiras diferentes e senti que era uma mais-valia ... quando em supervisão havia supervisores em que era possível fazer isso./

E- Falou que havia alguns em que se sentia mais retraída, o que é estava a acontecer aí?

P3- hum hum

E- Expunha os casos de igual forma? Como era sentida essa supervisão?

P3- Eu sentia que nesses supervisores eu tinha mais tendência de pensar no caso, pensar nas preocupações e dificuldades que eu tinha naquele caso e expor só isso, não expor o resto, ou seja, dizer especificamente, eu tenho dificuldade com isto, ajude-me lá a olhar para isto./ Enquanto com os outros supervisores, eu tinha muito mais a tendência de dizer, ok: o caso é isto tudo... e à luz de isto tudo eu estou a ter dificuldades com este ponto, /porque com esses supervisores eu senti que havia muito mais a possibilidade de mostrar tudo. Então ok, vamos lá olhar para tudo. /E sentia-me muito mais à vontade de mostrar tudo, do que mostrar só, ok! Esta é a minha preocupação, /porque eu sentia que era ... nos supervisores em que eu sentia a necessidade de me resguardar mais um bocado, que eu me focava só no essencial, que era, tenho esta dúvida, estou bloqueada nisto, e o resto não interessa, e era só nisto que eu me focava e sentia a necessidade de me resguardar mais um bocado/...era um bocadinho isto...

E- Alguma vez pensou porque é que isto lhe acontecia ou o sentia?

P3- Sim! Tinha um bocadinho a ver com o supervisor em si./ Porque eu sentia também isto com os colegas

E- Partilhavam as ideias?

P3- Sim! Sim, se calhar de uma outra maneira, não desta forma que aqui estou a dizer, mas partilhavam também, “ parece que com este supervisor há coisas que nós não podemos dizer, porque não vão ser olhadas de uma fora imparcial, mas de uma forma quase incisivas de/...quase... mesmo que não fosse verbalizado, a sensação que nós tínhamos em termos de formas corporais, e em termos de forma de estar era, “isso nunca se faz”, uma coisa quase deste género.../

E-Sentia o tal receio do erro, de que falou anteriormente?

P3- Sim, sim,/ enquanto, que outros supervisores tinham mais a abertura, ok, se calhar isso não foi o melhor caminho, mas também não foi o pior, portanto vamos lá tentar perceber que outras maneiras é que podemos fazer./ E eu acho que isso também tem muito a ver

comigo, por exemplo, há bocado também lhe estava a dizer, quando alguém me vem com uma queixa, eu também não lhe vou dizer, “bom isso não me interessa nada, fale-me mas é de si e de como é que está com os seus familiares e como é que é a sua vida”, e era um bocadinho isto que eu sentia em supervisão, que era quase como não interessa nada o que fizeste de bem até agora, o que interessa é o que fizeste de mal e que não devia ter sido feito isso dessa forma./

E- E como é que sentia isso?

P3- Era mais o sentir que, com aquele tipo de supervisor e com aquele género de supervisão eu não ia crescer, porque ia estar mais focada no erro, do que em, ok, o que é que podemos fazer do erro e o que é que podemos fazer para melhorar, para utilizarmos este erro a nosso favor./

E- sentiu de alguma forma com esse tipo de supervisão, mais limitada mais reducionista a abordagem

P3- Sim! Acho que sim. Sim!/ E...e isso lá está da mesma forma que quanto mais o modelo for mais aberto e maior possibilidades tiver, mais nós podemos crescer e mais nós podemos enriquecer o processo com a outra pessoa, também em supervisão, quanto maior abertura houver, quanto maior possibilidade houver de agarrar em tudo, seja erro, seja excelência seja o que quer que seja, é muito melhor./ E era isto que eu sentia, que crescia muito mais com os supervisores que eram muito mais abertos, muito mais expostos e disponíveis a olhar para as coisas como elas são, bem ou mal, e a partir daí irmos para o passo seguinte...acho que isso foi uma das coisas principais./

E- ou seja, dentro de um modelo tão aberto também encontrou pessoas/intervenções mais “fechadas”

P3- (risos) Sim! Sim, sim...e lá está, mesmo que o modelo em si tenha abertura, mesmo que a pessoa enquanto pessoa for mais fechada, não é o modelo que lhe traz essas diferenças. A não ser que a a ...pessoa esteja disposta a olhar para si e ... a tentar ver as coisas dessa maneira.../

E- O que me diz é que é um modelo de supervisão muito centrado na pessoa?

P3- Sim, sim! Aquilo que eu digo é que este modelo parece que atrai pessoas que por si só, são um bocadinho mais abertas, mais disponíveis, mais dispostas a olhar para várias coisas... e para se questionarem também./ E isto é também uma coisa que eu senti algumas vezes dificuldade e olhava também para os colegas e pensava... parecia que a pessoa não encaixava no modelo, porque parecia que o modelo era só abertura e aquela pessoa era muito fechada./

E- Hum hum

P3- E aqui eu tinha alguma dificuldade em... aqui também tinha alguma dificuldade mesmo em termos dos colegas, de me expor enquanto pessoa, porque sentia que enquanto pessoa, com aquela pessoa não ia aprender muito. Porque havia só aquele foco, /e eu tenho muito mais tendência de me expor quando vou receber alguma coisa dali, nem que seja a ideia de ... ok, o erro , foi um erro mas não é catastrófico aqui, podes usar esse erro e...podes usar esse erro, de uma maneira, a refletires sobre ti. Exatamente!/

E- Fala na partilha construtiva em supervisão?

P3- Sim. Sim. Sim. /E por acaso é engraçado que um dos supervisores que estive comigo quando nós fazemos a avaliação no final do ano, disse exatamente que eu era uma pessoa muito corajosa e eu ouvi aquilo um bocadinho, à partida, ao início um bocadinho meio retraída, porque toda a gente me diz que eu sou uma pessoa muito corajosa /e..., e eu nunca o sinto, mas acho que isto é a minha natureza, expor-me e é a minha natureza querer crescer e querer saber mais custe o que custar, e quando digo isto de custe o que custar, é se for preciso dizer aquela pessoa “eu sou uma pessoa horrível porque fiz isto, eu faço-o”, desde que eu sinta que isso me faz crescer enquanto pessoa...e isto também é uma coisa que eu também fui aprendendo em supervisão./

E- Na supervisão em relação?

P3- sim sim, na relação, e enquanto pessoa e enquanto terapeuta também./

E-Quando me fala que se sentiu um pouco retraída quando ouviu essa observação, fala de quê, concretamente?

P3- Sim, o que eu quero dizer é,... mas eu acho que isso já tem a ver comigo/, que é uma coisa que eu oiço em várias pessoas que estão na minha vida, por ter passado já por algumas coisas na vida e pela minha maneira de estar as pessoas dizerem, “ é preciso coragem para dizeres isso que estás a dizer” e para mim aquilo não faz muito sentido porque não é coragem, é aquilo que eu acho que é importante fazer/...portanto ao início foi um bocadinho ...parecia que não colava com aquilo, com aquela característica que me tinham atribuído mas.... Olhando para ela do ponto de vista do outro, sim! Se calhar é preciso coragem para uma pessoa admitir à frente dos colegas e à frente do supervisor “ acho que fiz porcaria da grossa” (risos). /E olhando de fora consigo perceber isso, mas... isto como é para mim uma coisa tão natural.../

E- humildade?

P3- Pois se calhar (risos), mas também não cola (risos), mas se calhar é mesmo isso, mas é/... porque para mim o que me é verdadeiramente importante é o que me faz sentido, é o

que me faz crescer ao máximo enquanto pessoa e enquanto profissional, porque eu sei que assim também vou ajudar a pessoa que está à minha frente a crescer também,/ e é isso que eu acho também que é uma das coisas principais do modelo que é ajudar também a pessoa a crescer...a compreender-se melhor, a perceber-se melhor, de que forma é que faz as coisas, para que é que faz as coisas daquela forma, é estar mais consciente disso...acho que isto é o principal. /

E- Ao longo das experiências de supervisão que foi vivenciando, foi-se questionando sobre o processo, o que é que sentia quando achava que aquela supervisão era mais fechada. Colocou alguma vez a hipótese se seria uma questão sua ou do supervisor?

P3-hum hum...Questionei-me sim, e eu acho que é dos dois.É do outro de ser ...essa pessoa fechada e é de mim que ao sentir que essa pessoa é fechada, então só vou mesmo perguntar aquilo que me interessa e absorver esse conhecimento da parte do outro e o resto nem sequer vou tentar. Portanto eu acho que é mesmo uma coisa dos dois lados, que não é só do outro.../

E- Sentiu que os seus colegas partilharam as mesmas experiências?

P3- Sinceramente? Eu estava mais focada em mim, em supervisão, do que nos outros. Porque nos outros eu estava mais interessada em o que é que eu posso aprender com a experiência dos outros, e não propriamente o que é que o outro está a sentir ao expor as coisas desta maneira/...aí se calhar sou mais egoísta em supervisão, não estou tão preocupada com o outro, mas comigo e com a experiência do outro em terapia e o que daí posso retirar para mim e para os meus casos. Sim! /

E- E na relação com os colegas? Havia partilhas de informação?

P3- Sim! Mesmo depois da supervisão, nós depois perguntávamos como é que tinha sido a terapia com aquele cliente, como tinha corrido, o que tinha acontecido, portanto acho que sim, também havia um pouco essa partilha dos casos que ia-mos falando fora da supervisão./

E- Hum hum. De tudo o que referiu ao longo da entrevista, não sei se quer acrescentar algo mais sobre o seu processo de supervisão. Como quer fechar este tema?

P3- Sim, penso que já disse tudo. Se calhar só para fechar um bocadinho, à medida que fui falando com a R. fui refletindo, e talvez possa agora dizer que a supervisão para mim, foi talvez a coisa mais importante do curso ao longo dos 4 anos...porque uma coisa é termos a teoria, uma coisa é termos o modelo e sabermos os autores e as teorias dos autores, outra coisa é diferente, que é usar isso na prática, e aqui eu acho que, a supervisão é fundamental

para um terapeuta/ e se eu pensar enquanto carreira de psicoterapeuta, não me vejo sequer altura em que não tenha supervisão, porque ela é superimportante./

E- Considera que é uma ferramenta indispensável a qualquer terapeuta?

P3- Sim, sim, certamente não com tanta frequência agora, porque disponho de ferramentas que não tinha há 4 anos atrás, mas mesmo assim não vejo que seja possível, pelo menos na minha opinião, que um terapeuta não tenha supervisão pelo menos de 15 em 15 dias , ou pelo menos 1 vez por mês, mas que pelo menos vá fazendo supervisão /, também acho que é muito importante, para a psicoterapia, para a pessoa enquanto cliente, para nós enquanto terapeutas, para tudo! Para todos os intervenientes./ Acho que sim! E de futuro até acho que é um interesse meu, ser supervisora de casos, porque acho que também vou crescer muito a supervisionar casos de outras pessoas, mas isso é lá mais para a frente (risos)./

E- já que fala nisso, que atributos, considera serem para si importantes no supervisor?

P3- Pois...Considero 3 atributos fundamentais, a 1ª é a experiência, a 2ª é a capacidade de o supervisor crescer, de se auto questionar, que acho que é muito importante, e por isso quando digo “ala longue”, porque ainda não sinto que fiz esse caminho como supervisora, e a 3ª característica que eu acho importante no supervisor, e que eu ainda também não adquiri, que é a capacidade de estar completamente disponível, de se expor para o outro em termos de supervisor/... que lá está! Foi uma coisa que disse há pouco que achava muito importante no supervisor, que é, que ele também diga; “Eu também fiz isto e aquilo e senti desta e daquela maneira”, e eu acho que isso, eu ainda tenho que trabalhar um bocado (risos). /

E- Resta-me agradecer o contributo da C., não sei se quer acrescentar algo mais?

P3- Não, penso que já disse tudo também. (risos)

ANEXO C
(Questionários Sociodemográfico)

INVESTIGAÇÃO SOBRE SUPERVISÃO NO MODELO FENOMENOLÓGICO EXISTENCIAL NA ÓTICA DO SUPERVISANDO

O presente estudo insere-se no âmbito de uma investigação em Psicologia Fenomenológico Existencial, da responsabilidade do Professor Doutor Daniel Sousa (ISPA – Instituto Universitário).

Este estudo pretende avaliar a perspetiva do supervisando no seu processo de supervisão no modelo Fenomenológico Existencial durante a sua formação na Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial (SPPE).

Assegura-se que todos os dados são totalmente confidenciais.

Muito obrigada pela sua participação!

**INVESTIGAÇÃO SOBRE SUPERVISÃO NO MODELO EXISTENCIAL NA ÓTICA DO
SUPERVISANDO**

Questionário sociodemográfico

1. Data de Nascimento: 1.1. Idade:

2. Género: Feminino Masculino

3. Nacionalidade:

4. Naturalidade:

5. Residência (Concelho):

6. Habilitações :

Licenciatura Mestrado Doutoramento Outro _____.

7. Situação Profissional:

Activo Desempregado Outro _____

8. Profissão:

9. Experiência Profissional de prática clínica:

Sim Não Quanto tempo?

10. Experiência de supervisão no modelo, Fenomenológico Existencial. Quanto tempo?

Qual a frequência da supervisão?

11. Experiência de supervisão noutros modelos, que não Fenomenológico existencial.

Sim , quanto tempo? Qual o modelo?

Não

12. Qual o ano que frequenta na Sociedade Portuguesa de Psicoterapia Existencial

(SPPE)?

12. A experiência de Supervisão no modelo Fenomenológico Existencial que teve/tem

foi em Grupo Ou individual

13. Se teve supervisão noutros modelos, foi em grupo ou individual

14. Continua a ter supervisão após terminar a sua formação na SPPE?

15. Se sim, com que frequência?

Muito Obrigada pela sua colaboração!

ANEXO D
(Unidades de Significado Psicológico)

Unidade de Significado P1	Unidade Significado Psicológico	Notas
<p>1.</p> <p>E-Boa tarde, o meu nome é R.E., o objetivo desta entrevista enquadra-se num projeto de investigação sobre o processo de supervisão no modelo existencial na ótica do supervisando. Gostaria que me falasse de como tem sido o seu processo de supervisão, de como tem vivenciado a sua experiência de supervisão.</p> <p>P1-Em 1º lugar acho fundamental, ou para mim pelo menos... para mim tem sido muito importante a supervisão ou seja, mesmo logo quando acabei P. clinica, antes de estar nesta área, e ao longo do curso temos tido sempre supervisão e, sinto que acrescenta muito à prática clinica e não nos sentimos tão perdidos, tão sozinhos e... o falarmos e expormos com os colegas e a partilha ajuda-nos a pôr alguns pontos de vista que não estávamos a ver tão bem...</p>	<p>Em resposta ao entrevistador, o participante 1 (P1) refere a supervisão como sendo fundamental e de grande importância para o seu processo de formação enquanto terapeuta.</p> <p>P1 refere que teve sempre supervisão desde que terminou a sua formação em P. Clínica, mesmo antes de entrar na área da psicologia existencial. Considera que a supervisão é uma ferramenta para desenvolver a sua prática clínica, refere que a ajuda a sentir-se mais suportada e apoiada. P1 refere que a partilha e a exposição dos casos com os colegas de supervisão, ajuda-a a contactar com outras perspectivas diferentes de ver os casos.</p>	<p>Fundamental na formação como terapeuta, ferramenta de trabalho na p clinica</p> <p>Suporte</p> <p>Partilha ideias: Contato com outros olhares outras perspectivas</p>
<p>2.</p> <p>Agora assim a falar...é um</p>	<p>P1 parece apresentar alguma</p>	

<p>bocadinho... (riu-se)</p> <p>E- Quando fala em expor com os colegas, refere-se a supervisão em grupo?</p> <p>P1-sim,</p>	<p>dificuldade em elaborar uma ideia clara da sua vivência de supervisão. Refere que a supervisão que teve em existencial foi em grupo</p>	<p>Supervisão grupo</p>
<p>3.</p> <p>eu também já tive antes..... não sei se posso falar...na experiência anterior?</p> <p>E- hum hum</p> <p>P1- Eu já tive supervisão anteriormente a esta supervisão... Quando acabei o curso no Instituto de Psicologia, eu procurei supervisão... à parte, que procurei, numa linha mais dinâmica... tanto numa como noutra, foi útil, não vou aqui fazer distinção neste sentido, mas posso falar um bocadinho o que é que acresce mais neste modelo e o que posso evidenciar. Acho que para mim foi logo muito claro desde o início a utilidade</p>	<p>P1 refere que teve uma experiência de supervisão anterior, logo após a sua formação em P. Clínica, na área dinâmica. Não faz a distinção entre os dois modelos, considera que em ambos foi útil. Refere pensar assim desde o início da sua formação como psicóloga.(desde o inicio ambas foram bastante úteis)</p>	<p>Ambos os modelos de supervisão tiveram utilidade na sua p. clínica</p>
<p>4.</p> <p>embora haja colegas que partam logo para a prática clínica sem recorrer à supervisão, mas para mim foi logo claro a mais-valia de perceber o que é, mesmo às vezes a forma como nós estamos a falar em supervisão, ou o que vai sendo mais relevante ou seja faz-nos alertar para as coisas com um certo sentido, ou seja, eu até posso ter pensado naquilo, mas depois estou a comunicar e só aquilo que eu estou a comunicar e memorizar, estou a</p>	<p>Para P1 a supervisão desde o início é percecionada como uma mais-valia, muito vantajosa.P1considera que o modo como relata e comunica os casos em supervisão lhe permitem aceder à vivência de experiências, daquilo que considerou mais relevante nas suas comunicações, o que a fez estar mais atenta e dar um outro “sentido”, uma interpretação ao relatado, refere que lhe proporciona “insights”. P1 sente esta vantagem em</p>	<p>Supervisão=Mais-valia.</p> <p>Partilhar e comunicar as vivências experienciá-las fá-la elaborar e sentir insights</p> <p>Envolvimento no processo</p>

<p>destacar, faz-me ter alguns insights... é útil, ou seja...e nessa perspectiva individual é mesmo muito, depois na experiência de grupo também ...acho que ajuda não só no sentido de estarmos envolvidos no processo de supervisão</p>	<p>ambas as experiências (individual e grupo). P1 diz que a comunicação em supervisão permite-lhe elaborar novos pensamentos e novas ideias, assim como sentir-se mais envolvida nos casos e no processo.</p>	
<p>5. não quer dizer ficar dependente da supervisão...mas também temos que ir fazendo o nosso processo enquanto terapeutas...mas ... ajuda-nos a não nos sentirmos tão sozinhos e a refletirmos sobre os casos...e... dá uma mais-valia nesse sentido...que acresce mesmo para a prática...há coisas que se calhar vamos mesmo sentindo ou por sugestão dos supervisores, ou vamos mesmo descobrindo, não é tanto uma dica ou sugestão do supervisor mas na forma como estamos a apresentar...nós próprios temos insights... E-hum hum P1- sim ...é mesmo assim</p>	<p>P1 refere não sentir a supervisão como uma “dependência”. A mais-valia advém do sentimento de acompanhamento/ orientação e reflexão/elaboração que a supervisão proporciona nos diferentes casos. Perceciona benefício para a prática clínica. O processo de elaboração permite a descoberta, através de um outro olhar. A apresentação dos casos proporciona a criação de novas ideias a partir do próprio sujeito.</p>	<p>Mais-valia sentida no suporte, orientação e reflexão Benefício para prática clínica Descoberta de novos olhares , novas ideias na partilhas- Insights</p>
<p>6. há coisas que acredito façam mais sentido ao longo do tempo, mesmo na clínica...quando tivermos mais experiência...mas há coisas se tivermos muito centrados em nós não conseguimos ver bem...sei lá!..</p>	<p>P1 refere não só a experiência clínica como importante no processo de desenvolvimento do terapeuta como a descentração/ <i>desfocalização</i> em si própria.</p>	<p>Importância da descentração de si , visão mais abrangente</p>
<p>7. Estou a pensar... mesmo há pouco estive a falar com uma amiga minha</p>	<p>P1 refere que a partilha de casos com os colegas, mesmo fora da supervisão,</p>	<p>Novas ideias, novos olhares a partir da partilha discussão de</p>

<p>sobre alguns casos e ela falou de uma coisa que eu nunca tinha pensado... e realmente...nunca tinha pensado muito nisto...e esta coisa de ... esta possibilidade de partilha que nos possibilita, que nos dá este olhar mais alargado sobre a situação, não estamos sós ... isto individualmente também acontecia...</p>	<p>lhe permite aceder a outros olhares, mais abrangente, sobre o mesmo caso não antes perspetivado pela própria, expressando um sentimento de suporte nessa partilha de casos.P1 diz também sentir isto na supervisão individual.</p>	<p>casos</p>
<p>8. mas quando apresento casos aos meus colegas... não só também ...ou seja, é tão rico...é bom quando sou eu a apresentar mas também quando são eles. Às vezes podia pensar, há mais-valia quando sou só eu, mas não, quando ouvimos os outros colegas também nos vai dando mais experiência vai ajudando a pensar...</p>	<p>P1 refere que a experiência de apresentação/exposição de casos em supervisão é enriquecedora quando ela comunica mas também quando ouve casos dos colegas. Ouvir os outros permite-lhe também aprender /elaborar Permite-lhe construir uma linha de pensamento</p>	<p>Escuta do outro permite ganhar experiência, aprender e elaborar</p>
<p>9. depois já explico mais à frente, no tipo de supervisão quando estamos a discutir com os colegas sobre isso mas também estamos a perceber, começamos a fazer sugestões, significa que estamos no bom caminho no processo, isto é, às vezes em grupo flui...</p>	<p>Para P1, na Supervisão de grupo, à medida que são expostos os casos, surgem mais sugestões, nascem mais ideias dos vários colegas, há um “fluir” de ideias, progridem no “bom caminho” do processo P1 sente progressos enquanto terapeuta</p>	<p>Fluxo de ideias permitem progresso no processo</p>
<p>10. em supervisão na psicoterapia existencial vamos dando o nosso feedback, nós, antes dos supervisores, e às vezes ele acrescenta uma coisa ou outra no final, mas...ele vê que já estamos a confluir para o mesmo, e eu ao perceber isso...no sentido de</p>	<p>P1 percebe sentimentos positivos na supervisão, o feedback fornecido entre supervisandos e supervisores, mostra satisfação pelo facto do supervisor acrescentar pouca informação, apenas no final das sessões, apresenta sentimento de</p>	<p>Sentimento positivo de crescimento, arrisco mais</p>

<p>estamos a pensar bem (risos)... se bem que não há aqui o certo, porque há varias formas de ver, mas é bom...</p>	<p>independência face ao supervisor, incentivando-se com os diferentes olhares em contraponto com incentivo a arriscar, promover autonomia.</p>	
<p>11. E- Refere que é bom quando diz “pensar bem”, pode explicar melhor o que sente? P1- Sim! Dá segurança... mas também é bom porque quando estamos em grupo podemos ter a possibilidade de contribuir para os nossos colegas...e há uma riqueza muito grande nesta interação, não só quando eu apresento mas quando os colegas apresentam ...</p>	<p>P1 mostra satisfação com o sentimento de poder estar a “estar a pensar bem”, de reconhecimento, afirma sentir maior segurança. Demonstra contentamento e acréscimo de conhecimento com a interacção entre pares na partilha de casos.</p>	<p>Sentimentos de segurança Acréscimo conhecimento da interação e da partilha</p>
<p>12. E- hum hum P1- Fica aqui a ideia central ... não sei se expliquei tudo? E- hum hum... Quando fala em segurança, quer dizer que se sente mais apoiada por ter um supervisor? ou fala de segurança em que sentido? P1- Sim, quando falo nisso, não significa que é ficar dependente da supervisão, e que temos que ...não é nesse sentido, e ao longo do tempo vamos ficando mais confiantes, e vamos tentando, vamos confiando mais...</p>	<p>A supervisão permite-lhe elaborar coisas novas através de si e através dos outros, etc. P1 considera que a supervisão lhe transmite segurança, mas refere não sentir dependência. Refere que com o avançar do tempo vai adquirindo mais confiança em si, e vai arriscando mais. Vai sentindo mais autonomia e maior crescimento, forma tentativa de aprendizagem</p>	<p>Elaboração ideias Sentimentos de segurança e confiança, maior capacidade de arriscar Autonomia Crescimento conhecimento</p>
<p>13. ...e também nunca temos as respostas</p>	<p>P1 refere que com o passar do tempo,</p>	<p>Aprender a lidar com, ou fazer a Gestão das</p>

<p>certas, isso é um processo que vai acontecendo...mas temos que lidar, há momentos em determinados casos em que não sabemos muito bem para onde ir, ou parece que estamos estacionados...ou...</p>	<p>a supervisão vai permitindo aprender a lidar com as dúvidas, com a incerteza, com o impasse.</p> <p>Aprende a lidar com a incerteza insegurança não saber</p>	<p>ambiguidades, da incerteza ou insegurança</p>
<p>14.</p> <p>E- ...perdidos por vezes?</p> <p>P1- sim... não quer dizer que a supervisão me vá colmatar... e que não sintamos isso várias vezes, mas a questão é um bocadinho</p>	<p>P1 admite que a supervisão não extingue as dúvidas que lhe vão surgindo com os casos, mas parece fornecer-lhe uma sensação de maior segurança, de confiança nela própria para lidar com a incerteza</p>	<p>Mais segurança e mais confiança</p>
<p>15.</p> <p>P1-...como é que eu explico este conceito de segurança... é um bocado esse sentimento de acompanhada e poder...não é que me vá perder...mas se calhar ter um espaço de partilha onde falamos todos a mesma linguagem, se calhar é importante para... nos dar mais confiança naquilo que estamos a fazer...e quando eu digo isto, não é no sentido... aaah, foi o que o supervisor disse, ou vou no bom caminho... não!...até pode ser... Acho que também nos vai dando uma abertura maior, uma flexibilidade maior no campo...que se calhar não estamos só ...</p>	<p>P1 percebe aquele espaço de partilha entre pares e supervisor com uma função tranquilizadora e securizante.</p> <p>P1 refere que todos os supervisandos se encontram num grau de incerteza, e isso parece serena -la. P1 considera que a supervisão reforça o grau de confiança na sua actuação. P1 manifesta uma maior capacidade de abertura e flexibilidade (aos outros olhares e ao outro) na análise e condução dos seus casos, maior descentração.</p>	<p>Espaço securizante</p> <p>Aumento sentimentos confiança</p> <p>Mais abertura , mais flexibilidade</p>
<p>16.</p>		<p>Espaço de partilha de</p>

<p>...aahh</p> <p>E- ...focar-nos no nosso ponto de vista?</p> <p>P1- Sim, ou seja, mas um bocadinho... a segurança nesse sentido, e não: “ah! tenho que perceber exatamente o que se faz”...mas que temos a possibilidade de partilhar e temos um espaço de reflexão...mas que isto vai-nos permitindo enriquecer mais e ganhar mais flexibilidade...ou seja, não estamos só</p>	<p>P1 refere a supervisão, como o espaço em que existe a possibilidade para partilhar as angústias trazidas pela incerteza , mas principalmente um espaço de reflexão que ela percebe como espaço seguro potenciador de crescimento e de abertura a novas ideias</p>	<p>angústias- securizante- espaço de reflexão e conhecimento</p>
<p>17.</p> <p>se eu tivesse a fazer prática sozinha, só assim...</p> <p>E- sem esse apoio?</p> <p>P1- sim...quando estamos em terapia, estamos sozinhos, mas sabemos que temos aquele espaço, que se surgir algo mais complexo ou se tivermos mais perdidos, também temos mais...em que temos esse espaço em que podemos partilhar, não estamos sozinhos e...</p> <p>E- sabem que recebem algum feedback, outras perspetivas...??</p> <p>P1- Sim e lá está o facto de ser uma pessoa mais experiente e não só</p>	<p>P1 refere-se ao sentimento de apoio e suporte sentido na supervisão que lhe proporciona uma maior segurança nas eventuais dificuldades surgidas em terapia, a supervisão ajuda-a a lidar melhor com as dificuldades surgidas.</p> <p>P1 menciona como factor importante a experiência do supervisor.</p>	<p>Suporte , apoio , segurança, espaço securizante de partilha de experiência</p>
<p>18</p> <p>... também a questão dos colegas, acho que descobri mais isto em existencial, porque não tinha experiência de supervisão de grupo...o conceito de intervenção, um bocadinho de partilharmos entre</p>	<p>A partilha entre pares em intervenção e na supervisão com os diferentes supervisores, é sentida como uma experiência enriquecedora para si. P1 manifesta sentimentos positivos percebe grande crescimento a nível pessoal e como terapeuta</p>	<p>Aumento conhecimento, crescimento pessoal com a Partilha de Experiência do supervisor e entre colegas- intervenção</p>

<p>colegas...aaahhh acho que valoriza essa questão de termos la professora ou a pessoa que está mais experiente mas também tem estas confluências várias, várias perspectivas acho que isso também é...enriquecedor</p>		
<p>19. aaahhhhhh.... Mais coisas...pronto acho que, não sei que hei-de...se é isto que pretende, se tenho que destacar mais alguma coisa...(risos) E- Parece-me que até agora, a C. reforça como aspectos positivos que retira da supervisão, a partilha de informação de forma enriquecedora, a segurança sentida quando existem dúvidas e... P1- Sim, e sobretudo nas confluências ...a troca de ideias que se consolida</p>	<p>P1 destaca como mais-valia na supervisão, a segurança sentida e principalmente a troca de ideias entre pares, reforçando o papel da troca de ideias e visões que se vão consolidando e encorpando</p>	<p>Consolidação de ideias resultantes da intervenção , troca ideias e olhares</p>
<p>20. E- E obstáculos, já sentiu alguma vez obstáculos em supervisão? P1- se calhar antes de ir por aí já...</p>		
<p>21. estava aqui a pensar na questão do desenvolvimento pessoal, ou seja, mais do que partilhar, é esta questão de que ninguém sabe tudo ou ninguém...ou não há formas certas e que determinado colega tem dificuldades e expõe...e isto tudo vem permitindo desenvolver a questão de lidar, se calhar com a frustração e...</p>	<p>P1 percebe a supervisão como o espaço que lhe proporciona crescimento pessoal não só no sentido da aprendizagem dos conhecimentos advindos da prática com as diferentes perspectivas e visões, mas como facilitador no conviver/lidar com as ambiguidades do processo, com as dúvidas e a frustração sentidas. P1</p>	<p>Crescimento pessoal, conhecimento e aceitação de si (aprender a lidar com a frustração) Descentração do self. autoconfiança</p>

<p>ambivalências do processo, e... de não sabermos bem onde é que estamos e que isto é tudo...é normal! nesta profissão e...portanto acho que dá esse crescimento também</p>	<p>refere a supervisão como facilitador no processo de aceitação da sua fragilidade como ser humano, normalizando este sentimento a todos os terapeutas. Descentrando-se do self. Perceciona Autoconfiança.</p>	
<p>22. ... Não somos só nós que sentimos aquilo... não tem a ver com eu sou má terapeuta, ou tenho pouca experiência...mas...faz parte da pessoa E- quer dizer-me que se sente a par com os seus colegas de supervisão? P1- sim isso!</p>	<p>P1 perceciona a aceitação da sua condição de pessoa humana, com todas as dúvidas e frustrações decorrentes da ambiguidade dos processos. Deixa de se centrar em si, nos seus defeitos. Ganho de autoconfiança, autoconhecimento, autoestima.</p>	<p>Aceitação de si Gestão das inseguranças Perceciona ganhos: confiança, confiança e autoestima</p>
<p>23. Falando depois no modelo...agora pensando nos obstáculos...é um bocadinho difícil...(Silêncio)...é um bocadinho difícil...não salta assim logo...por acaso eu pensei nisto...mas não é assim fácil ...são coisas mais metodológicas</p>	<p>P1 apresenta alguma dificuldade em elaborar ideias sobre os obstáculos sentidos na supervisão. Refere-se à metodologia como obstáculo sentido.</p>	<p>Obstáculo sentido mais ao nível da metodologia</p>
<p>24. ...mas, se calhar como estávamos ainda em processo de aprendizagem...o obstáculo, se calhar...não é assim nada específico, são coisas mais concretas...se calhar nem faz sentido para aqui...isto é mais concreto da supervisão ...não sei se faz sentido o que vou dizer...mas é mais na reformulação</p>	<p>P1 refere que talvez no início da supervisão sentisse algum obstáculo, parece não querer atribuir muita importância a nada em particular, diz serem coisas mais concretas, situações reais. P1 parece cética ou evitante em elaborar esta questão.</p>	<p>Sentimentos pouco claros ou até de evitamento na elaboração dos obstáculos</p>
<p>25. ...o que eu tenho sentido este tempo é... se calhar tem a ver com o</p>	<p>P1 diz sentir que em supervisão estão mais focados no momento em que o</p>	<p>Sugestão ao nível de uma melhor conceptualização de casos</p>

<p>formulário, o conceptualizar dos casos, às vezes estamos detidos mais com um momento daquele processo da pessoa, se calhar é mais uma sugestão...</p>	<p>cliente se encontra, mostra alguma dificuldade em expressar quais os obstáculos sentidos de forma clara. Parece inclinar-se mais para a importância da conceptualização dos casos como um todo, em modo sugestão.</p>	
<p>26. ... e às vezes o enquadrar o todo ou, onde é que estamos mesmo e para onde é que vamos num contexto mais estendido do caso...se calhar às vezes falta um bocadinho isto... não sei se posso dizer que seja um obstáculo, não sei se faz sentido irmos por aqui porque são coisas mais metodológicas</p>	<p>P1 considera sentir necessidade em supervisão, de um “guião” para entender melhor em que posição se encontra com o cliente em terapia. Menciona a importância da compreensão do sujeito no seu todo, num teor mais alargado e não tao focado no momento. Refere como sendo uma questão de método.</p>	<p>Sugestão de melhoria ao nível da metodologia (olhar o sujeito no todo e não só no momento que traz)</p>
<p>27. pois ...não sei ! E- Tudo o que possa dizer, será enriquecedor para a investigação...consegue explicar-me melhor, significa que esse seria um ponto que mudaria no processo de supervisão? P1- sim, é importantíssimo!...</p>	<p>P1 considera a sugestão de englobar o todo na análise dos casos e a orientação, uma questão muito relevante em supervisão.</p>	<p>Sugestão da importância de englobar o todo em supervisão</p>
<p>28. quando nós fazemos no momento ...é aquele concreto, se calhar, a experiência que traz aquele momento, o que eu tenho sentido...isto é uma reflexão que temos falado...</p>	<p>P1 refere-se à supervisão como fixa num momento concreto do caso. P1 introduz a possibilidade de incluir em supervisão a reflexão sobre os sentimentos que aquela experiência lhe traz .</p>	<p>Sugestão substituir a situação concreta pela experiência que ela lhe traz</p>
<p>29. ...e até quando , neste ano que terminou o curso, e sugestão que</p>	<p>P1 parece sentir a necessidade de alguma reformulação no formato da</p>	<p>Sugestão criar a ponte entre teoria e prática</p>

<p>acabámos por fazer até noutra cadeira e não em supervisão, mas a conceptualização no sentido de ligar mais a teoria à pratica ...</p> <p>E- hum hum</p> <p>P1-... ajuda-nos naquele momento, mas às vezes poderia haver uma ligação mais com a teoria... às vezes no nosso modelo integrar mais as coisas</p>	<p>supervisão, refere-se à sua conceptualização. Promovendo uma maior articulação da teoria com a prática e maior incorporação de conceitos articulados com a prática da supervisão.</p>	
<p>30.</p> <p>às vezes, imagine ...estamos a...não estou a dizer que isto está errado e que estamos a ...é isso que nós precisamos...a dado momento é nos dado sugestões e...neste momento com este caso eu tenho isto...claro que falamos do caso com as colegas e acabamos por a pessoa perceber um bocadinho, mas... às vezes esta perspectiva de olhar mais para o caso em... no contexto geral...o que é que temos para onde é que queremos ir...</p>	<p>P1 refere que em certos momentos da supervisão são dadas sugestões, que são válidas, mas parece sentir a necessidade de saber o que fazer com aqueles dados. Refere que em conjunto com as colegas acaba por entender um pouco mais (fora supervisão) .P1parece sentir uma lacuna na supervisão em termos de orientação, que englobe um olhar mais alargado, com cariz mais lato. Com uma estratégia planeada de atuação.</p>	<p>Sugestão orientação com maior enquadramento, com mais estratégia e um olhar mais global</p>
<p>31.</p> <p>claro que isto em concreto...</p> <p>E- Está a falar em colocar num pano de fundo, o modelo teórico?</p> <p>P1-Sim nós temos sugerido, às vezes até...nas supervisões</p>	<p>P1 sente que em supervisão também já têm sugerido abordar mais a teoria como suporte dos casos</p>	<p>Sugestão maior enquadramento teórico</p>
<p>32.</p> <p>nós tivemos vários supervisores...e isso faz-nos conhecer melhor... há pessoas que ligam mais a teoria à pratica outros estão mais centrados na parte prática mais até na parte</p>	<p>P1 relata que o facto de ter tido vários supervisores permitiu-lhe aceder a diferentes perspectivas/formatos de supervisão, considera que tem a ver com a pessoa do supervisor, uns são</p>	<p>Diversidade de supervisores , implica diversidade de abordagens maior conhecimento</p>

<p>relacional ou de grupo...mas às vezes falta um bocadinho disso, nós tivemos até um bocadinho disso...</p>	<p>mais focados em aspectos teóricos relacionados com a prática, outros apenas focados na prática e/ou mais na relação. Parece sentir a pertinência de ter um pouco de todas as vertentes em supervisão.</p>	
<p>33. numa outra aula, no contexto de uma cadeira, que é também treino de experiência clínica... fizemos as díades e, ou seja, há ali conteúdos que poderiam estar em supervisão a... no sentido de olharmos para o caso... não é de cima, mas...mais ao nível teórico onde é que nós estamos para ter uma linha de orientação...para onde queremos ir para nos podermos orientar também no processo,</p>	<p>P1 relata que há aspectos tratados noutros módulos do curso, que trazem questões que podem ser abordadas em supervisão. Sugere olhar para os casos de um modo mais abrangente, vendo o que está por trás, qual a teoria que pode espelhar as situações e de que forma as pode sustentar e orientar. Planear um guia de actuação no processo.</p>	<p>Sugestão: olhar para o caso de forma mais orientada/planeada mais abrangente perceber os conceitos teóricos por trás</p>
<p>34. claro que isto no existencial é muito aberto e isso vai sendo no momento ... não apresentamos uma linha é isto e acabou, mas às vezes um visão mais macro e não tanto micro daquele contexto, às vezes falta mais isso. E- Está a falar de que vos orientava melhor nos casos ter essa visão mais macro? P1- Sim, podia ajudar um bocadinho mais nesse sentido...</p>	<p>P1 assume que em existencial a supervisão é aberta que as coisas vão acontecendo no momento, concorda que não é um modelo rígido, mas expõe a necessidade por vezes de ir mais para além daquele contexto tão específico</p>	<p>Sugestão necessidade de uma visão mais macro</p>
<p>35. ...mas se calhar nós fomos dando estes feedbacks também ao longo do curso...e nalguns casos faz sentido ou não, se calhar sou eu que sou um pouco mais assim e para os outros não</p>	<p>P1 atribui esta necessidade de orientação guiada como uma característica da sua personalidade</p>	<p>Alia à sua personalidade esta carência de maior orientação</p>

faz sentido.		
<p>36.</p> <p>Estou a pensar muito na experiência final porque tivemos essa possibilidade, estamos a falar do aqui e agora, no entanto, e às vezes quando olhamos mais para a frente ou o que é que é importante... claro que temos a flexibilidade de perceber qual é a linha ... se a pessoa é isto que estamos a trabalhar...não fugir muito ... dali ou podemos ... sabemos que estamos a fugir mas sabemos que há aqui uma linha, e sempre que houver oportunidade sabemos que vamos poder remeter as coisas para ali... mas isso nós tivemos uma aula que não foi em supervisão, mas se calhar fazia falta também em supervisão... juntar a uma parte mais teórica e o contexto</p>	<p>P1 menciona estar a debruçar-se muito sobre a sua experiência final. P1 refere que atualmente, com a ajuda de uma determinada aula, já sente a capacidade de maleabilidade e elasticidade para distinguir o que é importante na condução da terapia, apesar dos possíveis desvios normais que possam ocorrer. Considera ter a habilidade para retomar o tema e seguir com o seu objectivo terapêutico. P1 refere que isso seria importante também ocorrer em supervisão, não focar só o momento, mas enquadrar a teoria e o contexto na supervisão, olhando para o futuro.</p>	<p>Sugestão: maior treino em supervisão para seguir uma linha de orientação com a teoria na retaguarda, e em terapia ter a capacidade de a rebuscar sempre que necessário</p>
<p>37.</p> <p>...não sei se já me estou a esticar muito...mas às vezes há momentos em que há um impasse e nós precisamos saber como é que vamos ajudar a pessoa ...de outra forma, depois ver isto numa parte mais expansiva ... um bocadinho até ... pronto e isso tem tudo a ver com o que a pessoa nos trouxe e um bocadinho...ou</p>	<p>P1 parece denotar viver momentos de angústia ao referir que nas situações em que lhe surgem de dúvidas, hesitações preocupa-se com a orientação (respostas) e com o caminho a seguir em terapia para assistir o cliente. Na análise mais alargada de P1, poderá estar relacionado até com aquilo que o cliente traz em terapia</p>	<p>Critica: Necessidade de orientação nos momentos de impasse. Visão mais alargada</p>
<p>38.</p> <p>... porque às vezes há a situação de mesmo acompanhada no processo, às vezes há um bocadinho que estamos perdidos no todo...é mais nesse</p>	<p>P1 mostra alguma dificuldade em explicar de forma clara o que sente, embora saiba que não há caminhos e estratégias certas a seguir com os</p>	<p>Criticas: Sentimentos de dispersão no todo em terapia, no rumo a seguir</p>

<p>sentido...</p> <p>E- Perdidos no todo?</p> <p>P1-Sim (risos) para conduzir no futuro...apesar de não há uma direcção para seguir... por isso é que é difícil explicar</p>	<p>clientes em terapia, apesar do acompanhamento do supervisor, muitas vezes sente-se dispersa no todo, no rumo durante as sessões.</p>	
<p>39.</p> <p>... mas de qualquer forma convém perceber, porque é que a pessoa está aqui, quais são as suas questões centrais e mesmo...a pessoa vai-nos trazendo outras questões secundárias, é importante perceber qual é o fio central, o que estamos ali a trabalhar e às vezes é essa visão que...</p>	<p>P1 menciona a importância de compreender e não perder de vista o que traz a pessoa à terapia, o foco da terapia, apesar das questões secundárias que vão surgindo e que ajudam a enquadrar e a compreender a pessoa, é esta visão de enquadrar o todo que é preciso estar atenta, e não perder o foco, 2º P1</p>	<p>Sugestão:</p> <p>Importância de não perder o foco da terapia, que muitas vezes se dispersa, é preciso enquadrar</p>
<p>40.</p> <p>pois...</p> <p>E- E em contexto de supervisão sente que essa visão é passada ao supervisando?</p> <p>P1-pois...depende de cada estilo de cada supervisor...(risos), custa-me estar a falar disto porque não me parece muito justo...porque não é uma falha...</p>	<p>P1 menciona as críticas com alguma reserva, frisando, não ser uma reprimenda ou defeito da supervisão, mas percebe diferentes estilos de supervisão consoante as características do supervisor.</p>	<p>Diferentes supervisores têm diferentes abordagens uns passam a visão do todo outros não</p>
<p>41.</p> <p>mas se calhar...</p> <p>E- Sinta-se à vontade para expressar as suas ideias, elas serão extremamente importantes para o estudo.</p> <p>P1- sim...se calhar o que eu diria do que nos fazia falta era um bocadinho mais disto, não quer dizer que nós não tenhamos já... mas se houvesse sugestões para dar era um bocadinho</p>	<p>P1 reforça que o que sugeriria em contexto de supervisão, seria um pouco mais de enquadramento de uma visão global do sujeito como um todo no seu contexto (contrapondo com os aspetos teóricos que sustentam os casos, permitindo criar “guidelines”, embora flexíveis, pois refere não haver fórmulas certas em terapia)</p>	<p>Sugere:</p> <p>Mais enquadramento do todo no sujeito</p>

mais disto...		
<p>42.</p> <p>E- E na sua prática clínica, como sente? Sente essa necessidade desse pano de fundo orientador, de que falou?</p> <p>P1- Nós temos um modelo que nos dá isso... mas essa orientação, estes conceitos são tão difíceis de explicar mas...</p>	<p>P1 percebe que o modelo existencial lhe dá a orientação de que necessita em termos de intervenção terapêutica, embora considere ser um tema muito sensível e delicado de explicar</p>	<p>O Modelo existencial contém a orientação que necessita</p>
<p>43.</p> <p>quando estou na prática clínica não estou a pensar no todo e na teoria, estou ali com a pessoa, no entanto...às vezes é mais no processo, quando já não estamos com a pessoa... e quando começamos a pensar para onde é que estamos a ir, ou...o processo evolutivo</p>	<p>Na prática clínica P1 percebe importante estar com o sujeito no aqui e agora, no que ele lhe traz. Sente falta do suporte e enquadramento teórico na fase da análise da evolução do processo. Quando P1 elabora sobre aquilo que foi relatado pelo sujeito é que considera que a supervisão poderia ajudar nesta análise e delineamento de estratégias de atuação.</p>	<p>Carência de enquadramento teórico e visão do todo na fase de elaboração sobre o processo evolutivo</p>
<p>44.</p> <p>eu estou a dizer isto, depois se calhar depende do trabalho de cada um e de que forma..... se calhar estou a falar de coisas que têm a ver com características minhas...</p>	<p>P1 considera que esta sugestão que dá, poderá ter a ver com características da sua personalidade, como uma necessidade sentida por si</p>	<p>Refere estas sugestões como uma necessidade sua</p>
<p>45.</p> <p>não sei se isto depois é congruente no estudo (risos)... ou se haverá mais a pensar assim (risos) ...</p>	<p>P1 apresenta algum desconforto nestas observações que faz, coloca a hipótese se estas dúvidas que sente serão só questões dela e não dos seus colegas.</p>	<p>Questiona se haverá congruência no estudo</p>
<p>46.</p> <p>...mas se calhar isto não é específico da existencial...se calhar é transversal</p>	<p>P1 indaga se esta questão não se estenderá a todos os modelos de</p>	<p>Aponta estas críticas transversais à supervisão em geral e não ao</p>

<p>à supervisão, estou a pensar aqui... mas se calhar se estivesse noutra orientação sentiria o mesmo... porque às vezes estamos na sessão num caso concreto e depois vamos voltando ao caso mais à frente, e, é um contínuo, mas...estou a focar-me muito nisto...mas estou a lembrar-me...</p>	<p>supervisão em geral. P1 refere estar muito focada na linha de orientação em supervisão, mas considera que nas sessões em terapia são um processo continuado, que tudo está em permanente análise</p>	<p>modelo, no seu entender. foco escassez de guideline em supervisão</p>
<p>47. E- De algum exemplo em concreto? P1-Na cadeira X, nós tivemos muito isto, fazíamos as díades e era por aí...era dividido entre os colegas e o professor, este ano fizemos nessa cadeira Xpto um bocadinho diferente...</p>	<p>P1 refere que durante a sua formação na Sociedade, na cadeira Xpto, focaram-se muito naquilo que sente como uma necessidade em supervisão, ou seja, o exercício das díades proporcionava-lhe a elaboração das questões através do treino e da discussão dos casos entre colegas e professor</p>	<p>Necessidade sentida ao nível do exercício de díades, treino com colegas e supervisor, de troca de papéis para melhor entender o outro e a si própria</p>
<p>48. E- A cadeira Xpto ? P1- Sim, na parte das díades, é observação... experiência ...(risos)... Observação e treino de experiência terapêutica... é assim (risos). Pronto, no fundo é a prática em que nós trazemos questões nossas, pessoais. Um faz de terapeuta, outro de paciente... depois os colegas dão o feedback e nós na troca de papéis também damos o nosso feedback...e o professor também...</p>	<p>Na cadeira xpto, no trabalho em díade, com o recurso à troca de papéis entre terapeuta e cliente, P1 percebeu o trabalho e a elaboração de questões suas. O feedback entre colegas e professor possibilitou-lhe o entendimento da problemática do outro, colocando-se no seu lugar, assim como o sentir das suas dificuldades e ao mesmo tempo aceder ao olhar do outro sobre si</p>	<p>Sugestão: O feedback recebido dos colegas no treino de observação e experiência, aumentou conhecimento e compreensão do outro e de si</p>
<p>49. E- refere-se a questões vossas, ou de pacientes vossos? P1- por acaso este ano foi, nós antes trazíamos questões nossas, agora</p>	<p>P1 refere este exemplo de sugestão para a supervisão, por recordar o quanto sentiu benéfico para o seu crescimento pessoal, enquanto</p>	<p>Exemplo: Troca de papéis com questões do supervisando e dos seus clientes</p>

<p>fizemos um modelo diferente, trouxemos um paciente nosso, ou seja, eu vou representar o papel do meu paciente..... e este ano foi muito rico, por isso é que eu estou a dizer isso... de sugestões e</p>	<p>terapeuta e pessoa, a troca de papéis (passando ela a ser o seu paciente e o colega o terapeuta) e ao mesmo tempo a exploração do caso em si</p>	
<p>50. ... além disso foi muito rico, nós depois fazíamos uma lista.... Ai não me lembro do nome (risos)...era...brainstorming! Estava difícil (risos)...cada um ia dando o seu contributo e ...um bocadinho... ou de uma frase que a pessoa dissesse ou ...quase como se desenhássemos a linha daquela pessoa...foi uma outra perspectiva que nos ajudou a ver...estamos aqui , de onde é que isto vem , para onde é que vamos ... deu este panorama num caso. Isto foi muito importante</p>	<p>Naquela cadeira, P1 percebeu a cooperação e participação de todos os pares como muito enriquecedor no entendimento e interpretação dos casos, sentiu que com a “análise dissecada em partes” das frases que o cliente dizia e a partilha de opiniões entre pares, lhe permitiu compreender o funcionamento daquela pessoa em análise e onde estamos no processo e o porquê de isto aparecer, tornando mais claro e facilitado o projecto terapêutico.</p>	<p>A partilha de vários olhares entre colegas permitiu desenhar o percurso do cliente sob uma visão alargada ,gerando maior entendimento e compreensão sobre a pessoa</p>
<p>51. ...e que se calhar não temos tanto em supervisão e ... ou dependendo dos supervisores temos, mas se calhar ter mais era importante. E- Sentiu que esse módulo lhe deu aquela visão que falava à pouco? P1- Sim sem dúvida! E nós devolvemos isso, que esta parte devia estar toda integrada na supervisão e não só ali... foi quase como se tivéssemos a ver o caso no todo e não...</p>	<p>P1 refere que era importante fazer mais brainstorming (discussão entre o grupo) em supervisão. Permitiu aceder a uma visão abrangente do sujeito. Entender o sujeito tal como ele é naquilo que traz na sessão.</p>	<p>Sugestão: mais brainstorming em supervisão para aceder ao todo do sujeito</p>
<p>52. nós depois temos que fazer estudos de</p>	<p>P1 afirma não descarta a necessidade</p>	<p>Sugestão: Partilha de vários olhares e</p>

<p>caso, isso faz-se, tem que se fazer esse exercício, mas assim em conjunto e em grupo e termos que contribuir todos ...e mais rapidamente isto fica formulado e ...claro que muito fica em aberto, pois é uma sessão, não está ali tudo, mas ajudou</p>	<p>de fazer estudos de caso, contudo, reforça a importância da discussão entre pares sobre os casos, para um entendimento maior do sujeito e do caso em si, embora apenas numa sessão</p>	<p>discussão com os pares permite chegar mais rápido à compreensão do sujeito e à formulação de hipóteses</p>
<p>53. e pronto isto no fundo foi já uma sugestão que demos ...que o professor até perguntou “ mas vocês não fazem isto em supervisão? Sim fazemos, mas não tanto assim“ ... e se calhar ter mais um bocadinho disto era importante para nos orientar um bocadinho mais...não é tanto uma crítica é mais uma sugestão</p>	<p>P1 refere novamente a importância de utilizar esta metodologia da discussão em supervisão. P1 percebe ganhos pessoais e também para o cliente decorrentes do processo de elaboração que resultam da discussão dos casos, tornando-se para si mais claro o rumo a seguir com o cliente</p>	<p>Sugere fazer mais discussão entre pares na supervisão permite ganhos/ avanços na terapia com o cliente</p>
<p>54. Uma necessidade que sentiu? P1- Sim ... mas fomos sempre falando ao longo do processo</p>	<p>P1 menciona que foram sempre referindo estas sugestões ao longo da formação</p>	<p>Foram sempre comunicando estas sugestões</p>
<p>55. Isto depois tem a ver com o que é importante em existencial, houve sempre muita abertura, fomos sempre falando de quais as nossas necessidades, o que estava a correr bem ou o que é que precisava-mos, de vez em quando íamos fazendo pontos de situação, no próprio grupo, na dinâmica do grupo...</p>	<p>P1 refere que o modelo existencial é muito aberto e flexível às necessidades e ao sentir do supervisando. Refere que o grupo de supervisão era dinâmico, tinha um funcionamento aberto ao diálogo</p>	<p>Abertura e sensibilidade do modelo ao sentimento dos supervisandos e à dinâmica do grupo</p>
<p>56. E-Como sentia que funcionava essa dinâmica de grupo? P1- ahhhhhh...sim estávamos sempre ligados, ou seja, nós ao longo do</p>	<p>P1 refere que o grupo de supervisão era muito próximo</p>	<p>Proximidade do grupo</p>

<p>57.</p> <p>...portanto isso é a experiência, agora vou ter que pensar como vai ser esta experiência se vai ser individual ou ainda de continuar em grupo, porque esta foi a de supervisão em contexto da formação em psicoterapia existencial, todos os anos tivemos supervisão e era em grupo.</p>	<p>P1 menciona que a experiência de supervisão que teve no modelo existencial, foi de grupo, agora que terminou a sua formação na SPPE, pondera em que moldes terá supervisão, visto a experiência de grupo para si, ter sido rica com a partilha de ideias entre os vários colegas.</p>	<p>No modelo existencial experiência supervisão de grupo agora pondera como será.</p>
<p>58.</p> <p>Por norma apresentava uma ou duas pessoas e cada um contribuía ...dava ali o feedback...depois depende do estilo de cada supervisor, não é... alguns davam inicialmente e depois íamos contribuindo, ou outros deixavam que desse-mos primeiro e depois...portanto era muito... não era nada individualista, ou seja, se é uma pessoa que vai apresentar o caso naquele dia... havia realmente essa Interação</p>	<p>P1 conta que o estilo de supervisão depende do supervisor. Alguns supervisores depois de exposto o caso pelo supervisando, pronunciavam-se de imediato, outros porém, deixavam que os supervisandos discutissem e elaborassem ideias primeiro, dando sempre lugar a interação, à partilha e discussão entre pares. Era modelo dinâmico.</p>	<p>Cada supervisor tem um estilo de supervisão próprio. Comum a interação, discussão e partilha ideias entre supervisandos.</p>
<p>59.</p> <p>...e pensando se calhar no processo evolutivo....ao longo do tempo...à medida que ...isto é normal com a experiência e com a prática ... acho que nos foi dado no último ano muito mais esse apelo</p>	<p>P1 refere que no último ano sentiu que os supervisores apelavam mais à iniciativa do supervisando se arriscar.</p>	<p>Final da supervisão sentiu maior exigência, maior independência</p>
<p>60.</p> <p>mesmo nas sessões às vezes o supervisor dizia... bem , hoje não tenho muito mais a acrescentar, ou seja, vocês fizeram um bom trabalho, dá-nos também esse papel</p>	<p>P1 refere que no fim do processo sentiu-se mais confiante, com mais autoconhecimento, mais experiência de casos e com mais riqueza pessoal. Conta que o próprio supervisor lhes</p>	<p>Sentimentos de autoconfiança, experiência, conhecimento e desenvolvimento pessoal, responsabilização e</p>

<p>de...responsabilidade e contributo, ou seja, ...desenvolvemo-nos cada vez mais...</p>	<p>reconheceu esses atributos evolutivos. Parece desencadear nela um sentimento de comprometimento, de gratificação e empenho pelo trabalho desenvolvido</p>	<p>maior envolvimento</p>
<p>61. embora inicialmente nalgumas sessões pudesse-mos ficar ... ai ... não sei muito bem o que hei-de dizer, se calhar deixo isto mais para o fim, para o papel do supervisor... não sei... mais ... E- sentia-se de alguma forma mais insegura? P1- Sim...</p>	<p>P1 diz que na fase inicial da supervisão sentia muitas dúvidas, muitas ambivalências e uma maior inquietação.</p>	<p>Fase inicial supervisão sentimentos de insegurança</p>
<p>61. Há aqui muitos fatores que não têm a ver só com a nossa evolução mas...antes tínhamos supervisores diferentes ... cada um também tem o seu estilo... e isso foi bom, essa diversidade, porque fomos buscando de várias formas de estar...</p>	<p>P1 percebe essa insegurança relacionada com múltiplos fatores, não só a limitada experiência clínica inicial do supervisando, mas também a adaptação aos diferentes estilos dos diferentes supervisores. Considera esta diversidade de supervisores durante a sua formação muito benéfica no seu processo evolutivo, proporcionou-lhe o contacto com vários olhares e diferentes estilos de abordagem</p>	<p>Vantagem na diversidade de supervisores, diferentes olhares, novas formas de estar</p>
<p>61. até porque existencial é preciso muitodiverso... ou seja, entra muito a pessoa, e então, portanto , podemos pensar , no primeiro não sentimos tão à vontade e no segundo já sentimos mais...mas acho que independentemente disso ou dos estilos de cada um o que eu sinto é</p>	<p>P1 percebe o modelo de supervisão existencial muito centrado na pessoa, onde a importância da relação, da partilha e troca de ideias e de olhares entre os pares, têm uma importância primordial. Um sentimento que vai crescendo, vai ganhando corpo com o passar do tempo.</p>	<p>Modelo centrado na pessoa, na relação (um crescente ao longo do tempo, no envolvimento, na entregar, no contributo)</p>

<p>que... e acho que observo isso não só eu , mas dos colegas, do dar e do contributo e da ligação e do à vontade muito mais e cada vez mais implicado e mesmo...</p>		
<p>62. ...isto depois tem a ver com...também com o último grupo de supervisão, estávamos num grupo, que foram as pessoas com quem mais nos ligámos no estar, e isto depois permite um à vontade e um nível de confiança muito grande</p>	<p>P1 refere que o grupo de supervisão tem muita importância no seu sentir, na empatia que se cria e na confiança que se gera. P1 diz ter conseguido sentir isso no grupo do último ano.</p>	<p>Importância da identificação com o grupo , na confiança</p>
<p>63. E- Os grupos mantiveram-se ao longo dos anos? P1-Foram mudando...houve pessoas que eu voltei a estar agora no 4º ano e estive com elas no 2º ... foi sempre mudando um pouco</p>	<p>P1 diz que todos os anos os grupos de supervisão se alteraram</p>	<p>Todos os anos houve grupos diferentes</p>
<p>64. ... o 1º ano também é muito o confronto com o...é o mudar ou seja, há pessoas que não tinham iniciado ainda a psicoterapia... sei lá ...eu tinha, e o facto de ter iniciado há 1 ano e tal mais ou menos, logo aquele impacto de mudar um bocadinho</p>	<p>P1 considera que o 1º ano na SPPE é muito o lidar com a confrontação das nossas questões pessoais. O facto de ela ter iniciado psicoterapia antes, ajudou-a a lidar melhor com isso comparativamente com os seus colegas, que estavam a iniciar agora o processo.</p>	<p>1º ano dificuldade no confronto com a mudança, com as questões pessoais</p>
<p>65. ...em dinâmica, aplicava os rocharches e essas coisas no início dos processos ...e acho que o primeiro foi o impacto ... um bocadinho ...e isto de não estar ainda familiarizada com os conceitos da existencial, foi esse</p>	<p>P1 refere que na supervisão anterior, no início começou por aplicar testes rocharches, algo mais concreto, e quando mudou para o modelo existencial, não conhecia os processos, e esse 1º impacto deixou-a mais</p>	<p>Fase inicial da supervisão sentia insegurança também por , desconhecer o modelo</p>

primeiro impacto	insegura	
<p>66.</p> <p>....e depois à medida que vai avançando, acho que na supervisão à medida que vai avançando, vamos tendo consciência do nosso estilo relacional , das nossas características e do... impacto que isso tem no nosso estilo de terapia, também como nos ligamos a determinadas pessoas ou não ...acho que foi havendo cada vez mais...(sorriu)</p> <p>E- hum hum</p>	<p>À medida que a supervisão vai avançando neste modelo.</p> <p>P1 percebeu ganhos de auto consciência que lhe permitiram aprender mais sobre si e sobre o seu modo de funcionamento em relação assim a compreensão do significado de empatias criadas ou não com os clientes</p>	<p>Crescente Auto consciência, auto conhecimento, dos identificação dos significados</p>
<p>67.</p> <p>P1- enquanto no 1º ano estamos um bocadinho...é tudo novo estamos mais à espera que o supervisor nos dê coisas, que não estamos muito familiarizadas com este modelo...é normal que este processo também seja assim...</p> <p>E- Quer dizer que acha que é natural haver mais insegurança inicialmente?</p> <p>P1- Pois, sim porque com a prática vamos ganhando...se formos a ver uma aula de 1º ano ou do 4º com umas câmaras, se calhar no 1º ano estávamos mais caladinhos, contribuíamos com algumas coisas mas pouco e agora a coisa quase que fluía só com o grupo, o supervisor ajudava mas já pouco...tínhamos muito mais autonomia nesse sentido, mas pronto é compreensível este processo evolutivo,</p>	<p>P1 relata que no 1º ano de supervisão se sentia mais insegura, com menos experiência, não arriscava muito dar palpites nas sessões de supervisão. Com o decorrer do tempo, 2º P1, os supervisandos vão ganhando mais confiança, mais prática, mais iniciativa e capacidade para arriscar sozinhos sem a ajuda do supervisor. Gerando confluência de ideias.</p>	<p>Processo evolutivo de Sentimentos crescentes de segurança, confiança, experiência (capacidade de se arriscar), independência/autonomia face supervisor</p>
68.		Empowerment

<p>agora a...o que eu ia dizer...(risos)</p> <p>E- Podemos dizer que no final deste processo de supervisão, sentiram mais empoderamento, no sentido em que se sentem mais confiantes e conhecedores e com mais à vontade para intervir e contribuir nas sessões.</p> <p>P1- Sim sim sim, e também tem a ver com ...</p>	<p>P1 confirma que no final da sua formação na SPPE, em supervisão sentiu esse ganho de “<i>empowerment</i>”, autoconfiança, autoconhecimento e com mais técnica na intervenção.</p>	<p>Autoconhecimento</p>
<p>69.</p> <p>não sei se posso comparar porque eu não tive grupos de supervisão, só no contexto do Instituto universitário no 5º ano, mas ainda não estava com grande prática e no estágio não consigo comparar muito essa experiência de supervisão ... porque tinha outras componentes, mas é assim, como tive individual, havia uma atenção individualizada mas... noto que era mesmo , no contexto mesmo da prática para o caso em si, muito dirigido para a intervenção</p>	<p>P1 refere que não sabe comparar com a supervisão noutros modelos, pois a experiência que tem em grupo é apenas no modelo existencial. A experiência anterior de supervisão foi individual, no modelo dinâmico. Ela sublinha que neste modelo a supervisão era direcionada para o caso clínico e para a problemática e a intervenção em si, o que não sentiu no modelo existencial</p>	
<p>70.</p> <p>e enquanto na psicoterapia existencial, há um contributo muito pessoal, está dirigido para a pessoa, e vamos apercebendo-nos na supervisão , que estamos a trabalhar o caso, mas também estamos a trabalhar coisas nossas, toca em aspectos muito nossos, ou seja, mesmo os supervisores que nos vão conhecendo , questionam , porque é que está a ser tão difícil com esta pessoa neste momento, e em vez de estarmos a</p>	<p>P1 refere que em supervisão no modelo existencial existe uma reflexão pessoal. Este modelo é mais focado na pessoa, além de trabalharem o caso, trabalham, elaboram e processam coisas do supervisando também. Existe um grande trabalho de reflexão pessoal</p>	<p>Autoconhecimento Enriquecimento pessoal Reflexão pessoal</p>

<p>pensar só no caso estamos a voltar as coisas para dentro e para nós . O que é que surge, e o que é que sentimos.</p>		
<p>71. Também tem a ver com as características do existencial, porque nós estamos lá muito enquanto pessoa e não temos a aquela neutralidade de aquilo que eu estou a sentir não serve ou não encontro...</p>	<p>P1 percebe esta diferença no modelo existencial relacionada com as próprias especificidades do modelo em si. É importante o que eu enquanto terapeuta estou a sentir. Importância do Eu.</p>	<p>Importância do self do terapeuta</p>
<p>72. então também acho que houve aqui uma evolução em termos até ... E- auto conhecimento? P1- Sim sim, ou seja, claro que é um processo diferente em psicoterapia, mas às vezes a fronteira é muito ténue</p>	<p>P1 percebe como progresso o auto conhecimento enquanto pessoa, muitas vezes semelhante até, àquilo que encontra em psicoterapia.</p>	<p>Processo reflexivo Autoconhecimento</p>
<p>73. e houve sessões , especialmente com este grupo , para já havia uma confiança muito grande e um à vontade de cada um de nós, porque aconteceram coisas na vida de cada um de nós que ...em que isso vinha e se percebia que também estava a acontecer em terapia , com decisões a tomar, tinha a ver com coisas nossas... e às vezes tinha a ver com coisas nossas, e houve vezes que chorámos, que nos angustiámos, e por isso não sei se noutro tipo de abordagem tem tanta força...</p>	<p>P1 conta que o grupo de supervisão no seu último ano foi muito coeso e empático o que considera ter ajudado a tornar o processo de supervisão ainda mais impactante. Refere que os problemas particulares dos supervisandos, que foram surgindo, de alguma forma se tocaram e emergiram na supervisão. P1 percebe este modelo com sendo muito centrado na pessoa, muito humano, e só por isso, facilitou que questões pessoais tivessem espaço para surgir em supervisão.</p>	<p>Confiança e empatia no grupo Modelo humano, centrado na pessoa Autoconhecimento</p>
<p>74.</p>		<p>Confiança no grupo</p>

<p>E- quando falou em confiança no grupo, considera que isso permitiu que houvesse espaço para ...</p> <p>P1- Para as nossas coisas, sim sem dúvida! Era um grupo especial porque já nos conhecíamos, mas ... houve outras pessoas que não nos ligámos tanto, mas este era o grupo de eleição das nossas ligações para...mas também é um bocadinho devolver coisas da pessoa, se calhar também aceitamos isso porque sentimos confiança, se calhar se não o sentíssemos estaríamos mais defensivos...e às vezes também houve processos da psicoterapia, dita normal, ou seja, apresentação só de casos</p>	<p>P1 refere a importância da confiança e do introsamento dos elementos do grupo de supervisão, considera que isso permitiu aceder a questões mais íntimas, houve uma maior abertura.</p>	<p>supervisão permitiu mais abertura</p>
<p>75.</p> <p>... mas houve também outras experiências mais experienciais que fizemos um tipo de supervisão diferente...a pessoa apresenta mas depois cada um vai tentar mesmo com o corpo...representar o que sente e vai dar uma imagem, e devolver a cada pessoa que deu esse contributo ... e depois a pessoa vai ver a imagem com a qual é que se identificou mesmo... com cada pessoa que dá esse contributo, do género ...eu vi... esta imagem e depois a pessoa que apresenta vai ver no grupo com qual é que mais se identifica mais</p>	<p>P1 relata a importância e riqueza da experiência de supervisão de casos específicos, mais focados nas experiências corporais. Refere um tipo de supervisão com representações corporais desenvolvidas pelos supervisandos durante a supervisão, com o objectivo de devolver aquilo que foi sentido com o relatado, e posteriormente a identificação com a representação que considerou mais próxima de si. Permitiu-lhe aceder a conteúdos mais internos, a sensações e olhares diferentes, a um mergulho mais profundo no caso</p>	<p>Processo mais reflexivo recurso a Técnicas experienciais mais corporais Autoconhecimento Experiência de flow</p>
<p>76.</p> <p>é como a terapia do focus centrada no corpo, não sei se conhece, é muito</p>	<p>P1 faz a comparação com a terapia do focus, centrada no corpo, percebeu</p>	<p>Experiencia de flow</p>

<p>experencial, e isso é muito interessante e depois a pessoa descobre coisas no corpo, está muito relacionada com as sensações no corpo e muito experencial, e há coisas depois que vamos descobrindo diferentes, e isso foi muito interessante</p>	<p>este tipo de experiência de supervisão mais centrada nas sensações e descoberta de novas sentires</p>	
<p>77. Houve o tipo que me enviou para o modelo do Bugental, ou seja, lá está, ser eu a apresentar o meu paciente, fazer o papel do paciente e há uma intervenção direta. E ver também o outro a fazer abordagens que se calhar eu não fazia. Imagine que nos estamos a ver nos pacientes, e estamos a sentir os pacientes de um ponto de vista e também estamos a ver o terapeuta que está a nossa frente, que é o nosso habitual papel.</p>	<p>P1 relata outras experiências de supervisão, a troca de papéis. Permitiu-lhe confrontar-se com outra forma de olhar o cliente, outra abordagem terapêutica. Proporcionou vários acréscimos de experiências, dela enquanto terapeuta e também acerca do próprio cliente, de colocar-se no lugar do outro (paciente).</p>	<p>Experiência de Flow Na Troca de papéis permite aceder ao outro do cliente e do terapeuta</p>
<p>78. E- Estão a representar o nosso papel P1- sim mas estão a intervir à maneira deles, o que também nos ajuda a pensar, ahhh se calhar não fiz isto, ou, olha agora fizeste-me isto e eu senti isto...permite-nos aceder, se bem que não somos o nosso paciente, mas permite-nos equacionar isso. Fizemos esse tipo de exercício, que nunca tinha experienciado...</p>	<p>O facto de os colegas fazerem o papel de terapeutas ajudou P1 a elaborar e equacionar modelos diferentes de intervenção, assim como colocar-se no papel do cliente e sentir essa intervenção</p>	<p>Experiência de flow Aumento do processo reflexivo, autoconhecimento</p>
<p>79. E- fala da troca de papéis? Como foi sentir-se no papel do outro, o paciente?</p>	<p>P1 percebe a experiência em supervisão utilizando o modelo de Bugental, como muito vantajosa,</p>	<p>Autoconhecimento Reflexão</p>

<p>P1-Sim. Foi muito interessante, ou seja permite... não sei se este modelo do Bugental é mais de existencial não sei se as outras abordagens em grupo também usam estes exercícios, mas pelo menos acho que foi enriquecedor ter este tipo de experiências, porque é no momento, não é só eu estar a falar e refletir...para já quando estávamos a expor havia momentos que nos remetiam para nós e para os nossos sentimentos,</p>	<p>considerou que a exposição e a descrição têm implícito o sentimento de elaboração e auto centrado no Eu.</p>	
<p>80. outra coisa é eu estar, ou quando eu fazia esse exercício, estou a ver ... e lembro de uma qualquer questão que o meu colega me colocou e eu ter sentido uma angústia muito grande ...é quase como se eu acesse, se calhar o meu paciente sente isto também...</p>	<p>P1 reforça um exemplo em que no role playing em supervisão, sentiu-se angustiada com uma questão, tal como se sentisse o acesso ao mundo interno do paciente, colocou-se no papel do outro.</p>	<p>Colocar-se no papel do outro Autoquestionamento</p>
<p>81. E- como se acesse ao eu do paciente P1-ao colocar-nos ali, conseguimos colocar-nos nesse ponto de vista... e também olhar para o nosso terapeuta e pensar... ahhh se calhar eu também fiz e ...se calhar é importante eu ir para aqui ... acho que foi importante também</p>	<p>Este exercício permitiu-lhe aceder ao eu do paciente e também atender ao papel do terapeuta, descobrindo novas formas, novos caminhos para seguir.</p>	<p>Experiencia de flow Auto questionamento Autorreflexão Conhecimento</p>
<p>82. O que eu destaco mesmo da existencial é este lado mais relacional. Acho que fui tendo uma maior consciência de analisar não só o caso em si com os estudos de caso, mas as</p>	<p>P1 valoriza o aspeto relacional da supervisão no modelo existencial. Consciencialização e identificação do seu modo de estar naquela relação com aquele paciente, encontrando-se na relação e o impacto que o seu estar</p>	<p>Autoconhecimento Importância da relação / estar na relação</p>

<p>implicações relacionais, como é que eu estou na relação, as dificuldades que sinto...</p> <p>E- refere-se à relação com o paciente ou com os colegas?</p> <p>P1- com o paciente</p>	<p>produzem no outro. Percecionou auto conhecimento e crescimento pessoal e técnico.</p>	
<p>83.</p> <p>E – E a relação com o supervisor, como a sentiu?</p> <p>P1-sim isso também, todos diferentes, cada um com o seu estilo, mas acho que nunca houve de todo uma imposição, portanto há uma abertura muito grande e há sugestões</p>	<p>P1 percecionou a relação com o supervisor, embora cada um com estilos diferentes considera que as relações em supervisão aconteceram de forma aberta à livre discussão de ideias</p>	<p>Relação com supervisor de abertura de feedback Cada relação única</p>
<p>84.</p> <p>ahh Porque tem a ver com a nossa abordagem, porque não há um certo, há muito um sentimento de acolhimento... há sempre um acolher...mesmo desde o início...vamos experimentando as coisas... a relação acho que foi muito de abertura, mesmo...</p>	<p>P1 considera que essa abertura em supervisão é uma característica do modelo existencial, onde não têm lugar ideias rígidas e não há 1caminho certo e fechado. Existem várias possibilidades de intervir, há um espaço de contenção, incentivo à experimentação. Há validação de sentires.</p>	<p>Apoio, suporte, contenção e validação Relação de Abertura aos vários olhares</p>
<p>85.</p> <p>E- considera essa abertura na relação como um Ponto fulcral</p> <p>P1- Sim em existencial considero como a abertura como atender às sugestões, às necessidades que temos, é muito auscultar as nossas necessidades... sinto quando estamos lá que há muito essa postura, de escuta auscultar entre todos, mesmo entre supervisor, claro que este tem uma postura destacada mas, muito</p>	<p>P1 Perceciona a supervisão neste modelo muito centrada nas questões da Pessoa, e na relação de proximidade, na validação, e na escuta do outro. Sentiu equilíbrio na relação supervisando – supervisor, duas pessoas com fragilidades e inseguranças nunca subestimando a experiência, o conhecimento e o estatuto do supervisor.</p>	<p>Acolhimento, escuta, partilha ideias</p>

<p>relacional, não há aquela de que aquela pessoa é que sabe...ou seja, claro que sabe mais que nós, mas não nos faz sentir.... Há uma proximidade muito grande</p>		
<p>86.mas há um respeito muito grande e isso também nos dá segurança e dá-nos a capacidade de confiar em nós, de nos valorizar também .</p>	<p>P1 percebe o supervisor como pessoa respeitada e conhecedora, e a sua postura fá-la aumentar sentimentos de autoestima, autoconfiança.</p>	<p>Sentimentos de segurança, confiança, autoestima, autoconfiança</p>
<p>87. E- A forma como o supervisor se coloca perante vós, como uma pessoa com mais conhecimento, não sente que cause inibição, então? P1- Não, pelo menos eu nunca senti, pelo contrário, sinto que ele também pode falhar... se calhar estávamos mais inibidos no 1º ano mas agora já não</p>	<p>P1 percebe o supervisor como pessoa próxima do supervizando, humana que também falha, que tem dúvidas.</p>	<p>Supervisor visto como pessoa igual para igual</p>
<p>86. e depois também vamos tendo alguns supervisores repetidos, no 4º ano tive uma que já tinha tido no 2º...já nos conhecem melhor... se calhar pode ter alguma influência.....ouve sempre um cuidado muito grande, o que é que querem da supervisão, também vamos fazendo pontos de situação...o que é que esta a correr bem ou não está a correr, houve sempre muita abertura nesse sentido nunca houve imposição</p>	<p>P1 sente alguma familiaridade com alguns supervisores que se foram repetindo ao longo da formação. Considera que sempre houve lugar à escuta das necessidades do supervizando, houve sempre a preocupação em fazer o balanço das sessões de uma forma clara e aberta.</p>	<p>Abertura do modelo ao diálogo, à escuta, às sugestões</p>
<p>87.estou a pensar, se calhar há outros</p>	<p>P1 Considera o modelo existencial</p>	<p>Centrado na pessoa Consciência de si, do</p>

<p>modelos que são mais rígidos nisto... E- É então um ponto que destaca neste modelo?</p> <p>P1- sim e muito esta tónica da pessoa do terapeuta...e não só no caso em si, ou seja, esta questão mais minha, no caso do terapeuta vamo-nos conhecendo também ...vamos tomando consciência das nossas coisas, do nosso estilo...mais enquanto terapeutas e também enquanto pessoas, porque as coisas ligam-se....ligam-se as duas</p>	<p>muito mais aberto do que os outros modelos. P1 encara este modelo, centrado na pessoa, no autoconhecimento enquanto terapeuta e enquanto pessoa “humana” nas suas dúvidas e angustias, são duas questões indissociáveis.</p>	<p>nosso lugar, autoconfiança, autoconhecimento</p>
<p>88. porque há momentos... lembro-me de apresentar casos e o supervisor perguntar porque é que está a ser tão difícil ... o que é que isto também toca em si ou na sua vida ...depois uma ponte para o mais pessoal, em que a pessoa está mais frágil, depois há o acolher disso também... não sei se noutros modelos sentia isso...</p>	<p>P1 reconhece que este modelo de supervisão permite aceder a questões pessoais do terapeuta que tocam ou podem influenciar aspetos em terapia. Este modelo no seu entender é sensível a questões muito subtis, e tem a capacidade de acolher e conter essas angústias.</p>	<p>Contentor, autorreflexão, autoconhecimento</p>
<p>89. Na supervisão é esse objetivo, mas consciência muito nossa, não só o aspeto prático da intervenção e do caso, mas centra-se mais nesta dinâmica, eu comigo.....</p>	<p>P1 percebe este modelo como um potenciador da capacidade de reconhecimento da nossa relação interna, além da prática de casos clínicos.</p>	<p>Autoconhecimento, relação interna</p>
<p>90. E- a experiência que tira deste modelo existencial, posso dizer que passa por um autoconhecimento P1- Sim, além do conhecimento adquirido na discussão de casos e teoria, aquilo que fica mais mesmo é o</p>	<p>P1 destaca como grande riqueza adquirida neste modelo além da prática e da teoria, sobretudo, o conhecimento em simultâneo do eu do supervisando, com experiências muito profundas.</p>	<p>Autoconhecimento, Conhecimento pessoal e teórico Experiência</p>

<p>lado pessoal, aquilo que vamos conhecendo ao mesmo tempo de nós...e isso é muito rico, toda esta formação foi muito intensiva, muito experiência muito vivida...</p>		
<p>91. depois a psicoterapia que faz parte do processo, que fiz paralelamente também me ajudou, e depois as experiências de díades que fiz em “cadeira x” e outros trabalhos mais experienciais...</p>	<p>P1 pondera que a sua psicoterapia existencial pessoal, também contribuiu ao mesmo tempo para se conhecer e desafiar, assim como a cadeira em que experienciaram as díades, entre outros.</p>	
<p>92. a questão da supervisão é algo que mexe, não dá para nós irmos e estarmos só na perspectiva profissional, exige e mexe muito conosco, questões pessoais... e depois o saldo é mesmo o enriquecimento, transformativo até</p>	<p>P1 percebe a supervisão como sendo algo muito potente, impossível separa a pessoa do terapeuta. E daqui retira um resultado muito gratificante e transformador enquanto pessoa</p>	<p>Experiências de flow Enriquecimento pessoal, transformação enquanto pessoa e terapeuta</p>
<p>93. Se eu pensar se não fosse trabalhar nesta área tinha valido muito a pena, mesmo em termos pessoais. E- Sentiu que trabalhou e “cresceu muito”? P1- sim , tomei mais consciência ...pois</p>	<p>P1 percebe ganhos elevados de consciência úteis para a sua vida mundana e não só profissional</p>	<p>Maturidade Consciência de si</p>
<p>94. e mais coisas...não sei se estou a ser muito divagadora (risos) E- Não! O que se pretende é que fale da sua experiência vs viver a supervisão. E quais os aspectos mais significativos para si, assim como de que forma a tem ajudado na prática</p>	<p>P1 da sua experiência de supervisão destaca a parte do estar em relação, a forma como foi processando e elaborando as suas coisas ao mesmo tempo que estudou os casos, embora considere que isso não seja o foco da supervisão, ela sente sim, que este</p>	<p>Importância da relação Trabalhar vários aspectos de forma holística Autoconhecimento Maturidade Experiência</p>

<p>clínica. Parece-me ter feito referência a isso ao longo da Entrevista. Quer dar-me alguns exemplos disso?</p> <p>P1- O que realço, é este aspecto mais relacional e de ir integrando, se calhar o foco não é “catro” e supervisão é supervisionar os casos, e o foco não é estarmos a trabalhar as nossas coisas mas decorrente disso é o aproveitar disto...e só assim é que também podemos ter mais consciência, pronto!</p>	<p>facto apareceu muito à tona e aproveitou-o (apossou-se do autoconhecimento a seu favor), porque o sentiu um aspecto determinante na terapia com o cliente, útil para ambos.</p>	
<p>95.</p> <p>Há coisas muito engraçadas e que destaque, isto é uma coisa muito pessoal, ou seja, ...eu trabalho com crianças, e a questão às vezes dos limites, e às vezes há crianças muito desafiadoras e de comportamentos de oposição, e às vezes é para mim muito difícil lidar, e às vezes não me apetece é estar, porque é muito difícil lidar com isto, e às vezes penso que isto tem sido um desafio muito grande. Decorre da prática clínica e depois entra para o lado pessoal, ou seja, e tem havido uma evolução, antes era mais difícil e agora já é menos... e isto é muito desafiante, e mexe comigo porque tem a ver com uma dificuldade minha...que sou mais calma, passiva...</p>	<p>P1 dá um exemplo de um caso clínico seu em que o aumento do autoconhecimento adquirido com este modelo lhe proporcionou uma melhor análise e reflexão de algumas dificuldades suas (relacionadas com características pessoais), sentidas na terapia. P1 conseguiu interpretar e identificar o seu sentir e o modo de estar em relação e a forma como isso influenciava e desafiava a relação com o cliente...e esse autoconhecimento tem sido auxiliador no lidar com situações mais problemáticas.</p>	<p>Autoconhecimento Desafio Maturidade Reflexão</p>
<p>96. é este ganho de consciência, o ganho decorrente da experiência pessoal, que vai muito para o lado pessoal, mas que está a ser desafiante, esta ligação entre a vida pessoal e</p>	<p>P1 percebe como ganho a autoconsciência em supervisão da interligação entre a parte pessoal e profissional, como ferramenta para ajudar a sua prática clínica, na medida</p>	<p>Desafio pessoal gerador de autoconfiança, <i>empowerment</i></p>

<p>profissional, adquirida muito também com a supervisão.</p>	<p>em que ela se sente desafiada com a tomada de consciência</p>	
<p>97. E- No decorrer dos 4 anos de supervisão, sentiu alterações relativamente à fase inicial do seu processo, só com crianças ou também com adultos? P1- trabalhei com ambos, na fase inicial sentia-me mais sozinha... com mais dificuldade...</p>	<p>P1 refere que na fase inicial da supervisão na SPPE sentia-se mais desacompanhada, com mais questões, mais insegura</p>	<p>Supervisão permitiu orientação e mudanças lentas, diminuiu sentimentos de insegurança</p>
<p>98. e não quer dizer que isto foi, “Ah então faz assim!”...e não , isto é um processo que não dá para acelerar, isto é um processo também meu que está muito intrincado nas minhas características, não mudei de repente, se calhar há situações em que ainda tenho dificuldade mas permitiu ter uma consciencialização muito maior disto e perceber que os casos mais desafiantes ou que</p>	<p>P1 refere que este processo de autoconhecimento e de mudança é lento, tem um timing de acordo com as características de cada pessoa. P1 diz que a supervisão ajudou-a a reconhecer e a lidar com algumas fragilidades suas</p>	<p>Aumento autoconsciência autoconhecimento, Diminuição ansiedade , tranquilidade</p>
<p>99. ...é mais difícil e que às vezes até irrita e estamos “fogo!! Esta sessão foi mesmo complicada”, e...o que no fundo eu estou a trabalhar muitas coisas em mim, ou seja...é ter consciência disto. E- Considera que a supervisão a fez pensar e ter consciência do porquê de ser tão difícil trabalhar certas questões com determinada criança, por exemplo? P1- Sim, neste sentido, estamos a</p>	<p>P1 relata que a supervisão ajudou-a a conhecer-se melhor, identificando e tomando consciência de sentimentos vividos por si e que de alguma forma perturbavam a terapia com os seus clientes. P1 descreve que alguns comportamentos dos seus clientes, ressoavam dentro de si, despertando-lhe emoções sentidas com mais irritabilidade, ansiedade e angústia.</p>	<p>Autoconhecimento, consciência de si, maturidade, diminuição de ansiedade e angústia, reflexão sobre si</p>

<p>trabalhar um paciente, mas este paciente tem características que me tiram desta zona de conforto, ou que me fazem desafiar, mas que às vezes têm acções que me fazem sentir desafiada, angustiada ou até maltratada</p>		
<p>100. Sei, crianças que chamam nomes, mas que é a forma delas serem...e que não tem a ver comigo... isso (risos) ... sabemos distinguir isso...mas tem que ver com alguns limites, e se calhar mesmo aqueles que é suposto pôr, eu não punha, portanto foi ganhar esta consciência</p>	<p>P1 refere que ganhou consciência de uma fragilidade sua, a questão dos limites, a sua dificuldade em impor as suas ideias, dizer não!</p>	<p>Autoconhecimento, (consciência de si), crescimento pessoal</p>
<p>101. Se calhar se eu tivesse muito sozinha podia ir fazendo à minha custa, mas o processo não teria sido tão rápido, do que estar acompanhada por todo este processo de supervisão que eu tive e o grupo. E- Considera então que a supervisão catalisou esse desenvolvimento? P1- sim sem dúvida! Potenciou o meu desenvolvimento mais rapidamente do que se estivesse a fazer clinica só</p>	<p>P1 considera que a supervisão e o grupo de supervisão foram duas variáveis que representaram para si uma mais-valia no seu processo de autoconhecimento, tornando-o mais célere do que se não estivesse a ser supervisionada.</p>	<p>Autoconhecimento. Crescimento pessoal</p>
<p>102. E- E sente que, com essa sua consciencialização do processo, percecionou, mudanças nos pacientes? P1- Eu percebo que é importante haver a flexibilidade e a disponibilidade, mas é importante haver a questão da...liberdade e a</p>	<p>P1 percebe que a consciencialização das suas fragilidades pessoais, adquiridas muito, em supervisão, dificultavam alguns aspetos da relação.P1 refere a importância de características fundamentais em terapia tal como a</p>	<p>Autoconsciência, autoconhecimento, Processo reflexivo</p>

<p>imposição de regras e limites...e eu percebo que às vezes ainda não consigo bem isto mas...se calhar estou a falar de coisas que não têm a ver com o tema...percebo que tenho que desenvolver isto para ser melhor, ou dar aquilo que aquela criança precisa, ou seja, para aquela criança se calhar é importante, ter mais limites...e portanto eu vou</p>	<p>flexibilidade, a disponibilidade e a questão de liberdade, que para P1 continua por vezes a ser difícil de lidar, confundindo com permissividade. Nalguns casos P1 admite ainda não ter conseguido fazer totalmente essa mudança em si (e.g. imposição de regras e limites) e que considera ser um fator fundamental para o sucesso da terapia.</p>	
<p>103. ...acho que sim, tem tido impacto nas crianças sim!! Aliás recordo um caso que tive com um menino que estragava materiais, era rebelde, muito difícil, queria ir embora...e eu tinha aquela postura, ah temos que aceitar , não podemos cortar a liberdade....e eu consegui começar a distinguir onde está a secção para a pessoa se expressar e a imposição dos limites...e se eu não impuser limites vai haver sempre abusos...</p>	<p>P1 refere num exemplo da sua pratica clinica onde a sua mudança de atitude, face à descoberta de si (gerou-lhe sentimentos de crescimento e de autoconfiança), manifestou uma maior segurança e determinação, considera que foi determinante no sucesso da tarefa em terapia.</p>	<p>Mudança de atitude Autoconfiança</p>
<p>104. e olhando para o meu 2º ano e agora, é muito diferente, ou seja , ouve impacto neles, sinto que já imponho limites, ou seja, é dar a liberdade...das regras, mas se calhar saber dizer à criança “naquele espaço ali junto ao Pc não podes fazer”...isto com crianças é sempre diferente, mas sinto que já sou muito mais firme.</p>	<p>P1 foi percecionando ao longo do passar do tempo com a supervisão, que foi adquirindo mais confiança nela e auto determinação que lhe permitem estar mais confortável na posição de impor regras e limites em terapia</p>	<p>Mudança atitude Autoconfiança Resultados positivos na terapia</p>
<p>105. E- Quais as mudanças que perceciona em si enquanto terapeuta, com o</p>	<p>P1 não se mostrou muito confortável a descrever as mudanças sentidas por si</p>	<p>Formação e supervisão na SPPE proporcionaram mudanças</p>

<p>processo de supervisão, mais relevantes?</p> <p>P1- Não sei enumerar (risos) ...eu acho que é tudo, é da supervisão é da formação...</p>	<p>enquanto terapeuta, contudo, avalia que a supervisão e a formação na SPPE, em conjunto contribuíram para a sua mudança.</p>	
<p>106.</p> <p>...lembrei-me agora que no 2º ano, que me ficou marcada uma situação, por causa da supervisão, que foi com a mesma supervisora do 4º ano ,de ela me dizer (risos) : “mas a C. não pode ...qualquer dia bate-lhe, a criança faz-lhe isto e aquilo e a C. está ali no sentido de aceitação...nós não podemos estar só nisto, e aliás nesta abordagem a C. tem que aparecer como pessoa e o impacto que isto causa em si”... e acho que tem havido uma maior consciencialização disso</p>	<p>P1 relata um episódio vivido em supervisão, pela importância do eco que teve em si, a tomada de consciência de uma fragilidade sua e de que modo esta influenciava todo o seu estar na relação com o cliente. A importância da pessoa na relação terapêutica e o impacto que causa nela.</p>	<p>Autoconsciência Autoconhecimento Processo Reflexivo Crescimento pessoal</p>
<p>107.</p> <p>...e aperceber que eu antes sabia que era importante para o menino...e houve ali momentos em que eu pensei que não era a pessoa mais adequada a este caso, se calhar esta pessoa precisa de outras coisas que eu não estou a conseguir...e há uma consciencialização disso e que tenho vindo a desenvolver...na esfera pessoal, não carregamos no botão, mas fez-me questionar se devia continuar a acompanhar crianças ou não,</p>	<p>P1 relata que as dúvidas e incertezas sentidas por si na relação terapêutica, foram vividas com alguma frustração e angústia na sequência da sua confrontação com dificuldades relacionais que ela atribuiu em parte a características suas. Permitiu-lhe desenvolver uma maior consciência de si e a questionar-se enquanto terapeuta. P1 considera que o processo de mudança pessoal é muito lento</p>	<p>Auto questionamento Autoconhecimento Crescimento pessoal, mudança de atitude Autoconfiança</p>
<p>108.</p> <p>mas...pronto! Noto que estou muito mais pacífica, lembro-me no 2º e 3º</p>	<p>P1 conta que com a ajuda da supervisão, sente-se mais confiante,</p>	<p>Autoconfiança Autoconhecimento Crescimento</p>

<p>anos pensar. “ se calhar crianças não” mas eu depois gosto de estar com elas em relação, mas depois quando surgiam estes desafios com crianças que me exigem mais este lado, eu sentia logo mais dificuldade em lidar....e agora já sei desta questão</p>	<p>mais conhecedora de si, consegue por isso lidar melhor com os desafios sentidos em terapia. Sente que mudou</p>	<p>Mudança</p>
<p>109. e hoje em dia é um bocado...acho que depois este processo todo faz refletir muito sobre a prática...isto é, será que quero trabalhar com esta população ou não. Permite pensar muito sobre isso, se calhar sozinha também, mas na supervisão senti isso, permite muito pensar expondo</p>	<p>P1 considera que o processo de supervisão na exposição e elaboração sobre os casos, lhe gerou muitas incertezas, facilitando-lhe o seu auto questionamento acerca das suas capacidades profissionais e vocacionais</p>	<p>Autoquestionamento Processo de Reflexão</p>
<p>110. Recordo muito com um professor expor muito estas questões e concretamente com os casos, as questões que surgem, ajudam-nos a reflectir também sobre nós. E ouve também esses espaços para a reflexão na supervisão...não há aquela rigidez, tem que ser um caso e acabou, às vezes surgem outras questões</p>	<p>P1 refere que no modelo existencial a supervisão era muito aberta à reflexão, o que permitiu que na exposição dos casos estas questões mais pessoais surgissem</p>	<p>Abertura do modelo à elaboração, auto reflexão</p>
<p>111. ...(risos) andei aqui em círculos, mas tentei ir dando exemplos do que a supervisão me foi dando...(risos)... E- Penso que tem sido ilustrativo do que representa para si a supervisão. P1-(risos) surge sempre tanta coisa (risos)</p>	<p>P1 considera que não foi direta na sua elaboração de ideias sobre a supervisão, mas refere esta lhe trouxe e potenciou muitas vivências e os exemplos ilustram o que foi sentindo.</p>	
<p>112. E- Então o que podemos concluir de</p>	<p>P1 destaca sobretudo da supervisão a</p>	<p>Partilha de experiencia Escuta</p>

<p>tudo o que aqui relatou sobre a supervisão?</p> <p>P1-...a partilha, o modelo de ajuda da Auto consciencialização, do auto conhecimento, da abertura e disponibilidade</p>	<p>partilha de experiências, o crescimento enquanto pessoa e terapeuta, a escuta do outro (auto consciencialização auto conhecimento, abertura e disponibilidade</p>	<p>Autoconsciência Autoconhecimento Abertura</p>
<p>113.</p> <p>...ou seja se me perguntar só vejo aspetos positivos da supervisão... não vejo assim nada...</p>	<p>P1 percebe maioritariamente aspetos positivos na supervisão</p>	<p>Mais-valias</p>
<p>114.</p> <p>e pensando assim, se este tempo todo estivesse estado sozinha sem supervisão no meu consultório...acho que o que isto permite é um enriquecimento e um alargamento...que sozinha teria sido muito mais difícil...</p>	<p>P1 percebe o enriquecimento e um outro olhar que a supervisão lhe proporcionou mais rapidamente do que se estivesse sozinha</p>	<p>Catalisador de Enriquecimento pessoal e alargamento horizontes</p>
<p>115.</p> <p>torna-se difícil distinguir só da supervisão, porque houve também um componente formativo todo ele e houve aqui um impulso nestes 15 anos, que se calhar não noto uma evolução tao grande agora que tive estes contributos todos, da supervisão da psicoterapia...mas sim acho que sim...realço sobretudo aspetos positivos</p>	<p>P1 considera que toda a sua formação na SPPE contribuiu para o seu crescimento, notando uma maior mudança evolutiva nos 15 anos. Destaca sobretudo aspetos positivos</p>	<p>Crescimento pessoal Maturidade Maior mudança evolutiva nos últimos anos supervisão</p>
<p>116.</p> <p>podem haver claro sempre sugestões ,e quando eu digo isso acho que isso está aberto em cada grupo...e em cada contexto de supervisão, há abertura para isso ser falado....se calhar repensar essas questões das sugestões</p>	<p>P1 sugere que seria benéfico que cada grupo com as suas particularidades, acrescentasse uma nova sugestão face à experiência vivida na supervisão, refere que cada grupo é uno e funciona de forma específica. Considera que</p>	<p>Abertura do modelo a sugestões</p>

<p>que as pessoas têm a dar, pois se calhar cada grupo pode ter exigências diferentes...</p>	<p>talvez acrescentasse essa ideia.</p>	
<p>117. não lembro uma experiência negativa ou obstáculo que tenha surgido...talvez no início me tenha sentido mais observada mas faz parte do processo...agora ...acho que foi útil , não me senti julgada ou avaliada, isto é, ...claro que há uma avaliação, mas...não senti como se fossemuito</p>	<p>P1 revela que numa fase inicial da supervisão se sentiu observada o que P1 percebeu como normal no processo de supervisão.P1 parece demonstrar ter sentido algum desconforto, contudo refere não se ter sentido julgada, nem se sentiu invadida com a avaliação</p>	<p>No início supervisão sentiu mais ansiedade da exposição e observação perante os colegas insegurança</p>
<p>118. ...acho que é isso , sentir confiança no grupo ...nas questões que quer levar..."se calhar não vou levar isto, fica mal"...mas não aconteceu, o facto de haver confiança no grupo ,não me fazia sentir isto</p>	<p>P1 considera que a confiança no grupo e a empatia criada entre os membros do grupo foram determinantes para que P1 se sentisse acolhida e segura, sem receio de colocar as suas questões</p>	<p>A confiança no grupo de supervisão ajudou a libertar-se, a sentir-se suportada e segura</p>
<p>119. lembro agora na última supervisão, eu não estava muito bem...não conseguia expor... mas isso depois foi muito debatido, "mas não quer mesmo?" ...e depois até fomos para outros assuntos...de quais são as características que nos distinguem</p>	<p>P1 conta uma experiência vivida em supervisão, ocorrida consigo, onde percebe a sensibilidade e o quanto a supervisão se foca não só nos casos, mas na pessoa do supervisando, aberta à escuta e à partilha de sentires, e o papel da importância do terapeuta enquanto pessoa, antes de ser terapeuta</p>	<p>Centralidade na pessoa, na relação, escuta do outro</p>
<p>120. e o grupo era muito forte...havia muita relação de proximidade...foi conseguida com esse grupo...não sei se se passa o mesmo noutros grupos...</p>	<p>P1 refere a importância daquele grupo em particular, a empatia sentida foi determinante segundo ela para que a partilha de sentires tivesse mais impacto nos membros.</p>	<p>Relação Coesão e dinâmica do grupo</p>

<p>121.</p> <p>E- Considera que o grupo é uma componente importante na supervisão?</p> <p>P1- Sim Sem dúvida! Poder acolher estas questões, o facto de não estar muito bem emocionalmente, e eles perceberam o que é que eu precisava deles... houve um acolhimento daquele grupo.... a postura de cada um...e o que é engraçado é que durante 1 ano, quase nunca ninguém faltou...havia um compromisso muito grande, e éramos todos, não só a figura do supervisor mas todos...</p>	<p>P1 refere que o grupo foi determinante para o sentimento de acolhimento, de pertença e de envolvimento. Todos em sintonia e empenhados no entendimento do outro, da pessoa, com um tronco comum.</p>	<p>Grupo como suporte Envolvimento/ empatia do grupo</p>
<p>122.</p> <p>eu não disse , mas estou a lembrar-me agora , se calhar cai no mesmo...tive uma experiência mais para o fim, de supervisão individual, mas que destaco quase as mesmas coisas....coloco a dimensão pessoal , talvez nos foquemos mais nas necessidades clínicas do caso, talvez a minha necessidade fosse maior...focamos mais no caso, não tanto nas minhas questões, na dimensão pessoal. Senti que na supervisão individual o foco era mais no caso...se calhar também tinha mais a ver com as minhas necessidades da época...mais concretas...</p>	<p>P1 compara a supervisão individual que teve anteriormente com a de grupo no modelo existencial. Refere que na supervisão existencial a tónica é mais colocada na dimensão pessoal.</p>	<p>Supervisão individual noutro modelo foco mais no caso Supervisão grupo modelo existencial dimensão mais pessoal, relacional</p>
<p>123.</p> <p>também nunca fiz muito tempo seguido...se calhar se tivesse mais tempo a parte relacional tinha</p>	<p>P1 Relata que a duração da supervisão poderá estar relacionada com a dimensão relacional, o que não</p>	

proporcionado mais...destacava mais outra coisa...	aconteceu na supervisão individual, durou pouco tempo.	
124. se calhar já tem a ver com outras questões (silêncio) ... isto se calhar tem a ver mais com a postura existencial...se calhar com determinados pacientes faz falta uma vertente mais integrativa...outras abordagens...	P1 refere que o modelo existencial permite uma maior abertura a estas questões, e que na opinião de P1 determinados clientes exigem uma postura mais integrativa, que englobe vários modelos.	Abertura do modelo a outras questões
125. e se calhar nós não temos tanta experiência e faz mais sentido se calhar outras perspectiva...isto talvez porque uma das supervisoras, já tinha uma experiência anterior noutro modelo ... e talvez esse facto tenha ajudado...também foi importante em casos mais concretos...	P1 percebe que o facto de ter menos experiência talvez a fizesse sentir mais suportada com outras abordagens também, além da existencial. Dá o exemplo de uma supervisora que vinha de um outro modelo, e considera que esse facto foi uma mais-valia na análise de casos concretos.	Falta de experiência associada à necessidade de suporte em diferentes abordagens
126. E- Mas sentiu essa necessidade na sua prática clínica? Pode explicar melhor P1-sim ...senti a necessidade de outras aberturas, mais concretamente em algumas situações...e o facto desta supervisora nos dar essa abertura, senti que foi útil...	P1 refere ter sentido em algumas situações de supervisão de casos, a necessidade de uma análise mais abrangente, do que somente a existencial.	Necessidade de abordagens mais alargadas, abertura a conceitos de outros modelos
127. em dadas circunstâncias experienciais senti que a transmissão de conhecimentos resultantes de outras abordagens que ela experienciou antes ajudou...tanto que ela disse, “ as pessoas sabem que sou existencial, mas também tenho outra base, porque	P1 sentiu que foi muito vantajoso na sua experiência de supervisão, para o desbloquear de determinados casos, a liberdade de escolha na intervenção com recurso a outras bases teóricas, no sentido de obter uma análise mais completa do caso, olhando sob novos	Refere abertura do modelo a outras interpretações para desbloquear casos à luz de vários conceitos Liberdade de escolha

<p>não utilizá-lo quando é preciso"...e é isso, talvez nalgumas situações em que é preciso desbloquear algumas situações , porque não utilizar esses conhecimentos...</p>	<p>prismas.</p>	
<p>128. lá está , a existencial permite essa abertura, não é estanque...lá está na experiência que falei anterior de supervisão individual que fiz, as questões eram mais focadas</p>	<p>P1 refere a supervisão existencial como um modelo aberto que permite a escuta de outros olhares.</p>	<p>Abertura do modelo a outros olhares</p>
<p>129. as crianças chegavam com questões concretas, era preciso uma avaliação, para coisas escolares, depois futuramente se partissem para terapia, aí sim punham-se questões mais relacionais, onde já faziam sentido questões mais existenciais...mas...mas também era preciso relectir aquele caso , não em termos existenciais, mas em casos mais concretos...mais integradas...mais da psicologia, o que nós no fundo somos todos, psicólogos em primeira análise...</p>	<p>P1 considera que existe um tronco comum a todos os psicólogos, e em determinados casos clínicos, é necessário maior objetividade, onde P1 não enquadra o modelo existencial, mas sim um modelo mais integrado. Considera a supervisão existencial mais voltada para as questões relacionais, e com crianças surgem-lhe mais dificuldades.</p>	<p>Modelo existencial foca questões relacionais não responde a todos os pedidos</p>
<p>130. talvez com adultos seja diferente, ou seja, podemos prescindir das coisas mais objetivas , não há avaliação, mas com crianças, há os pedidos concretos, as avaliações das escolas, o despiste de qualquer problema, etc...então aí surge a necessidade mais integrativa...</p>	<p>P1 sente dificuldade na aplicação do modelo existencial em crianças. Relata que os pedidos surgem por queixas muito diretivas, sobretudo escolares, onde os testes objectivos são imperativos, o que retira espaço ao existencial.</p>	<p>Modelo de intervenção subjetivo, pouco indicado em crianças com problemas escolares, recurso testes objetivos</p>
<p>131.</p>		<p>Abertura do modelo</p>

<p>depois é giro...cada supervisor... um vem de uma área e outros vêm de outras...e todos eles ficam com algumas coisas dessas áreas... é muito útil depois para a psicoterapia...(silêncio) risos...</p>	<p>P1 considera bastante vantajoso a formação de base que os supervisores trazem consigo e que não estão extintas, acrescentando assim conhecimento e riqueza à supervisão no modelo existencial.</p>	<p>existencial a outros olhares, partilha de ideias oriundas de bases teóricas diferentes,</p>
<p>132. Acho que tá tudo.... penso que já disse tudo, até acho que divaguei demais... (risos) E- Agradeço-lhe a sua disponibilidade, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa ao tema da supervisão P1- Eu também agradeço. Boa sorte para o seu trabalho. Penso que disse tudo o que me ocorreu, talvez até me tenha desviado do tema um bocadinho (risos). E- Obrigada CM.</p>		

Unidades de Significado P2	Unidades de Significado Psicológico	Notas
<p>1.</p> <p>E- Bom dia! Gostaria que me falasse um pouco do seu processo de supervisão no modelo existencial, de que forma o tem vivenciado?</p> <p>P2- (silêncio) Então vamos lá!...não sei bem por onde começar... é difícil conceber fazer psicoterapia sem ter supervisão</p>	<p>P2 refere que é fundamental ter supervisão para fazer psicoterapia, é um suporte uma ferramenta</p>	<p>Supervisão e uma ferramenta em psicoterapia</p>
<p>2.</p> <p>porque...sobretudo numa fase inicial enquanto psicoterapeuta, a supervisão acaba por ... de eu enquanto terapeuta ter outra visão sobre os casos que estou a analisar</p>	<p>P2 refere que a supervisão na fase inicial de carreira de psicoterapeuta lhe dá outro olhar sobre os casos clínicos</p>	<p>Outro olhar/compreensão sobre o caso</p>
<p>3.</p> <p>e é sobretudo importante naquela situação enquanto uma pessoa se vê naquele impasse...em que parece difícil ver qual o caminho a seguir com o paciente</p>	<p>P1 percebe a supervisão como uma ferramenta para desbloquear situações, abrindo outros olhares e perspetivas sobre os casos</p>	<p>Importante para desbloquear impasse, esclarecer dúvidas</p>
<p>4.</p> <p>...no entanto a supervisão acaba também por ser uma forma de me ajudar a mim...</p>	<p>P1 percebe a supervisão como uma ferramenta de autoajuda</p>	<p>Ferramenta autoajuda</p>
<p>5.</p> <p>e nós fazemos a supervisão num contexto de intervenção, não só supervisor e supervisando, acabam por estar envolvidos os nossos pares e isso também contribui para o processo em que... de certa a forma também nos é dada a</p>	<p>P1 percebe como rico o facto de a supervisão ser em grupo, existindo uma partilha entre supervisandos e supervisor, existindo um envolvimento e contribuição de vários olhares que ajudam à interpretação do</p>	<p>Envolvimento dos pares na intervenção, partilha de outros olhares e envolvimento</p>

<p>possibilidade de certa forma de clarificar um pouco o caminho que estamos a percorrer com o paciente, acho que as vantagens são sobretudo essas, no fundo é trazer à luz uma outra forma de ...um outro olhar sobre a história do paciente, sobre o processo que o paciente está a fazer, sobre o processo que está a fazer com o terapeuta</p>	<p>caso e do trabalho entre terapeuta e paciente.</p>	
<p>6. ...Aaaaaa...apontava alguns caminhos, outra trajetória possível de percorrer com esse paciente...</p>	<p>P2 percebe a supervisão de grupo como a possibilidade de aceder a outras perspetivas, outros olhares na terapia</p>	<p>Olhares, trajetos alternativos Liberdade de escolha</p>
<p>7. num certo sentido é como se desse uma certa estrutura ao que é fazer terapia num modelo existencial, não é propriamente aqui uma teoria que sirva de estrutura de base...acaba por nos dar também esse suporte.</p>	<p>P1 percebe a supervisão como uma base de suporte, que dá corpo e estrutura à terapia existencial</p>	<p>Suporte de estrutura de basilar</p>
<p>8. E- Na sua prática clínica tem sentido benefícios decorrentes da supervisão existencial, tem algum exemplo que queira partilhar? P1- sim.... Na prática clínica sim...nos casos em que ...em que são levados para supervisão...</p>	<p>P2 percebe benefícios da supervisão na terapia com os clientes, nos casos analisados em supervisão</p>	<p>Ganhos na prática clínica vindos da supervisão</p>
<p>9. acho que há aqui vários fatores que podem contribuir também...Aaaaah...a experiência do supervisor é muito importante,</p>	<p>P2 refere que há vários fatores que influenciam a sua prática clínica; a experiência do supervisor. Considera que a</p>	<p>Experiência supervisor Clareza, esclarecimento ideias- aumento conhecimentos</p>

há situações em que ...eu tive...neste caso na sociedade...em que há vários supervisores...e há supervisões que são mais ricas, parece que saio da supervisão com ...com ...com...com outra clareza outro olhar sobre os casos...mas também depende do supervisor	riqueza de ideias e olhares que retira da supervisão em parte se deve ao supervisor	
10. ...mas em regra também é um momento de reflexão, é um momento privilegiado de reflexão sobre o caso...poder refletir	P2 percebe a supervisão como um espaço de reflexão sobre o caso	Espaço reflexivo
11. e poder...também fazer uma espécie de análise em nós próprios...Aaaaaah...como é que nós estamos com aquela pessoa...e...como é que nós com as nossas coisas estamos e nos relacionamos com o paciente... onde é que...numa relação de ajuda	P2 percebe a supervisão como um espaço de reflexão analítica de si próprio e em relação com o cliente. Em que posição estamos na relação de ajuda ao cliente	Espaço de Auto análise, autoconhecimento Relação
12. ...não sei...é difícil para mim agora trazer aqui um exemplo concreto....Aaaahh...	P2 apresenta alguma dificuldade em representar um exemplo onde a supervisão o tenha beneficiado	
13. fundamentalmente eu acho que a importância da supervisão também dá-nos uma perspectiva daquilo que pode ser uma leitura fenomenológica existencial do caso, da pessoa em si...Aaaaah	P2 considera que a supervisão lhe dá uma visão fenomenológico existencial do caso, focada na pessoa	Leitura fenomenológica existencial foco na pessoa
14. e isso é algo que eu muitas vezes eu sinto dificuldade enquanto	P2 percebe a supervisão como grande ganho a ajuda do supervisor	Ferramenta de ajuda na leitura f.e. com base no que o suj. Traz. Supervisor experiente

<p>terapeuta... é de fazer essa leitura com os elementos que tenho, portanto, muitas vezes eu sinto que necessito de ajuda de alguém mais experiente, que tenha conhecimento até dos autores e da literatura existencial que possa de algum modo fazer o enquadramento do que é uma visão existencial também sobre a pessoa</p>	<p>experiente, na interpretação fenomenológica existencial dos dados de que dispõe sobre o cliente, assim como ao nível teórico a leitura numa perspetiva existencial da pessoa</p>	<p>Partilha conhecimentos teóricos</p>
<p>15. ...e isso dá...dá-nos até outra confiança, aquilo que eu sinto é outra confiança</p>	<p>P2 percebe que esse conhecimento advindo da supervisão lhe dá confiança</p>	<p>Auto confiança</p>
<p>16. ...também a partir do momento que soube ...em que levo um caso em que me sinto inseguro...ou de algum modo com...enfim...com aquilo que tenho ou que estou a trabalhar e a perspetiva de uma pessoa mais experiente...também me dá uma outra segurança, uma outra confiança para abordar este ou aquele aspeto que eu ainda não tinha pensado, ou se calhar que eu ainda não tinha pensado ou olhado para ali, ou até mesmo a estabelecer relações de sentido</p>	<p>P2 refere que a supervisão guiada por uma pessoa experiente lhe proporciona sentimentos de segurança e confiança quando apresenta dúvidas ou insegurança com os casos. Refere que a supervisão lhe dá outra visão do caso, outro olhar e outras interpretações das relações estabelecidas. Permite-lhe encontrar relações de sentido.</p>	<p>Experiencia do supervisor dá conhecimento e securiza nas inseguranças, ajuda a estabelecer relações de sentido, outros olhares</p>
<p>17. nós no processo terapêutico é muito isto, estabelecer relações e sentido entre aquilo que ela traz e entre aquilo que é o problema que ela sente e entre como ela está no mundo</p>	<p>Para P2 o processo terapêutico permite uma identificação das relações de sentido que o cliente estabelece entre si;o relato que faz , o que sente como queixa e a forma como está no mundo.</p>	<p>Relações de sentido entre si e o estar no mundo</p>

<p>18.</p> <p>...e a supervisão também nos ajuda muito a olhar para esse processo também de uma forma se calhar mais clara mais lúcida, mais...mais total até muitas vezes, mais completa no fundo...</p>	<p>P3 considera que a supervisão torna estas relações de sentido, mais claras e mais completas</p>	<p>Clareza Crescimento</p>
<p>19.</p> <p>E- Sente que o supervisor além da experiência que traz, também partilha muito conhecimento teórico e o ajuda a situar no modelo...</p> <p>P2- Sim...por vezes isso acontece e por vezes não acontece. Tive supervisores em que acontece e há supervisores em que não estão para aí virados, isso não é importante</p>	<p>P2 considera que nem sempre o supervisor partilha conhecimento teórico, P2 não parece sentir que a teoria na óptica dos supervisores, seja o mais importante neste modelo de supervisão.</p>	<p>Teoria nem sempre abordada</p>
<p>20.</p> <p>enfim, se calhar para mim é importante na medida que eu estou a fazer um curso e ainda estou a absorver também estes conceitos estas ideias, no fundo este modelo, portanto é algo que eu valorizo na supervisão, não só para o caso que possamos discutir do ponto de vista pragmático mas também do ponto de vista teórico, e do ponto de vista ...à luz do ponto de vista teórico que é a visão do existencial</p>	<p>P2 considera importante para si, estando no início da sua formação como psicoterapeuta, os discutir os casos com base nos conceitos teóricos e práticos no modelo existencial em supervisão.</p>	<p>No início da sua formação é importante conceitos teóricos</p>
<p>21.</p> <p>Aaaa...se bem que muitas vezes isto não é linear esta diferença do ponto de vista da supervisão...</p> <p>E- A interligação entre a teoria e a</p>	<p>P2 considera que na supervisão a teoria e a prática se interligam. Aprecia a utilidade da abordagem teórica durante a análise dos casos, refere que o ajuda a</p>	<p>Na supervisão teoria e pratica não são lineares. Ajuda na compreensão da pessoa conhecer filosofias da existência</p>

<p>prática... mas considera que a teoria é um fator importante?</p> <p>P2- Sim eu aprecio... eu aprecio...e ajuda-me até a perceber melhor a pessoa, se eu tiver uma noção como é que a própria se está a sentir...enfim, as próprias filosofias da existência olham para este tipo de realidade, acho que se nós retiramos alguma coisa</p>	<p>compreender melhor a pessoa. Refere importante conhecer a abordagem das teorias existenciais nos casos práticos.</p>	
<p>22.</p> <p>...isto é, aquilo que nós vamos retirando ao longo do processo de formação enquanto terapeutas também nos dá um novo olhar sobre o mundo, o que é estar no mundo, o que é estar vivo neste mundo</p>	<p>P2 considera que a sua formação na SPPE também lhe tem dado muito conhecimento teórico do ponto vista existencial, numa perspectiva do que é estar vivo no mundo</p>	<p>Vai buscar conceitos à sua formação na SPPE</p>
<p>23.</p> <p>....como é que... é que portanto...eu acho que sim, para mim tem todo, faz todo o sentido num contexto de supervisão poder até falar sobre alguma teoria, não só prática, não só sobre a pessoa em si, mas poder interligar as duas coisas...Aaaahh...a forma como a pessoa vive os problemas, ou sente que tem, que vive mas também como os autores abordam estas questões.</p>	<p>P2 percebe importante a inclusão da teoria na supervisão, e não apenas o entendimento daquele sujeito em concreto. Considera útil a análise dos autores sobre aquelas problemáticas (o vivenciar do problema para o paciente)</p>	<p>Aprecia abordagem teórica na supervisão para compreender melhor a pessoa</p>
<p>24.</p> <p>E- Quando refere há pouco que, durante o processo de supervisão na apresentação de casos também trabalha a análise da relação</p>	<p>P2 refere também, que a supervisão, proporciona-lhe por sua vez, também um autoconhecimento, decorrente da</p>	<p>Relação Autoconhecimento</p>

<p>terapêutica com o paciente, fala também de alguma forma num processo de autoconhecimento?</p> <p>P2- Sim...sim sim pode ser, não digo que seja centrado nisso, ou que deva ser centrada nisso, mas de alguma forma também acho que há espaço para isso no contexto de supervisão</p>	<p>análise da relação terapêutica com o paciente</p>	
<p>25.</p> <p>...Aaaahh...agora não vamos confundir a supervisão com a terapia...Aaaaahh... há um contexto específico para discutir o modo como estamos na relação com os outros mas ali em contexto de supervisão também acho que ...é importante nós termos essa noção</p>	<p>P2 refere que se trata de um trabalho muito diferente daquele realizado em terapia, mas considera que em supervisão também existe espaço para atender às questões da relação terapêutica, para P2 há pontos comuns com a terapia.</p>	<p>Espaço muito diferente da terapia, mas também há lugar para abordar questões da relação mas de forma diferente</p>
<p>26.</p> <p>enfim, se calhar para mim é importante na medida que eu estou a fazer um curso e ainda estou a absorver também estes conceitos estas ideias, no fundo este modelo, portanto é algo que eu valorizo na supervisão, não só para o caso que possamos discutir do ponto de vista pragmático mas também do ponto de vista teórico, e do ponto de vista ...à luz do ponto de vista teórico que é a visão do existencial</p>	<p>P2 considera muito importante na supervisão neste modelo o treino e o enriquecimento de conhecimentos práticos e também teóricos do modelo existencial, considera uma vantagem dupla .</p>	<p>Valoriza conceitos práticos e teóricos porque está no início da formação, conhecer visão do existencial</p>
<p>27.</p> <p>...Aaaahh ...e depois se isso de facto for algo que esteja a perturbar a relação com o paciente ...enfim</p>	<p>P2 considera que há espaço na supervisão para detetar alguns problemas relacionais como</p>	<p>Aceita viável da supervisão levar algumas coisas para a psicoterapia</p>

<p>porque não levá-lo para prática da psicoterapia.</p>	<p>clientes, que caso existam , na sua perspectiva, devem ser trabalhados em psicoterapia</p>	
<p>28. E- Falou há pouco no processo de intervenção, na sua experiência em supervisão existencial em grupo...como experiência esse modelo P2- Nós temos um supervisor, mas a supervisão é feita em grupo, portanto... para além daquilo que são os inputs que o supervisor nos traz, em relação àquilo que é a apresentação do caso, também os colegas têm espaço para dar os seus próprios inputs, análises e as suas ligações entre aquilo que é trazido pelo supervisor</p>	<p>P2 considera que a supervisão de grupo neste modelo, permite a troca e a partilha de informação entre supervisor e supervisor mas também entre pares, relativamente aos casos expostos.</p>	<p>Intervenção partilha de informações e feedback dos colegas e do supervisor</p>
<p>29. acaba por ser também rico, não estamos apenas numa relação com o supervisor em que está apenas uma pessoa a olhar para aquilo que nós trazemos, mas estão várias pessoas também a ouvir e a olhar para o caso... a ouvir e a refletir sobre o caso...e que acaba por enriquecer o caso e os presentes, no fundo enriquecendo a supervisão, ajudando à reflexão.</p>	<p>P2 considera este modelo de supervisão muito rico para todas as partes envolvidas, é pautado por vários olhares e diversas reflexões, sobre um mesmo caso.</p>	<p>Partilha e vários olhares e reflexões Feedback Abertura do modelo</p>
<p>30. E- Quando fala em relação com o supervisor...Quando menciona que há vários supervisores, cada um com o seu método de trabalho,</p>	<p>P1 refere que a relação com o supervisor é uma relação com papéis bem estabelecidos e distintos, que funciona em níveis</p>	<p>Relação com supervisor - profissional</p>

<p>considera que isso pode ser um fator que possa de alguma forma influenciar o “resultado ou sumo” da supervisão</p> <p>P2-Quando diz a relação em que sentido? (riso)</p> <p>E- Falo da relação com o supervisor em sentido lato... depende da forma ou o contorno que lhe quer dar... pode ser relação de trabalho, pessoal, etc...o que para si fizer mais sentido.</p> <p>P2- Sim quer dizer... eu entendo o que me está a dizer...mas quando estamos a falar de uma relação com um supervisor, é sempre uma relação de ...digamos assim, não quero dizer formal ou profissional, mas há papéis bem definidos, portanto, o supervisando tem um papel e o supervisor tem outro papel, tem o seu papel,</p>	<p>distintos.</p> <p>Considera uma relação funcional.</p>	
<p>31.</p> <p>portanto, eu se não desempenhar bem o meu papel enquanto supervisando também não posso esperar que o supervisor desempenhe bem o seu papel.</p>	<p>P1 considera que o desempenho do supervisando e do supervisor estão correlacionados, há uma relação direta entre eles</p>	<p>Na supervisão os papéis são bem definidos, existe correlação e <i>feedback</i> entre eles</p>
<p>32.</p> <p>E o que é isso de eu desempenhar bem o meu papel (risos)... eu para desempenhar bem o meu papel, eu antes de ir para supervisão tenho que preparar bem o caso, eu tenho pensar e reflectir sobre aquele caso, devo ter as minhas ideias tão bem</p>	<p>P2 percebe que o bom desempenho do supervisando e da supervisão, está relacionado com o trabalho de background, de reflexão, que este faz antes de apresentar um caso em supervisão. Considera que a boa</p>	<p>Sucesso da supervisão implica trabalho de background e empenho de todas as partes envolvidas no processo, (reflexão prévia e estruturação casos)</p>

<p>estruturadas quanto possível sobre aquela situação, sobre aquela pessoa , sobre aquele paciente, para quando levar o caso para supervisão, eu possa ter mais ou menos um fio condutor, e possa ser coerente naquilo que estou a transmitir ao supervisor...se eu não preparar o caso, se eu tiver só apenas umas ideias soltas e as levar para a supervisão sem qualquer tipo de estruturação, digamos assim, sem uma reflexão prévia, não só estou a dificultar a vida ao supervisor , mas também estou a ser...não me estou a ajudar a mim próprio, portanto</p>	<p>preparação/ estruturação do caso pelo supervisando, facilita a supervisão (a análise dos casos) e melhora os resultados</p>	
<p>33. ... (silencio)...isto é um ponto de partida, portanto a supervisão para correr bem e para a relação ser ...para poder haver até uma relação entre supervisor e supervisando acho que parte-se logo do princípio que o supervisando também possa de algum modo estar nesta relação com alguma seriedade, não é ? ...e depois o supervisor faz o papel dele</p>	<p>P2 considera que na relação de supervisão deve haver um compromisso por parte do supervisando, de entrega, de trabalho para o supervisor devolver</p>	<p>Supervisão implica compromisso das partes, entrega</p>
<p>34. mas não sei se me estava a colocar a questão mais no sentido de alguma afiliação? Ou seja, da forma como nos sentimos com o supervisor, com maior proximidade, se isso ajuda no processo de supervisão, era isso?</p>	<p>P2 valoriza na relação de supervisão, não tanto a componente afiliativa porque considera uma relação com cariz profissional, mas percebe a importância da identificação do supervisando com o modo de</p>	<p>Valoriza a relação de supervisão no sentido da identificação com o modelo que defendem, o desempenho</p>

<p>E- Sim também, quando falei em sentido lato, inclui também essa abordagem mais de afiliação. Há pessoas que valorizam mais, outras nem tanto...Como vivencia o P nesse sentido a relação em supervisão?</p> <p>P2- Sim ... à partida nós identificamo-nos com aquilo que as pessoas defendem, com aquilo que ... com o modo como as pessoas têm ...com o desempenho da função, não tanto se...</p>	<p>trabalhar , desempenho da função do supervisor</p>	
<p>35.</p> <p>repare, eu não tenho relações estreitas com nenhum supervisor, nós não somos amigos fora da sociedade... e aquilo que eu valorizo neles é a seriedade, é a ...enfim... a competência técnica...não só técnica , mas enquanto seres humanos, em que eu olhe para eles e não seja só ...em que eu olhe para eles e os respeite isso para mim é ... acho que é fundamental, não tenho que os conhecer à partida ou a priori, para sentir que as coisas correm melhor.</p>	<p>P2 considera fundamental para o sucesso da relação de supervisão, as características do supervisor, sejam de idoneidade, honradez, competência técnica e de humanismo, não sente necessidade de maior proximidade afiliativa, não considera isso importante na supervisão.</p>	<p>Valoriza no supervisor a técnica, a idoneidade o respeito incondicional pelo outro</p>
<p>36.</p> <p>Até porque nós na sociedade temos prof e supervisores que são estrangeiros e que vêm de fora e que nós não os conhecemos, não temos qualquer tipo de conhecimento sobre cada um deles... e acho que depois isso se</p>	<p>P2 percebe que a diversidade de supervisores, nacionais e internacionais, não condiciona a supervisão, refere que o próprio contexto da supervisão em cada sessão, com os casos que os supervisandos trazem e as</p>	<p>A relação estabelece-se com o material de trabalho em supervisão, no intercâmbio e na partilha de informação, há crescimento Relação de ajuda</p>

<p>manifesta, se materializa no próprio contexto da aula, da supervisão, em que... quando nós trazemos coisas e nos colocam coisas que são relevantes, nós por si só é suficiente para estabelecer a relação, nós estamos ali para ser ajudados e para nos ajudar ...e acho se se cumprir esse objetivo, se eu sair dali e sentir que valeu a pena e foi importante e que foi relevante e significativo para aquilo que é o meu trabalho enquanto terapeuta, então ótimo! Esse é o objetivo</p>	<p>questões que lhe são colocadas serve para construir uma relação de crescimento e envolvimento na supervisão o que sente como sendo um potenciador da sua formação enquanto terapeuta.</p>	
<p>37. E-Considera que a supervisão tem exercido influência na sua atuação enquanto terapeuta, na prática clínica? P2- Sim! Sem Dúvida. A supervisão, a reflexão sobre os casos...</p>	<p>P2 percebe a supervisão e a apresentação de casos como potenciador de uma maior reflexão, trazendo vantagens no desempenho da sua prática clínica.</p>	<p>A supervisão é uma ferramenta de trabalho na prática clínica</p>
<p>38. e quando nós procuramos transcrever as sessões, isto já é uma forma de nós já olharmos uma segunda vez para os casos, é refletir sobre a pessoa, sobre o processo...e a supervisão mais ainda. Não somos só nós a refletir é mais alguém...sim sem dúvida que sim!</p>	<p>P2 afirma também como benéfico, a transcrição dos casos clínicos na preparação da apresentação do caso, permite-lhe uma apreciação, um segundo olhar / uma maior reflexão sobre o processo, o que depois é mais explorado em supervisão.</p>	<p>O método da transcrição p supervisão também ajuda na reflexão São várias reflexões sobre o caso</p>
<p>39. E- Sente que o paciente retira mais benefícios com esse trabalho por trás? P2- Sim! Acredito que sim. Acho</p>	<p>P2 percebe a supervisão como um processo benéfico e útil a qualquer terapeuta quer esteja em formação, assim como para os mais experientes, considera</p>	<p>Vantagem para os clientes e para o terapeuta</p>

que é um processo normal, até qualquer terapeuta pode beneficiar disto... e mesmo os mais experientes	benéfico para os pacientes	
40. ... mas mesmo o momento em que os terapeutas fazem o seu processo de formação e ... enfim... adquirem alguns anos de experiência a supervisão passa a ser... já não tem que ser um momento externo e acompanhadas, mas passa a ser um momento interno e isto...acho que é um processo que passa a ser constante...neste trabalho de acompanhamento terapêutico.	P2 considera que o aumento da experiência clínica dos terapeutas, fá-los sentir uma menor necessidade de recorrer a supervisão externa com os mesmos contornos da supervisão inicial de carreira. P2 menciona existir uma tendência para a supervisão interna pelo terapeuta, uma Auto monitorização inerente à sua prática clínica corrente, passa a ser uma ferramenta de trabalho sempre presente	Ferramenta indispensável, externa e depois interna
41. E- Quando fala em supervisão interna P2- (Risos) sim ... no fundo é este trabalho que ... que se faz, e o tempo que se investe na discussão de casos com a reflexão	P2 refere que o trabalho despendido na preparação de casos para discussão em supervisão é um exercício que lhe permite obter suporte teórico e reflexivo para no futuro se Auto monitorizar e supervisionar internamente.	O treino permite no futuro à supervisão interna, reflexão e auto monitorização
42. ... tenho a certeza que qualquer paciente poderá beneficiar disso mesmo	P2 reforça o benefício que os pacientes retiram deste trabalho de reflexão em supervisão	Benefício para o cliente
43. ... mesmo naqueles que não têm necessariamente supervisão, façam este trabalho de reflexão...e de... “supervisão interna”...silêncio... E- hum hum	P2 considera vantajoso no trabalho clínico efetuado com o paciente, mesmo que não haja lugar a supervisão externa, o facto do terapeuta fazer todo um trabalho de reflexão e elaboração, uma espécie de auto supervisão	A reflexão é fundamental na profissão do terapeuta

<p>44.</p> <p>P2- sim, também intervisão entre colegas... sim ... considero muito importante que um terapeuta possa ter um conjunto de colegas com quem possa eventualmente até discutir os seus casos num contexto de intervisão, sim! Não terá que ser um grupo muito alargado, 2 pessoas pode ser até suficiente para se poder fazer esse tipo de tarefa</p>	<p>P2 refere a importância da intervisão entre colegas, na partilha e na discussão de ideias como uma ferramenta muito importante e enriquecedora de conhecimentos e experiências (outros olhares) sobre os casos clínicos.</p>	<p>Intervisão igualmente uma ferramenta fundamental , (partilha, discussão)</p>
<p>45.</p> <p>E- Desde o momento em que iniciou o seu processo de supervisão, até ao presente, que alterações mais significativas sentiu, e a que nível? O que é que mudou ou não na sua prática clinica?</p> <p>P2- É difícil dizer o que é que mudou ou não, não sei se mudou...mudou muita coisa...alguma coisa terá mudado seguramente. Não sei se por causa da supervisão, é difícil encontrar aqui uma relação de causa efeito ...e até é difícil dizer ou perceber se houve mudanças...mas...</p>	<p>P2 demonstra alguma dificuldade em associar o seu processo de supervisão e a interferência no seu processo de mudança enquanto terapeuta. Refere não saber exatamente enumerar quais as mudanças sentidas ou não, e se as houve, com o seu processo de supervisão, refere não conseguir encontrar uma relação direta entre a supervisão e a sua intervenção na prática clinica</p>	<p>Mudanças??</p>
<p>46.</p> <p>E- o que sobressai no seu processo de supervisão?</p> <p>P2- Eu acho se calhar no início quando acompanhava pessoas angustiava-me mais facilmente do que me angustia hoje</p>	<p>P2 considera que a supervisão lhe proporcionou um maior distanciamento do ponto de vista emocional (maior rigor profissional) no acompanhamento dos pacientes, uma maior segurança na leitura dos casos, refere sentir-se menos angustiado</p>	<p>Início da supervisão sentimentos de maior angústia com os casos</p>

	com os casos no presente comparativamente com a fase inicial	
47. ... eu acho que também tem a ver com a compreensão do que é a terapia...e... e aquilo de que é o nosso entendimento do que é a terapia... de facto nós trabalhamos com coisas que são, que não são controláveis	P2 percebe a experiência de supervisão como uma ferramenta que lhe proporcionou autoconhecimento e autocontrole emocional	Maturidade, crescimento maior controlo das emoções
48. e... eu acho que também é um desligar daquilo que nós chamamos pré conceitos que trazemos à priori daquilo que é fazer terapia...aaaahhh... e esta aprendizagem também é fruto da aprendizagem do processo que fazemos enquanto psicoterapeutas e eu ainda estou em processo, portanto isto é um processo que ainda continua	P2 considera ter adquirido uma maior tomada de consciência da importância de se desligar dos pré-conceitos relativos à terapia, começando a prática da “epoché”, considera que esta consciência lhe vem não só da supervisão mas do seu processo enquanto psicoterapeuta, um contínuo.	O modelo ensina a prática da <i>epoché</i> , autoconsciência
49. ...aaahhh ...e... E- Fala do processo? P2- Sim, da minha formação enquanto psicoterapeuta. E- hum hum P2- E nós pensamos o que é que é fazer terapia então	P2 considera refletir mais enquanto psicoterapeuta em aprendizagem, acerca do que é fazer terapia com os clientes	Processo reflexivo
50. ...e quando eu digo que me angustiava mais no início do que o que eu me sinto angustiado agora, atualmente quando estou a	P2 sente que no início da sua experiência enquanto terapeuta em supervisão, sentia-se mais angustiado do que presentemente, embora mencione não ter muita	Início do processo sentia mais ansiedade, hoje lida melhor com angústia de frustração

<p>acompanhar um caso ... e...por vezes ainda me sinto perdido...aaaahh...eu acho que isso me angustiava mais há uns anos, no início, quer dizer, também não acompanho pacientes assim há tanto tempo...</p>	<p>experiência de prática clínica e muitas vezes sentir-se perdido nos casos, considera sentir-se agora mais tranquilo e lidar melhor com essa frustração que lhe gerava angústia</p>	
<p>51. ... ahhh.... E- quando me fala dessa angústia sentida, fala-me de que angústia? P2- Era sentir que poderia não estar a ajudar o suficiente a pessoa...sentir que de certo modo eu podia estar aquém daquilo que eram os objectivos que eu entendia que era fazer terapia com aquela pessoa</p>	<p>P2 refere que a angústia sentida era gerada pela frustração e pela dúvida que sentia de não se achar suficientemente conhecedor da terapia mais adequada àquele paciente</p>	<p>Angústia gerada pela dúvida, medo de não saber fazer</p>
<p>52. ...e eu acho que à medida que a pessoa vai evoluindo com aquela pessoa e enquanto terapeuta também se vai apercebendo de que as coisas são como são, e portanto as coisas têm um timing certo para acontecer</p>	<p>Para P2 o processo de aprendizagem enquanto terapeuta, na qual a supervisão se inclui, assim como a terapia com o cliente, foi-lhe permitindo conhecer-se enquanto ser humano e ao mesmo tempo proporcionou-lhe uma maior aceitação das suas limitações como uma constante natural de cada terapeuta/ pessoa.</p>	<p>Autocontrole, autoconhecimento, auto compreensão e aceitação de si</p>
<p>53. ...e se calhar mais no início do processo enquanto terapeutas há uma grande avidez por ver logo os resultados e por achar que há sempre outras coisas que se podem fazer mais eficazes e mais ...impactantes com benefícios mais</p>	<p>P2 considera que relativamente à sua fase inicial como terapeuta, P2 refere o 1 momento como uma experiência mais angustiante, de grande ansiedade e tensão face aos resultados, encontrando-se no 2 momento menos ansioso, mais tranquilo. Consegue dar mais</p>	<p>Inicialmente maior ansiedade, tensão nos resultados 2ª fase processo: descentração de si, deixar fluir</p>

<p>imediatos para as pessoas...e que nós é que não estamos a conseguir...o que eu acho é que o ónus fica muito do nosso lado</p>	<p>espaço à relação, à escuta do Outro, descentrando-se de si e dos resultados, parece agora deixar a relação fluir no timing certo</p>	
<p>54. ...aaahhh e portanto, à medida que uma pessoa vai evoluindo enquanto terapeuta vai percebendo que as coisas vão muito da relação e... não somos só nós...e vai muito da relação, daquilo que se vai construindo e...nesse sentido as pessoas também têm timings certos para ir abordando certos temas, aspetos que são importantes para elas e que</p>	<p>P2 vivencia com a experiência de terapeuta a importância da construção da relação terapêutica com o paciente, e a importância da criação do espaço e tempo do outro, colocando-se mais no seu lugar, deixando o paciente sentir-se confortável no seu tempo certo para abordar temas importantes para ele. A experiência enquanto terapeuta permitiu-lhe ir ganhando alguma maturidade enquanto profissional</p>	<p>Importância da construção da relação terapêutica, maturidade pessoal e profissional</p>
<p>55. ...portanto...não somos nós que vamos decidir qual o caminho que vamos decidir para elas e sim ...é construído em conjunto...e nós estamos ali para acompanhar esse processo...</p>	<p>P2 percebe a terapia como um trabalho construído em conjunto com o paciente, em que o terapeuta conduz e guia o trabalho terapêutico</p>	<p>Caminho conjunto guiado pelo terapeuta</p>
<p>56. e eu acho que no princípio isso me gerava mais angústia porque colocava muito essa tónica do meu lado</p>	<p>P2 refere que inicialmente essa ansiedade lhe gerava uma grande angústia, colocava toda a responsabilidade do sucesso da terapia no seu lado.</p>	<p>Descentração de si, deixar fluir</p>
<p>57. ...aaaahhh...mas portanto...acho que entretanto já me desviei da sua pergunta... E- Penso que acabou por responder naquilo que sentiu como uma</p>	<p>P2 reitera que a mudança sentida no seu processo de supervisão dentro da sua formação como psicoterapeuta, foi sem dúvida, o autocontrole e a aprendizagem de si mesmo, na forma de estar</p>	<p>Mudança: (autocontrole,)autoconhecimento Aprendizagem de si</p>

<p>mudança sentida no seu processo de supervisão...</p> <p>P2-Ah sim! Tinha perguntado o que tinha mudado (Risos). Sim, eu acho que esta parte da angústia não é que ela tenha desaparecido, eu é que aprendi a lidar melhor com ela...</p>	<p>sentir e lidar com a angústia de frustração sentida em terapia.</p>	
<p>58.</p> <p>(silêncio)... o que poderá ter mudado mais... o que é que mudou o facto de eu ter vindo a ter supervisão...o que é que a supervisão me tem dado...</p> <p>E-hum hum</p> <p>P2- Eu acho que nós nos vamos apropriando daquilo que é um pouco também o olhar do supervisor sobre os casos que vamos trazendo ...há um olhar que é trazido para o contexto da supervisão, que nós enquanto supervisandos e terapeutas nos podemos ir também apropriando e... são ângulos ...digamos são ângulos que nós ainda não tínhamos descoberto e de algum modo</p>	<p>P2 alega ainda como uma mudança adquirida com a supervisão, assim como o que dela tem retirado, a descoberta do contacto com o olhar do supervisor e a forma como este analisa o caso, permitiu-lhe uma acomodação e “apropriação” um pouco da visão do supervisor, enquanto terapeuta. Abriu-lhe janelas sobre outros pontos de vista, outros olhares, trouxe-lhe crescimento e conhecimento</p>	<p>Apropriação do olhar do supervisor, na escuta da sua interpretação</p>
<p>59.</p> <p>...ahaaa... eu acho que isso também nos dá outro tipo de... experiência ...Sim Sim ...se calhar o supervisando aahaaa...beneficia com a experiência do supervisor na medida em que se pode apropriar de um outro olhar sobre os casos</p>	<p>P2 percebe como uma mais-valia no enriquecimento do seu conhecimento e da sua prática clínica a experiência partilhada pelo supervisor quando contribui com o seu olhar sobre os casos</p>	<p>Benefício retirado da experiência do supervisor, contacto com um novo olhar</p>
<p>60.</p>	<p>P2 não considera a apropriação</p>	<p>Modelação ou referência, guião</p>

<p>E- mas quando fala em apropriação, fala no sentido de uma colagem...</p> <p>P2- não tem que ser necessariamente uma colagem porque... todos os casos são diferentes...poderá haver elementos que são comuns mas obviamente que... aquilo que nós beneficiamos da supervisão em relação a determinado caso... aaaahh, isso pode-nos fazer sentido para outros casos e...não diria que as coisas são tipo autocolantes, mas não é propriamente as intervenções em si</p>	<p>do olhar do supervisor como uma colagem mas como um modelo ou referência para se guiar noutros casos, não nas intervenções mas nas interpretações dos casos</p>	
<p>61.</p> <p>ou seja, há supervisores que nos podem dar orientações sobre as orientações que podemos fazer em determinada situação ou noutra, não é propriamente o que se faz nessas intervenções, mas sim o modo como se olha para a existência daquela pessoa no fundo</p>	<p>P2 refere que o supervisor ensina a refletir e desperta o olhar do supervisando para a interpretação do que é a existência do paciente</p>	<p>Orientação sobre compreensão da existência</p>
<p>62.</p> <p>E- Considera haver muitos pontos em comum nos diferentes casos, na perspetiva da existência?</p> <p>P2-Pode haver circunstâncias entre si...no fundo, nós somos todos feitos da mesma massa...somos todos pessoas...e nesse sentido ...há elementos que se cruzam ...e esse olhar sobre as pessoas Sobre os casos</p>	<p>P2 considera que o ser humano é único e para ele há aspetos que se repetem na existência humana. P2 refere que a supervisão alerta-o e desperta-o para um diferente olhar e interpretar das diversas problemáticas da existência, na sua vivência de supervisão com os distintos casos.</p>	<p>Olhar o Homem como ser no mundo com elementos que se tocam no ponto vista da existência</p>

<p>63. ... também no caso, que são aquilo que são os contributos dos supervisores também está fundado ou enformado, digamos assim ... pela perspetiva existencial ...</p>	<p>P2 refere que o olhar e a leitura dos casos em supervisão lhe dá uma mostra do que é a análise sob a forma de uma perspetiva existencial</p>	<p>A supervisão no modelo existencial esta encorpado pelo modelo E</p>
<p>64. portanto, admito que podemos beneficiar dessa supervisão em relação a um caso para outras ... outros casos, outras situações...é isso.</p>	<p>P2 considera retirar uma mais-valia em cada caso que apresenta e naqueles que assiste aplicáveis a casos futuros</p>	<p>A prática de supervisão traz conhecimento na leitura de novos casos</p>
<p>65. E- Alguma vez lhe surgiu alguma questão na supervisão que gostasse de ver abordada de forma diferente, alguma sugestão? P2- Bom... para mim é difícil porque eu não tenho ... não tenho propriamente ...não consigo fazer uma comparação dentro do modelo existencial e outro tipo de supervisão enformado por outro modelo ... seja o psicanalítico, seja o integrativo, enfim o cognitivo comportamental...é difícil para mim comparar com os outros, sem poder dizer o que é que eu retirava de uns e colocava de outros</p>	<p>Quando questionado sobre quais as sugestões que daria neste modelo de supervisão, P2 apresenta dificuldade em ilustrar uma resposta clara, afirmando não saber o que incluía ou retirava comparativamente com outros modelos de intervenção.</p>	
<p>66. ...mas sim...em termos absolutos, não é? Sem fazer comparações... aaahhhhaaa...se eu mudava alguma coisa? (silêncio) ... hummmm não sei...</p>	<p>P2 não consegue elaborar uma resposta relativamente às sugestões que daria a este modelo de supervisão, parece algo perdido</p>	

<p>67.</p> <p>E- ou se sentiu em algum momento da supervisão algum obstáculo, ou algo que tivesse sentido que faria de forma diferente</p> <p>P2- Eu enquanto supervisando?</p> <p>E- hum hum... se alguma vez sentiu que gostaria de estar a viver essa supervisão, com outro formato?</p> <p>P2- (silêncio) ... estou aqui a pensar...(silêncio)</p>	<p>P2 continua a apresentar alguma dificuldade em responder/ refletir sobre a questão da sugestão ou do obstáculo sentido em supervisão, não consegue elaborar uma ideia clara quando questionado.</p>	
<p>68.</p> <p>...estou aqui a pensar uma coisa , aquilo que eu à partida até pensei que pudesse ser pouco ... houve um supervisor que experimentou comigo uma coisa que eu...eu não</p>	<p>P2 faz uma pausa no discurso, reflete sobre a questão e refere recordar-se de um episódio de supervisão vivenciado por si que o surpreendeu, e sentiu tê-lo marcado de alguma forma, ainda que inicialmente lhe parecesse sem grande relevância</p>	
<p>69.</p> <p>...uma coisa mais experiencial e eu....senti aquilo como algo que era pouco....pouco, adequado naquele momento...mas depois até consegui extrair dali alguma... alguma... algo que depois até me ajudou a olhar para o caso</p>	<p>P2 refere ter percecionado a experiência vivida naquele episódio de supervisão, como pouco ajustada ao caso, facto esse que considera ter sentido alterar-se, após reflexão sobre a experiência vivenciada. P2 refere ter conseguido retirar ideias que lhe permitiram insight, ajudando-o a ver outras perspetivas do caso</p>	<p>Sentiu que algo mais experiencial em supervisão lhe causou impacto inicialmente sentido como desadequado e estranho</p>
<p>70.</p> <p>... mas ... se eu senti algum obstáculo alguma vez...ou sugestão...hummmm.... (silêncio). Isto varia, porque isto depende da supervisão, porque é difícil de,</p>	<p>Parece difícil para P2 enumerar algum obstáculo ou acrescentar alguma sugestão ao modelo de supervisão existencial por ele vivenciado. P2 considera ser indissociável a triangulação,</p>	<p>Refere que os obstáculos sentidos em supervisão são sempre questões atribuíveis aos 3 intervenientes no processo (supervisão, supervisando, supervisor)</p>

desligar a supervisão do supervisor... e até de supervisando...	supervisor, supervisando e supervisão, todos interligados e mutuamente influenciados.	
71. portanto estou a incluir-me eu próprio naquelas supervisões que foram menos bem conseguidas... menos relevantes ou menos úteis, talvez	P2 considera –se parte integrante do resultado do trabalho produzido nesse trio interligado, onde por vezes ocorrem insights ou nada importante. Refere que algumas supervisões ficaram aquém das expectativas,P2 admite que nem sempre as supervisões foram frutíferas como desejava	Supervisando parte integrante do processo
72. ...aahhh... dentro daquilo que são os moldes da supervisão, tal como é concebida, como é praticada, como funciona...aahhahh... nunca tinha pensado nisso, se haveria alguma coisa que pudesse ser diferente...ou...sugerir algo que mudasse,	P2 admite nunca ter pensado em sugerir mudanças ou ideias ao formato de supervisão existencial que está a receber.	Perplexidade sentida na questão das sugestões, obstáculos
73. para mim agora está a ser difícil responder...não estou a ver mesmo em termos obstáculos...	P3 refere estar a sentir dificuldade, parecendo sentir um bloqueio na reflexão sobre as situações obstaculizantes vividas em supervisão	Bloqueio na reflexão
74. E- hum hum... mesmo do início para cá, momentos se calhar mais “difíceis” no início...não sente que tenha experienciado, ou mesmo experienciado com colegas de supervisão?... P2- Pois... sim! Eu tenho essa experiência dos meus colegas, de	P2 menciona que o sentimento partilhado pelos seus colegas de supervisão esteve muito ligado a sentimentos de avaliação e de observação, aspetos que ele refere não ter experienciado.	Não associa a avaliação e a observação como obstáculo, ao contrário dos seus colegas

facto eles referem isso, alguns, inicialmente sentem-se mais observados e avaliados ... mas para mim, não		
75. Eu considero o momento da supervisão, um momento privilegiado	Para P2 a supervisão é uma experiência de grande elevação, útil	Supervisão (toda ela de salutar) ferramenta útil
76. e ... eu sempre encarei a supervisão como um momento oportuno para ...para eu poder preparar melhor o acto terapêutico e...e por acaso eu...	Para P2 a supervisão é uma janela de oportunidade, mune-o e prepara-o para uma melhor pratica clinica, na medida que a dedicação ao estudo do caso lhe proporciona uma maior reflexão e elaboração sobre o mesmo	Ferramenta de trabalho de conhecimento e crescimento, melhor partica clinica
77. nós vamos falando entre os colegas antes da supervisão... e dizem tipo: ” ah! hoje sou eu, e não me apetecia nada apresentar “ ou “ para a semana sou eu, e não me apetece nada” e... eu até não consigo conceber bem essa ideia, porque... tomara poder ser sempre eu a apresentar , porque eu acho que teria sempre coisas a apresentar e material para levar e coisas para levar...por isso essa questão comigo não se coloca tanto .	P2 refere que os colegas partilham sentir-se desconfortáveis, parecendo inseguros, quando são eles a apresentar casos. P2 diz não partilhar o sentimento deles, para P2, apresentar casos significa crescimento e enriquecimento de conhecimento teórico e pratico que o auxilia na sua prática clinica. Sente alguma avidez para apresentar mais casos.	Crescimento, conhecimento teórico e práctico de grande importância na prática clinica.
78. E- Acha que poderá ter a ver com as características do supervisando? P2- Eventualmente sim, não sei	Quando questionado se as características do supervisando poderão estar relacionados com esse sentir dos seus colegas, P2 refere não saber.	
79. Eu agora tenho um supervisor, em	P2 refere que gostaria de ter supervisão com mais frequência,	Gostaria de poder apresentar casos em supervisão com mais

<p>que nós somos 5, e só supervisiona uma pessoa por sessão, e nós temos supervisão de 15 em 15 dias, isso para mim...é ... quer dizer... demora muito tempo portanto, eu se pudesse ter supervisões todas as semanas, em que todas as semanas tinha possibilidade de discutir um caso meu, era ótimo!</p>	<p>preferencialmente todas as semanas, e não de 15 em 15 dias como está a acontecer, sente necessidade de apresentar e discutir os seus casos com mais assiduidade.</p>	<p>frequência , porque lhe traz muito conhecimento</p>
<p>80. ... ahaaa e às vezes para mim é difícil compreender... mas consigo compreender, mas é muito ... ahaaa... mas com alguma dificuldade, porque isto tem a ver com a postura das pessoas,</p>	<p>P2 parece sentir alguma incompreensão relativamente à postura dos seus colegas perante a supervisão, refere que a personalidade das pessoas está relacionada com esse facto</p>	<p>A postura do supervisionado na supervisão tem a ver com o traço de personalidade da pessoa</p>
<p>81. de facto a supervisão, ninguém está ali a julgar ninguém, é natural que todos nós tenhamos dúvidas, e angústias em relação aos casos que acompanhamos, e a supervisão é no fundo para isso, para uma pessoa poder ... trazer essas angústias , essas dúvidas e sair de lá mais clarificado... mais confortável até com o caso...</p>	<p>P2 considera que a supervisão não é um meio de avaliação nem de julgamento, mas sim de ajuda na clarificação das dúvidas e dilemas sentidos, que considera normal no processo. P2 percebe a supervisão como uma ferramenta de trabalho que lhe permite eliminar as angústias sentidas com os casos, funcionando como um suporte.</p>	<p>Espaço de clarificação de dúvidas Suporte</p>
<p>82. portanto não me sinto minimamente julgado ou observado, posso já ter sentido isso num momento ou noutro...mas isso... talvez tenha sentido isso uma vez... para ser franco, senti isso uma vez, em particular quando...não levei o caso</p>	<p>P2 considera que durante o processo de supervisão sentiu-se apenas uma vez avaliado e observado, relaciona esse sentimento de insegurança, com o facto de não ter estudado bem o caso apresentado</p>	<p>Sentiu-se uma vez sob avaliação, inseguro, quando não preparou o caso</p>

minimamente preparado e		
83. ... ahaaaa...e senti que enfim , os outros podiam estar a achar que eu era uma mau terapeuta, ou podiam estar a achar que eu ...mas isto foi algo que eu senti e que não quer dizer que tenha correspondido necessariamente aquilo que as pessoas tenham achado acerca de mim	P2 percebeu que essa sua insegurança advinda da falta de preparação do caso, estava associada ao medo do seu mau desempenho perante o olhar dos colegas	Sentimento de insegurança associado ao julgamento do outro
84. por isso para mim é ótimo poder ter a supervisão e, tomara eu poder apresentar casos todas as semanas (risos)	P2 percebe a supervisão como uma mais valia , confere-lhe conhecimento e confiança	Supervisão é boa ferramenta para adquirir experiencia e conhecimento
85. E- Não sei se quer acrescentar mais alguma questão sobre a supervisão? P2- Não!... não tenho assim mais nada a acrescentar acerca da supervisão. E- Então o que podemos retirar como suma do processo de supervisão? P2- hummmm....Considero que a supervisão tem sido extremamente útil, extremamente importante para mim enquanto terapeuta.... E pronto!	P2 termina sumariando que o processo de supervisão é de extrema utilidade e importância para o desempenho da sua performance enquanto terapeuta.	
86. ... se calhar para mim ...para fechar como comecei esta entrevista, é difícil conceber fazer terapia sem fazer supervisão, especialmente para mim, que me	Para P2 a supervisão é condição determinante para ser psicoterapeuta, sobretudo no início carreira	A terapia é indissociável da supervisão para a boa prática clinica

<p>estou a formar enquanto psicoterapeuta, num processo inicial</p>		
<p>87. ... ahaaa... não é para mim concebível fazê-lo sem , pelo menos pensar na perspectiva de fazer um trabalho em que eu me sinta tambémde algum modo , até de consciência tranquila comigo próprio, de que estou a fazer aquilo que posso e que sei da melhor forma, se não tiver a ajuda também de quem saiba e de quem tenha mais experiência que eu para me poder dar aqui uma mão neste processo... (risos) é isso!</p>	<p>P2 considera que o seu investimento na supervisão e o aconselhamento de alguém mais experiente lhe traz mais tranquilidade e segurança no desenvolvimento da sua prática terapêutica</p>	<p>Investimento de total entrega e dedicação à sua profissão e no trabalho realizado como cliente gerador autoconfiança</p>
<p>88. E- Obrigada pela sua disponibilidade P2- Obrigada também eu, espero que possa ter dado também algum contributo para o seu trabalho.</p>		

Unidades de Significado P3	Unidades de significado Psicológico	Notas
<p>1.</p> <p>E- Bom dia! Meu nome é RE, estou a fazer uma investigação em supervisão no modelo existencial, gostaria que a Dra C. partilhasse comigo um pouco da sua experiência de supervisão no modelo existencial. Como tem sido para si viver essa experiência?</p> <p>P3- No modelo fenomenológico no geral?</p>	<p>É solicitado a P3 para partilhar um pouco da sua experiência em supervisão no modelo existencial, confirma se me refiro ao modelo Fenomenológico no geral</p>	
<p>2.</p> <p>E- Sim, dentro do modelo fenomenológico existencial (F.E.), mas centrado no seu processo de supervisão durante a sua formação na SPPE (Sociedade de Portuguesa de Psicoterapia Existencial) em concreto. Como tem vivenciado esse processo, o que considera ter retirado desse processo?</p> <p>P3- Considero que tenho retirado muitos benefícios da supervisão neste modelo, até porque eu já tive supervisão noutros modelos, no modelo psicanalítico, e eu para mim</p>	<p>O entrevistador confirma referir-se ao seu processo de supervisão no modelo fenomenológico existencial na SPPE.P3 refere que tem sentido muitas vantagens neste modelo comparativamente com outros modelos de supervisão experienciados anteriormente. P3 partilha já ter tido supervisão no modelo psicanalítico</p>	<p>Benefícios no modelo de supervisão existencial</p>
<p>3.</p> <p>... identifico-me mais com este modelo F.E., principalmente porque tem muito em conta a relação não é só a questão das técnicas, porque não se trata das técnicas, mas é a parte da relação humana, como é que estamos com o outro, como é que o outro está connosco,</p>	<p>P3 expõe a dimensão relação como uma variável fulcral muito presente neste modelo F.E., com a qual se sente identificada. Para P3, mais do que a parte técnica do modelo, é a reciprocidade no modo de estar em relação “eu com outro e o outro comigo”</p>	<p>Relação no estar com o outro</p> <p>Identificação c o modelo</p>

4. e como é que isso influencia a supervisão e a forma como nós estamos com os nossos clientes. Isto para mim é uma das grandes mais-valias deste modelo	P3 refere que o modo de estar em relação influi na própria supervisão e por sua vez como estamos com os clientes em terapia. Para P3 a análise dessa variável em supervisão, constitui para si uma grande vantagem deste modelo	Importância da supervisão na relação com o cliente Relações de sentido
5. depois é muito a questão de encarar a pessoa como um todo e não só nos sintomas como é a corrente psicanalítica, que é aquela que eu tenho mais experiência, via-se mais o sintoma ou seja, categoriza a pessoa e aqui não, tem-se a pessoa mais como um todo	P3 menciona a característica holística deste modelo como fator importante para si, refere não reduzir ou classificar o cliente com um sintoma, mas sim vê-o como um todo	Outras correntes mais reducionistas Modelo existencial mais holístico
6. Acho que isso beneficia muito, não nos reduz. Abre muito as portas e também ...ajuda a própria pessoa a pensar sobre as coisas que ele tem	P3 cita como um benefício a característica de abertura do modelo FE, refere a possibilidade de seguir diferentes caminhos em terapia e estimula o cliente a uma maior elaboração sobre si	Abre horizontes Processo reflexivo: Auto reflexão Promove reflexão no cliente
7. e isso ajuda-nos também em supervisão, a pensar não no processo terapêutico da pessoa mas também com nós próprios...	P3 refere como muito valioso o facto da supervisão neste modelo estimular no supervisando a capacidade de se pensar a si próprio, envolvendo-o dentro do processo	Autoconhecimento Autorreflexão
8. que acho também que é uma mais-valia deste modelo, poe-nos a nós também em cheque E- Põe em cheque? Quer explicar um pouco melhor P3- Sim...dá-nos um auto conhecimento. Em termos de	P3 exprime que o auto conhecimento provindo do exercício de reflexão neste modelo constitui uma grande vantagem no processo de supervisão	Autoconhecimento Autorreflexão Autoquestionamento

supervisão ajuda muito, sim!!		
9. E- O modelo de supervisão de que me fala é em grupo ou individual? P3- O modelo existencial era supervisão em grupo.	P3 informa que o modelo FE de supervisão que teve foi em grupo	Supervisão de grupo
10. E- Já terminou o seu processo de supervisão na sociedade de Psicoterapia existencial? P3- Sim, sim.	P3 informa que já terminou o seu processo de supervisão na SPPE.	Já terminou o processo de supervisão
11. E- Sente implicações na sua prática clínica, que queira partilhar, do que retirou da supervisão? P3-Sim sim...considero, que tem sido benéfico para a minha pratica clinica, até porque eu agora já não estou na sociedade a fazer o curso mas continuo a sentir necessidade e ter supervisão no modelo F.E	P3 sente que apesar de já ter terminado o seu processo de supervisão na sociedade continua a sentir necessidade de ter supervisão, por considerar a supervisão como uma ferramenta muito útil na sua prática clinica	Supervisão mais-valia na profissão terapeuta Ferramenta pratica clinica
12. porque acho que considero que é muito importante e ajuda imenso a repensar e a refletir sobre os casos e é uma das mais-valias...	P3 menciona muito vantajosa a reflexão e a discussão sobre os casos, para o seu maior entendimento	Ferramenta de reflexão e autoquestionamento-conhecimento
13. E- E o facto de a supervisão ser em grupo, como vivenciou essa experiência? P3- Penso que em grupo ainda torna as coisas mais interessantes, não temos só a visão do supervisor mas também dos colegas que muitas vezes olham para coisas que nós não olhamos porque estamos muito	P3 Considera a supervisão em grupo muito enriquecedora pela partilha dos diferentes olhares entre colegas e supervisor que de uma forma mais distanciada do caso. Considera a possibilidade de alcançarem outras perspetivas, diferentes da sua.	Supervisão de grupo-partilha de diferentes olhares, discussão.

envolvidos no processo		
<p>14.</p> <p>portanto, acho que em grupo é muito mais benéfico, porque em supervisão acabo não só por aprender com os meus casos mas também quando os colegas apresentam casos, também aprendo com isso, portanto, acho que não é só uma mais-valia a partilha mas também as experiências dos casos.</p>	<p>P3 refere como muito positivo a aprendizagem que retira na partilha dos seus casos e com os casos dos seus colegas. Refere muito benéfico a troca das experiências vividas com os casos analisados em grupo na supervisão</p>	<p>Partilha de experiências, partilha de ideias, discussão</p>
<p>15.</p> <p>E- Tem algum exemplo que queira partilhar?</p> <p>P3- Da supervisão na prática?</p> <p>E- Sim, de que forma a discussão de casos em supervisão tem sido útil na sua prática clínica.</p> <p>P3- Ok... para mim o mais importante, daquilo que eu retirava da supervisão e aplicava na minha prática é o conseguir olhar para a relação</p>	<p>P3 percebe que a supervisão ajudou na sua prática clínica a olhar/compreender a relação de uma forma mais profissional, menos envolvida emocionalmente na relação estabelecida</p>	<p>Importância da relação, olhar para a relação com tudo o que traz</p>
<p>15.</p> <p>... distanciar-me um bocadinho daquilo que estou a viver com a pessoa em terapia e ter essa visão mais afastada</p>	<p>P3 considera que a supervisão lhe deu a capacidade de separar aquilo que é seu e o que é do outro na relação terapêutica</p>	<p>Capacidade de Identificar e distinguir na relação aquilo que é seu e o que é o do outro (autoconhecimento)</p>
<p>16.</p> <p>... acho que é o que benefício mais em termos de supervisão, essa possibilidade de um afastar e olhar para as coisas de maneira diferente.</p> <p>E- Olhar diferente para a relação do paciente com o terapeuta?</p> <p>P3- Sim! Do paciente com o</p>	<p>P3 associa fortemente o benefício adquirido na supervisão com a capacidade de neste momento sentir que consegue pôr em prática a epoché nos casos que segue. Na relação do paciente com o terapeuta</p>	<p>Capacidade de analisar a relação</p>

terapeuta...pois... não sei que diga mais		
17. E- Ao longo destes 4 anos de formação, como sentiu a supervisão com diferentes supervisores e ou diferentes colegas...o grupo manteve-se ou foi variando? P3- Foram sempre diferentes, colegas e supervisores	P3 conta que a experiência que teve de supervisão neste modelo FE foi sempre em grupo com colegas e supervisores diferentes.	
18. Aquilo que eu fui sentindo e que é engraçado verificar isto, é que, há tantos terapeutas como há diferentes maneiras de estar em terapia.	P3 refere que cada terapeuta tem uma forma diferente de estar em terapia	Cada relação terapêutica é única não há varas formas de estar em terapia
19. O facto de ter supervisores diferentes ajudou-me a olhar para as coisas de modo diferente, porque há supervisores que dão mais importância para a relação, outros para o processo em si, há outros que olham para a conceptualização do caso	P3 considera que ter tido diferentes supervisores permitiu-lhe adquirir experiências diferentes e mais conhecimento, onde cada supervisor, valorizava determinado aspecto diferente de outro, P3 refere como exemplo: a relação, o processo e a conceptualização dos casos	Diferentes supervisores diferentes olhares, diferentes experiências
20. e acho que isso foi a parte mais importante de ter supervisores diferentes, poder partilhar isto, e a mesma coisa acontece com os colegas, cada colega também tem uma maneira diferente de trabalhar e isso ajuda-me também a abrir os nossos próprios horizontes e não delimitar-nos porque nós temos tendência e...	P3 refere a heterogeneidade de supervisores e colegas em supervisão, resultaram como uma mais-valia na aquisição de conhecimentos e abertura de horizontes	Abertura a diferentes modos de olhar e refletir, partilha de conhecimentos
21. pelo menos eu sinto isso, tenho	P3 percebe como muito válido a	Desafio ao

<p>um bocado de tendência a fazer as coisas à minha maneira , como estou habituada, e acho que é muito importante ter não só o supervisor, como os colegas, alguém que me desafie um bocado a olhar para as coisas de uma outra maneira, diferente daquela a que eu estou habituada e que me sinto mais segura</p>	<p>participação dos vários colegas de supervisão assim como o supervisor com diferentes olhares, outras perspectivas que a fazem sentir-se muitas vezes desafiada (saindo da sua zona de conforto) e a pensar-se, contrariando a tendência que diz sentir.</p>	<p>autoquestionamento</p>
<p>22. e apesar disso, não vou mentir, porque é um bocadinho assustador e além disso acho que é super importante, porque ajuda-me a ver os casos, porque outras maneiras que mesmo que eu não concorde com elas tenho sempre o cuidado de ouvir e</p>	<p>P3 refere que apesar de sentir importante este desafio em supervisão, sente-o ao mesmo tempo algo ameaçador, como se se colocasse em causa.P3 parece sentir-se mais tolerante e aberta à escuta das diferentes sugestões mesmo que à partida não as partilhe</p>	<p>Aceitação do outro, abertura a escuta de outras opiniões</p>
<p>23. ... ok! O que é que eu concordo e não concordo e aquilo em que eu não concordo, pensar bem, então porque é que eu não concordo,</p>	<p>P3 acolhe a ideia de que mesmo que não concorde com as ideias sugeridas pelos colegas, admite refletir sobre o porquê da sua discordância, parece denotar uma capacidade de maior de aceitação</p>	<p>Autoquestionamento, autorreflexão Aceitação</p>
<p>24. e isso também me ajuda a abrir um pouco os horizontes e a conhecer-me enquanto terapeuta, por isso eu concordo que é muito benéfico ter supervisores diferentes e colegas diferentes também</p>	<p>P3 volta a frisar o quanto considera benéfico para si a diversidade de olhares, no aumento e alargar de conhecimentos e horizontes, aumenta conhecimento de si e dos outros</p>	<p>Autoconhecimento Alargar horizontes</p>
<p>25. ... outra coisa que eu fui sentindo também é que... mas isto tem mais a ver com a conceptualização em si, na sociedade conceptualizamos pouco os casos, e isso poderia ser mais bem</p>	<p>P3 sentiu que na sua experiência de supervisão neste modelo a conceptualização dos casos foi pouco explorada.</p>	<p>Sugere: Conceptualização dos casos</p>

trabalhado.		
26. E- É um sugestão que daria então? P3- Sim! Talvez uma sugestão sim.	Quando questionada pelo entrevistador, P3 concorda que poderia ser uma sugestão que acrescentava a este modelo	
27. E- Quando fala em conceptualização de casos, pode falar um pouquinho mais sobre isso? P3- Sim, por exemplo, imagine, eu tenho alguém que me diz que tem crises de ansiedade. Seria muito importante em supervisão, não só ver a parte da minha relação com a pessoa e do processo terapêutico, o que é que está aqui a acontecer	Num exemplo de um caso concreto de ansiedade dado por P3, esta considera importante fazer uma análise mais aprofundada do que vai ocorrendo na relação terapeuta/cliente, assim como na sua evolução no processo terapêutico, como se está a desenvolver	Sugere Analisar o que está a acontecer na sua relação terapêutica com o cliente sob ponto vista teórico
28. mas também perceber o que é a ansiedade à luz da psicoterapia existencial, à luz do modelo F.E. . É mais nesse sentido que estou a falar, na conceptualização dos casos	P3 refere-se à conceptualização de casos, na interpretação do ponto de vista mais teórico sobre as problemáticas específicas dos pacientes à luz do modelo FE. Como é que o modelo FE olha para determinada “problemática do ser humano/paciente”	Situar o modelo teórico existencial no caso prático em particular
29. porque às vezes eu sentia que faltava um bocadinho isso para compreender mais profundamente o caso em si, e não só a relação que estabelecia, e o que estava a acontecer no processo mas também na própria pessoa... e aí a sugestão dessa parte da conceptualização dos casos.	P3 refere como importante dar mais relevância ao aspeto da conceptualização dos casos, no sentido de melhor conseguir entender/compreender com rigor a pessoa que está consigo em terapia.	Analisar os casos sobre vários prismas, conceptualizar para melhor compreensão da totalidade
30. E- À semelhança de outros modelos que caracterizam a	P3 expõe que sente necessidade de ter uma melhor compreensão do	Compreensão da problemática do caso à

<p>psicopatologia?</p> <p>P3- Se calhar não de forma tão linear mas mais compreender os traços da ansiedade à luz da corrente F.E.,</p>	<p>significado que tem para a pessoa algumas psicopatologias no modelo FE</p>	<p>luz das filosofia existencial</p>
<p>31.</p> <p>mais nesse sentido do que propriamente rotular a pessoa propriamente, como esta pessoa tem problemas de ansiedade, portanto, os problemas de ansiedade são isto e isto e isto, então ... não é bem isso!!</p>	<p>P3 refere que não se trata de rotular a psicopatologia do cliente, mas chegar ao significado do sentir da pessoa em sofrimento</p>	<p>Compreensão reflexiva do caso</p>
<p>32.</p> <p>é mais tentar perceber o como é que a ansiedade funciona na pessoa para poderem saber de que forma a podemos desafiar de que forma é que podemos ajudá-la a compreender melhor o que é isto de ansiedade na sua vida e na vida com os outros. É mais neste sentido</p>	<p>P3 acrescenta que é para si importante compreender à luz deste modelo a forma como a pessoa vive a sua ansiedade e como convive com os outros em ansiedade, desafiando-a a compreender e a identificar o que esta acontecer consigo</p>	<p>Compreensão da problemática subjetiva na existência, criando desafios no outro</p>
<p>33.</p> <p>E- Considera que esse ponto seria uma parte que melhoraria na supervisão?</p> <p>P3- Nós tivemos! Não quero dizer que não tivemos, Não acho é que tenha sido tao elaborado ou exaustivo quanto para mim seria importante</p>	<p>P3 refere que esta temática foi abordada em supervisão, mas gostaria de a ter trabalhado de forma mais aprofundada, mais substanciada e fundamentada.</p>	<p>Treinou isto mas gostaria de ter tido mais</p>
<p>34.</p> <p>E- Sente necessidade quando está a acompanhar casos com essas problemáticas... necessidade de um maior background?</p> <p>P3- Sim! Às vezes sim</p>	<p>P3 diz sentir por vezes necessidade em supervisão de um maior suporte teórico no modelo FE, para acompanhar os seus clientes com essas problemáticas</p>	<p>Sugere mais background teórico</p>
<p>35.</p> <p>E tenho tendência a ir procurar, se</p>	<p>P3 expressa necessidade em fazer muita pesquisa ao nível teórico para</p>	<p>Critica: Pouco trabalho teórico na</p>

<p>bem que, não se encontra muita coisa. As coisas que encontro mais são do Professor C.T. e do professor V.A.R., mas não há um trabalho maior da nossa parte, ver os autores e tentar perceber as coisas... (silêncio)</p>	<p>dar suporte à sua prática. P3 refere que não encontra muitos trabalhos de autores que a ajudem a entender como funcionam estas problemáticas. P3 sente que em supervisão era-lhe útil trabalhar também sobre este prisma, num âmbito mais teórico.</p>	<p>discussão dos casos para dar mais suporte</p>
<p>36. E- Há pouco referiu a relação, como uma dimensão muito trabalhada neste modelo. Quer falar-me um pouco sobre esse tema. Quando fala em relação, refere-se a supervisor, cliente, colegas, etc. P3- Hum hum... eu acho que acabo por falar na relação neles todos,</p>	<p>Quando questionada sobre a dimensão relação que refere tão importante neste modelo, P3 menciona que corresponde à relação com todos os intervenientes na supervisão (supervisor, cliente e colegas)</p>	<p>Estar em relação – relação de sentidos</p>
<p>37. mas aquilo que em supervisão é mais visível, é mesmo a relação entre mim e o cliente, a pessoa que está comigo, e também entre mim e as minhas próprias coisas e acho que a supervisão ajuda a ver esses lados todos.</p>	<p>P3 sente que em supervisão, a relação estabelecida entre si e o cliente é aquela que lhe traz mais significados, assim como a relação consigo própria no sentido de se descobrir, de se conhecer</p>	<p>Mais visível a relação terapeuta cliente e relação entre o terapeuta e as suas coisas (desafiar-se, conhecer-se)</p>
<p>38. E- Entre si e as suas próprias coisas? P3- Sim! Desafiando-me, conhecendo-me e questionando-me, isso</p>	<p>P3 percebe que a supervisão lhe permite um auto conhecimento incitando-a a refletir e questionar-se sobre si</p>	<p>Desafio Auto questionamento</p>
<p>39. Sente que consegue retirar benefícios, isto é, torna os casos mais claros para si? P3- Eu acho que é não só tornar o caso mais claro, mas é eu sentir também que eu consigo abrir mais a</p>	<p>P3 considera que o seu autoconhecimento conseguido na supervisão lhe permite transmitir na relação com o cliente a capacidade de ele se pensar a si próprio, incitando no outro a reflexão e o questionamento proporcionando-lhe uma melhor</p>	<p>Colocar no outro a capacidade deste se pensar, questionar, compreender Processos de reflexão</p>

capacidade da pessoa refletir sobre ela própria, do ponto de vista do conhecimento e da auto compreensão	compreensão de si.	
40. e que isso também ajuda, porque aquilo que eu fui sentindo em supervisão é que eu quando estou em contacto com as minhas coisas, se calhar penso, ok! Tenho que trabalhar mais isto sobre mim	P3 percebeu também em si com a supervisão, a promoção da autorreflexão. Descobriu questões internas suas, que sentiu necessidade serem mais trabalhadas, estar mais atenta e empenhada na reflexão sobre elas	Autorreflexão, autoquestionamento promove Autoconhecimento- desafio de mudança
41. ...e aí eu sinto que ao ficar aqui no background que tenho que trabalhar muito mais estas questões	P3 sente que como elemento na retaguarda da relação, é fundamental fazer auto questionamento e elaboração de questões internas suas antes de mais	Sente Necessidade de se questionar, elaborar questões suas
42. acabo por estar mais aberta e muito mais ciente daquelas coisas que aquela pessoa vai trazendo de que alguma forma desafiam aquela parte, e que me ajudam a ser melhor terapeuta ou ajudar a pessoa a compreender-se melhor, acho que é mais neste sentido.	Para P3 o autoconhecimento adquirido permite-lhe aceder melhor às questões do outro, consegue desta forma colocar-se melhor no lugar do outro. P3 sente-se melhor profissional, mais conhecedor.	Autoconhecimento permite estar mais aberta à escuta do outro, mais desperta à subjetividade do outro - ser melhor terapeuta
43. E- Sente isso que relata, quando discute casos em supervisão? P3-Sim, sim, sim, sim! Muitas vezes quando estava-mos a discutir casos, havia alguma coisa que ou um colega ou o supervisor dizia, ok! Se calhar se olhares para isto de uma outra maneira ou de outra forma, pode trazer qualquer coisa mais importante ou mais de maior valor para a terapia com a pessoa	Para P3 a discussão de casos em supervisão abre várias hipóteses alternativas novas para seguir em terapia, outros olhares diferentes do seu, abordagens diferentes que enriquecem a terapia com o cliente	Diferentes olhares dão mais riqueza, conhecimento. Abertura ao outro

<p>44. ...e eu sentia muito isto, que era... quando eu parava, mesmo em supervisão e...guardava um bocadinho do que me tinham dito, e parecia que havia algo que em momentos sentia, ok! Parece que houve qualquer coisa aqui que se desbloqueou.</p>	<p>P3 sentia após a supervisão, quando refletia e elaborava sobre a discussão do caso , tinha insights que ajudavam a avançar no processo da terapia com o cliente</p>	<p>Da Escuta e reflexão surgia insight, que desbloqueavam os casos</p>
<p>45. E- Hum hum... P3- E era engraçado na semana a seguir, ver depois quando tinha terapia com a pessoa, sentir que às vezes até</p>	<p>P3 refere que sentia que nas sessões de terapia com o cliente, que aconteciam a seguir à supervisão, algo mudava</p>	<p>Impacto da supervisão na terapia com o cliente</p>
<p>46. ... aconteceu-me, agora por estar a falar nisto, uma situação específica... aconteceu-me em supervisão ter este sentimento, ok! Isto desbloqueou qualquer coisa, e foi engraçado eu estar com o cliente, e ele dizer: “ o que é que aconteceu hoje aqui que foi diferente?”</p>	<p>P3 percebeu a seguir à supervisão que conseguiu desbloquear, ou avançar no processo de terapia com o cliente, refere que até o cliente sentiu esse “clic” de mudança</p>	<p>Impacto da supervisão refletia mudança em terapia- sentido pelo cliente</p>
<p>47. e isso para mim foi o sentir mesmo, ok! É mesmo importante a supervisão, e é mesmo isto que ... que devia ser a supervisão, conseguir desbloquear e abrir portas para me ajudar a mim enquanto terapeuta e ser melhor terapeuta, e também para a pessoa que está comigo... sim, uma mais valia para todas as partes. Sim!!</p>	<p>P3 sentiu que o que obteve da supervisão neste modelo lhe trouxe muitas vantagens (autoconhecimento, <i>insight</i>, capacidade de elaboração, etc.) correspondeu aquilo que P3 concebe como supervisão, sentiu que atingiu os objectivos pretendidos, tornar-se melhor profissional (aprendizagem, prática treino), ajudando o cliente</p>	<p>Vantagens: Desbloquear os casos Abrir portas Ser melhor terapeuta</p>
<p>48. E- Do seu processo de supervisão,</p>	<p>Desde o início do seu processo de supervisão até ao término do processo</p>	<p>Mudanças em si</p>

<p>desde a fase inicial até agora que já terminou, o que considera ter mudado, ou estar diferente?</p> <p>P3- Houve claramente diferenças....</p>	<p>P3 considera ter havido muitas mudanças</p>	
<p>49.</p> <p>E- Quer falar-me um pouco do que sentiu estar diferente neste modelo de supervisão?</p> <p>P3- Sim... eu já conhecia um bocado o modelo, porque quando estava a fazer o estágio curricular e depois o profissional, estive durante dois anos no mesmo sítio, e lá era uma abordagem dinâmica existencial, portanto eu conhecia algumas partes, mas é muito diferente de estar só com o modelo F.E., mesmo muito diferente, e</p>	<p>P3 conta que já tinha tido um primeiro contacto com o modelo numa abordagem dinâmica existencial durante o seu estágio curricular e profissional, mas refere que na SPPE, onde esteve só a pôr em prática o modelo FE foi muito distinto</p>	
<p>50.</p> <p>...ao longo dos anos também fui sentindo a diferença... porque eu cresci enquanto terapeuta, e espero continuar a crescer ao longo da vida (risos)</p>	<p>P3 durante a sua formação na SPPE foi sentindo claramente as diferenças entre os dois modelos, no modelo FE, P3 refere ter amadurecido e estar mais conhecedora como terapeuta, assim como deseja e considera que deve crescer continuamente na sua vida profissional</p>	<p>Crescimento pessoal maturidade</p>
<p>51. e ... sinto que também a relação com os supervisandos foi diferente ao longo dos anos, não só também por serem pessoas diferentes, mas porque o grau de exigência do supervisor também eu senti que foi aumentado.</p>	<p>Durante a sua formação na sociedade, P3 refere que a sua relação em supervisão foi sofrendo mudanças não só por estar perante pessoas com diferentes personalidades mas também por sentir maior rigor e requisitos exigidos pelo supervisor.</p>	<p>Mais exigência do supervisor nos anos finais. Mudança nas relações em supervisão</p>
<p>52.</p> <p>Se por um lado era mais focado em nós, no sentido de como é que foi</p>	<p>Numa fase inicial da supervisão P3 refere que a discussão centrava-se mais no supervisando, de que forma ele</p>	<p>Inicialmente mais focado no supervisando em relação, na fase final</p>

para si terapeuta estar com aquela pessoa, ao longo do tempo foi mais focado no cliente em si. Que é:“ o que é que tu enquanto terapeuta podes trazer para aumentar a probabilidade daquela pessoa conhecer mais sobre ela própria, compreender aquilo que a levou à terapia tentar ver o que é que pode mudar ou manter na sua vida para melhorar aquilo que sente, aquilo que vê	estava com o cliente em relação, no final a discussão centrou-se mais na ótica do cliente, de que forma o supervisionando pode ajudar o cliente a compreender-se melhor e a encontrar-se.	mais focado no cliente e na compreensão do cliente acerca de si
53. ... e isso tudo, acho que houve aquela evolução ao longo dos anos	P3 percebeu que a supervisão lhe trouxe mudanças e evolução	Processo evolutivo
54. e...e também com a relação com os próprios supervisores era muito diferente	P3 percebeu mudanças ao nível da relação com os supervisores ao longo da sua formação	Mudança na relação com supervisores
55. eu por exemplo sentia que no início a supervisão era muito mais melindrosa, ou seja, pensar “ será que fiz bem? Será que não fiz bem? Como é que vai ser visto da outra parte?”... e sentia esse receio muito no início. A partir do 3º e já no 4º ano, já não sentia isso, sentia mais, o que é que eu posso fazer para melhorar a terapia com aquela pessoa que está à minha frente.	P3 sentiu que no início do seu processo de supervisão estava mais insegura com mais dúvidas, mais centrada se estava a fazer bem, preocupada com a avaliação do supervisor, enquanto nos anos finais de supervisor, P3 sentiu um e entrega à relação com o cliente, libertando-se da angústia e centrando-se no paciente	Fase inicial maior insegurança Fase final mais segurança
56. E- Sentiu uma confiança crescente? P3- Sim, sim, sim...	P3 concorda que sentiu-se mais confiante no seu trabalho.	Autoconfiança crescente
57 E- Quando fala em sentir melindre no	P3 conta que inicialmente sentia mais ansiedade por estar sob avaliação na	Inicialmente mais insegurança mais receio

<p>início da supervisão, refere-se a receio da avaliação?</p> <p>P3- Sim, sim, sim. Aquilo que eu sentia mais no início era o receio da avaliação e também de não ter muita confiança na relação que tinha.</p>	<p>sua perspectiva assim como na relação que estabelecia, considerava-a menos fortalecida</p>	<p>de avaliação</p>
<p>58.</p> <p>e... e mesmo também enquanto terapeuta, e já no final, não era uma questão de ter receio de estar errada ou de estar a ver as coisas mal, mas o desejo de, ok!, mesmo que eu esteja a ver isto bem, o que é que vocês me podiam dizer de diferente para eu aumentar o poder de ajudar ou o poder de compreender melhor esta pessoa e a nossa relação também. Mais nesse sentido!!</p>	<p>P3 refere que no final da sua formação o seu grau de exigência esperado na supervisão foi aumentando, já não bastando se estava ou não a fazer bem, mas sim procurando mais sugestões para a ajudarem a acompanhar melhor o cliente a encontrar o seu caminho e potenciar/ maximizar a relação</p>	<p>Aumento do seu grau de exigência nos conhecimentos, maior expectativa de aprendizagem junto dos colegas</p>
<p>59.</p> <p>E- Fala-me então que a supervisão na fase inicial era sentida por si, mais com o receio da avaliação, do erro? E na fase final sentiu uma maior preocupação maior com o “fazer algo mais” pelo cliente e pela terapia?</p> <p>P3- Sim , sim...isso! (silêncio).</p>	<p>P3 assente que no início do processo de supervisão se sentia ansiosa e mais centrada na avaliação (julgamento) e na fase final parece sentir um crescimento enquanto terapeuta, maior autoconfiança e maior preocupação em estar na relação com o cliente e ir ao encontro do cliente ajudando a encontrar o seu sentido.</p>	<p>Exigência profissional</p>
<p>60.</p> <p>E- hum hum...quer acrescentar algo mais sobre o seu processo de supervisão?</p> <p>(silêncio)</p> <p>P3- pois...eu tenho um defeito sou muito concisa (risos</p>	<p>P3 refere que uma característica sua, é ser muito sucinta</p>	
<p>61.</p> <p>E- (risos) ...podemos falar que nessa</p>	<p>P3 encara a possibilidade de na fase inicial da supervisão o seu medo de</p>	<p>Sentiu essa ansiedade inicial como um</p>

<p>fase inicial da supervisão...poderá encará-la como um obstáculo para si?</p> <p>P3- Sim! Eu acho que sim! Principalmente...sentia que era um obstáculo a necessidade de saber que estava a fazer bem ou mal, mais do que ser em prol do cliente</p>	<p>errar, a sua ansiedade, o estar tao centrada em si, a impediu de avançar e arriscar mais, criando-lhe um obstáculo.</p>	<p>obstáculo ao desenvolvimento</p>
<p>62. ... e eu senti muito a diferença ao longo dos anos,</p>	<p>P3 refere ter sentido uma mudança de comportamento com o avançar dos anos de prática de supervisão</p>	<p>Sentiu a mudança com os anos de supervisão (autoconhecimento crescente)</p>
<p>63. e é quase um... a sensação de que é importante em supervisão... perceber mais sobre o casos em si, e sobre como é que aquela pessoa está connosco e como é que nós estamos com ela, do que propriamente se estou a fazer as coisas bem ou mal.</p>	<p>P3 percebe que em supervisão é acima de tudo importante trabalhar/estudar os casos e aprofundá-los mas com muito significado para si é observar como é que o cliente está com o terapeuta em relação e como o terapeuta está com o cliente, de que forma interagem em relação</p>	<p>Maturidade Aceitação de si/descentração de si Foco na Relação .rigor</p>
<p>64. Porque de uma forma ou de outra aquilo que eu fui aprendendo com a supervisão, e acho que isso foi uma mais-valia da supervisão, foi o facto de... mesmo que eu estivesse a fazer alguma coisa que não estivesse bem, a outra pessoa, o cliente, facilmente captaria isso...e facilmente a relação e a terapia ficava ali com qualquer coisa que não estava a funcionar bem, e eu sentia isso, portanto, deixar de ser muito a preocupação o eu</p>	<p>P3 refere como mais-valia da supervisão a aprendizagem e a sensibilidade para os sinais da relação, qualquer intercorrência em relação que sucedesse menos bem, o cliente sentiria com rapidez, assim como o terapeuta, a relação ficaria num impasse. Deixando de fazer sentido para si tanto a centração na sua pessoa e no erro</p>	<p>Aprendizagem sobre a relação (Maior Conhecimento Descentração) Foco na relação / no outro</p>
<p>65. ...foi uma coisa que também fui aprendendo com a supervisão, que... na terapia vão sempre havendo micro ruturas, e que nós temos que estar</p>	<p>P3 percebe como fundamental detetar as pequenas ruturas que vão existindo na relação ao longo da terapia e a sua necessidade de as reparar/esclarecer, refere que esta</p>	<p>Aprendizagem e sensibilidade ao outro, colocar-se no lugar do outro (detetar ruturas e restaura-las)</p>

atentos para essas micro ruturas e saber resolvê-las, e acho que foi isso que me ajudou a estar mais descontraído e estar mais confiante	aprendizagem a tornou mais confiante e disponível	Maturidade Autoconfiança
66. porque precisamente por pensar ou ter a crença de ... se eu conseguir detetar estas micro ruturas e resolvê-las, a relação vai ser mais fortalecida e a psicoterapia para a pessoa vai ser muito mais rica,	P3 refere que a convicção de que a deteção destas micro ruturas que vão surgindo tornam a relação mais forte e a psicoterapia mais sólida e eficaz	Importância do estar em relação, ao sentir do outro
67. e isso passou a ser o foco, estar mais preocupada em como tornar a psicoterapia mais rica para a pessoa e para mim também, porque eu acabo por aprender muito também quando estou em psicoterapia sobre mim própria,	P3 refere que o seu foco presentemente é tornar a psicoterapia mais construtiva para as duas partes, considera que ambas retiram benefícios, P3 conta que se trata de uma experiência autêntica de aprendizagens e autoconhecimento	Foco no outro, na relação Construção Autoconhecimento
68. , e isto ser mais importante do que o saber se estou a fazer as coisas bem ou mal feitas, porque de alguma maneira fui aprendendo que posso fazer as coisas más, coisas mal feitas, e que há sempre uma oportunidade de recuperar essa rutura. É perceber que houve uma rutura e repará-la. Isto foi uma coisa que eu aprendi muito com a supervisão.	P3 refere que foi aprendendo com a supervisão a lidar com a frustração sentida com os seus erros, e a olhar para o significado desses erros e lacunas como uma oportunidade para as reparar	Autoconfiança Autoconhecimento Segurança Crescimento pessoal
69. A supervisão trouxe-me esta mais-valia, que as ruturas que vão acontecendo em terapia são muito importantes e que nós temos que estar atentos.	P3 considera como um aspeto muito relevante a capacidade e a sensibilidade adquirida em supervisão para detetar as ruturas na relação em terapia	Sensibilidade ao sentir do outro e disponibilidade para estar com o outro Relação
70. E- Considera que fazem parte da	P3 relata que as ruturas são	Aceitação

<p>terapia e existe inevitavelmente? P3- Sim!! Sem dúvida! Exatamente...</p>	<p>acontecimentos frequentes e comuns em terapia</p>	
<p>71 E- Entende que com a ajuda da supervisão lida melhor com essas ruturas, com essas crises na relação? P3- Sim, Sim! Porque a questão é, aquilo que fui aprendendo com a supervisão é um bocadinho irrealista pensar que não vão haver micro ruturas, que eu não vou... que eu não vou fazer as coisas bem, e isso não vai acontecer nunca!! Portanto eu vou largar esta preocupação de fazer as coisas bem ou mal e agarrar e agarrar mais o ... ok! Se forem mal feitas, aí posso reparar.</p>	<p>P3 refere que a supervisão a ajudou a tornar claro e tornar menos ansiogénico o erro, e que errar é aceitável, as ruturas fazem parte da relação, o importante é saber reparar na altura adequada. Há sempre uma oportunidade para reparar e clarificar.</p>	<p>Aceitação de si e aceitação do outro Foco na relação Oportunidade de reparação da relação</p>
<p>72. O que é importante é a forma como nós reparamos e que nós podemos fazer para potenciar a psicoterapia e não e não propriamente o facto de termos errado ou fazer as coisas não menos bem, foi nesse sentido que a supervisão me ajudou a desenvolver. (silêncio)</p>	<p>P3 sente que a supervisão a fez crescer enquanto terapeuta, centrando-se mais no outro, tornando-a mais atenta e escuta do outro, tirando o máximo proveito da psicoterapia</p>	<p>Crescimento enquanto terapeuta, desenvolvimento pessoal/ Maturidade Maior desempenho profissional</p>
<p>73. E- O que considera valorizar mais no seu processo de supervisão? Em suma, fazendo um apanhado ... após tudo o que foi referindo do seu processo em grupo, ao longo desta entrevista... P3- Hum hum...ok...(silêncio)... Pensando nas duas experiências de supervisão que tive em específico, o</p>	<p>P3 percebe que neste modelo de supervisão existe uma focagem no todo, de forma holística</p>	<p>Abordagem holística do homem</p>

resumo que eu poderei fazer deste modelo em si de supervisão é estarmos a olhar para tudo ao mesmo tempo, não haver só um foco		
74. enquanto por exemplo em psicanálise havia muito o foco, quais os sintomas dessa pessoa, qual é a patologia que essa pessoa tem e que é que nós podemos fazer para tratar essa patologia e isto era quase o foco da supervisão em psicanálise, enquanto, que a supervisão no modelo F.E. é tudo, é tudo importante,	P3 faz a comparação da supervisão que já teve nos dois modelos, e refere que no modelo FE, não existe o foco no sintoma, mas no indivíduo como um todo, onde tudo é importante, estar com o outro tal como ele é e se apresenta	Tudo o que o sujeito traz à relação é importante
75. às vezes até ao contrário, não é tao importante o sintoma que a pessoa tem, mas o que é que esse sintoma influencia a sua vida, ou como é que a pessoa se relaciona com esse sintoma	P3 conta que no modelo FE o sintoma não é o essencial, mas sim como é que o cliente vive com esse sintoma e de que forma interfere na sua vida	Importância da relação com a queixa que traz. Relação do sujeito com a sua problemática
76. É o todo que é o mais importante, eu penso que isso seja para mim a mais-valia da supervisão neste modelo,	P3 reforça a ideia de que a mais-valia deste modelo é a abordagem holística do cliente	O todo
77. e que tudo é importante, a relação com a pessoa, a relação que a pessoa tem com ela própria e com os outros, a forma como a pessoa olha para ela, a forma como a pessoa olha para a terapia , como olha para o terapeuta, a forma como o terapeuta olha para ele próprio, ou seja, é tudo!!	P3 conta que neste modelo tudo é levado em conta, o indivíduo em relação é analisado sob vários prismas tanto na ótica do terapeuta como na do cliente, tudo é relação passível de ser observada (na relação com o terapeuta, com ele próprio, com os outros, etc.)	Relações de sentido
78. E acho que isso é uma das mais-	P3 considera que uma das vantagens deste modelo é a sua abertura	Abertura do modelo

<p>valias, não temos, não temos uma limitação, há uma abertura. Penso que seja o mais importante.</p>		
<p>79. E- Uma abertura para ir ao encontro do sujeito, de acordo com aquilo que ele nos traz. P3- Sim, Sim ! É uma abertura no sentido de não reduzir o sujeito a apenas um facto da sua vida.</p>	<p>P3 refere que este modelo não é redutor, não é estático, analisa o sujeito tendo em conta as variantes da sua vida</p>	<p>Abertura ao todo o sujeito</p>
<p>80. E- hum hum... P3- Neste exemplo, não reduzi-lo aos sintomas, mas sim, olhar para o sujeito como um todo...e perceber o significado e o sentido que aqueles sintomas têm na sua vida. Acho que é mais isto</p>	<p>P3 relata que este modelo vai à essência do sujeito, perante uma psicopatologia, tenta compreender o sujeito em sofrimento e o significado e a interpretação que este atribui à sua sintomatologia</p>	<p>Descoberta das relações de sentido e do sentir do sujeito</p>
<p>81. ... o principal para mim é sempre ouvir a pessoa, e se a pessoa traz uma queixa, aquilo que tento fazer é explorar aquela queixa ao máximo. Quando é que surgiu? Como é que surgiu? Como é que é estar com essa queixa? Como é que é viver com essa queixa? O que é que essa queixa influencia em toda a sua vida? Isto é o foco principal</p>	<p>P3 refere que neste modelo o seu objetivo em primeiro lugar é escutar a pessoa com aquilo que ela traz à terapia, e como é que ela vive com essa queixa</p>	<p>Foca-se na Escuta do outro</p>
<p>82. ... o que eu vou sentindo da minha experiência, quando a pessoa procura o terapeuta com uma queixa específica naquela altura em que a pessoa especificamente tem aquela queixa, todo o exercício que nós</p>	<p>P3 partilha que na sua experiência em terapia neste modelo, quando o cliente chega à consulta com uma queixa não se consegue descentrar dessa mesma queixa ainda que tenham trabalhado outras questões, por isso considera importante ouvir sobre essa queixa e</p>	<p>Deixar fluir de acordo com a velocidade do sujeito</p>

<p>fizemos para aumentar a auto compreensão ou aumentar o auto conhecimento não vai funcionar porque a pessoa está focada na queixa</p>	<p>validar esse sofrimento</p>	
<p>83. por isso o meu ponto de partida é deixar que a pessoa fale naquela queixa, porque naquela altura é o que a preocupa naquele momento e a partir do momento em que a pessoa me fala daquilo aos poucos, vou tentando perceber o que é que é essa queixa, porque é que ela está na vida e para que é que ela serve e para que é que ela existe. Vou fazendo um bocadinho isto, ajudando a pessoa a abrir</p>	<p>P3 relata que essa queixa diz muito sobre o cliente e de que forma ele se sente e vive essa queixa, refere que vai sempre abrindo janelas com o cliente em terapia, e validando aquilo que o cliente sente</p>	<p>Permite ir abrindo janelas(não se foca num ponto)vai-se descobrindo</p>
<p>84. mas... para mim o mais importante é respeitar a pessoa, respeitar o seu tempo, as suas preocupações e os seus interesses e a partir daí é ajudá-la a olhar para as coisas de uma outra maneira... acho que isto é o principal e é o que vou tentando fazer.</p>	<p>P3 conta que neste modelo o seu objetivo principal é o respeito incondicional pela pessoa, dar-lhe espaço e estabelecer uma relação de confiança para que esta possa chegar ao terapeuta e expor as suas inquietações</p>	<p>Deixar fluir, respeitar e escutar o outro, estabelecer construir relações</p>
<p>85. E- Isso é aquilo que retira, fazendo o paralelo com a supervisão, considera que a supervisão lhe deu a sustentabilidade para actuar assim? P3-Sim sim</p>	<p>P3 concorda que a supervisão neste modelo a ajudou a cimentar esta sua prática terapêutica</p>	<p>A supervisão sustentou tudo o que foi dito</p>
<p>86. E- Como falou há pouco na sua experiência anterior de supervisão no</p>	<p>P3 conta que mesmo tendo formação em supervisão noutro modelo, menciona que é no modelo FE que</p>	<p>Detém experiência noutros modelos, mas largou esses conceitos,</p>

<p>modelo psicanalítico, considera que este modelo teórico poderá exercer também ele, alguma influência na sua prática clínica, além do F.E.?</p> <p>P3- Por acaso essa pergunta é interessante...aaaaaa.... Pensando um bocado sobre ele...mesmo tendo todo o background sobre psicanálise eu facilmente larguei esse modelo, e vou muito raramente buscar coisas da psicanálise para usar com a pessoa, vou mais ao modelo F.E</p>	<p>procura apoio para sustentar a sua prática clínica</p>	<p>recorre apenas ao modelo FE</p>
<p>87.</p> <p>... e acho que uma das mais-valias da supervisão foi perceber que ... onde é que eu estou confortável no modelo</p>	<p>P3 expõe que a última experiência de supervisão contribuiu em muito para que ela se definisse e situasse onde se encontra mais suportada no modelo, sentiu-se esclarecida e apoiada</p>	<p>Mais-valia da supervisão, encontrou o seu lugar no modelo, sentimento de suporte</p>
<p>88.</p> <p>e isso a supervisão também ajudou a perceber quais os autores que fazem mais sentido e que tipo de abordagens é que me fazem mais sentido.</p>	<p>P3 refere que a supervisão a ajudou a sentir-se suportada nos autores que lhe foram apresentados e nas suas abordagens vs perspectivas</p>	<p>Supervisão ajudou a definir-se e encontrar-se no modelo</p>
<p>89.</p> <p>E isso é importante porque na prática também se vê, que é se eu não estiver confortável com o modelo</p>	<p>P3 refere que se reflete na sua prática clínica a sua identificação com o modelo FE é importante para que as coisas fluam com naturalidade</p>	<p>Reflete-se na prática clínica a sua segurança/confiança no modelo</p>
<p>90.</p> <p>...e isso eu também tenho algumas experiências destas... de ter tentado fazer alguma coisa com a pessoa porque ouvi em supervisão, porque era um caminho a tomar e ter ido por esse caminho, e ter percebido com a própria pessoa que alguma coisa se está a passar porque houve uma</p>	<p>P3 expõe que experienciou situações em terapia que tentou seguir as sugestões propostas em supervisão, mas que não estava identificada com elas e o próprio cliente se apercebeu dessa incongruência. P3 aponta a importância de estar congruente com o modelo em terapia.</p>	<p>Modelo transparente, centrado na pessoa (o terapeuta tem que estar congruente com / sentir na totalidade)</p>

altura que foi engraçado, mesmo na própria sessão a pessoa me disse: “...mas onde é que isto entra? Porque isto não tem nada a ver consigo...”.		
91. e foi interessante perceber isso também, e a supervisão também me ter ajudado a desenvolver enquanto terapeuta no modelo	P3 refere que a supervisão contribuiu muito para o seu crescimento e desenvolvimento como terapeuta neste modelo	Desenvolvimento enquanto terapeuta no modelo
92. O que é que faz mais sentido e onde é que estou mais confortável. E para isso a supervisão foi mesmo mesmo mesmo o essencial.	P3 refere que a supervisão lhe permitiu constatar a sua clara identificação com o modelo FE, fê-la sentir suportada no modelo	Supervisão Crucial na análise do nosso estar viver o modelo
93. E- Quer dizer-me que tem muito a ver connosco, isto é, estar na relação com aquilo que nos faz sentido e nos faz sentir confortáveis, mesmo que hajam muitos caminhos a seguir, advindos da abertura em supervisão, seguir um caminho na terapia com aquele cliente, naquele momento, naquela relação, onde estejamos confortáveis? P3- Sim! Exatamente!! E a supervisão ajuda com isso tudo	P3 percebe que a supervisão neste modelo lhe possibilita a liberdade de escolha de entre os caminhos possíveis a seguir com o cliente em terapia, qual aquele que lhe faz mais sentido, onde se sente suportado mas também identificado e mais adaptado à pessoa do cliente, sem impor soluções terapêuticas.	Supervisão ajuda a encontrar o nosso caminho
94. onde é que eu estou confortável e perceber que quando eu estou confortável, quando estou em terapia com a pessoa e estou confortável, e estou segura daquilo que estou a fazer, a terapia, a terapia é muito mais rica, do que eu tentar fazer qualquer coisa porque alguém disse:	P3 relata que o seu sentimento de segurança na prática terapêutica torna a psicoterapia mais frutífera. P3 sente que a sua autoconfiança lhe permite fazer escolhas livremente e com determinação.	Sentimento de Segurança dá confiança na terapia, torna-a mais rica

<p>“ olha, se calhar este é o melhor caminho.</p>		
<p>95. E isso eu acho que é também uma das mais-valias da supervisão... é também podermos dar a oportunidade de experimentar coisas diferentes e perceber se fazem sentido ou não, se podemos integrá-los ou não no nosso modelo ou se temos que as largar. E aí a supervisão também é uma mais-valia</p>	<p>P3 vivencia a experiência da liberdade de escolha e a ousadia de poder experimentar caminhos alternativos como uma mais-valia do modelo FE.</p>	<p>Supervisão desafia-nos a arriscar (intervenções diferentes) permite essa liberdade de escolha</p>
<p>96. E- Dando consistência? P3- Sim! Sim! (silêncio)</p>	<p>P3 concorda que a supervisão a vai encorpando</p>	<p>Processo crescente</p>
<p>97. E-A C. enquanto terapeuta vai descobrindo o seu caminho, o caminho a seguir com aquele cliente? P3- Sim Sim... (silêncio)</p>	<p>P3 vivencia ao longo da sua formação a descoberta da terapia mais adequada a um determinado cliente.</p>	
<p>98. E- Podemos falar em aumento de confiança? P3- Sim, sim ...e mais ainda, que é trazer um outro lado que é</p>	<p>P3 relata que é mais do que um aumento de confiança, é abrir horizontes</p>	<p>Autoconfiança</p>
<p>99. ... perceber que é muito isso! Com cada pessoa, em cada relação há coisas que funcionavam e outras que não funcionam. O que não quer dizer que não sejam as duas ou as três confortáveis para mim, ou seguras para mim...simplesmente com aquela pessoa não vai funcionar.</p>	<p>P3 partilha que a supervisão a ajudou a intuir em cada relação com cada pessoa o que é que poderá funcionar ou não, embora se possa sentir confortável com várias alternativas, ficou mais sensível desperta para esses aspetos.</p>	<p>Entender o outro como ser único , modelo centrado na pessoa</p>
<p>100. E isso também é uma coisa que a</p>	<p>P3 reforça mais uma vez essa habilidade que a supervisão lhe trouxe</p>	<p>Modelo centrado na pessoa</p>

<p>supervisão traz, que é essa capacidade de nós estarmos atentos à pessoa e perceber o que é que vai funcionar e o que é que não vai funcionar</p>	<p>que é a capacidade de estar desperta às necessidades do cliente e à sua personalidade.</p>	
<p>101. O que é que pode tornar o processo mais rico, ou que é que vai fazer com que a pessoa se distancie e que nós nos distanciemos também do outro... e isto é também uma coisa que a supervisão também ajudou muito a aprofundar e a pensar sobre... Penso que sim é isso também!</p>	<p>P3 refere que a supervisão lhe aferiu a capacidade de antever/ pensar sobre o que é que pode tornar o processo terapêutico mais rico ou pelo contrário criar ruturas na relação</p>	<p>Liberdade de escolha no caminho a seguir com aquela pessoa, interpretação dos sinais do comportamento do outro Relação</p>
<p>102. E- já me falou de vários aspetos da supervisão de uma forma sintetizada ... P3- Sim (risos) isso é um defeito que eu tenho ser muito sintética</p>		
<p>103. E- Não sei se quer acrescentar algo mais sobre a sua vivencia de supervisão, o que sentiu, que mudanças foram sentidas por si no decorrer do processo de supervisão? (silêncio) P3-Eu penso que a maior mudança que tenha ocorrido, tenha sido em mim enquanto pessoa e não enquanto terapeuta</p>	<p>P3 conta que a maior mudança que sentiu decorrente do seu processo de supervisão foi um maior conhecimento sobre si enquanto pessoa</p>	<p>Maior mudança enquanto pessoa- autoconhecimento</p>
<p>104. Que é exatamente aquela questão que eu estava a falar à pouco, do erro. Para mim era muito difícil errar, era quase uma coisa catastrófica...”</p>	<p>P3 exemplifica esta mais-valia adquirida na supervisão, com a questão que relatou há pouco, relativamente à sua relação com o erro. P3 vivenciou uma maior aceitação de si própria,</p>	<p>Aceitação e autoconhecimento para melhor como terapeuta</p>

como é que é possível que eu tenha errado nisto e... e a supervisão ajudou-me muito a ver o erro, não como um coisa catastrófica, mas como a possibilidade de melhorar,	permitindo-se poder errar sem culpa e com esse facto adquirir mais experiência e melhorar enquanto pessoa e terapeuta	
105. ora bem...” Se eu fiz isto, então o que é que eu posso fazer para melhorar, para que possa não só reparar o erro, mas para que possa da próxima vez não sentir isto como um erro...mas sim como uma coisa que faz parte, mas que não correu tão bem. Acho que isto foi também uma das coisas que eu senti como uma maior mudança em supervisão.	P3 vivenciou mudanças em si com a supervisão, aceitação de si própria e passou a enfrentar o erro como uma oportunidade de crescimento	Auto reflexão Questionamento Aceitação Crescimento
106. E- quer dizer-me que conseguiu aprender a lidar com essa característica de auto exigência? P3- Sim...sim...	P3 concorda que a supervisão ajudou a conhecer-se e a aceitar-se melhor e a ter mais serenidade no confronto com as frustrações	Autoconhecimento
107. E-considera retirar daí um maior crescimento pessoal? P3- Sim!! Isso foi...mas eu acho que isso foi inerente ao curso inteiro, não foi só a supervisão especificamente, mas a supervisão ajudou muito nessa parte, aliás o curso inteiro na SPPE ... porque eu cresci muito enquanto terapeuta e enquanto pessoa também,	P3 considera ter crescido muito enquanto pessoa e terapeuta, não só com a supervisão, mas ao longo de toda a sua formação na SPPE	Crescimento pessoal e crescimento profissional
108. a única coisa que é mesmo ... a questão do erro para mim é que era mesmo uma característica que era muito vincada em mim e que eu senti	P3 reforça a ideia de que a supervisão a ajudou a controlar a ansiedade que sentia perante o medo de falhar, de cometer erro	Autorreflexão

que a supervisão principalmente ajudou muito a trabalhar essa parte		
109. e o que eu estava a dizer há pouco também, que era a supervisão não nos ajuda só a tornar a psicoterapia com a pessoa mais rica mas também a tornar-nos mais ricas e... a desenvolver-nos e a percebermos também que caminhos é que podemos tomar para o nosso desenvolvimento ou para a pessoa que está connosco	P3 pontua a supervisão com vários aspetos positivos, relata que torna a psicoterapia com o cliente mais eficaz, torna o terapeuta mais conhecedor e profissional abrindo vários horizontes e perspetivas, potenciando o desenvolvimento pessoal das 2 partes.	Desenvolvimento pessoal e profissional Benefícios para a terapia
110. porque no fundo ... acaba também as diferentes pessoas que vêm depois com esse crescimento pessoal beneficiarem muito de uma terapia mais rica,	P3 percebe que o crescimento pessoal de terapeuta e cliente proporciona melhores resultados em psicoterapia	Vantagens na terapia
111. porque eu estou mais confortável com o modelo porque eu estou mais confortável comigo mesmo enquanto mesma enquanto pessoa e isso influencia a terapia ... não ... não há qualquer sombra de dúvida.	P3 vivencia na supervisão um ganho enquanto pessoa e terapeuta, o que lhe proporciona um sentimento de confiança e bem-estar consigo e identificação com o modelo	Maior segurança autoconfiança Melhor terapia
112. E- Enquanto grupo, enquanto colegas também acha que houve essa partilha de experiências, de crescimento pessoal? P3- Sim! Eu acho que sim... e não só entre colegas mas também entre supervisores...e acho que essa é também uma mais-valia e	P3 vivenciou entre colegas e supervisores partilha e tomada de consciência de novos conhecimentos e experiências muito enriquecedoras, sentimentos positivos	Mais-valia na partilha de experiências e saber
113.	P3 sentiu que a proximidade com os	Sugestão

também se calhar em forma quase de sugestão...que é haver supervisores que connosco têm quase 1 relação de... ok!” comigo aconteceu isto”...	supervisores na partilha de experiências, e na colocação no papel do outro, foi muito acolhedora, “holding”	Supervisor colocar-se no lugar do supervisando
114. e acho que isto também nos ajuda muito a crescer enquanto terapeutas e enquanto pessoas... que é perceber, aquela pessoa que está à nossa frente que tem tantos anos de experiência passou por uma coisa parecida com a nossa	P3 refere que o facto de os supervisores terem partilhado as experiências deles e as suas angústias, fez com que P3 sentisse uma identificação e um estímulo a continuar e fazer melhor. Experimentou sentimentos positivos de crescimento	Encarar o outro como ser humano igual a nós- torna supervisão mais humana
115. embora seja completamente diferente mas com a qual nos podemos identificar e acho que é aí que também... ou foi muito importante estar com esse supervisor em específico.	Embora P3 sinta que são experiências diferentes, considera que a partilha das experiências de dúvida e angústia sentidas por alguns supervisores experientes foi crucial para que P3 se sentisse compreendida e acolhida nas suas dúvidas.	Viver essa experiência foi fundamental para se sentir compreendida
116. E- Sente que o facto de o supervisor partilhar também ele as suas experiências, foi importante para si? P3-Sim, Sim, Sim!!! Enquanto terapeuta...aaaa...sim	Enquanto terapeuta, P3 considera que foi muito importante a partilha de experiências pelo supervisor, pessoa conceituada e experiente, que também sente dúvidas. Vivenciou um sentimento de identificação, sentiu a relação de igual para igual.	Identificação com o supervisor , ser compreendida , aceite
117. Estou a pensar por exemplo, de 1 supervisor que fez as coisas de uma determinada forma e de nos dizer, ok! “ Eu fiz isto mas se calhar senti que poderia não ter sido a melhor coisa que eu poderia ter feito, e que poderia ter feito de uma outra maneira”, e isto ajudou também, a mim e aos colegas, que eu lembro mesmo na altura de ter	P3 partilhou um exemplo vivido em supervisão em que o supervisor contou que em determinados momentos da sua experiência também ele teve dúvidas, isto fez despertar em P3 um sentimento de que o supervisor experiente também é humano como ela (colocou-se no papel do outro), e também tem dúvidas, fê-la confiar que também ela podia crescer.	Sentir que o supervisor era humano como o supervisando (também tinha duvidas) – colocar-se no lugar do outro Validação

dito mesmo “ isto para nós é tão diferente de sentir que temos um supervisor que também é tão humano quanto nós”.		
118. Não tem aquela postura só de pessoa experiente...e acho que isso também ajuda muito poder partilhar isso com o supervisor	P3 refere que o facto do supervisor se colocar lada a lado, ajudou-a muito a partilhar as suas angústias, sentir-se compreendida	Sentimento de compreensão , suporte, acolhimento. Securizante
119. E- Acha que essa postura de proximidade tem mais a ver com o modelo F.E.? P3- Eu acho que é a junção dos dois, modelo e pessoa, que potenciam muito isto, mas também a própria pessoa, supervisor...e não só com o modelo.	P3 refere que a junção do modelo FE e a personalidade em si do supervisor potenciam mais este tipo de proximidade na abordagem	Caraterística do supervisor e do modelo
120. Mas eu acho que o modelo ajuda muito isto...e lá está! Vejo o nosso modelo como ... com muita abertura... a troca de experiencias, crescimentos partilhados com	P3 percebe que este modelo é muito aberto e por isso estas experiencias de troca e partilha são mais frequentes.	Modelo de supervisão: Aberto, partilha e intercambio de experiências
121. ... olhar para os casos de maneira partilhada e acho que isto tem menos a ver com... é muito específico do nosso modelo. Pelo menos, comparativamente com o outro modelo que eu tive, vejo isto como uma coisa mais específica, mais lá está, deste modelo... há uma maior probabilidade disso acontecer, do que em outros modelos	P3 quando compara com outros modelos de intervenção considera que sem dúvida alguma o modelo FE, potencia muito mais a partilha e troca de olhares em supervisão e o crescimento	Modelo com Partilha de visões e de casos
122.	P3 percebe a proximidade, uma	Modelo de proximidade

<p>E- Considera então essa proximidade como uma característica do modelo F.E.?</p> <p>P3- Sim! Eu acho que sim. Pelo menos aquilo que eu sei é que</p>	<p>característica do modelo FE</p>	
<p>123.</p> <p>... também eu senti que este modelo me fazia mais sentido do que os outros... por me conhecer enquanto pessoa e fazendo muito sentido isto de olhar para a pessoa como um todo e não estar só focada com um acontecimento em específico ou com um facto... mas com tudo o resto que está por trás desse facto</p>	<p>P3 vivencia uma identificação com o modelo, para P3 observar o indivíduo como um todo de forma holística, faz-lhe todo o sentido, naquilo que ele sente e que ele traz</p>	<p>Autoconhecimento</p> <p>Olhar a pessoa como um todo, de forma holística</p>
<p>124.</p> <p>... também eu sinto que isto acontece com os supervisores. Aquele supervisor que escolher este modelo, também tem na sua personalidade fazer as coisas desta maneira... a sua maneira de ser um modelo</p>	<p>P3 considera que o supervisor que escolhe este modelo tem na sua personalidade esta característica intrínseca, que corresponde ao modelo em si.</p>	<p>Identificação da personalidade do supervisor com o modelo (estar no mundo)</p>
<p>125.</p> <p>É isso que eu sinto muito com este modelo, que parece que é um modelo muito humano, muito real que não é de todo um modelo biomédico, como é por exemplo a psicanálise, ou essa orientação teórica que é mais biomédica. E aí eu sinto que sim o modelo potencia isso.</p>	<p>P3 sente que este modelo, e a supervisão é muito real e humana, próxima do supervisando e do cliente. Acolhe os intervenientes. Para P3 muito diferente de outros modelos que na sua perspetiva considera serem mais biomédicos.</p>	<p>Modelo humano, real</p>
<p>126.</p> <p>E- Então o que podemos destacar deste modelo, e da supervisão em concreto, daquilo que foi relatando?</p>	<p>P3 sente que a característica mais importante para si deste modelo de supervisão é a relação sob várias vertentes: com o cliente, com o</p>	<p>Sujeito em Relação (terapeuta/consigo próprio /com os outros)</p>

<p>P3-Para mim o essencial ou o mais importante é a relação terapeuta – paciente e a pessoa com ela própria e com os outros e também o suporte do modelo em si</p>	<p>supervisor e com o próprio, assim como o suporte e apoio sentido na supervisão</p>	
<p>127. ... de ser um modelo que...que é engraçado, embora não haja muitas coisas feitas com este modelo em estudos... nós aprendemos muito com o modelo</p>	<p>P3 refere que embora não haja muito suporte teórico sobre o modelo FE , é a experiência partilhada que lhe dá a sua maior riqueza</p>	<p>Modelo muito experiencial</p>
<p>128. ... eu acho que sim, que a principal característica do modelo... embora tenha as suas especificidades é um modelo muito aberto em que... existe muitas possibilidades de fazer as coisas de maneira muito diferente e ... de alguma maneira... mesmo assim, sendo fiel ao modelo... não sei se me estou a fazer entender...</p>	<p>P3 percebe a abertura do modelo como uma vantagem para inovar e se arriscar de acordo com aquilo que o terapeuta se sente mais confortável, mas de acordo com a especificidade do modelo</p>	<p>Abertura do modelo, muitos caminhos alternativos dentro do modelo,</p>
<p>129. aaaaahh... é mais a questão de sentir que o modelo em si não é apenas um caminho, há vários caminhos dentro do modelo que nós podemos seguir e que o mais importante é adaptarmos aquilo que nós temos de melhor, àquilo que a pessoa precisa, quer aquilo que a pessoa nos diga, “eu preciso disto”, ou que nós entreguemos à pessoa, de “ok! Aquilo que eu estou a ver é isto...diga-me se há alguma coisa que você precisa, que seja importante para si”... e acho que é isto que o</p>	<p>P3 percebe este modelo de supervisão como um modelo que apresenta vários caminhos alternativos a seguir, e que cabe ao terapeuta seguir aquele que sente para si mais confortável, seguro e adequado ao cliente, na necessidade que ele está a sentir naquele momento. Um “fato feito à medida” adaptado ao cliente, personalizado.</p>	<p>Liberdade de escolha na terapia a seguir de acordo com o nosso sentir mais adaptado à problemática da pessoa (personalização do modelo)</p>

<p>modelo ajuda muito. Que é... é possível adaptarmos o modelo à pessoa do que se calhar com outros modelos</p>		
<p>130. Enquanto que noutros modelos o que sinto é que fazemos um bocadinho o contrário, pegam na pessoa e adaptamos a pessoa ao modelo, por exemplo a psicanálise, pegamos na pessoa e automaticamente admitimos-lhe uma patologia e tratamos essa patologia... aqui neste modelo eu acho que é ao contrário</p>	<p>P3 expressa que noutros modelos, ao contrário do FE, sente que o cliente é que se adapta ao modelo, se encaixa nos requisitos da patologia do modelo.</p>	<p>Modelo adaptado à pessoa</p>
<p>131. ... temos um arsenal de umas maneiras de estar, de fazer terapia que vamos adaptando à pessoa e aquilo que é importante para a pessoa...acho que é mais isto...</p>	<p>P3 sente que no modelo FE existem várias alternativas a seguir em terapia que se vão encaixar de acordo com aquilo que é o sentir e o estar do cliente naquele momento</p>	<p>Terapia Centrada na pessoa</p>
<p>132. E- De tudo o que tem partilhado sobre este modelo de supervisão F.E., há alguma sugestão que gostasse de deixar , partilhar? P3- hum hum... (silêncio)... Eu acho que falta um bocadinho na supervisão, olhar para aquilo que a pessoa traz de uma forma mais teórica,</p>	<p>P3 menciona como sugestão em supervisão, atender à análise do caso numa perspetiva também teórica e não tao experiencial, falta suporte teórico</p>	<p>Sugestão: Situat a problemática no modelo teórico</p>
<p>133. por exemplo, :... estou a pensar no meu caso específico, numa experiência minha... houve um caso que estava muito bloqueado e que foi</p>	<p>P3 refere um exemplo seu, experienciado em supervisão, onde sentiu necessidade de recorrer a autores e aos conceitos teóricos para “desbloquear” o processo, tomando</p>	<p>Enquadrar as filosofias da existência no caso concreto para ajudar a compreender melhor-enquadramento mais</p>

<p>extremamente importante o supervisor dizer-me, em relação a este caso “vai ler o conceito de Heidegger de “liberdade”, e vai ver o conceito de “liberdade de escolha” do Sartre, vai ler e vai perceber”... e isso ajudou-me muito a desbloquear aquele processo, que estava até então bloqueado</p>	<p>consciência de novas ideias, novos insights, e maior consciência e compreensão da problemática</p>	<p>teórico</p>
<p>134. e é aqui a sugestão que faço...da supervisão não ter mais este...esta característica de... agarrar também autores e tentar perceber aquela pessoa à luz do autor x, ou do autor Y e acho que falta um bocadinho disto... E- Considera que falta um bocadinho mais de uma linha de orientação teórica? P3- Sim! Sim... É isso!!</p>	<p>P3 reitera a sugestão em supervisão de mais apoio e suporte teórico no estudo dos casos, para melhor compreender o sujeito à luz da teoria X ou Y</p>	<p>Sugestão: Compreensão da pessoa à luz dos autores</p>
<p>135. E- Na discussão de casos em supervisão, é habitual fazerem o paralelo com a teoria? P3- Há alguns supervisores que o fazem, e outros não, daí eu estar a dizer que seria uma sugestão para ser mais unânime, ou seja, todos os psicoterapeutas terem mais esta característica</p>	<p>P3 conta que nem todos os supervisores têm a mesma metodologia de trabalho.P3 considera positivo uma abordagem também do ponto de vista mais teórico.</p>	<p>Maior utilização de enquadramento teórico na discussão de casos</p>
<p>136. porque aquilo que eu sentia em supervisão e era partilhado , não só por mim, mas também pelos meus colegas, muitas vezes tínhamos que</p>	<p>P3 conta que este sentimento era partilhado com os colegas de supervisão, a carência de mais suporte teórico para uma maior tomada de consciência da problemática e da</p>	<p>Sentimento partilhado pelos colegas</p>

<p>ser nós a pedir ao supervisor, “ digamos lá qual é o autor, ou, onde é que podemos ir ver , para conhecer melhor esta pessoa”, fazíamos muito isso, tínhamos que ser nós a dar esse passo e depois o supervisor então dizia: “ ok! Vamos lá pensar sobre este caso de uma forma mais teórica”, e talvez seja esta a sugestão</p>	<p>pessoa no seu entendimento. P3 conta que este pedido partia muitas vezes do lado dos supervisandos. P3 dá este exemplo como sugestão.</p>	
<p>137. , é um bocadinho das duas partes, não só a parte mais prática, mas também a parte mais teórica do caso em si e daquilo que está a acontecer em terapia mas também este suporte mais teórico... talvez esta seria a minha maior sugestão em termos de supervisão.</p>	<p>P3 experiencia como muito importante na supervisão na análise dos casos a componente prática mas não descarta a componente teórica para melhor compreender o que está a acontecer em terapia.</p>	<p>Sugere Leitura dos casos pratica e teórica</p>
<p>138. E- como descreveria a sua relação com o supervisor? P3- ... isso também varia de supervisor para supervisor. Eu senti que variava de supervisor... havia supervisores em que eu me sentia mais retraída... se calhar retraída não é a palavra mais correta, mas... que eu sentia que não me expunha tanto e que com outros sentia até essa vontade de me expor, porque o supervisor ia não só abraçar aquela exposição que eu tinha feito, mas que... me ia ajudar também a pensar sobre aquilo que fiz e a forma como o fiz... acho que fui sentindo isto com diferentes supervisores tive relações</p>	<p>P3 vivencia a sua relação com os supervisores resultante da abordagem de cada supervisor. P3 experienciou situações em que se sentiu mais reservada ou contida nas suas exposições por não perceberem acolhimento, e outras situações em que sentiu vontade de expor e de arriscar, por sentir abertura e receção da parte do supervisor, sentindo que iria obter discussão e crescimento dessa exposição.</p>	<p>Diferentes supervisores, diferentes abordagens, diferentes relações Alguns tinham mais abertura/ acolhimento de novas ideias do supervisando-maior exposição, mais capacidade de entrega e de arriscar Supervisores Menos recetivos-maior retração/inibição</p>

diferentes, e		
139. ... achei que cresci muito mais como terapeuta com estes supervisores que tinham uma abertura tipo “ ok! Traz-me tudo o que tu tiveres, mau, péssimo, excelente. Traz-me tudo” e ... aqui nós vamos olhar com calma e serenidade para tudo, olhar para isto de maneiras diferentes e senti que era uma mais-valia ... quando em supervisão havia supervisores em que era possível fazer isso.	P3 percebeu sentimentos muito positivos de elevado crescimento com os supervisores que estavam receptivos a todo o material que P3 levasse para a supervisão, estivesse muito bom ou mau. Senti que era uma oportunidade de acrescentar conhecimento	Mais-valia na supervisão aberta- maior crescimento pessoal
140. E- Falou que havia alguns em que se sentia mais retraída, o que é estava a acontecer aí? P3- hum hum E- Expunha os casos de igual forma? Como era sentida essa supervisão? P3- Eu sentia que nesses supervisores eu tinha mais tendência de pensar no caso, pensar nas preocupações e dificuldades que eu tinha naquele caso e expor só isso, não expor o resto, ou seja, dizer especificamente, eu tenho dificuldade com isto, ajude-me lá a olhar para isto.	P3 partilha que na supervisão onde se sentia mais contida, era mais direcionada nas suas questões, não aprofundava outros aspetos relacionados com questões internas de P3 que pudessem surgir paralelamente com o caso.P3 não percebeu abertura do supervisor.	Na supervisão com menos abertura, a exposição era focada nas suas dúvidas da prática clínica, não expunha ao supervisor questões suas mais internas, existenciais
141. Enquanto com os outros supervisores, eu tinha muito mais a tendência de dizer, ok: o caso é isto tudo... e à luz de isto tudo eu estou a ter dificuldades com este ponto, porque com esses supervisores eu senti que havia muito mais a possibilidade de	P3 percebeu maior abertura com alguns supervisores que se mostraram mais disponíveis e abertos à escuta do caso e das demais dificuldades sentidas pelo supervisando. P3 em conjunto na supervisão, refletiam sobre a sua exposição .	Abertura da supervisão potenciou-lhe maior auto crescimento/crescimento pessoal

<p>mostrar tudo. Então ok, vamos lá olhar para tudo. E sentia-me muito mais à vontade de mostrar tudo, do que mostrar só, ok! Esta é a minha preocupação</p>		
<p>142. porque eu sentia que era ... nos supervisores em que eu sentia a necessidade de me resguardar mais um bocado, que eu me focava só no essencial, que era, tenho esta dúvida, estou bloqueada nisto, e o resto não interessa, e era só nisto que eu me focava e sentia a necessidade de me resguardar mais um bocado...era um bocadinho isto...</p>	<p>P3 relata que com os supervisores menos disponíveis, menos abertos, limitava mais as suas exposições, era mais direcionada, apenas colocava as dúvidas onde se sentia com dificuldades. Não percecionava espaço para outras questões, mais amplas, mais internas.</p>	<p>Supervisões mais direcionadas/ fechadas não havia espaço para as suas questões internas</p>
<p>143. E- Alguma vez pensou porque é que isto lhe acontecia ou o sentia? P3- Sim! Tinha um bocadinho a ver com o supervisor em si</p>	<p>P3 relaciona este constrangimento sentido em supervisão com as características de personalidade do supervisor</p>	<p>Falta de Empatia com o supervisor</p>
<p>144. Porque eu sentia também isto com os colegas E- Partilhavam as ideias? P3- Sim! Sim, se calhar de uma outra maneira, não desta forma que aqui estou a dizer, mas partilhavam também, “ parece que com este supervisor há coisas que nós não podemos dizer, porque não vão ser olhadas de uma fora imparcial, mas de uma forma quase incisivas de</p>	<p>P3 vivenciou com os colegas sentimentos partilhados acerca de determinado modelo de supervisão monitorizado por determinado supervisor, percecionando rigidez e pouca abertura à discussão de ideias diferentes, sentindo algum constrangimento na exposição de ideias.</p>	<p>Sentimento partilhado com os colegas no retraimento das exposições a ver com a personalidade do supervisor</p>
<p>145. quase... mesmo que não fosse verbalizado, a sensação que nós</p>	<p>P3 refere que embora muitas vezes não fosse expressado diretamente aos supervisandos de que estavam a ter um</p>	<p>Sentimentos de reprovação/censura expressados pelo não</p>

<p>tínhamos em termos de formas corporais, e em termos de forma de estar era, “isso nunca se faz”, uma coisa quase deste género...</p>	<p>procedimento errado, P3 sentia alguma censura através da inflexibilidade e da rigidez expressão corporal do supervisor</p>	<p>verbal</p>
<p>146. E-Sentia o tal receio do erro, de que falou anteriormente? P3- Sim, sim</p>	<p>P3 partilha que com este modelo de supervisão sentia medo de falhar</p>	<p>Medo de falhar</p>
<p>147. enquanto, que outros supervisores tinham mais a abertura, ok, se calhar isso não foi o melhor caminho, mas também não foi o pior, portanto vamos lá tentar perceber que outras maneiras é que podemos fazer.</p>	<p>P3 sentiu que com este supervisor não havia alternativas, ao passo que com outros, havia sempre oportunidade de analisar o que é que tinha sido feito e o que se podia fazer de diferente, quais os aspetos que podiam ser melhor trabalhados</p>	<p>Com outros supervisores sentia oportunidade de crescimento, construção de ideias</p>
<p>148. E eu acho que isso também tem muito a ver comigo, por exemplo, há bocado também lhe estava a dizer, quando alguém me vem com uma queixa, eu também não lhe vou dizer, “bom isso não me interessa nada, fale-me mas é de si e de como é que está com os seus familiares e como é que é a sua vida”, e era um bocadinho isto que eu sentia em supervisão, que era quase como não interessa nada o que fizeste de bem até agora, o que interessa é o que fizeste de mal e que não devia ter sido feito isso dessa forma.</p>	<p>P3 refere que sentiu naquela supervisão que o que era valorizado e comentado era o erro e não o trabalho que tinha sido bem feito até ao momento.</p>	<p>Tem a ver com uma característica sua esta não adaptação a estilo de supervisão Focada no erro</p>
<p>149. E- E como é que sentia isso? P3- Era mais o sentir que, com aquele tipo de supervisor e com aquele</p>	<p>P3 sentiu com aquele tipo de supervisão, o seu crescimento ficava mais limitado, não se permitindo arriscar mais nas ideias mas sim</p>	<p>Não sentiu crescimento pessoal neste tipo de supervisão mais reducionista</p>

<p>género de supervisão eu não ia crescer, porque ia estar mais focada no erro, do que em, ok, o que é que podemos fazer do erro e o que é que podemos fazer para melhorar, para utilizarmos este erro a nosso favor.</p> <p>E- senti de alguma forma com esse tipo de supervisão, mais limitada mais reducionista a abordagem</p> <p>P3- Sim! Acho que sim. Sim!</p>	<p>fixando-se no erro, no que fez mal, percecionou esta supervisão mais redutora</p>	
<p>150.</p> <p>E...e isso lá está da mesma forma que quanto mais o modelo for mais aberto e maior possibilidades tiver, mais nós podemos crescer e mais nós podemos enriquecer o processo com a outra pessoa, também em supervisão, quanto maior abertura houver, quanto maior possibilidade houver de agarrar em tudo, seja erro, seja excelência seja o que quer que seja, é muito melhor.</p>	<p>P3 percebe que a abertura do modelo permite um maior crescimento enquanto terapeuta e por sua vez também mais vantajoso se torna o processo para o cliente. Considera que é importante abordar e trabalhar todas as questões em supervisão, no que correu bem em terapia assim como o que não foi tao bem sucedido, explorando o seu porquê.</p>	<p>Maior abertura da supervisão- maior crescimento pessoal.</p> <p>Maior autoconhecimento</p> <p>Mais vantagem para o cliente em terapia</p>
<p>151.</p> <p>E era isto que eu sentia, que crescia muito mais com os supervisores que eram muito mais abertos, muito mais expostos e disponíveis a olhar para as coisas como elas são, bem ou mal, e a partir daí irmos para o passo seguinte...acho que isso foi uma das coisas principais</p>	<p>P3 vivenciou mais sentimentos de crescimento pessoal com supervisores que apresentavam abordagens de supervisão mais abertas e maior disponibilidade para a discussão dos dados descritos tal como eram vividos e apresentados pelos supervisandos, quer estivessem bem ou mal, avançando a partir deste ponto</p>	<p>Maior abertura da supervisão- maior crescimento pessoal.</p> <p>Maior autoconhecimento</p> <p>Mais enriquecimento pratico</p>
<p>152.</p> <p>E- ou seja, dentro de um modelo tão aberto também encontrou pessoas/intervenções mais “fechadas”</p> <p>P3- (risos) Sim! Sim, sim...e lá está,</p>	<p>Apesar de P3 caracterizar de aberto este modelo, refere que só por si o modelo não vai mudar a característica da pessoa do supervisor e o seu modo de intervenção, a não ser que o supervisor</p>	<p>O modelo não transforma os supervisores mais fechados em pessoas mais disponíveis e abertas</p>

<p>mesmo que o modelo em si tenha abertura, mesmo que a pessoa enquanto pessoa for mais fechada, não é o modelo que lhe traz essas diferenças. A não ser que a a ...pessoa esteja disposta a olhar para si e ... a tentar ver as coisas dessa maneira...</p>	<p>esteja disposto a trabalhar essa sua característica.</p>	
<p>153. E- O que me diz é que é um modelo de supervisão muito centrado na pessoa? P3- Sim, sim! Aquilo que eu digo é que este modelo parece que atrai pessoas que por si só, são um bocadinho mais abertas, mais disponíveis, mais dispostas a olhar para várias coisas... e para se questionarem também</p>	<p>P3 percebe que este modelo de supervisão é focado na pessoa, segundo P3 reúne pessoas com algumas características comuns, no geral pessoas com maior abertura e maior receptividade as diversos aspetos que surgem na terapia, assim como capacidade de autoquestionamento e reflexão</p>	<p>Modelo focado na pessoa, reúne pessoas com características de maior abertura e disponibilidade para olhar para o outro e ao mesmo tempo para si</p>
<p>154. E isto é também uma coisa que eu senti algumas vezes dificuldade e olhava também para os colegas e pensava... parecia que a pessoa não encaixava no modelo, porque parecia que o modelo era só abertura e aquela pessoa era muito fechada.</p>	<p>P3 partilha que algumas vezes sentiu dificuldade em compreender, sentiu incongruência na personalidade de alguns colegas que considerava serem fechados face às características de abertura do modelo, parecendo que não pertenciam aquela forma de estar</p>	<p>Parece-lhe incongruente uma pessoa fechada neste modelo</p>
<p>155. E- Hum hum P3- E aqui eu tinha alguma dificuldade em... aqui também tinha alguma dificuldade mesmo em termos dos colegas, de me expor enquanto pessoa, porque sentia que enquanto pessoa, com aquela pessoa não ia aprender muito. Porque havia</p>	<p>P3 vivencia com algum constrangimento a sua exposição enquanto pessoa com colegas de traço mais fechado, à semelhança do que disse sentir com os supervisores.P3 percebe que com pessoas com este tipo de estar e personalidade não sente que acrescenta muito crescimento pessoal, porque só existe uma questão</p>	<p>Sentia retraimento com colegas fechados, mais rígidos</p>

só aquele foco	central a trabalhar e não o todo	
156. e eu tenho muito mais tendência de me expor quando vou receber alguma coisa dali, nem que seja a ideia de ... ok, o erro , foi um erro mas não é catastrófico aqui, podes usar esse erro e...podes usar esse erro, de uma maneira, a refletires sobre ti. Exatamente	P3 vivencia que na experiência de supervisão tem mais intencionalidade de se expor e partilhar as suas questões quando sente abertura/ acolhimento e reciprocidade da outra parte. P3 dá como exemplo a importância do erro, na sua relativização, análise e reflexão sobre si enquanto pessoa para obtenção de autoconhecimento e crescimento	Não sentia o feedback recíproco na entrega e partilha com aqueles supervisores e colegas mais diretivos. Não havia lugar à reflexão e autoquestionamento
157. E- Fala na partilha construtiva em supervisão? P3- Sim. Sim. Sim	P3 concorda com o supervisor quando questionada, referir-se ao seu apreço pela partilha construtiva em supervisão	Não sentia construção
158. E por acaso é engraçado que um dos supervisores que esteve comigo quando nós fazemos a avaliação no final do ano, disse exatamente que eu era uma pessoa muito corajosa e eu ouvi aquilo um bocadinho, à partida, ao início um bocadinho meio retraída, porque toda a gente me diz que eu sou uma pessoa muito corajosa	P3 partilha o sentimento ao princípio vivido com alguma surpresa e acanhamento mas por outro lado, após alguma reflexão considera que tem fundamento, na avaliação final, feita por um supervisor seu, onde a caracteriza de corajosa, ideia que ela acaba por acrescentar relatando que toda a gente lhe diz isso	Supervisores e mais gente apelidaram-na de corajosa, porque se expunha
159. ..., e eu nunca o sinto, mas acho que isto é a minha natureza, expor-me e é a minha natureza querer crescer e querer saber mais custe o que custar, e quando digo isto de custe o que custar, é se for preciso dizer aquela pessoa “eu sou uma pessoa horrível porque fiz isto, eu faço-o”, desde que eu sinta que isso me faz crescer enquanto pessoa...e isto também é	P3 partilha que a sua atitude tem a ver com a sua personalidade e não atribui à coragem concretamente, mas sim como uma característica intrínseca sua, como pessoa, interessada e curiosa por natureza, importada em crescer e aprender mais. P3 percebe que a exposição e a capacidade de admitir os seus erros e dúvidas lhe permite aprender e evoluir enquanto pessoa. P3 admite que esta característica foi	A supervisão ajudou-a a conhecer-se melhor , lidar melhor com a sua Auto Exigência, Ambição para aprender evoluir e crescer pessoalmente, nem que para isso se exponha na relação de supervisão, sofrendo os custos emocionais

uma coisa que eu também fui aprendendo em supervisão.	decorrendo da aprendizagem em supervisão	
160. E- Na supervisão em relação? P3- sim sim, na relação, e enquanto pessoa e enquanto terapeuta também	P3 quando questionado pelo entrevistador, partilha que esta aprendizagem aconteceu com a supervisão na relação com o outro, consigo própria e enquanto terapeuta	Retira todos esses benefícios da relação com o outro
161. E-Quando me fala que se sentiu um pouco retraída quando ouviu essa observação, fala de quê, concretamente? P3- Sim, o que eu quero dizer é,... mas eu acho que isso já tem a ver comigo	P3 parece ter algum embaraço em falar sobre essa característica sua, refere ter a ver com a sua personalidade	
162. que é uma coisa que eu oiço em várias pessoas que estão na minha vida, por ter passado já por algumas coisas na vida e pela minha maneira de estar as pessoas dizerem, “ é preciso coragem para dizeres isso que estás a dizer” e para mim aquilo não faz muito sentido porque não é coragem, é aquilo que eu acho que é importante fazer	P3 partilha que não sente esse atributo de coragem como uma qualidade, daí o seu embaraço quando a confrontam com esse elogio. P3 encara como uma atitude natural que faz parte da sua pessoa, por considerar que é importante que seja feito nem que lhe custe fazê-lo.	A coragem para ela faz parte do seu modo de estar na vida
163. ...portanto ao início foi um bocadinho ...parecia que não colava com aquilo, com aquela característica que me tinham atribuído mas.... Olhando para ela do ponto de vista do outro, sim! Se calhar é preciso coragem para uma pessoa admitir à frente dos colegas e à frente do supervisor “ acho que fiz porcaria da	P3 refere que no princípio da sua formação sentia algum desconforto com tal atributo, mas hoje considera admiti-la. P3 diz, que ao colocar-se no lugar do outro e olhando para si de fora, consegue compreender essa característica, que para P3 é tao natural como a sua frontalidade	Caraterística sua- frontalidade para assumir os erros

<p>grossa” (risos). E olhando de fora consigo perceber isso, mas... isto como é para mim uma coisa tão natural...</p>		
<p>164. E- humildade? P3- Pois se calhar (risos), mas também não cola (risos), mas se calhar é mesmo isso, mas é</p>	<p>Quando colocada a hipótese pelo entrevistador, da característica de humildade, P3 refere que também não considera ser um atributo seu, mas depois de refletir, talvez possa aceitá-lo</p>	
<p>165. ... porque para mim o que me é verdadeiramente importante é o que me faz sentido, é o que me faz crescer ao máximo enquanto pessoa e enquanto profissional, porque eu sei que assim também vou ajudar a pessoa que está à minha frente a crescer também,</p>	<p>P3 refere que para si os atributos não são importantes, mas sim as atitudes, o importante é aquilo que lhe faz sentido em consciência, aquilo que a faz crescer enquanto pessoa e terapeuta. P3 expressa que esse modo de estar na relação e na vida ajuda ao crescimento do cliente em terapia</p>	<p>Para si o valor da supervisão é a potencialidade que dali retira em crescimento pessoal e conhecimento Ferramenta importante de impacto na terapia</p>
<p>166. e é isso que eu acho também que é uma das coisas principais do modelo que é ajudar também a pessoa a crescer...a compreender-se melhor, a perceber-se melhor, de que forma é que faz as coisas, para que é que faz as coisas daquela forma, é estar mais consciente disso...acho que isto é o principal.</p>	<p>P3 volta a caracterizar o modelo fenomenológico com o qual se identifica, no sentido de trabalhar como cliente para o seu maior crescimento e autoconhecimento para que este tome consciência de si e a sua forma de estar, proporcionando-lhe compreensão e interpretação dos seus atos.</p>	<p>A sua conceção de modelo é ajudar o cliente a crescer conhecendo-se melhor tomando consciência de si</p>
<p>167. E- Ao longo das experiências de supervisão que foi vivenciando, foi-se questionando sobre o processo, o que é que sentia quando achava que aquela supervisão era mais fechada. Colocou alguma vez a hipótese se</p>	<p>P3 considera ter-se questionado sobre o que estava a acontecer quando sentia as supervisões mais fechadas. P3 percebe que quando o supervisor apresentava uma abordagem mais diretiva com menos abertura, p3 mudava o seu comportamento,</p>	<p>Atribui o seu modo de estar contraído nessa supervisão mais fechada a ambas as partes.</p>

<p>seria uma questão sua ou do supervisor?</p> <p>P3-hum hum...Questionei-me sim, e eu acho que é dos dois. É do outro de ser ...essa pessoa fechada e é de mim que ao sentir que essa pessoa é fechada, então só vou mesmo perguntar aquilo que me interessa e absorver esse conhecimento da parte do outro e o resto nem sequer vou tentar. Portanto eu acho que é mesmo uma coisa dos dois lados, que não é só do outro...</p>	<p>tornando-se também ela mais direcionada e menos arriscada, cingindo-se apenas ao caso e às duvidas dele resultantes.</p>	
<p>168.</p> <p>E- Sentiu que os seus colegas partilharam as mesmas experiências?</p> <p>P3- Sinceramente? Eu estava mais focada em mim, em supervisão, do que nos outros. Porque nos outros eu estava mais interessada em o que é que eu posso aprender com a experiência dos outros, e não propriamente o que é que o outro está a sentir ao expor as coisas desta maneira</p>	<p>P3 admite não saber se os colegas partilhavam os seus sentimentos ou emoções em supervisão, refere estar apenas focada na partilha de informação sobre os casos, sobre as suas experiências de prática clínica. P3 relata que a sua motivação estava na aprendizagem.</p>	<p>Na supervisão estava focada no seu crescimento e não no sentimento dos colegas</p>
<p>169.</p> <p>...aí se calhar sou mais egoísta em supervisão, não estou tão preocupada com o outro, mas comigo e com a experiência do outro em terapia e o que daí posso retirar para mim e para os meus casos. Sim</p>	<p>P3 considera que a sua posição em supervisão é mais egocêntrica, esta focada no seu crescimento e aprendizagem</p>	<p>Em supervisão o seu foco é o crescimento do cliente em terapia e o seu</p>
<p>170.</p> <p>E- E na relação com os colegas? Havia partilhas de informação?</p> <p>P3- Sim! Mesmo depois da</p>	<p>P3 conta experienciar a partilha e troca de informação com os colegas de supervisão lá fora. P3 refere ter sentido interesse em procurar junto dos</p>	<p>Interesse após supervisão nos casos de colegas seus, na obtenção de feedback nas medidas</p>

<p>supervisão, nós depois perguntávamos como é que tinha sido a terapia com aquele cliente, como tinha corrido, o que tinha acontecido, portanto acho que sim, também havia um pouco essa partilha dos casos que ia-mos falando fora da supervisão</p>	<p>colegas saber como tinha corrido a terapia após a apresentação do caso em supervisão.</p>	<p>utilizadas</p>
<p>171. E- Hum hum. De tudo o que referiu ao longo da entrevista, não sei se quer acrescentar algo mais sobre o seu processo de supervisão. Como quer fechar este tema? P3- Sim, penso que já disse tudo. Se calhar só para fechar um bocadinho, à medida que fui falando com a R. fui refletindo, e talvez possa agora dizer que a supervisão para mim, foi talvez a coisa mais importante do curso ao longo dos 4 anos...porque uma coisa é termos a teoria, uma coisa é termos o modelo e sabermos os autores e as teorias dos autores, outra coisa é diferente, que é usar isso na prática, e aqui eu acho que, a supervisão é fundamental para um terapeuta</p>	<p>P3 conclui a sua entrevista partilhando que ao longo da mesma foi refletindo sobre o seu processo de supervisão, refere concluir que esta foi de importância extrema ao longo de toda a sua formação na SPPE. P3 partilha o sentimento de que a teoria obtida nas aulas foi muito enriquecedora mas que a aplicabilidade do modelo à prática clínica e a sua reflexão em supervisão, foi sem dúvida o aspeto mais importante e pleno para o crescimento do terapeuta.</p>	<p>Supervisão é para si a ferramenta mais importante na formação na SPPE, junta a aplicação da teoria e pratica</p>
<p>172. e se eu pensar enquanto carreira de psicoterapeuta, não me vejo sequer altura em que não tenha supervisão, porque ela é superimportante.</p>	<p>Pe3 considera que a supervisão faz parte da vida profissional do terapeuta, não prescinde dela.</p>	<p>Psicoterapia exige supervisão</p>
<p>173. E- Considera que é uma ferramenta indispensável a qualquer terapeuta? P3- Sim, sim, certamente não com tanta frequência agora, porque</p>	<p>P3 sente no presente, terminada a sua formação na SPPE, uma menor necessidade de supervisão, mas considera crucial continuar a ter supervisão com a periodicidade de 15</p>	<p>Sente agora menos necessidade de supervisão com tanta frequência, mas 2 vezes, ou 1 por mês.</p>

<p>disponho de ferramentas que não tinha há 4 anos atrás, mas mesmo assim não vejo que seja possível, pelo menos na minha opinião, que um terapeuta não tenha supervisão pelo menos de 15 em 15 dias , ou pelo menos 1 vez por mês, mas que pelo menos vá fazendo supervisão</p>	<p>em 15 dias ou de mês a mês, fundamental ao terapeuta mesmo mais experiente.</p>	
<p>174. também acho que é muito importante, para a psicoterapia, para a pessoa enquanto cliente, para nós enquanto terapeutas, para tudo! Para todos os intervenientes.</p>	<p>P3 partilha que a supervisão é muito útil para a psicoterapia, para ajudar o cliente para ajudar o terapeuta, para todas as partes envolvidas no processo terapêutico</p>	<p>S. Crucial e vantajoso para todas as partes envolvidas no processo (terapeuta, supervisor e cliente)</p>
<p>175. Acho que sim! E de futuro até acho que é um interesse meu, ser supervisora de casos, porque acho que também vou crescer muito a supervisionar casos de outras pessoas, mas isso é lá mais para a frente (risos).</p>	<p>P3 partilha um objetivo seu no futuro, ela própria vir a ser supervisora por considerar que nesta função existe igualmente um crescimento profissional e pessoal</p>	<p>O supervisor também cresce como pessoa (no futuro gostaria de ser)</p>
<p>176. E- já que fala nisso, que atributos, considera serem para si importantes no supervisor? P3- Pois...Considero 3 atributos fundamentais, a 1ª é a experiência, a 2ª é a capacidade de o supervisor crescer, de se auto questionar, que acho que é muito importante, e por isso quando digo “ala longue”, porque ainda não sinto que fiz esse caminho como supervisora, e a 3ª característica que eu acho importante no supervisor, e que eu ainda também</p>	<p>P3 partilha que para si os atributos do supervisor são; a experiência, a capacidade de autoquestionamento e crescimento e a disponibilidade e abertura ao outro. P3 refere que ainda só tem alguma experiencia, faltando-lhe atingir os outros pontos</p>	<p>Atributos supervisor: Experiencia Autoquestionamento Abertura ao outro e capacidade de exposição do que é seu ao outro</p>

<p>não adquiri, que é a capacidade de estar completamente disponível, de se expor para o outro em termos de supervisor</p>		
<p>177. ... que lá está! Foi uma coisa que disse há pouco que achava muito importante no supervisor, que é, que ele também diga; “Eu também fiz isto e aquilo e senti desta e daquela maneira”, e eu acho que isso, eu ainda tenho que trabalhar um bocado (risos).</p>	<p>P3 percebeu muito importante para o supervisor sentir que o supervisor tem a capacidade de se colocar no lugar do “aprendiz”, partilhando o que sente, demonstrando humanidade e humildade</p>	<p>Qualidade que aprecia e considera fortalecer muito a relação de supervisão- a capacidade do supervisor se abrir e expor internamente ao outro, colocando-se no seu lugar</p>
<p>178. E- Resta-me agradecer o contributo da C., não sei se quer acrescentar algo mais? P3- Não, penso que já disse tudo também. (risos)</p>		